

ALEISTER
CROWLEY E O
DEUS OCULTO



KENNETH GRANT

Uma das maiores contribuições de Aleister Crowley para o ocultismo foi sua fusão entre as vertentes mágicas ocidentais e orientais. Ao contrário de seus precursores, Crowley deixou de lado os tabus de nossa civilização predominantemente abraâmica, abraçando as antigas tradições de magia sexual do oriente, como os Tantras, o Vama Marg, Kundalini e a ciência ancestral dos Kalas. Essa mistura inusitada foi a forma que encontrou para fazer valer sua fórmula de *amor é a lei, amor sob vontade*, e encontrar o gênio latente em cada um de nós – o Deus Oculto.

No entanto, Crowley não teve acesso a certas informações capazes de elucidar alguns pontos obscuros em seu próprio sistema. Kenneth Grant, seu último discípulo, tomou para si a tarefa de concluir essa investigação, por meio de seus próprios estudos e práticas.

Aleister Crowley e o Deus Oculto, o segundo volume das Trilogias Tifonianas, apresenta de forma organizada estes ensinamentos de Crowley, e como eles de fato se relacionam com as correntes mágicas orientais e com as doutrinas dos maiores ocultistas do século XX.



Penumbra
Livros

ISBN 978-85-69871-08-8



9 788569 871088 >



Nascido em Ilford, Essex, em 1924, Kenneth Grant foi uma das figuras mais importantes do ocultismo no século XX. Falecido em 2011, continua exercendo enorme influência no ocultismo ocidental até os dias de hoje.

Em vida, Kenneth Grant teve contato pessoal com diversos nomes importantes em seu tempo – o próprio Aleister Crowley, de quem foi pupilo e secretário pessoal; Austin Osman Spare, de quem foi amigo; além de Dion Fortune, Gerald Gardner e Michael Bertiaux, para citar alguns.

Apesar do contato com as obras de outros ocultistas influentes, Grant criou sua própria linhagem mágica. Sua linha de atuação veio a ser conhecida como a Corrente Tifoniana, que alterou profundamente o cenário da magia no século passado. Após desligamento da O.T.O. tradicional, Grant liderou a O.T.O. Tifoniana (Typhonian O.T.O.), mais tarde renomeada como Ordem Tifoniana (Typhonian Order). Seu trabalho na Ordem Tifoniana durou até sua morte.

To



Cum benedictione summa

703 ק י' ת ת 666

ALEISTER CROWLEY
E O DEUS OCULTO

Aleister Crowley e o Deus Oculto é o
segundo volume das
Trilogias Tifonianas.

A *Penumbra Livros* já publicou no Brasil o
primeiro volume, *O Renascer da Magia*,
e planeja lançar toda a série.

Saiba mais em www.penumbralivros.com.br.

ALEISTER CROWLEY E O DEUS OCULTO

KENNETH GRANT

Primeira Edição



São Paulo
Penumbra Livros, 2017

Copyright © Steffi Grant, 2013, 1992, 1973

Todos os direitos reservados.

Copyright © Penumbra Livros, 2017

(Edição em língua portuguesa)

Título Original: Aleister Crowley and the Hidden God

Capa: Livia Andrade, com ilustrações de Steffi Grant

Tradução e Edição: Vinicius Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G761 Grant, Kenneth

Aleister Crowley e o deus oculto / Kenneth Grant. – São Paulo:
Penumbra, 2017.

302p.

Tradução de: Aleister Crowley and the hidden god

ISBN 978-85-69871-08-8

I. Magia. I. Título. II: Título: Aleister Crowley and the hidden god

CDD-133

Índice para Catálogo Sistemático:

I. Filosofia : Ocultismo

133

A fotografia da lâmina 4 é cortesia da Fulgur Ltd., que reserva seus direitos.

O arquivo digital da lâmina 17 é cortesia da Jerusalem Press Ltd., que reserva seus direitos.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa adquiridos pela Penumbra Livros, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Penumbra Livros

www.penumbralivros.com.br

Conteúdo

Introdução.....	2
O Um Além do Dez.....	5
A Mulher Escarlate.....	21
Zona da Serpente de Fogo.....	33
O Anjo e o Aeon.....	52
O Elemento Tântrico na O.T.O.....	68
Controle de Sonhos Por Meio da Mágicka Sexual.....	88
O Vinho Sabático e o Graal do Diabo.....	106
Poder Lunar: Seus Nomes, Números e Atavismos Reverberantes.....	125
O Sabbat das Bruxas e a Reencarnação das Obsessões Primordiais.....	146
Nu-Isis e a Radiância Além do Espaço.....	163
Vivendo Além do Tempo.....	189
Glossário.....	225
Bibliografia.....	265
Índice.....	271

Diagramas

- Diagrama 1.: A Árvore Qabalística da Vida, mostrando
as dez Sephiroth e os vinte e dois caminhos..... 4
- Diagrama 2. A Árvore Qabalística da Vida, mostrando
o sistema de graus de acordo com a reorganização da
A.:A.: feita por Crowley..... 51
- Diagrama 3. : A Seta de Nuit em sua trajetória
descendente, formulando os Onze Graus de Nu-Isis 222
- Diagrama 4. : As Onze Zonas de Poder
formuladas pelo Relâmpago de Nodens em sua trajetória
ascendente..... 223

Prefácio à Edição Brasileira

O mercado editorial brasileiro não faz sentido algum. O *Renascer da Magia*, originalmente escrito em 1972, foi lançado no Brasil há vinte anos. Depois de esgotado, virou item de colecionador. Os raros exemplares que eram vendidos no mercado de usados chegavam a preços estratosféricos. Eu não conseguia (e ainda não consigo) compreender porque não houve uma nova tiragem, uma nova edição, um relançamento.

E foi por isso que a **Penumbra Livros** decidiu escolher o relançamento desse clássico para marcar sua entrada no mercado, há cerca de um ano. Como era de se esperar, o lançamento foi um sucesso. O que me levou a um novo questionamento: por que os outros volumes das *Trilogias Tifonianas* – que vão ficando progressivamente mais interessantes, ao contrário da maioria das séries – nunca chegaram a ser lançados por aqui?

Fiz essa pergunta uma vez a Michael Staley, amigo pessoal e executor literário do falecido Kenneth Grant. Para minha surpresa, ele disse que *Aleister Crowley e o Deus Oculto* foi, sim, publicado em português. Ele não se lembrava dos detalhes, mas tinha quase certeza que a publicação ocorreu na década de 1970. Isso quer dizer que alguma pessoa de visão tomou essa iniciativa não muito depois do lançamento do livro em inglês, em 1973.

Curioso, procurei na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Procurei na Internet. E nada. Tenho duas hipóteses. A primeira é que a publicação pode ter sido particular, para distribuição restrita, sem comercialização ao público amplo. A segunda é que o lançamento tenha ocorrido em outra nação lusófona. Não importa qual das duas hipóteses está correta, é seguro afirmar que o público brasileiro em geral nunca teve acesso a esse conteúdo. De qualquer forma, a presente edição foi ajustada e corrigida de

acordo com anotações do próprio autor, e recebeu novas imagens – alterações que só ocorreram em 2013. Se você teve a oportunidade de ler a antiga edição em português dos anos 1970, você tem em mãos uma versão diferente do livro.

Quando penso em trilogias e outras coleções, normalmente tenho calafrios. Antes de ler o primeiro volume das *Trilogias Tifonianas*, confesso que tive um tanto de receio. Para mim, a leitura estabelece uma relação de compromisso entre leitor e autor. E naquele momento da minha vida, eu não tinha condição de me compromissar com um projeto deste porte – são nove livros no total.

Mas me foi dito que não há uma continuidade linear entre os títulos, que podem inclusive ser lidos em qualquer ordem. Isso me convenceu a dar uma chance a *O Renascer da Magia*. Foi uma das decisões mais acertadas que eu já tomei.

Mais ainda me impressionei ao ler *Aleister Crowley e o Deus Oculto*, o “segundo volume” das *Trilogias*. A forma que Grant expande os temas mais relevantes do primeiro livro é primorosa, e o livro traz revelações surpreendentes e inesperadas – em particular entre o capítulo 4 e o 9. Depois de tanto tempo lendo e estudando, você pensa que nada mais te surpreende. E é nessas horas que é tão incrível se surpreender.

Digo isso com total imparcialidade, “tirando o crachá”: este livro que você tem em mãos é bom demais para não ser lido. Se você tem preconceito com trilogias, como eu, não deixe que isso te impeça. Dê uma chance ao livro. Deixe que as revelações te atinjam. Se dê uma oportunidade de descobrir o Deus Oculto.

Vinicius Ferreira

Breve Nota sobre a Tradução

Só uma coisa me fez questionar, mesmo que por breves momentos, se deveria seguir adiante com este projeto: a agonia e o êxtase indissociáveis de traduzir um segundo livro de Kenneth Grant.

Como eu traduzi *O Renascer da Magia*, achei que entregar o projeto para outro tradutor seria prejudicial para a unidade das *Trilogias*. Modéstia à parte, minha tradução foi elogiada por algumas pessoas cuja opinião eu respeito profundamente. Então tinha que ser comigo. Minha experiência com o primeiro volume foi incrível, mas como você poderá constatar em breve, a escrita de Grant está longe de ser simples e palatável. Fortes emoções me aguardavam.

Fazer uma transição suave de um texto tão complexo entre dois idiomas tão distintos, sem perder nuances de significado, seria impossível sem uma tonelada de notas de tradução. Para minha sorte, o autor é fã das notas de rodapé, e adicionar algumas não afetaria negativamente a fluidez do texto. Portanto, lancei mão desse recurso (sempre com a identificação N.T.) quando julguei necessário.

Assim como no primeiro volume, estabeleci algumas convenções. Nomes de divindades comumente usadas em português receberam a grafia aporuguesada consagrada pelo uso (*Hórus*, não *Horus*). Nomes das principais constelações foram traduzidos, e os demais permaneceram em latim, sua língua original. Optei deliberadamente por manter o padrão de grafia empregado no primeiro volume para algumas palavras controversas, como *qabalah*, *aeon* e *mágicka*.

Referências a obras estrangeiras conhecidas do público brasileiro receberam seus nomes em português, seguidos por uma

nota com o título original, de forma a facilitar a consulta à bibliografia. Obras menos conhecidas passaram por um processo inverso, sendo citadas com seus títulos originais, e acompanhadas de notas com uma livre adaptação do título, apenas para nortear o leitor. Essas notas aparecem apenas na primeira ocorrência de cada título.

Agora, às divergências.

No primeiro volume, referências a números de páginas de obras citadas foram suprimidos. Neste título, no entanto, julguei adequado manter estas referências, mas o leitor deve lembrar-se que os números de capítulos, páginas, etc., aplicam-se apenas às edições consultadas pelo autor, as quais encontram-se listadas na Bibliografia.

Duas palavras traduzidas em *O Renascer da Magia* no gênero masculino passaram, aqui, para o feminino: *Kundalini* e *Yoni*. Os motivos para estas alterações tornar-se-ão evidentes com a leitura.

A palavra *fortnight* é particularmente relevante para a compreensão dos mistérios lunares. Significa, literalmente, um período de duas semanas. Por falta de uma equivalência exata, esta foi por vezes traduzida como *quinzena*. No entanto, entenda-se um período de quatorze dias.

Finalmente, em relação ao uso de letras maiúsculas, fiz uma decisão que deſtoa do primeiro volume. Usei letras minúsculas nas menções a povos, línguas e nacionalidades (hebraico, egípcio), e maiúsculas somente para culturas e doutrinas (Hindu, Tântrico), o que ajuda a reforçar a distinção entre os dois casos. Quando acompanha substantivo comum grafado com maiúscula, o gentílico também foi mantido assim (Tradição Indiana).

Vinicius Ferreira

Para os Servos da Estrela e da Serpente

Invocação

Aiwaz! confirma em Ti minha verdade!
meu desejo inspirador
Com esperma secreto do Fogo sutil, livre, criador!
Molda minha carne como se fosse Tua, renova meu nascer
Na alegre infância, como Terra divina, a embevecer!
Dissolve meu êxtase no Teu, uma matança santificada
Na qual se captura e expia a Alma da Água!
Enche minha mente de Pensamentos raros, a brilhar
Para Aquele refinado, lançado ao Nada, o Mundo do Ar!
Deveras, nupciada, minha Forma elementar é esse
Eu, libertada,
Ao encontrar uma Individualidade,
ao Ser-Espírito mesclada!

Aleister Crowley

Introdução

Este livro traz um estudo crítico do sistema de mágicka sexual de Aleister Crowley e de suas afinidades com os antigos ritos Tântricos de Kali, a deusa obscura do sangue e da dissolução, representada no Culto de Crowley como a Mulher Escarlate. É uma tentativa de fornecer uma chave para a obra de um Adepto cujo vasto conhecimento de ocultismo não foi excedido por nenhuma autoridade ocidental que o precedeu. Eu enfatizei a similaridade entre o Culto de Thelema de Crowley e o Tantra pois a atual onda de interesse no Sistema Tântrico torna provável que os leitores sejam capazes de avaliar mais completamente a importância da contribuição de Crowley para o ocultismo em geral, e para o Caminho Mágico em particular.

Como resultado de muitos anos de pesquisa sobre as fases obscuras do ocultismo, eu desenvolvi um método de controle de sonhos para contatar entidades extraterrestres e não humanas, que compõe o cerne dos Capítulos Seis e Sete. Este método é descrito em relação aos mistérios da Kundalini, o poder mágico supremo simbolizado pela Serpente de Fogo que dorme na base da espinha, e que após despertar ativa as zonas de poder sutis no corpo humano.

Aleister Crowley, Austin O. Spare, Dion Fortune e o ocultista alemão Eugen Grosche estiveram entre os primeiros Adeptos no ocidente a ensinar o uso das energias psicosssexuais, a Corrente Ofidiana ligada aos mais antigos arcanos da África e do Extremo Oriente. Embora tenha sido Crowley quem integrou pela primeira vez essa corrente com a Tradição Esotérica Ocidental, isso não se deu sem algumas interpretações discutíveis do simbolismo oriental. Isso foi inevitável, pois foi apenas nos últimos anos da vida de Crowley que certos conhecimentos relativos ao Vama

Marg tântrico possibilitaram uma compreensão mais completa do *Livro da Lei*, o repositório definitivo de fórmulas mágicas e o Grimório do Novo Aeon, ou Nova Era, inaugurado por ele mesmo em 1904, ao ser recebido e transmitido por Crowley. Portanto, me esforcei em corrigir erros de interpretação para diminuir os perigos naturalmente concomitantes ao uso dessa Corrente.

O Capítulo Dez resume informações sobre uma tradição mística que trata do influxo de energia cósmica de uma zona de poder transplutoniana conhecida pelos Iniciados como Nu-Isis. O *Livro da Lei* contém referências veladas a este Mistério. Para a transmissão deste eu fundei no passado uma loja dependente da O.T.O.

Um estudo construtivo da mágica de Crowley inevitavelmente envolve discussões sobre as técnicas em si. Como este livro não foi escrito como um manual de mágica prática, adverte-se o leitor quanto ao perigo muito real inerente ao uso de quaisquer métodos aqui descritos.

Embora diversos capítulos sejam baseados em materiais inéditos de Crowley e Spare, cuidou-se para que não fossem violadas as obrigações de discrição impostas aos membros de santuários arcanos possuidores das genuínas chaves da Iniciação.

Eu tenho uma dívida de gratidão ao Frater Ani AbtChlal, IX° O.T.O., que disponibilizou um inestimável Comentário Kaula sobre antigos ritos Tântricos. Também sou grato ao executor literário de Crowley, Sr. John Symonds, por permitir a citação de fontes não publicadas, e à minha esposa, por seu constante auxílio, do começo ao fim.

Por fim, se o leitor detectar uma dicotomia entre a concepção popular da mágica de Crowley e a interpretação aqui oferecida – que, com exceção do tema abordado no Capítulo Dez, se baseia amplamente em seus próprios escritos – o objetivo deste livro terá sido cumprido.

Kenneth Grant,
Londres, 1973.

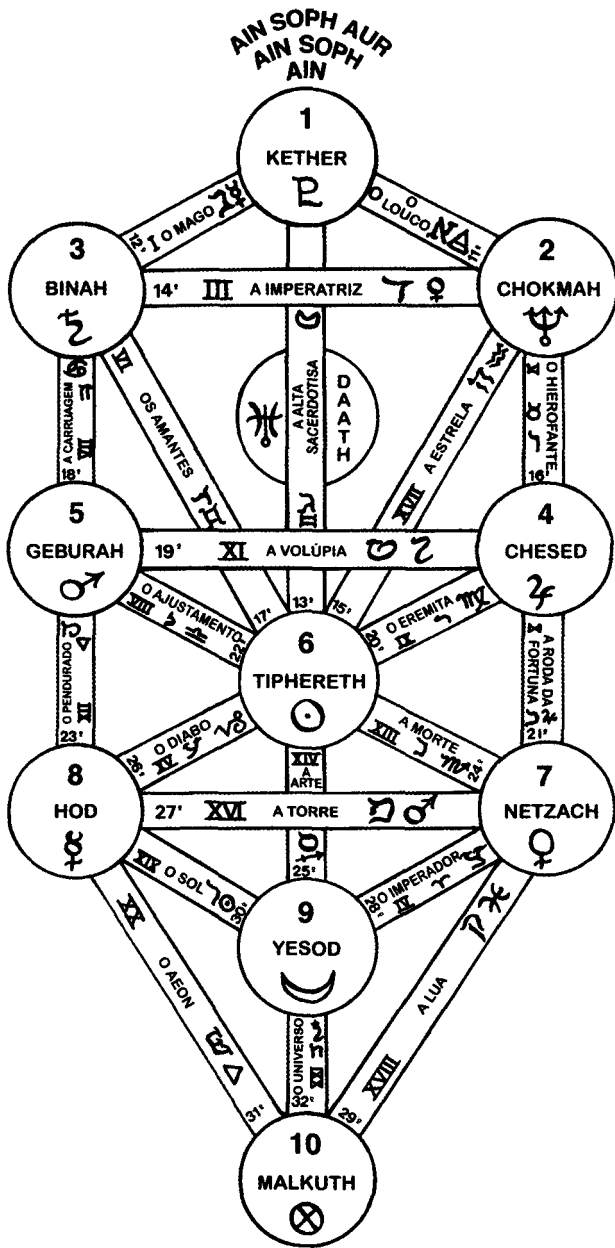


Diagrama 1.: A Árvore Qabalística da Vida, mostrando as dez Sephiroth e os vinte e dois caminhos

I

O Um Além do Dez

Em 1893, aos dezoito anos, Aleister Crowley decidiu colocar a Mágička sobre sólidas bases científicas. Ele explica¹ que adotou a antiga grafia inglesa – magiĉk² – “para distinguir a Ciência dos Magi de todas as suas imitações”. Ao adotar esta grafia, ele também almeja indicar a natureza peculiar de seus ensinamentos, que têm uma afinidade especial com o número onze, o Um além do Dez.

“K” (a última letra de Magiĉk) é a undécima letra de diversos dos principais alfabetos.³ É atribuída ao deus Júpiter, cujo veículo (a águia) simboliza o poder mágico em seu aspecto feminino. É “o símbolo daquele Poder gigantesco cuja cor é o escarlate, e que possui afinidade com Capricórnio, ou Babalon”.⁴ A importância especial de Capricórnio (o Bode) é revelada por essa atribuição, na Tradição Indiana, à deusa Kali, cujo veículo é o sangue.

“K” também é o *Khu*, *Khou* ou *Queue*⁵ simbolizado pela cauda ou vagina, venerado no antigo Egito como a fonte de Grande

1 Em *Livro Quatro*, Parte II. Esse texto está atualmente incorporado em *Magick* [N.T.: *Mágička*] (Routledge, 1973).

2 N.T.: No restante do texto, optamos por traduzir *magic* e suas variações como *mágica* ou *magia*; enquanto as ocorrências de *magick* foram traduzidas mantendo o *k* adicional.

3 Como, por exemplo, os alfabetos caldeu, grego e latino.

4 Babalon, a Mulher Escarlate, o veículo ou *shakti* da Besta 666. Vide Capítulo 2.

5 N.T.: *Queue* é a forma escrita por extenso da letra Q na língua inglesa.

Poder Mágico. Portanto, Mágicka, escrita com “k”, indica a natureza exata da Corrente que Therion (Crowley) incorporou e transmitiu.

Como o número dez era tido pelos Qabalistas como o número estável do sistema de Emanações Divinas, ou Sephiroth, o número onze era considerado amaldiçoado, pois estava fora do sistema. Therion, portanto, adotou o onze como sua fórmula.

Em *O Livro da Lei*, a deusa Nuit exclama: “Meu número é II, como todos os números deles que são de nós”, que é uma alusão direta à A.:A.:, ou Ordem da Estrela de Prata, e seu sistema de Graus.⁶ Nuit é o Grande Exterior, representada fisicamente como “Infinito Espaço, e as Infinitas Estrelas dali”⁷ (ou seja, Ísis). Assim Nuit e Ísis identificam-se em *O Livro da Lei*. Ísis é o espaço terrestre, iluminado pelas estrelas. Nuit é o espaço infinito, ou exterior, a escuridão subjacente que é a fonte oculta da Luz. Ela também é, em um sentido místico, o Espaço Interno e o Grande Interior.

Crowley tomou conhecimento da existência de uma hierarquia de poderes espirituais em 1898, quando leu *The Cloud upon the Sanctuary*⁸, de Karl von Eckhartshausen. Na época, ele tinha vinte e dois anos, e estava em seu terceiro ano em Cambridge. Em uma resenha de *The Cloud* em *The Equinox*⁹ (Vol. I, No. 3)¹⁰,

A palavra significa, literalmente, *fila*, e é também usada, embora com menos frequência, no sentido de *cauda*. A origem é do latim *coda*, literalmente *cauda*.

6 Vide o Sistema de Graus atribuído à Árvore da Vida, p.51.

7 N.T.: No texto original de *O Livro da Lei*, esta passagem é “Infinite Space, and the Infinite Stars thereof”. As iniciais das principais palavras formam o acrônimo ISIS. Este simbolismo é explorado em mais detalhes em *O Renascer da Magia* [The Magic Revival] também de Kenneth Grant (Penumbra Livros, 2015), e no capítulo 10, *infra*.

8 N.T.: *A Nuvem Sobre o Santuário*.

9 N.T.: *O Equinócio*.

10 *The Equinox*, o órgão “oficial” da A.:A.:, ou Ordem da Estrela de Prata, aparecia bianualmente nos equinócios de primavera e outono. Seus conteúdos eram,

Crowley escreveu: “Foi este livro que tornou este resenhista ciente da existência de uma assembleia mística secreta de santos, e o determinou a dedicar sua vida inteira, sem a menor das restrições, ao propósito de tornar-se digno de entrar em tal círculo”.

Embora *The Cloud upon the Sanctuary* tenha sido escrito com a linguagem do misticismo Cristão, a ideia de uma hierarquia espiritual que ele sugere não está confinada ao Cristianismo. Ela também é encontrada no sistema do Budismo; na linha dos gurus hindus que precederam o atual *Shankaracharya* de Kanchi Kamakoti Peetham; na *sampradaya* ou linhagem espiritual de Ghoraknath e Nath Siddhas, e em hierarquias similares.

Se a teoria da sucessão apostólica Cristã é ou não verdadeira; se os Dalai e Tashi Lamas do Tibete realmente representam uma linhagem sutil de Adeptos invisíveis; são pontos a serem discutidos. Alguma espécie de Ordem oculta sem sombra de dúvida controla os movimentos das estrelas e dos planetas, e se as estrelas e os planetas são governados nas infinitudes do espaço, porque os homens e mulheres não podem ser governados na finitude da Terra? Pois, como *O Livro da Lei* coloca: “Todo homem e toda mulher é uma estrela”.

Depois que Crowley leu *The Cloud upon the Sanctuary*, ele passou a desejar contatar a Ordem oculta descrita no livro. Como resultado de seus esforços, ele conheceu George Cecil Jones (Fratr D.D.S.), um membro da Ordem Hermética da Aurora Dourada, cujo líder à época era Samuel Liddell MacGregor Mathers. Foi através de D.D.S. que Crowley se iniciou na Aurora Dourada, em 18 de novembro de 1898. Ele assumiu o nome mágico *Perdurabo* (“hei de resistir”), um motto indubitavelmente influenciado por sua familiaridade com o conhecimento da bíblia (herdado de seu pai, um Irmão de Plymouth fanático), e baseado em *Mateus 24:13*. Crowley o estendeu de forma a significar “perseverarei até o fim,

em grande parte, obras do próprio Crowley. O primeiro volume consistiu de dez números, publicados entre os anos de 1909 e 1913.

pois no fim não há nada a resistir” – Perdurab-O.¹¹ Isso não era apenas um jogo de palavras, mas um adumbramento daquela total aniquilação de personalidade que se deve conseguir para que seja possível alcançar o pináculo da realização espiritual; uma suprema abolição, sinônima da experiência conhecida como o Ordálio do Abismo.¹²

A Aurora Dourada atraía pessoas que estavam insatisfeitas com os ensinamentos tradicionais, cristianizados e maçônicos, ou que não estavam dispostas a aceitar conceitos orientais filtrados pelos prismas brilhantes, embora nem sempre impecáveis, da Sociedade Teosófica de Madame Blavatsky.

Um dos mais excepcionais membros da Ordem, do ponto de vista de Crowley, foi Allan Bennett (Frater *Iehi Aour*). Foi ele quem deu a Crowley suas bases no misticismo oriental. Foi Bennett, também, que mais tarde veio a se tornar um monge budista na Birmânia, e que, ao invés de apresentar Thelema ao Oriente, como Crowley esperava que ele fizesse, reverteu o processo e trouxe o Budismo para o Ocidente! Bennett foi um dos membros fundadores originais da Sanga Budista na Inglaterra.

No primeiro ano desde sua iniciação, o avanço de Crowley na Aurora Dourada foi tão rápido que ele atingiu o grau mais elevado que Mathers estava habilitado a lhe conferir¹³. E de acordo com uma nota autobiográfica não publicada (1924), no ano de 1903, Crowley era o Adepto (diferente de Mestre) mais avançado do mundo. Mas, como aconteceu em Cambridge, quando ele passou pelo Transe Budista do Sofrimento, e percebeu a futilidade da ambição e da realização terrenas, também neste momento,

11 N.T.: Um trocadilho comum na língua inglesa é o uso intercambiável da vogal maiúscula O e do numeral o. *Perdurab-O*, portanto, pode ser entendido como *resistir-nada*, em uma interpretação livre.

12 Vide Glossário, na entrada *Abismo*.

13 Mathers era um Adepto Isento, 7º=4º, da Ordem Interna, o Grau imediatamente abaixo do Abismo, o Véu que separa a A.:A.: das Ordens da Rosa Cruz e da Aurora Dourada em si. (Vide Diagrama, *Árvore da Vida*, p. 51.)

quase no ápice da realização mística, ele foi sobrepujado por um sentimento similar de futilidade. Foi tão violento que ele abandonou a Grande Obra¹⁴ como um todo.

Em agosto de 1903, ele se casou com Rose Edith Kelly, que um ano após seu casamento veio a se tornar instrumental para colocá-lo em contato com uma Inteligência oculta de poder incalculável, que permaneceria com ele até o fim de sua vida. Através dessa Inteligência, chamada Aiwass, Crowley recebeu *O Livro da Lei* em 1904.

Entre outras coisas, a Aurora Dourada o ensinou uma técnica para conseguir maestria sobre o plano astral. Ao usar esta técnica, o corpo astral projetado do magista identificava-se com uma forma-deus egípcia. A praticar a assunção de uma forma-deus, Perdurabo (ou seja, Crowley) escolhia a forma de Hórus, uma das mais antigas divindades conhecidas pelo homem. Ele selava o plasma de seu corpo astral na imagem formulada mentalmente de um gavião de ouro (um veículo de Hórus) e, nesta forma, explorava os aethyrs sutis do universo.¹⁵

A técnica de assumir a forma-deus, de ritualmente evocar e banir entidades astrais, elementais e planetárias, forma a base do *Liber O vel Manus et Sagittae*, uma instrução da Aurora Dourada que Crowley mais tarde veio a publicar em *The Equinox*, Vol. I, No. 2. (Vide também *Magick*, de Aleister Crowley, Routledge, 1973.)

A Aurora Dourada passou por grandes mudanças devidas ao fracasso de Mathers em manter um elo mágico com a Corrente

14 Vide Glossário.

15 Os aethyrs são dimensões extraterrestres e transfinitas. Eles formaram a base do sistema Enoquiano do Dr. Dee, mais de três séculos atrás. Algumas das explorações de Crowley estão descritas em *The Equinox*, Vol. I, No. 2, e em *A Visão e a Voz* [N.T.: *The Vision and the Voice*] (*The Equinox*, Vol. I, No. 5). Vide também a invocação que se inicia com "Me ergui! Me ergui! como um poderoso gavião de ouro..." (*Orpheus: A Lyrical Legend*, [N.T.: *Orfeu: Uma Lenda Lírica*] de Aleister Crowley, 1905).

oculta que substanciava a A.:A.: (a Ordem da Estrela de Prata) e à subsequente dissolução de seus contatos nos Planos Internos pelos Chefes Secretos da Ordem. Em um Manifesto endereçado aos membros da Segunda Ordem (as Ordens da Rosa Cruz e da Cruz de Ouro), Mathers não se limitou a sugerir o que tal contato implicava:

Quanto aos Chefes Secretos com os quais estou em contato e de quem recebi o conhecimento da Segunda Ordem, os quais comuniquei a vocês, nada posso lhes dizer. Não sei nem ao menos seus nomes terrenos, e muito raramente Os vi em seus corpos físicos...

Eles costumavam me encontrar fisicamente em uma hora e um local previamente combinados. De minha parte, creio que sejam seres humanos vivendo nessa Terra, porém possuidores de poderes terríveis e super-humanos...

Meus encontros físicos com Eles me mostraram o quão difícil é para um mortal, não importa o quão "avançado" seja, suportar sua presença...

Não quero dizer que durante meus raros encontros com Eles eu tenha experimentado a mesma sensação de intensa depressão física que segue uma perda de magnetismo. Pelo contrário, sentia que estava em contato com uma força tão terrível que só sou capaz de comparar com o choque que alguém pode levar ao estar próximo de um raio em uma grande tempestade, experimentando simultaneamente uma grande dificuldade em respirar...

A prostração nervosa da qual eu falo era acompanhada de suor frio e sangramento pelo nariz, boca e às vezes pelos ouvidos.

Isso pode sugerir charlatanismo, ou mesmo Teosofia, mas mantém-se o fato de que Perdurabo teve sucesso onde Mathers fracassou. Através da correta aplicação dos métodos ensinados por Mathers, Perdurabo foi capaz de elevar sua consciência em harmonia recíproca com aquilo que se mostrou ser uma Inteligência indubitavelmente poderosa.

Ao assumir repetidamente a forma-deus de Hórus, Crowley sintonizou sua consciência com as vibrações emanadas da esfera daquele complexo de poder cósmico. Dessa forma ele se prepa-

rou para receber *O Livro da Lei*, tecnicamente intitulado *Liber AL vel Legis*. Este livro será doravante referido apenas como *AL*.

AL (pronuncia-se EL) é uma palavra caldeia que significa, entre outras coisas, Deus ou O Grande Antigo¹⁶. É dotada de atributos elementais e planetários: Ar, pela letra “A”; e Vênus, pela letra “L”. “A” significa o Espírito Criativo (respiração, *prana*, etc.), e “L” significa a *Mulher Satisfeita*, ou preenchida de energia criativa. As Chaves relevantes do Tarô são intituladas *O Louco* e *O Ajustamento*, respectivamente. O significado interior destas chaves surgirá em seu devido tempo.

AL foi transmitido a Crowley por uma Inteligência desencarnada chamada Aiwass, em 1904. Por exatamente uma hora, do meio dia à uma da tarde, em 8, 9 e 10 de abril, enquanto Crowley estava no Cairo, Aiwass ditou a essência do livro que forma o mais importante documento mágico do Novo Aeon. Um relato completo desta transação foi feito por Crowley em seu *Confessions*¹⁷, e em maiores detalhes técnicos em *O Equinócio dos Deuses*¹⁸.

Os Chefes Secretos não apenas autorizaram Perdurabo a suplantar Mathers como Líder da Aurora Dourada como também deixaram claro que ele fora especialmente escolhido para estabelecer uma nova época na evolução da consciência neste planeta, sobre a qual o “deus” Hórus presidirá pelos próximos dois mil anos.

Mudanças de aeon ocorrem periodicamente em intervalos de cerca de dois mil anos, tendo a mais recente ocorrido em 1904, quando Hórus suplantou Osíris como o veículo típico da Corrente Mágica que agora infunde a aura do planeta.

16 N.T.: *The Great Old One*.

17 N.T.: *The Confessions of Aleister Crowley; As Confissões de Aleister Crowley*.

18 N.T.: *The Equinox of the Gods*.

Aiwass, ou Aiwaz, como é às vezes escrito¹⁹, diz ser o “ministro de Hoor-paar-kraat”, uma forma de Hórus mais geralmente conhecida como Set ou Shaitan.²⁰

Os três capítulos de *AL* são uma manifestação Falada do deus do Silêncio, Hoor-paar-kraat.²¹ *AL* se aproxima aos Tantras do Extremo Oriente em alguns pontos importantes, por ser construído na forma de ensinamentos de um “deus” a sua *shakti* (veículo de poder). Neste caso em particular, Aiwass a Perdurabo, que é descrito em *AL* como “o sacerdote & apóstolo eleito do infinito espaço ... o sacerdote-príncipe a Besta”.

Esta descrição do “sacerdote eleito” deve ter atingido Crowley em cheio, pois em sua adolescência ele tinha uma vívida experiência interior que ele descreveu como “um passional senso de identificação com a Besta 666”.

A Besta 666 é o Dragão de sete cabeças mencionado no *Apocalipse de São João*. Seu significado oculto mostra de que forma o número 666 é “o número de um homem”, pois as sete cabeças representam as sete posições da Estrela Polar, cada uma das quais “caiu”, ou afundou, ao longo de longos intervalos periódicos, o processo completo levando 26.000 anos para se completar. Isto constitui o Grande Ano no Ciclo das Precessões. O simbolismo é tanto astronômico quanto místico. As sete cabeças da besta são representadas por diversas imagens cujos protótipos terrestres são símbolos de poder mágico. A queda e o desaparecimento final da sexta cabeça prepararam o terreno para um homem, ou seja, *uma estrela representada pela primeira imagem humana constelada nos céus*, o signo de Heru, Hórus, o herói ou Hércules da astromitologia grega posterior.²²

19 Vide Glossário.

20 Para maiores detalhes sobre este aspecto de Hórus, vide *O Renascer da Magia*, de Kenneth Grant (Penumbra Livros, 2015).

21 Uma forma egípcia de um deus grego, Harpócrates.

22 Vide *Ancient Egypt* [N.T.: *Egipto Antigo*] de Gerald Massey (T. Fisher Unwin,

A imagem da Besta, do Dragão ou da Serpente de sete cabeças formava o desenho fundamental que ilustrava o Piso da Cripta dos Adeptos²³ na Aurora Dourada. A cada cabeça era atribuído um nome de uma força qliphótica ou demoníaca, cujo número é onze.

Outra afinidade entre *AL* e os Tantras é que os Tantras não são aceitos apenas por sua antiguidade, mas também por causa da confirmada autoridade super-humana de sua origem. Há outras semelhanças com os Tantras, mas também uma grande diferença. Os Tântricos (em especial os da Divisão *Shakta*) evitam de toda forma usar o número onze, pois o consideram agourento.²⁴ Este número, que desempenha um importante papel no Culto de Crowley, foi desfavoravelmente comentado por Dion Fortune:

*Magick*²⁵, de Crowley ... é valioso para o estudante, mas somente o estudante avançado pode se beneficiar de seu uso ... As fórmulas nas quais ele trabalha também seriam consideradas adversas e malignas por ocultistas acostumados com a tradição Qabalística, pois ele usa 11 ao invés de 10 como base de sua bateria de batidas nas cerimônias mágicas, e 11 é o número das Qliphoth ... Nenhuma dica disto é dada no texto, o que é uma vil armadilha para o estudante incauto.²⁶

É verdade que onze é o número das qliphoth, os resíduos desequilibrados rejeitados por, e, portanto, externos às dez Sephiroth. Mas o homem precisa triunfar sobre essas forças desequilibradas em sua própria natureza antes de se tornar um mestre magista. Para conseguir isso, ele primeiramente precisa evocar as qliphoth, o que ele faz ao formular o pentagrama invertido (a Estrela de Set)

1907), Capítulo 9, no qual o tema é tratado detalhadamente.

23 Vide *Carfax Monographs* [N.T.: *Monografias de Carfax*] X, de Kenneth Grant.

24 Vide *The Tantric Tradition* [N.T.: *A Tradição Tântrica*], de Aghananda Bharati (Rider, 1965).

25 Fortune aqui se refere ao livro de Crowley que recebe este título.

26 *Magia Aplicada* [N.T.: *Applied Magic*], de Dion Fortune (Aquarian Press, 1962).

depois de ter estabelecido sua supremacia mágica ao equilibrar dentro de si os cinco elementos representados pelo pentagrama convencional (a Estrela de Nuit). O magista é, ele próprio, o undécimo, pois está eternamente fora e além da operação dos dez (ou seja, os dois pentagramas).

De forma similar, a Besta de Sete Cabeças alcança sua apoteose no poder óctuplo chamado Baphomet, o glifo do andrógino que esconde a fórmula secreta da Mudança através da polaridade sexual *em forma humana*. Esta é a fórmula da mágica sexual baseada na ressurgência atávica (vide Capítulo 8).

Crowley, que sempre mantinha uma atitude positiva, também considerava o fato igualmente importante de que onze é o número do Caminho de *Aleph* na Árvore da Vida, o Caminho que transmite a Luz de Kether, o Pai, para Tiphereth, o Filho. Este Caminho simboliza a transmissão da Luz Superna para o Magus (Chokmah) por meio da fórmula da Loucura Divina. *Aleph*, O Tolo do Tarô, é também o Louco. A Caminho de Aleph é o Caminho da Sabedoria ou Insensatez. *Aleph*, escrito por extenso – אלפ – soma III, onze em grande escala.

No *Livro de Thoth*²⁷, a letra “A” é atribuída à Primeira Chave, O Tolo, o Louco, e o número sequencial desta Chave é Zero. Aqui chegamos à raiz da fórmula chave de Crowley: $0=2$, que também é uma antiga fórmula chinesa.²⁸

A soma da Unidade (1) e de seu reflexo (também 1), simbolizada pelo número 11, é a Díade, o número místico da Mulher, o divisor em dois (ou seja, como mãe e filho). À mulher é associada a letra *Beth*, que significa a casa ou o útero; 2 é seu número.

27 N.T.: *The Book of Thoth*.

28 $(+1)+(-1)$, ou 2, quando unidos, cancelam um ao outro e tornam-se Nada. Essa é a expressão matemática da polaridade subjacente à união dos opostos, o ativo e o passivo ou a carga positiva e a negativa da energia elétrica. Esta é, portanto, a fórmula mística da mágica sexual. Os chineses da antiguidade a inventaram para explicar o surgimento da manifestação (ou dualidade) a partir do vazio (zero), e seu retorno a ele após completado o ato da criação.

Portanto, onze, a forma dinâmica de dois, é o número daquela mágička que usa forças sexuais e a mulher para recriar a ilusão do universo.

O selo secreto da A.:A.: é uma estrela de onze pontas; mais uma vez, o Um além do Dez. A palavra da Lei anunciada por Aiwass é *Thelema* (Vontade), e é expressa em *AL* no preceito de onze palavras “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”.

Há onze linhas no verso da Estrela da Revelação, que é o talismã mágico do atual Aeon de Hórus; E Crowley tornou-se um Magus, 9º=2º A.:A.:, com o motto *To Mega Therion* – A Grande Besta – onze anos após ter recebido *AL* de Aiwass.

A mágička do Aeon de Hórus consiste na compreensão da identidade de Kether (Nuit) e Malkuth (Hadit). Os números dessas Sephiroth são 1 e 10, respectivamente. Sua união na consciência do magista produz Tiphereth, o Sol Filho, Hórus, o Senhor do Aeon.

A fórmula mágica da Grande Obra, que é o processo de unir esses dois na consciência, é *Abrahamadabra*, a palavra de poder de onze letras. Em *The Cephaloedium Working*²⁹, Crowley descreve “A Fortaleza” ou Casa de Hórus (a “Casa de Deus” mencionada em *AL*) como o “Aeon das onze torres”. Tendo em vista as referências de Crowley à adoração de Shaitan como equivalente à adoração de Had, ou Hadit, é interessante comparar os onze templos conectados com um séquito de devotos de Shaitan ainda existente no deserto da Síria, nas redondezas de Bagdá.³⁰

O título mágico de Crowley na O.T.O. era Baphomet; o nome óctuplo, Oçtinomos, o Mestre Magista. Baphomet também é undécuplo, conforme revelado pela Cruz Baphométrica. Ele simboliza não somente as onze Sephiroth (isto é, as dez Sephiroth e

29 N.T.: *A Operação de Cephaloedium*.

30 Vide *The Trail of the Serpent* [N.T.: *O Rastro da Serpente*], de Inquire Within (Boswell, 1936).

mais Daäth) como também o Um além do Dez que permeia o sistema pelo Exterior (Nuit).

“A Fórmula da Força é Onze-em-Um e Um-em-Onze, que é Quatrocentos-e-Dezoito.”³¹ Isto significa que Abrahadabra, cujo valor numérico é 418 (o número da Grande Obra) é Uma Palavra que consiste de Onze letras – e, portanto, Onze-em-Um. *Abad*, o centro ou coração de *Abrahadabra*, é Hadit ou Shaitan; é também a palavra caldeia que significa Um (Unidade): portanto, Um-em-Onze.

As teorias mágicas subjacentes à fórmula da assunção de formas-deus são de vital importância para uma compreensão do posterior refinamento e para a reabilitação que Crowley aplicou a elas. Disfarçar-se de divindades com cabeças de animais, vestir peles, chifres, couros, órgãos bestiais, etc., eram práticas feitas com a intenção de assimilar os poderes super-humanos possuídos por certos animais.

Essa fórmula, que era usada por feiticeiros da antiguidade, tinha um profundo efeito sobre a psicologia do operador. Como o homem evoluiu das bestas, ele tem – enterradas nas profundezas de seu subconsciente – memórias dos poderes super-humanos que um dia possuiu. Cada animal tipifica um ou mais destes poderes: força e sutileza para o leopardo; enxergar ou sentir na escuridão para o gato, a coruja e o morcego; o poder de causar a morte rápida para a cobra; o poder de transformação da hiena, e assim por diante. Qualquer atavismo necessário podia ser evocado pela assunção da forma-deus adequada.³²

O processo era conhecido pelos Iniciados como a fórmula do Macaco Divino, sendo o macaco uma imagem do elo primordial

31 Vide *The Magical Record of the Beast 666* [N.T.: *O Diário Mágico da Besta 666*] (Duckworth, 1972), p. 283.

32 Patanjali, fundador do grande sistema da Filosofia da Yoga, declarou que “ao fazer *Samyama* na força de um elefante ou tigre, o estudante obtém essa força”. (Citado por Crowley em *Magick*, p. 39.)

entre o homem e a besta. Era também um símbolo do corpo astral e da qualidade reflexiva da luz astral que parece imitar, ou macaquear, as imagens projetadas sobre ela pela vontade do magista. A assunção de formas-deus é, portanto, uma imitação do poder super-humano que se deseja evocar.

Em um ensaio sobre Clarividência, MacGregor Mathers apontou que as formas específicas dos animais são significantes mesmo no plano mundano, e no plano astral esse fato torna-se ainda mais enfático. No caso do macaco, a fórmula era na verdade encenada em um rito sexual ao qual Crowley se refere em seu Comentário sobre *A Visão e a Voz*.³³

A mitologia clássica está repleta de exemplos de assunção sexual de formas-deus. Zeus tinha prazer com Europa na forma de um touro, Leda como um ganso, Astérie como uma águia e Perséfone como uma serpente. Poseidon, como um touro, seduziu Arne; como um carneiro, Teófane. Cronos, como um cavalo, cobriu Filira, dando origem a Quíron, etc. Há também o mistério bíblico de Maria e o pombo.

Crowley interpreta a fórmula como uma unificação mágica da consciência larval, característica de fases pré-evais da vida, com o produto definitivo de uma vontade humana exaltada e iluminada: a exaltação a uma consciência cósmica de atavismos anteriores à humanidade, através da instrumentalidade da mágica psicosexual. A Esfinge é a imagem mais celebrada deste conceito. Crowley a descreve como “a Deificação do bestial e, portanto, um Hieróglifo adequado da *Magnum Opus*”.³⁴ Em outras palavras, simboliza a fórmula da condução pelo poder cósmico da união de besta e deus através da mediunidade do homem.

O uso de máscaras rituais, mais particularmente a de antigos deuses Egípcios – um falcão para Hórus, um chacal ou raposa do

³³ Vide o Comentário sobre o 16º Aethyr. A passagem relevante é citada em *O Renascer da Magia* (Penumbra Livros, 2015), p. 48.

³⁴ *O Bagh-i-Muattar*, de Aleister Crowley, Capítulo 40.

deserto para Anúbis, um íbis ou macaco para Thoth, um crocodilo, dragão ou asno para Set, um hipopótamo para Tifon – era um meio de identificação com camadas subconscientes correspondentes a atavismos remotos. “A lei da Evolução é o regresso das funções que governam o progresso da realização, isto é, quanto mais maravilhosa a realização, mais baixo na escala da vida está a função que a governa.”³⁵

O subconsciente responde à teurgia mágica corretamente aplicada; em alguns casos, até mesmo a cirurgias cerebrais. O trabalho de Wilder Penfield “mostrou que durante cirurgias cerebrais ... estimular o lóbulo temporal do cérebro pode realmente reproduzir a totalidades das sensações de uma memória passada, como se estivesse ocorrendo novamente. Isso foi descoberto enquanto pacientes epiléticos eram tratados cirurgicamente”.³⁶

É evidente, considerando a natureza de algumas das instruções da Aurora Dourada, que seus Chefes estavam totalmente cientes do significado oculto dos animais em antigas tradições arcanas. No resumo de um destes ensinamentos, Perdurabo aponta que macacos, por exemplo, são “o resultado degradado de antigos esforços mágicos em criar um elo direto com os animais”, ou seja, com as camadas pré-humanas da consciência, aquelas camadas que continham energias super-humanas em suas formas latentes.

Em *Magick Without Tears*³⁷, Crowley aponta que “certos tipos de animal, se a tradição vale de algo, aparentam ter uma estranha qualidade ... que os possibilita assumir, às vezes, forma humana. O número 1 – e os demais são café com leite – é a foca. Há todo um corpo de literatura sobre isso. Então vêm os lobos, hienas, grandes cães do tipo caçador; ocasionalmente leopardos. Histórias sobre gatos e serpentes são normalmente ao contrário;

35 *The Book of Pleasure* [N.T.: *O Livro do Prazer*], de Austin Osman Spare

36 Wilder Penfield, *Memory Mechanisms* [N.T.: *Mecanismos da Memória*]; citado em *Nostalgia*, do Dr. M. K. Miller (Gollancz, 1957).

37 N.T.: *Mágicka Sem Lágrimas*.

é o humano (quase sempre fêmea) que assume essas formas por meio de bruxaria. Mas no antigo Egito ... os papiros estão cheios de fórmulas para realizar tais transmutações”.

Os magistas da antiguidade eram profundamente versados nessas fórmulas e outras associadas. Ao assumir a forma ou natureza da divindade, faziam de si mesmos os veículos da energia elemental tipificada pelo “deus”. Foi a frequente assunção de Crowley da forma-deus de Hórus, como um gavião dourado, que o possibilitou invocar as energias mágicas do Novo Aeon, que se encontram latentes no subconsciente racial, na forma de atavismos animais.

Animais foram as primeiras formas sencientes da corrente de consciência primordial que se originou de uma fonte extraterrestre; eles eram, na verdade, as formas primordiais de energias cósmicas, ou “deuses”; suas formas-deus literais. A posterior assunção dessas formas pelo homem era um meio mágico de contatar o fluxo de consciência que originalmente penetrou este planeta pelo “lado de fora”.

Aiwass é o elo, o corredor através do qual o Impulso foi transmitido da fonte de consciência extraterrestre. Isso é, Aiwass era “um mensageiro das forças que atualmente governam esta terra”.³⁸ A localização dessa fonte e a natureza dessas forças, ou “deuses”, são mistérios escondidos em *AL*.

Este Impulso não se originou com Crowley, mas sim o incluiu e abrangeu em sua extensão. Aiwass é tanto um conceito subjetivo e individualizado quanto uma entidade objetiva e cósmica. Isso explica como Aiwass é simultaneamente parte da consciência subliminar de Crowley e uma entidade independente identificada com energia cósmica.

³⁸ De uma introdução de Crowley a uma edição limitada de *O Livro da Lei* (1938).

Da época em que Crowley entrou para a Aurora Dourada, em 1898, até o recebimento de *AL* em 1904, e por vários anos que se seguiram, o sexo não tinha para ele nenhum significado oculto em particular; ele o usava no curso natural dos eventos. Seu uso casual do sexo, no entanto, durante seu período de treinamento mágico, explica seu rápido progresso na Ordem. Os efeitos da fórmula do Macaco Divino, aumentados pelo uso do sexo em sua vida pessoal, misteriosamente libertaram o Poder da Serpente (Kundalini) dentro dele. No entanto, muitos anos se passaram até que Crowley reconhecesse Aiwass como idêntico ao seu daemon, seu gênio ou Sagrado Anjo Guardião.

Aiwass, “o ministro de Hoor-paar-kraat”, portanto, iguala-se ao “Lúcifer solar-fálico-hermético; O *Diabo*, Satã ou Hadit de nossa unidade particular do Universo Estrelado. Essa serpente, Satã, não é o inimigo do Homem, mas Aquele que fez da nossa raça Deuses, conhecendo o Bem e o Mal; Ele ordenou ‘Conhece-te a Ti mesmo’, e ensinou a Iniciação”.³⁹

Ademais, Crowley representa a Verdadeira Natureza em todo homem e toda mulher, a Verdadeira Vontade, com o *sátiro*⁴⁰, uma forma de Sat-An ou Set, Shaitan-Aiwass, o Deus Oculto.

³⁹ *Magick*, de Aleister Crowley (Routledge, 1973). Cf. essa doutrina com o que está expresso em *A Doutrina Secreta* [N.T.: *The Secret Doctrine*], de Blavatsky, II, 233, 234, etc., de onde pode-se constatar que os ensinamentos de Blavatsky influenciaram Crowley profundamente.

⁴⁰ Vide *The Equinox*, Vol. III, No. 1 (Detroit, 1919), descrição do frontispício.

A Mulher Escarlata

Eu, a Besta 666, sou convocado a revelar essa adoração e lançá-la ao mundo: Por meio de minha Mulher, chamada de Mulher Escarlata, que é qualquer Mulher que receba e transmita minha Palavra e meu Ser Solares, minha Obra se realiza; pois sem a Mulher, o homem não tem poder.

O Comentário de Djeridensis¹

O Capítulo Onze do *Magick* de Crowley (edição original) é intitulado “De Nossa Senhora Babalon e da Besta que Ela Cavalga ...”. Ele começa: “O conteúdo desta seção, no que diz respeito a Nossa Senhora, é importante demais e sagrado demais para ser impresso. Ele só é comunicado pelo Mestre Therion a pupilos selecionados, em instrução privada”.

Não há nenhuma afirmação de que o conteúdo do presente capítulo constitua a instrução privada mencionada em *Magick*, mas a interpretação que segue da Fórmula da Mulher Escarlata é baseada em material inédito que possivelmente formava a base de tal instrução.

O adjetivo *escarlata* faz referência à Corrente Draconiana na qual o Novo Aeon se baseia, pois é a cor de Ares, Orus ou Hórus. Áries, no zodíaco, também representa o Homem Verde, o Poder Vernal do Sol. Escarlata é a cor da chama que inicia a corrente

1 N.T.: *The Djeridensis Working*.

vernal anual que se “vinga” da seca e da escuridão dos meses de inverno.²

Em outro sentido, o escarlate está ligado à substância vermelha da fonte feminina, o mênstruo primordial da energia mágica, e também com o aspecto negatório e destrutivo da magia e bruxaria lunar ou “negra”.³ É nesse sentido que a Mulher Escarlate equivale a Kali, que é primariamente a deusa dos ciclos estelares e lunares, e, portanto, do Tempo.

Um dos primeiros métodos de medir o tempo era por meio das emanações periódicas do cinocéfalo fêmea, que os sacerdotes do antigo Egito usavam para esse propósito.⁴ O tempo é o mênstruo no qual todas as formas materiais emergem, transformam-se, e, finalmente, dissolvem-se.

“O melhor sangue é o da lua, mensal”, diz *AL*. Isso se refere em particular ao aspecto de Kali da fórmula. Melhor, isso é, para trabalhos de dissolução ou transmutação; melhor, em outras palavras, para a Mágicka, ou Energia tendendo à Mudança.

O nome *Babalon*, que é usado para designar o ofício da Mulher Escarlate, difere da versão apocalíptica não somente no tocante à ortografia,⁵ mas também pelas razões que seguem. O conceito bíblico da Mulher Escarlate já é uma corrupção da antiga tradição

2 N.T.: É importante ter em mente que no hemisfério sul, onde se localiza grande parte do território brasileiro, o ciclo das estações é oposto ao do hemisfério norte, onde fica o Egito, a Europa, o Oriente Médio e outras regiões de interesse para esta obra.

3 Não se implica nesse contexto consideração alguma de natureza moral pelo uso do termo “negra”. Minha intenção é tão somente indicar a natureza específica da corrente empregada. Só existe Mágicka; se ela é “negra” ou “branca” do ponto de vista moral depende apenas da intenção do operador. Ninguém fala de ciência “negra” ou “branca”, embora considerações similares sejam aplicáveis.

4 Vide Horapolo, Livro I, 15.

5 A quarta letra, *y*, é substituída pela letra *a*, por razões que são explicadas em seu devido tempo. [N.T.: Em inglês, a Prostituta Escarlate da bíblia é chamada *Babylon* (vide *Apocalipse* 17:5). Em português, chama-se *Babilônia*. Na versão original do livro do Apocalipse, em grego, a grafia se assemelha mais à do inglês: Βαβυλὼν.

mágica da qual – fora dos Santuários de Iniciação – a prostituição sagrada é a única forma lembrada. A tradição é melhor preservada nas doutrinas dos Tantras indianos e tibetanos, que descrevem cerimônias envolvendo o uso dos *kalas* (medicinas) que imbuem as exsudações de sacerdotisas especialmente treinadas. As “damas de cheiro adocicado” (*suvasinis*) têm uma relação mais do que literal com o “doce perfume de suor” mencionado em *AL*, I, 27. A fórmula da Mulher Escarlate é a fórmula da *Suvasini*.

Babalon significa “o portão do sol”; ela admite a força solar através de seu portão, vísceras, corte ou gata⁶ (no sentido de *pudenda*). Como a gata, ela é a Lua, ou o Sol refletido no Olho de Amenti; o olho esquerdo do Espaço, como o Sol é o direito. Assim o *Vama Marg* é, literalmente, o Caminho Esquerdo, ou o Caminho envolvendo o uso da mulher, sendo o feminino considerado o aspecto esquerdo ou lunar da criação, em contradição ao *Dakshina Marg*, que envolve a corrente solar, o masculino, ou o aspecto da mão direita.

Em outro sentido, *Vama Marg* é o aspecto esotérico do Tantra, cujo aspecto exotérico é o *Dakshina Marg*. Essas distinções não tem absolutamente relação alguma com magia “branca” e “negra”, como costuma-se supor erroneamente.

O nome *Babalon* é numericamente equivalente a 156, e a forma corrupta, apocalíptica, *Babylon*⁵, soma 165 – um número desprovido de qualquer significado qabalístico. Um-cinco-seis, por outro lado, esconde muitas ideias relacionadas à função da Mulher Escarlate. Por exemplo, é o número de TzIVN, Sião⁷, a Montanha Sagrada. É também o número da Cidade das Pirâmides sob a Noite de Pã⁸, que pode se adentrada e explorada por meio

6 N.T.: No texto em inglês, a sequência de palavras aqui usada traz uma certa semelhança, possivelmente por compartilharem uma mesma origem. São elas *gate*, *gut*, *cut* e *cat*.

7 N.T.: *Zion*.

8 A Cidade das Pirâmides é Binah, a terceira sephira da Árvore da Vida. É

do uso mágico de Babalon. É também, de acordo com *Liber 418*, o número do Caos, que é um conceito de importância singular na qabalah de Thelema, pois é o número secreto da Besta. Babalon é, portanto, identificada com seu verdadeiro Senhor.

Outra correspondência importante com o número 156 é *sen-bru*, um termo usado pelos antigos egípcios para denotar o dia do solstício de verão, quando o Olho de Hórus (ou seja, a lua) estava cheio, e o ano completo. O número 156 é, portanto, um símbolo perfeito da fêmea magicamente inspirada (ou seja, da Mulher Escarlate). É também sua fórmula numérica, uma fórmula de Mudança e Manifestação – Escorpião e Capricórnio.

A compreensão de que esses símbolos são intercambiáveis exige o uso de um tipo especial de faculdade mental, capaz de ao mesmo tempo distinguir e identificar conceitos aparentemente díspares. A disparidade existe somente em relação à mentalidade que a concebe. Após internalizar isso, torna-se possível a iniciação, e a mente transcende a si mesma por meio da reconciliação dos opostos.

O *Visvakosatantra* diz: “Nenhuma adoração é válida sem mulheres (*shakti*), peixe e carne”. De forma similar, um texto *Sahajīya* declara: “Se tu não te submetes a uma *manjari* (mulher), mas apenas te apoias no conhecimento teórico da coisa, não alcançarás Krishna pela cultura espiritual”. De acordo com Manindra Bose⁹, “os Sahajiyas não usam peixe ou carne na cultura mística, mas a respeito da necessidade de mulheres, eles têm a mesma ideia da utilidade de uma companhia feminina que é pregada nos Tantras”.

relacionada a Saturno e, portanto, é idêntica à mais antiga concepção da Generatrix. A destruição final do conhecimento de Daäth, a “falsa” sephira, abre os Portões da Cidade das Pirâmides. Em outro sentido, a Cidade das Pirâmides compreende a série de seções piramidais – um total de 156 – de cada um dos quatro lados das Torres de Vigia do Universo. Vide os diagramas baseados nas pesquisas do Dr. Dee, em *The Equinox*, I, viii.

9 *Post-Caitanya Sahajīya Cult of Bengal* [N.T.: *O Culto Sahajīya Pós-Caitanya de Bengala*] (Calcutta University, 1930).

Um comentário Tântrico iniciado do *Vama Marg* descreve as *swvasinis* como “damas de cheiro adocicado ... escolhidas para desempenhar o papel de Mãe. Elas devem ser tidas como o único refúgio ... e embora até dezesseis damas sejam escolhidas em uma das formas mais raras de magia pertencentes a essa escola de adoração, o principal ponto focal é a mulher, a única que é a *Swvasini*”.

Crowley trabalhou com a mesma fórmula, e explica suas mecânicas em seu Diário Mágico:¹⁰

Agora voltemo-nos a observar a fórmula do Aeon, 418, que não é, como seria de se esperar, de Hórus, mas de Cheth, a Carruagem. Uma fórmula de partida! É a Casa da Lua, corpo da Mudança. Isso equilibra o 666 Solar. “Ele é sempre um sol, e ela uma lua” [AL. I.16]. A Mulher Escarlate é, portanto, lunar. Eu sou Branco, e ela é o Vermelho, a Perfeição Alquímica; e meu fracasso foi devido à falta Dela, em quem está contido todo o poder conferido. Eu alcancei minha própria iniciação particular de forma bastante agradável e rápida, mas não fui capaz de manifestar em poder por falta Dela.

Crowley então enumera diversas Mulheres Escarlates que o auxiliaram durante diversas operações mágicas:

Permita-me considerar: a vidente Ouarda [isto é, sua esposa, Rose Kelly], a candidata Número 1, me deu o poder de conseguir O Livro da Lei. Virakam [Mary d’Este Sturges], a Número 2, me concedeu o Livro Quatro, parcialmente, mas desmoronou, certamente mais por causa de minha grande falta de fé nela, mais do que por sua bastante justificada desconfiança em mim. Nenhum de nós se doou por inteiro, sem reservas, à Obra. A terceira, Soror Hilarion [Jeanne Foster] me deu o Filho da Promessa [isto é, Frater Achad, o “filho mágico” de Crowley], e provavelmente me ajudou a conquistar meu Grau de Magus. a quarta, Soror Ahitha [Roddie Minor] me ajudou a construir o Templo de Júpiter. Eu posso ainda não compreender o efeito disso; mas se, como um todo, a Obra foi arruinada, como uma visão superficial parece indicar, mais uma vez devo me culpar por minha imper-

¹⁰ Vide *The Magical Record of the Beast 666*, entrada de 2 de junho de 1920.

feita não afeição. Sinto-me certo de que sempre estive atrapalhando os planos dos Deuses ao obstruir minhas próprias ideias racionais dos jeitos certos de fazer as coisas. A quinta, Almeira [Bertha Bruce], de cuja vocação eu não duvido, parece ter falhado por completo, embora tenha me dado exatamente aquela não afeição de que eu tanto precisava. Mas não sei dizer se ela permanece na ativa.

... Ouarda era Fogo, do Arqueiro [isto é, Sagitário]; Hilarion também; Virakam era Ar, da Balança [isto é, Libra]; Ahitha, Fogo e Terra de Carneiro [Áries] e Touro; Almeira, Ar de Gêmeos.

E em seu Comentário completo sobre *AL* – vide *Magical and Philosophical Commentaries on the Book of the Law*¹¹ (93 Publishing, Montreal, 1974), p. 103 – Crowley provê mais informações sobre a natureza dessas Mulheres Escarlates:

Rose Edith Crowley, nascida Kelly, minha esposa. Me colocou em contato com Aiwaz; vide *The Equinox*, I, 7; *O Templo do Rei Salomão*. Fracassou em todos os outros aspectos.

Um caso duvidoso. Mary d'Este Sturges, nascida Dempsey. Me colocou em contato com Abuldiz; e, portanto, auxiliou com *Livro Quatro*. Fracassou por ciúmes pessoais.

Jeanne Robert Foster, nascida Olivier. Teve o “filho” mencionado em *AL*. Fracassou por respeitabilidade.

Roddie Minor. Me colocou em contato com Amalantrah. Fracassou por indiferença à Obra.

Um caso duvidoso. Marie Rohling, nascida Lavroff. Ajudou a inspirar o *Liber CXI* [*Aleph*]. Fracassou por indecisão.

Um caso duvidoso. Bertha Almeira Prykryl, nascida Bruce. Adiou a aceitação de responsabilidades, dando espaço para a número 7.

Leah Hirsig [Alostrael – o Macaco de Thoth]. Me auxiliou na verdadeira iniciação;¹² ainda ao meu lado, An XVII, sol em Sagitário [1921]. P.S. & An XIX, Sol em Áries [1923].¹³

11 N.T.: *Comentários Mágicos e Filosóficos sobre o Livro da Lei*.

12 Leah Hirsig participou de todas as mais críticas iniciações de Crowley, em seu caminho para tornar-se um Ipsissimus 10°=1°.

13 A Número 7 renunciou ao seu ofício como Mulher Escarlate em uma carta a

É necessário, neste ponto, explicar a verdadeira fórmula e a função da Mulher Escarlata, e o uso das vibrações ocultas que ela emana.

Na literatura Tântrica, a *svvasini* é uma “sacerdotisa”, no sentido de que é o veículo escolhido da Deusa Suprema ou do Poder Mágico (*Mahashakti*). Seu corpo contém zonas de energia oculta intimamente ligadas à rede de nervos e plexos associados às glândulas endócrinas. Como a Deusa Suprema, ela é representada yantricamente¹⁴ pelo *Sri Chakra* (vide Lâmina 5) e mantricamente pelas vibrações secretas que invocam a Energia Criativa primordial em sua forma lunar ou feminina (isto é, em uma forma especialmente adequada à manifestação).

Quando o Grande Poder Mágico (Kundalini) é despertado para a atividade, energiza os *chakras* no corpo da Mulher Escarlata, gerando vibrações que influenciam a composição química de suas secreções glandulares. Depois de se apropriar do *amrit* (“néctar”) precipitado em qualquer *chakra*, essas vibrações afetam os fluidos que fluem da saída genital.

As fragrâncias emanadas por cada *chakra* são, portanto, disponibilizadas para o uso do sacerdote, ou “besta”,¹⁵ que os devora e transmuta em *ojas* – energia mágica.

Há três métodos principais de obter essas vibrações vaginais, ou *kalas*. Um deles é particularmente interessante para os Thelemitas, pois equivale à antiga fórmula egípcia de Nuit, a deusa do céu noturno, representada antropomorficamente por uma mulher nua arqueada sobre a terra.¹⁶ Nos Tantras, essa postura é

Crowley datada de 1929, abrindo caminho para a Número 8: Soror Astrid (Dorothy Olsen). Vide também *O Renascer da Magia*, Capítulo 8.

14 Um *yantra* expressa linearmente os vetores de forças que constituem a anatomia secreta de um “deus” ou de uma “deusa”. Um *mantra* expressa esses vetores em termos de sons ou vibrações. Toda divindade tem seu *yantra* e seu *mantra*, e a combinação desses forma o *tantra*, ou modo ativo da invocação da divindade.

15 Cf. *AL*, I, 15, onde Crowley é descrito como “o sacerdote-príncipe a Besta”.

16 O arco, ou *arkh* (*Argha*, em sânscrito) simboliza o útero; a imagem de Nuit é,

chamada de *Kailasa Prastara*; a deusa eleva-se sobre seus adoradores como o Monte Kailas, de onde escorre o frescor curativo de suas neves. A antiga imagem dessa fórmula, conforme representada na Estela de Ankh-af-na-Khonsu, exhibe uma mulher de quatro, o que sugere *viparita maithuna*, uma forma de congresso com as costas para a frente, descrita em alguns dos mais antigos Tantras e em certos escritos ocultos dos árabes. *Viparita maithuna* também simboliza a reversão total dos sentidos, necessária para o pleno despertar do Poder da Serpente.

Ankh-af-na-Khonsu, um sacerdote de Amon-Rá durante a XXVIª Dinaastia, foi um avatar anterior de Therion (a Beasta). Khonsu, que significa literalmente “o viajante do céu noturno”, não apenas denota a lua, mas também as estrelas ou *kalas* que acompanham a lua em sua fase noturna ou feminina.¹⁷ Ankh-af-na-Khonsu concentrou dentro de si a vida ou energia vital (*Ankh*) da (-af-na-) Lua (*Khonsu*), sendo a lua o *Sri Chakra*: Luz como meio de manifestação.

O *Sri Chakra* é a lua em sua totalidade, o lótus completamente desabrochado, o fluente¹⁸ que, nas fases graduadas de seu ciclo, emana quatorze raios (um para cada dia dessas duas semanas), culminando ao fechar o círculo no décimo quinto.¹⁹

Um círculo tem 360 graus, e o *Sri Chakra* é um círculo com essas configurações. Ele foi equiparado, por alguns comentaristas, com o círculo do ano de 365 dias, sendo os cinco dias faltantes desconsiderados por serem inexplicáveis ao não iniciado. Mas quando a fórmula fisiológica da Mulher Escarlata é compreendida, vê-se que esses cinco dias representam os cinco dias negativos

portanto, um glifo da Taça Mágica na qual reside o Grande Poder Mágico, *mahabakti*.

17 Isto é, em sua fase minguante.

18 N.T.: no original, *flow-er*, um jogo de palavras com *flower* (*flor*) e aquele que executa o verbo *flow* (*fluir*), ou seja, *fluidor* ou *fluidora*.

19 Em certos textos antigos, a Energia Criativa nesse estágio definitivo era conhecida como A Deusa Quinze, um nome dado à Istar da Acádia.

de sua ocultação a cada “lua” ou mês, que é o ciclo periódico ou a volta completa da fêmea humana.

Os quinze graus, ou degraus, dessa progressão de nova para cheia, da virgindade à maternidade, eram intimamente relacionados ao pulso da mulher escolhida para os ritos secretos do Círculo *Kaula* (ou *Kala*), que é o genuíno *Vama Marg* ou Caminho da Deusa Suprema. Divindades específicas eram atribuídas aos dias e noites das quinzenas escuras e claras que constituem o mês, ou lua, completo. A quinzena escura compreende o período da lua cheia à lua nova; a quinzena clara, entre a lua nova e a cheia. Esses quinze graus eram concebidos como raios ou dígitos da lua: eles não apenas se relacionavam à lua celestial e sua influência oculta, mas também, e ainda mais significativamente, à lua física das mulheres escolhidas para a operação mágica.

Do *décimo sexto* raio ou dígito da lua flui “o néctar da excelência suprema”. De acordo com o *Lalitasabhasranama*, “a lua exhibe quinze fases em seu crescer e minguar. A décima sexta parte, quando o Tempo para, é quando e onde a Divindade encarna. Tempo é Kali, a Deusa Quinze, e o *kala* que transcende o tempo é conhecido como o décimo sexto dígito ou raio.

Quatorze secreções genitais femininas são contabilizadas pela ciência ocidental,²⁰ permanecendo a décima quinta e a décima sexta não descobertas, embora sejam conhecidas e usadas pelos iniciados orientais desde tempos imemoriais. Elas se manifestam somente nas emanações vaginais da *Srvasini* plenamente treinada.




Os escritos dos *Siddhas* (Adeptos) Tâmile contém graves advertências em relação aos perigos de evocar tais *kalas* em um *chakra* que não tenha sido adequadamente preparado para recebê-los, e em *AL*, II, 26, Hadit exclama: “Eu sou a secreta Serpente enroscada a ponto de saltar: em meu enroscar há alegria. Se eu ergo minha cabeça, eu e minha Nuit somos um. Se eu pendo mi-

²⁰ Vide Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex* [N.T.: *Estudos sobre a Psicologia do Sexo*].

nha cabeça, e ejaculo veneno, então é arrebatamento da terra, e eu e a terra somos um”. O próximo verso continua: “Há um grande perigo em mim ...”.

As forças direcionadas para baixo são carregadas com vibrações venenosas. Elas podem ser usadas para obras de materialização e dissolução, e – com efeito mortal – em trabalhos de magia negra.

A imbibição dos *kalas* carregados com as correntes direcionadas para cima transforma a consciência humana e possibilita o contato e a comunicação com entidades transcendentais. Reciprocamente, a entrada do veneno leva o homem a uma relação direta com os mundos demoníacos com os elementais menos elevados; somente o Adepto pode usar essa corrente impunemente.

O veneno é representado por Escorpião; o néctar, por Aquário. Essa fórmula dupla abrange tudo e facilita o uso dos *kalas*, ou fogo estelar, de Nuit, e a corrente sexual primordial representada por Babalon, mortífera e vampírica. Escorpião é a prostituta, ou mulher serpente, que em conjunto com a Bešta gera o *kala* biunívoco, a semente mišta. Aquário é a sacerdotisa virgem em quem é gerado o *kala* duplo ou fluido criativo representado pelo glifo da água, dobrado: . Os antigos signos de Escorpião e Aquário são nas formas da letra *M*,  e , que, nas qabalas egípcia, caldeia, hebraica e grega, é um glifo do líquido da vida. Portanto, *M* é o *Emkara* ou *Omekara* do Sânscrito, que continua todo o ciclo de existência, da manifestação à não manifestação, de aparição à desapareição, da vibração primordial à sua dissolução definitiva em silêncio absoluto (o Vazio, simbolizado pelo sono sem sonhos).²¹

Aquário é a *décima primeira* divisão do círculo celestrial, ou zodíaco. Ele transmite a influência de Set, cujo veículo planetário é Saturno. A Mulher Escarlate é, assim, o repositório e o foco

²¹ O *OM* e sua relação com as três fases da consciência – despertar, sonho e sono sem sonhos – é descrito como O *Mandukyopanishad*. Vide, em particular, o comentário de Gaudapada.

de todos os *kalas* necessários para o Adepto cuja vontade é estabelecer contato com Inteligências transmundanas, como Aiwass, Amalantrah, Abuldiz, etc.

Essas considerações explicam por que Crowley insistia em observar a tradição arcana que sanciona iniciação das sacerdotisas pelo sacerdote, mas proíbe o procedimento oposto.²² Talvez elas também expliquem por que tantas das operações mágicas de Crowley acabaram em fracasso para ele mesmo, e em tantos problemas psicológicos para a Mulher Escarlate em questão – várias delas sucumbiram à insanidade.

Crowley supunha que uma atração recíproca instantânea entre as partes envolvidas era um sinal de competência mágica. O parceiro foi, por assim dizer, escolhido pelos deuses. Isso é revelado em uma instrução secreta ministrada por Crowley a membros do Soberano Santuário, O.T.O.:

A escolha de uma assistente parece tão importante que talvez deva ser deixada ao capricho; isto é, à atração subconsciente.

Em relação à escolha de alguém para servir esse Sacramento, o homem tem a mente tão confusa e é tão facilmente enganável a este respeito, que não nos parece pouco razoável permitir uma entrega total ao Capricho do Momento. Pois este dito capricho talvez seja, na verdade, a Voz do Subconsciente; isto é, é a escolha deliberada do Falo Sagrado em si. “O Falo é a base fisiológica da Superalma.” E é exatamente por esse motivo que muitos homens são desviados de seus caminhos ...

Mas permita que a Vontade consciente se dedique por completo à Grande Obra, e então a Vontade Subconsciente escolherá, inevitavelmente, o Veículo Determinado para a Obra.

Além de tudo isso, no entanto, o Diário Mágico de Crowley²³ parece indicar que ele não se esforçava em garantir que suas assistentes possuíssem todos os requisitos de uma Mulher Escarlate.

22 Em uma carta a J. W. Parsons, que operava uma Loja da O.T.O. em 1945, Crowley escreveu: “não há problemas em iniciar a amante de alguém, mas reverter o processo é seriamente proibido”.

23 Vide, em particular, o período americano.

Sem dúvida é verdade que as qualificações particulares necessárias para esse ofício têm pouco a ver com o status moral das mulheres usadas nos ritos. Prostitutas, não menos do que mulheres “respeitáveis”, podem possuir a competência necessária. O teste definitivo de adequação é a pureza da paixão levada ao rito, tanto pelo sacerdote quanto pela sacerdotisa. No entanto, há ainda “alguma coisa” indefinível até mesmo acima disso, e sobre esse aspecto do problema os Iniciados orientais eram prolixos. Seus escritos, como os dos Alquimistas medievais, eram cobertos de cifras misteriosas, impenetráveis a todos exceto os Iniciados.

Entretanto, uma coisa é certa: o lótus, ou flúente, da fêmea humana supre os elixires vitais buscados pelos Alquimistas e Adeptos do passado.

No meio da enxurrada de escritos arcanos publicados, há um – e apenas um que eu conheço – que contém um comentário iniciado de “sentido interior” que aproxima a genuína interpretação do *Vama Marg* desse *chakra*. É o *Karpuradistotra* dos Tântricos Kaula, traduzido por Sir John Woodroffe como *Hymn to Kali*.²⁴ Nele, o *Mahachakra*, que é o foco do rito místico, é a mandala ou yoni da Própria Kali; uma aproximação, por assim dizer, da *trikona* (triângulo invertido) que representa a Deusa Suprema. O *stotra* é uma litania de louvor que contém o segredo da adoração de Kaula.

24 [N.T.: *Hino a Kali*] Essa obra, publicada por Ganesh & Co. (Madras, 1953), contém os comentários inestimáveis de Vimalanandaswami.

Zona da Serpente de Fogo

Há diversos métodos, místicos e mágicos, de despertar o Poder da Serpente ou *Kundalini Shakti*. Eles podem ser estudados nos Tantras e nos vários livros sobre yoga. Aqui trataremos de uma técnica envolvendo a Vontade e a Imaginação dinamizadas por energia psicosexual.

O processo é mais facilmente realizado pela fêmea do que pelo macho, pela simples razão de que para ela o Poder da Serpente ou Serpente de Fogo pode ser mais facilmente imaginado em forma fálica. A sacerdotisa visualiza a imagem na zona sexual (*Muladhara Chakra*) e se inflama até o orgasmo por força da imaginação controlada, ou “amor sob vontade”. Antes do orgasmo ser atingido, ela deve mover a imagem pelo poder de sua mente e transferi-la para o centro da Vontade, o *Ajna Chakra*, representado pelo terceiro olho na região cerebral. Se ela for altamente habilidosa, terá transferido o poder primordial para esse centro em um estágio anterior do rito; se não, ela deve proceder com essa transferência imediatamente antes que o orgasmo ocorra, mantendo em mente o filho mágico ou vontade-botão¹ até que ocorra a consumação.

Com o praticante macho, o processo é mais complicado, e é recomendável seguir as linhas definidas no *Liber HHH*, seção

1 N.T.: Vontade-botão é originalmente *Bud-will* – um termo sem tradução exata na língua portuguesa.

SSS.² Nesse sistema, a Kundalini deve ser identificada com Hadit, e o cérebro ou centro cerebral com Nuit. Uma vez que Hadit tenha sido desperto, ele força seu caminho coluna espinal acima e, ao fazer isso, seu progresso é marcado por visões e pela aquisição de poderes até então latentes, desde que os *chakras* intervenientes tenham sido adequadamente selados.

Se o despertar da Serpente de Fogo for prematuro, ou seja, se o poder primordial subir antes que tudo esteja equilibrado, uma descarga ocorre em algum estágio inadequadamente selado da subida; o poder é defletido ou toma um rumo errado, resultando em obsessão. Isso ocorre, no entanto, apenas quando a Kundalini é realmente, isto é, fisicamente estimulada. É, portanto, mais seguro para o operador realizar estas práticas mentalmente ou astralmente, para que o Poder, embora desperto, permaneça no *Muladhara Chakra*. Há menos perigo de problemas ao longo do caminho da *sushumna* (coluna espinal).

A mente (o *Ajna Chakra*) é o undécimo sentido; é “o nome dado ao pensamento gerado. Pensamentos brotam de uma região em particular do cérebro chamada *Ajna*, ou Vontade”.³ Quando a Kundalini sobe para esse *chakra*, o operador “torna-se um Rei”.⁴ *Ajna* é o assento da vontade, e o Homem Rei do Culto Theriônico é aquele que funciona nesse nível e, por meio de seu fluxo de pensamentos magicamente imbuído, verdadeiramente cria novos mundos, novas condições. “Aqui está o objetivo da Kundalini, sobre a qual afirma-se que na região da glândula pineal (isto é, *Ajna*), quando a atenção encontra esse ponto, todo o mundo parece iluminado, incendiado ... Onde quer que haja alegria no homem, a Kundalini encontra-se na região pineal.”⁵ Como *AL* coloca: “Eles se regozijarão, nossos escolhidos: quem se lamenta

2 Vide *Magick*, de Aleister Crowley.

3 De um comentário inédito de um Adepto Kaula sobre um Texto Tântrico.

4 Ibid.

5 Ibid.

não é dos nossos”. Há muitas outras referências em *AL* a esse estado de realeza, essa condição régia da Vontade. Esse é, também, o motivo pelo qual está escrito: “Vós sois contra o povo, Ó meus escolhidos!”, pois, em um sentido místico, “o povo” representa a massa dos pensamentos, os fragmentos desconexos da consciência que obstruem a obtenção da Unidade.

Adeptos do Caminho Kaula, ou seja, aqueles que usam os *kalas*, as vibrações ou essências vaginais, invocam a Deusa na região do *Muladhara Chakra*, a zona cujo portão exterior é o órgão genital feminino.

O grande *Hino a Kali, Karpuradistotra*, fornece o *yantra* da Deusa, o glifo linear desse supremo talismã que a Deusa consagra por sua presença (vide Lâmina 6). O triângulo invertido (*yoni*) representado no centro é cercado de quatro triângulos invertidos; cinco ao todo. Essas cinco *trikonas* – uma forma de pentagrama – representam A Deusa Quinze.⁶ Os 3 x 5 degraus ou graus simbolizam os 15 estágios da lua nova à cheia. A semente invisível (*bindu*) no coração da *yoni* central representa o décimo sexto *Kala*. Esse é o Elixir da Vida Eterna que se manifesta na alta sacerdotisa no clímax do rito sagrado. É aqui que a Deusa manifesta sua luz, quando a Serpente de Fogo alcançou união com Pã no céu noturno iluminado com as estrelas (*kalas*) de Nuit. Assim, a Deusa alcança Hadit.⁷

A Deusa Quinze, representada pelos cinco triângulos, está contida em um anel triplo, representando os três estados de consciência – despertar, sonho e sono. Do tríplice anel irradiam-se oito pétalas de flor de lótus, o símbolo fluente⁸ do poder de manifestação da Deusa; a essência geradora da *yoni*. As oito pétalas

6 Ela representa o período do meio do caminho, ou seja, a lua cheia no cômputo lunar, e era adorada com esse nome na antiga Acácia.

7 Cf. *AL*, III, 45.

8 N.T.: Vide nota 18, Capítulo 2, *Supra*.

indicam as oito direções do Espaço: Leste, Sul, Oeste, Norte, Sudeste, Sudoeste, Nordeste e Noroeste.

Os “conceitos de transitoriedade”⁹ indicados pelas últimas quatro direções desempenham um papel importante nos mistérios africanos, onde são interpretados em termos tântricos como as batidas arrítmicas dos tambores rituais; uma expressão mântica desse grande yantra.

Os triângulos invertidos, os círculos e pétalas, cada um simbolizando diversas fases do ciclo lunar feminino, estão rodeados por um grande triângulo invertido que representa o órgão sexual da sacerdotisa. Este está circundado por uma fortaleza que consiste de quatro pilones, os quatro portais para o espaço exterior.¹⁰ O yantra da deusa, Kalika, resume toda a doutrina do *Vama Marg* ou Caminho da Mão Esquerda.

Duas das dezesseis vibrações vaginais emitidas pela corporificação terrena da deusa são, até então, desconhecidas para a ciência profana. Iniciados orientais as têm usado desde tempos imemoriais. Elas não podem ser localizadas e analisadas por métodos da ciência objetiva, assim como a mente não pode ser descoberta por cirurgia cerebral. Essas emanções misteriosas, de tão vital importância para o Adepto, existem potencialmente apenas no organismo humano não regenerado, assim como os *satchakras*. A deusa precisa ser invocada muito definitivamente, muito precisamente. A mística de sua invocação é abordada nos Tantras do *Vama Marg*, e, até onde eu sei, em apenas dois grimórios ou manuais de procedimentos mágicos ocidentais – *Liber AL vel Legis* e *Wisdom of S'iba*¹¹ (vide Grant, *Outer Gateways*).¹²

9 A expressão é de Austin Spare.

10 Cf. *AL*, I, 11.

11 N.T.: *Sabedoria de S'iba*.

12 N.T.: *Portais Para o Ulterior*.

Crowley incorporou aspectos vitais do *Vama Marg* na tradição mágica ocidental. Essa foi uma de suas maiores contribuições para a ciência oculta. Esse caminho é equivalente a, e talvez o único exemplo restante do Culto Draconiano muito anterior, já considerado antigo pelos egípcios da XXVIª Dinastia, quando Crowley – em seu avatar de Ankh-af-na-Khonsu – tentou sem sucesso revivê-lo. Como O Mestre Therion, ele tentou novamente. Somente o tempo dirá se seus esforços lograram êxito.

Aproximadamente à mesma época das pesquisas de Crowley, dois outros Adeptos buscavam caminhos aparentemente distintos, mas definitivamente convergentes: Austin Osman Spare e Dion Fortune, ambos os quais fizeram contribuições valiosas para o atual renascer da magia.

Fortune, em particular, chamou atenção para a interação existente entre o sistema endócrino e o complexo ramificado de nervos e *nadis* na anatomia oculta do homem. Spare, em virtude de sua iniciação nos Mistérios Sabáticos, foi capaz de explicar a inter-relação das forças sexuais polarizadas em níveis de alto emocionalismo.

O ponto que precisa ser enfatizado é que a sacerdotisa ou rainha bruxa é “eternamente virgem para Pã”. Essa frase, que é altamente técnica, traz uma carga para os iniciados, sendo quase impossível de se explicar àqueles que não pararam de interpretar o sexo em níveis meramente pessoais e humanos. Séculos de condicionamento errôneo engendraram noções errôneas. Crowley, ao que parece, fracassou em obter o elixir definitivo porque era, a despeito de si mesmo, profundamente maculado com conceitos fundamentalmente errados, oriundos do Cristianismo. Consequentemente, ele identificou o *bindu* com a semente masculina, e o confundiu com o catalisador que faz a “virgem” brilhar e emanar o *Kala* Supremo, o *amrit* ou néctar que contém em sua fragrância a essência definitiva, o elixir da vida.

O termo *virgem*, conforme usado por Iniciados orientais e ocidentais, denota a mulher sem filhos; isto é, sem filhos num sentido físico, pois a virgem mágica está longe de não ter filhos nos planos sutis.

Thomas Lake Harris¹³ e seus seguidores tiveram um vislumbre da fórmula verdadeira. Sua técnica de Karezza era uma tentativa bruta de aproximar a abordagem mais profunda do Iniciado Tântrico que gerava “filhos” em virgens sem intervenção física. O tema é virtualmente impossível de comunicar àqueles que continuam a interpretar o sexo em termos de interpenetração física, sendo as crias resultantes igualmente físicas. Mas a polaridade sexual, no seu sentido mais profundo e mágico, não envolve a concepção física, gestação e nascimento. Crowley tinha ciência da possibilidade de abrir os portais espaciais e de admitir uma Corrente extraterrestre na onda vital humana¹⁴. Em *Moonchild*, a encarnação foi efetivada pela fórmula sexual normal, e através dela; e embora o impacto total do advento do filho da lua não seja descrito, o leitor fica com a impressão de que, qualquer que tenha sido, foi alguma forma de monstro em forma humana, dotado de poderes super-humanos. Mas nenhuma entidade encarnanda através dos canais sexuais normais, nenhuma intrusão física de outra dimensão no território da humanidade poderia de forma alguma exercer poder em qualquer sentido que não seja terreno. O motivo disso é o fato de o “poder” ter sido aterrado ou encarnado. Isso lembra o caso recente de um Adepto que tentou usar um veículo que, por puro terror do que se encontra além dos pilones espaciais, veementemente negou seu Mestre e foi prematuramente arrancado da existência. Me refiro a Howard P. Lovecraft, cujas experiências ocultas, disfarçadas de ficção, adumbram vi-

13 1823-1906. Fundador de um grupo oculto que usava sexo num sentido mágico. É interessante reparar que um de seus discípulos foi o Dr. Edward Berridge, sobre o qual Crowley escreveu em *Moonchild* [N.T.: *Filho da Lua*], sob o nome de Balloch.

14 Vide *Liber LXXXI, Moonchild*, de Aleister Crowley (Sphere Books, 1972).

vidamente as temíveis possibilidades às quais Crowley somente alude, vagamente, em *Moonchild*. Lovecraft contava com Arthur Machen e Algernon Blackwood entre seus pares. Isso, por si só, é uma admissão de contato com dimensões fora daquelas que Lovecraft aceitava como cientificamente permissíveis, pois tanto Machen quando Blackwood foram em algum momento membros da Aurora Dourada. O primeiro foi amigo próximo de Arthur Waite, cujas efusões são conhecidas demais para precisarem de comentários. Lovecraft deplorava o estilo de Machen, então não era uma influência literária que ele reconhecia. O que ele realmente reconhecia era uma influência mágica que fluía, através da Aurora Dourada e MacGregor Mathers, diretamente da Tradição Draconiana, que em todas as suas manifestações externas Lovecraft negava e rejeitava categoricamente. Mas – leia sua poesia! Lá ele não é capaz de esconder, como faz consistentemente em suas cartas, a verdadeira fonte de suas visões, da intrusão de forças completamente de acordo com os arquétipos, símbolos – chame como quiser – que Crowley restaurou ao entrar em contato com uma entidade transmudana de poder supremo. Me refiro a Aiwass. Se o leitor consultar as páginas 122 e 123 de *O Renascer da Magia* (edição de 2015), entenderá o quão próxima é a comparação com Lovecraft. No entanto, além de uma breve referência na página 120 do Volume V de suas *Cartas Seleccionadas*,¹⁵ em lugar algum de seus escritos, publicados e inéditos, incluindo suas numerosas cartas, Lovecraft deu qualquer indicação de ter lido ou ouvido falar de Aleister Crowley.

A qualidade do mal com o qual Lovecraft investe os tipos de seu Culto de Cthulhu e outros mitos é o resultado de uma distorção na lente subjetiva de sua própria consciência, e eu já demonstrei¹⁶ como essas imagens emergem quando não são excessivamente

15 *Selected Letters of H. P. Lovecraft* [N.T.: *Cartas Seleccionadas de H. P. Lovecraft*], Vols. I-V, publicadas pela Arkham House, Sauk City, Wisconsin, E.U.A.

16 *O Renascer da Magia* (edição de 2015), pp. 122-123.

deformadas, aproximando-se por vezes a ponto de serem realmente idênticas aos tipos do culto de Crowley a Shaitan-Aiwass e em *O Livro da Lei*. Os parasitas literários de Lovecraft estão interessados em reforçar a falácia na qual ele mesmo deu o pontapé inicial, pois desejam, indubitavelmente, preservar a ilusão de originalidade que conferem a ele. Para sua visão limitada, ao que parece, Lovecraft mantém sua posição única apenas ao custo de arrancar violentamente sua realização inegavelmente admirável de seu verdadeiro contexto. Isso é tolo e míope, pois a realização de Lovecraft não é diminuída, e sim grandemente ampliada, se vista do ângulo correto, pois é uma tradição oculta – e Lovecraft deu a ela expressão persistente através de seus escritos – que algum Poder transfinito e super-humano está reunindo suas forças com a intenção de invadir e tomar posse deste planeta.

Em seu preâmbulo a *The Paris Working*,¹⁷ Crowley escreve a respeito de uma operação mágica específica: “Essa invocação produziu uma mensagem de Júpiter, em Enoquiano, com o sentido de que os deuses desejavam recuperar seu domínio sobre a Terra, e que os dois irmãos, O.S.V. e L.T.,¹⁸ eram como ‘flechas de fogo’ disparadas por eles, os deuses, em sua guerra contra os ‘deuses escravos’”.

Isso lembra as indicações obscuras de Charles Fort sobre uma sociedade secreta na terra, já em contato com seres cósmicos, e, talvez, preparando o caminho para seu advento.¹⁹ Compare o seguinte verso de *AL*: “Que meus servidores sejam poucos & secretos: eles regerão os muitos & os conhecidos”. A Corrente 93 é destrutiva somente para a direção errada que a humanidade tomou. Ela busca corrigir isso, e é poderosa ao fazê-lo. Talvez

17 N.T.: *A Operação de Paris*.

18 *Ol Sonuf Vaoresagi* (Crowley) e *Lampada Tradam* (Victor Neuburg).

19 “... algum outro mundo não está tentando, mas está realmente, há séculos, comunicando-se com uma seita, talvez, ou uma sociedade secreta, ou certos esotéricos entre os habitantes dessa terra” (Charles Fort, *O Livro dos Danados* [N.T.: *The Book of the Damned*], Hemus, 2002, Capítulo 10).

Aiwass esteja preparando o caminho para uma tomada de poder Daqueles de fora, através de uma fórmula de purificação pelo Fogo.

Crowley insistia que *AL* causará a total destruição da civilização como a conhecemos. A passagem acima de *A Operação de Paris* foi escrita em janeiro de 1914. A guerra que se seguiu foi o primeiro passo rumo à quebra dos valores que dominaram a humanidade pelos aeons passados.

Lovecraft não foi o primeiro a colorir suas visões com uma aura de pavor inominável, nem foi o primeiro a usar a ficção como um meio para expressá-las. Tanto Maçhen quanto Blackwood antecederam-no, e se o foco da hostilidade além da terra foi o inferno ou as *qliphoth*, e não outro planeta ou estrela, isso não expressa menos a ameaça da invasão de forças alienígenas à atual onda vital evolucionária. Crowley afasta a aura de mal com a qual esses autores investem o fato; ele prefere interpretá-la em linhas Thelêmicas, não como um ataque à consciência humana por uma entidade extraterrestre e alienígena²⁰, e sim como uma expansão da consciência de dentro para fora, abraçando outras estrelas e absorvendo suas energias em um sistema que é dessa forma enriquecido e tornado verdadeiramente cósmico por esse processo. Tal atitude é possível apenas para aquele que atravessou o Abismo e dissolveu a ilusão do egocentrismo, ou existência individual separada.

20 A respeito deste conceito de Deus Alienígena, vide *The Gnostic Religion: The message of the alien God and the beginnings of Christianity* [N.T.: *A Religião Gnóstica: A mensagem do Deus alienígena e o princípio do Cristianismo*], de Hans Jonas (Beacon Press, Boston, E.U.A., 1970). Jonas, no entanto, representa a posição Gnóstica erroneamente, ao colocá-la como um genômeno pós-cristão; sua inversão da cronologia verdadeira é lamentável.

Lovecraft, como evidenciado por sua poesia,²¹ andou para trás bem na beira do Abismo.²² Incapaz de resolver seus conflitos internos, foi assombrado pelas sombras dos poderes cuja existência negou vigorosamente em suas cartas. Estas revelam, infelizmente, um intolerante racista e xenófobo, um racionalista irracional e um materialista autocontraditório, tentando inutilmente, mas com todas as forças, escapar da teia das ilusões criadas por ele mesmo, as quais ele desesperadamente se esforçava em nutrir em outras mentes – não sem uma dose de sucesso, considerando os comentários daqueles que clamam ter compreendido tanto o homem quanto sua obra. Tal compreensão é, obviamente, impossível para aqueles que não obtiveram a Esfera de Binah (Compreensão) com todas as suas implicações, sendo a principal o Ordálio do Abismo, que o próprio Lovecraft fracassou em transcender.

É fato conhecido que poucos artistas, mesmo entre os grandes, sejam capazes de entender por completo a verdadeira natureza e o valor de sua melhor obra. O motivo para isso não é tão conhecido. É porque o artista não é responsável por sua obra. O grau de sua realização é diretamente proporcional ao grau de sua *ausência* quando a obra é realizada. Ausência perfeita de ilusão (ou seja, o ego) implica a perfeita presença da Verdade (o estado sem ego), e tal estado só se faz possível quando a Tríade Superna²³ se manifesta ativamente por intermédio do homem. Essa Tríade é a expressão mais atenuada do anel triplo circundando a Deusa Quinze no yantra de Kali. Eu interpretei esse yantra de acor-

21 Vide, em particular, “Nêmesis” [N.T.: *Nemesis*], “The Rutted Road” [N.T.: *A Estrada Esburacada*], “The City” [N.T.: *A Cidade*] (*Collected Poems* [N.T.: *Poemas Seleccionados*]).

22 Crowley acreditava que uma revulsão similar se deu no caso de Frater D.D.S. (George Cecil Jones). Vide *The Confessions*.

23 A Tríade Superna é a Corrente 93. É composta de Kether (Deus, *AL*, 31) refletido como Chokmah (Sabedoria, *LA*, 31), que por sua vez é refletida em Binah (Compreensão, *LA*, 31). Frater Aêhad é responsável por essa fórmula, que desempenha um papel importante em seu sistema mágico altamente pessoal.

do com minha compreensão da doutrina *Vama*. A invocação da Deusa é, portanto, uma invocação direta de poder cósmico, e a remoção do selo das Oito Direções,²⁴ com a conseqüente e reverberante abertura dos Quatro Grandes Portões do Espaço Exterior, através dos quais o poder flui para dentro. Esse poder que, como diz o poeta, “é interiorizante e impregnado de morte”; morte, isto é, da existência individual limitada focada no ego e pelo ego. Lovecraft enfatizava os espaços entre. O conceito formulou a si mesmo nos Mistérios do Vodou, com sua ênfase nas batidas arrítmicas peculiares dos ritos Petro. *AL* (I, 52) alerta o magista a se precaver quanto a essas “demarcações”.²⁵

A Mulher Escarlate, representando Nuit, é o portal para o Vazio. Ela é a corporificação mágica daquela deusa estelar cujo símbolo metafísico é o Espaço Infinito, representado como o céu noturno estrelado. Ela é a “yoni coberta de flores” imaginada no *Hino a Kali*, pois as estrelas de Nuit e as flores da núbil deusa virgem são idênticas. Babalon – literalmente o Portal do Sol ou energia fálico-solar – é, portanto, a fórmula terrestre de Nuit, e sua vulva é o pilone através do qual as forças cósmicas manifestam-se quando os selos mágicos (*mudras*) se abrem.

O simbolismo de Set, ou Sothis, como o abridor do ano ou ciclo periódico, é um glifo cognato. É na forma-deus de Set que o Magus absorve o fogo estelar emitido por Nuit. LASH TAL,²⁶ ou Nuit-Set-Hórus, é, portanto, a fórmula completa da mágica de polaridade sexual conforme praticada por Crowley no culto de Shaitan-Aiwass, embora percebamos posteriormente como ele interpretava erroneamente alguns dos simbolismos, e, portanto, aplicava indevidamente algumas das antigas chaves.

24 Isso é, do espaço.

25 N.T.: De acordo com o texto original de *AL*, *space-marks*, que pode ser traduzido como *marcas espaciais* – uma interpretação pertinente dentro do contexto.

26 Vide *Magick*, pp. 415, 416; e também o Glossário.

A semente secreta das estrelas é absorvida oralmente pelo magista depois de ter sido evocada no çakra. Nos ritos Kaula, isso se obtém sem penetração ou contato físico da parte do sacerdote, e as fragrâncias são capturadas em uma folha de *bhurja*²⁷ especialmente preparada para recebê-las. Esse é o motivo pelo qual a sacerdotisa adota a postura (*mudra*) de Nuit arqueada sobre o celebrante chefe. No Culto de Crowley – conforme mostrado na *Estela da Revelação* – esse papel é desempenhado por Ankh-af-na-Khonsu, “o sacerdote-príncipe, a besta”.

Em oposição à prática Kaula, Crowley penetrava sexualmente a Mulher Escarlate e evocava a manifestação física dos *kalas*. Os Tântricos, em geral, não aplicavam esse método, sendo que algumas seitas até mesmo o consideravam abominável. Contato físico de qualquer espécie entre sacerdote e sacerdotisa era proibido.

O ocultista alemão Eugen Grosche (Frater Gregorius)²⁸ usava uma fórmula análoga na qual não ocorria ato sexual algum. Grosche direcionava as correntes de *ojas* ao longo do corpo da sacerdotisa por meio de passes magnéticos feitos manualmente sobre os *marmas* ou *sandhis*, conforme necessário em diversas etapas do rito. É questionável se ele obteve ou não comunicação com entidades extraterrestres, embora ele pareça ter usado fórmulas psicosssexuais similares àquelas empregadas pelos Tântricos.

Crowley, com toda sua violação do código Tântrico, obteve tal comunicação, como mostra seu Diário Mágico. Não somente ocorriam, de fato, penetração e orgasmos, como ele também praticava *cunnilingus* com o objetivo de absorver o elixir. E, mais importante de tudo, ele considerava que a substância física, o mênstruo do elixir, era formada dos fluidos sexuais masculinos e femininos combinados. Ele referia-se a eles em termos Alquímicos como o “sangue do leão” e o “glúten da águia”. Mas, como ele também foi reconhecendo a eficácia do que ele chamava

27 N.T.: *bétula*, em sânscrito.

28 Chefe da Loja Fraternitas Saturni até sua morte em 1964.

de Caminho Secreto²⁹ – que dispensa por inteiro o uso físico e até mesmo a presença física de assistentes – é evidente que o mênstruo era de importância secundária, sendo o principal a qualidade e o poder da Vontade que cria a corrente de energia no momento de sua transformação.

De acordo com o *Vama Marg*, os Adeptos Tântricos consideram essenciais as secreções femininas emitidas em um estado de transe magicamente induzido. Essas, dizem eles, constituem a verdadeira base do Elixir da Vida. Para esses Adeptos, portanto, a potência sexual do falo não teria significado em um contexto místico, sendo este considerado apenas um estimulante para a fêmea no processo comum de inseminação e reprodução.

Os Tantras em si encontram analogia nos ritos muito mais antigos dos africanos, descritos por Gerald Massey, nos quais a serpente era usada para induzir transe:

A África é o lar primordial da sabedoria da serpente, e a serpente era lá usada para produzir condições anormais em Sensitivos. Os africanos contam sobre mulheres sendo possuídas e enlouquecendo pelo contato com a serpente. Isto é, o réptil, pelo fascínio de seu olhar, temor de seu toque e uso de sua língua, colocava médiuns em um estado de transe chamado de estupor da serpente, no qual eles viam clarividemente, divinavam e profetizavam, tornando-se divinamente inspirados, da forma que os fenômenos eram interpretados. Diz-se que Cassandra e Heleno foram preparados para enxergar o futuro por Serpentes que limpavam as passagens de seus sentidos ao lambê-los! Dessa forma, os Sensitivos eram testados e ficavam frenéticos; assim a serpente escolhia seu oráculo e porta-voz, tornando-se a reveladora de conhecimentos preternaturais. O estupor causado pelo feitiço da serpente criava uma espécie de comoção religiosa, e os efeitos extraordinários produzidos sobre os médiuns eram atribuídos aos poderes sobrenaturais da serpente! Aquelas que se percebia serem fortemente afetadas por ela eram escolhidas para serem mulheres Fetiçe, sacerdotisas e pitonisas. Esse culto Obeah ainda sobrevive em toda parte para onde a raça negra

29 Vide *The Magical Record of the Beast 666*, p. 151.

migrou, e a raiz da questão, que muitos viajantes achavam tão difícil de compreender, é finalmente desenterrada, como um tipo primitivíssimo de Espiritualismo, no qual a serpente desempenhava a função do mesmerista ou magnetizador dos sonâmbulos naturais.³⁰

A língua da serpente é conhecida como um órgão de toque muito peculiar. Ela era empregada pelos Mistérios Mesméricos, como os da Samotrácia, onde Olímpia era uma dessas Ofitas inspiradas; que adorava

“flertar com o verme cristado,

Acariciar seu pescoço azul, e receber

A suave homenagem de sua língua pontuda

Usada ocasionalmente para produzir êxtase e transe.”

O autor de *Tsuni-Goam* se refere a uma cobra chamada pelos hotentotes de Ganin-Gub, da qual diz-se que “possui genitais e tenta se conectar com as mulheres *enquanto elas dormem*”.³¹

Essas pitonisas eram a Mulher Escarlate da feitiçaria africana; seu sono era o sono magnético ou transe induzido pelo “fascínio”³² da cobra. Em transe pelo contato com a língua tremulante da serpente, as mulheres murmuravam oráculos, comunicavam-se com espíritos dos mortos, elementais, demônios cósmicos e – se fossem Iniciadas de uma ordem elevada – com entidades cósmicas existentes fora do espaço e do tempo. Alfred Métraux, citando Moreau de Saint-Méry, revela a técnica:

Encontros de Vodou ocorrem secretamente, à noite, em “um lugar enclausurado, protegido dos olhos do profano”. O sacerdote e a sacerdotisa assumem suas posições próximos de um altar contendo uma cobra em uma jaula. Depois de várias cerimônias e uma longa petição a “o rei e a rainha do Vodou”, todos os ini-

30 Gerald Massey, em uma palestra intitulada *Man in search of his Soul during 50,000 years and how he found it* [N.T.: *O Homem em busca de sua Alma por 50.000 anos e como e ele a encontrou*] (The Pioneer Press, Londres, 1921).

31 Hahn, *Tsuni-Goam*, p. 81.

32 Do latim *fascinum*, que significa “um feitiço”. Como Crowley observa: “A palavra é uma das muitas que significam o Falo” (*Magick Without Tears*, Capítulo 10).

ciados aproximam-se, em ordem de senioridade, e suplicam ao Vodou, dizendo a ele o que eles mais desejam. A “rainha” dirige-se à caixa onde encontra-se a cobra e – “Pitonisa moderna – ela é penetrada pelo deus; se retorce; seu corpo inteiro se convulsiona e o oráculo fala por sua boca”. A cobra é então colocada de volta no altar, e todos levam suas oferendas.³³

As práticas de Crowley são, até um certo ponto, corroboradas e confirmadas por esses primitivos expoentes da mágica sexual. Sendo o falo e a serpente símbolos cognatos, são intercambiáveis; a carícia magnética de ambos se mostrou poderosa para adentrar objetos de suas atenções.

Poder-se-ia argumentar que o método de contato físico, não menos do que o do *noli me tangere*,³⁴ é igualmente eficaz em produzir pelo menos um estado de transe. Mas isso não significa que seja capaz de produzir o Elixir Supremo, a emanção exclusiva da Mulher Escarlata em sua exaltação mágica definitiva celebrada nos Tantras mais elevados.

O praticante do *kalarvidya*³⁵ não enfrenta apenas o problema da parceira mágica adequada. É também preciso coletar e absorver as emanções secretadas pela sacerdotisa. Em primeiro lugar, para ser realmente eficiente, a parceira deveria ser de um grau de iniciação igual, se não superior, ao do sacerdote. Crowley considerava desaconselhável iniciar a mulher³⁶ além das operações de cunho mais materialista, como a aquisição de potência e atração

33 *Voodoo in Haiti* [N.T.: *Vodu no Haiti*], de Alfred Métraux (André Deutsch, 1959), p. 36.

34 N.E.: Latim, *não me toques*. Cf. *João* 20:16-18.

35 A ciência sutil dos *kalas*.

36 “Considerando cuidadosamente o todo, Nós opinamos que é melhor e mais fácil que a outra parte ignore a natureza sagrada do Ofício. É suficiente que a assistente seja sem sombra de dúvida criada pela Natureza para o trabalho físico, robusta, vigorosa, ansiosa, sensível, quente e saudável; tendo a carne, os nervos e o sangue tensos, rápidos e vivazes; facilmente inflamada e quase inapagável” (*De Arte Magica; Secundum ritum Gradus Nonae O.T.O.*).

sexual,³⁷ riqueza, saúde, etc., mas essa não é uma visão amplamente aceita. Na carta a John W. Parsons citada no Capítulo Dois, Crowley supostamente se referia a uma tradição oculta a qual ele não especifica, e que eu não fui capaz de descobrir. Dion Fortune, pelo contrário, talvez por ser ela mesma uma mulher, defendia a iniciação das mulheres; seus romances são baseados quase exclusivamente nesse tema; e Austin Spare, que era um Adepto, foi introduzido nos Mistérios por uma mulher.³⁸ Não parece haver motivo, portanto, de um ponto de vista mágico, para tal procedimento não ser adotado, e o fato de que os Tantras exaltam a deusa acima do deus é talvez o argumento mais forte a favor disso.

Aqui somos confrontados com um tema que toca em questões mais urgentes do que preferências doutrinárias. Me refiro ao antagonismo ancestral entre Shaivas e Shakteyas, entre adoradores do Deus e devotos da Deusa; mais diretamente, o conflito entre os *Lingacaras* e os *Yonicaras*. *AL* resolve esse problema ao exaltar o Filho, o produto dos dois. O condicionamento inicial de Crowley, no entanto, era tal que apesar de todos os seus esforços em promulgar o Filho (as essências combinadas), ele se inclinava fortemente ao lado Shaivita ou patriarcal, ao menos em sua abordagem pessoal ao problema.

De acordo com as mais antigas tradições, o mênstruo mágico da manifestação só pode ser encontrado nos *kalas* da Deusa, e a corrente formadora de energia mágica – a Vontade – pode ser aplicada efetivamente sem qualquer intervenção física da parte do sacerdote. O “filho”, ou produto das essências combinadas e *polarizadas*, pode, portanto, ser gerado em ambos os casos, mas a natureza desse filho variará de acordo. No sentido Tântrico, isto é, onde a Deusa é considerada suprema, o resultante, o filho, é

37 Vide *The Magical Record of The Beast 666*. Crowley frequentemente fazia da “potência e atração sexual” o objetivo de suas operações mágicas, para conseguir atrair uma parceira mais adequada!

38 Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo II.

místico; ele se manifesta em, e como, estados de consciência sem forma, que conduzem ao objetivo definitivo de Advaita.³⁹ Aqui, Kali é Nuit em sua forma mais pura, isso é, o Nada⁴⁰ (nada que possa ser concebido por pensamentos).

Compare *AL*, II, 23, onde Hadit – a Partícula da Consciência – exclama: “Eu sou só: não há nenhum Deus onde Eu estou”. Com a intervenção da Vontade, o desejo é trazido ao jogo, e o desejo pode culminar no estado de liberdade, ou ausência de desejo, somente depois de ter descarregado sua energia potencial na forma de sua própria imagem. Portanto, a “vontade-botão”⁴¹ projetada ou refletida no momento da descarga seminal é o reino da forma: *mágica*, em oposição a *mística*; clara ou perceptível, em oposição a escura e imperceptível.

Considerando qabalisticamente, a fórmula suprema de Nuit (Nada) é Kali=6r=Ain=Nada (Nuit ou Não).⁴² Essa é a equação mais elevada, mais transcendental que se pode projetar no reino da mente por simbolismo matemático-qabalístico. É evidente que a concepção Shaivita funciona em um outro nível completamente diferente. O filho, Ra-Hoor-Khuit, projeta a Luz Ilimitada (*ain soph aur*)⁴³ de Kali/Nuit como um *negrume* que, por sua aparente opacidade, aparece como Set, o Absorvedor da Luz. Set assume a forma das sombras lançadas pelo vórtice mágico criado pela interação entre Hadit e Nuit (ou Shiva e Shakti), cuja união explosiva tem uma radiância tão cegante que aparece como uma “escuridão espessa” e como uma “morte súbita”. A escuridão de Set é o útero

39 Não dualidade, literalmente Não Dois. Cf. a fórmula de Crowley de 0=2, explicada no *Livro de Thoth*.

40 N.T.: *Nothingness*.

41 Vide *Liber Aleph* (Crowley), Capítulos 86 e 88.

N.T.: *Vontade-botão* é originalmente *bud-will* – um termo sem tradução exata na língua portuguesa.

42 Em inglês, *not*.

43 Vide Diagrama, *Árvore da Vida*, p. 4.

da Deusa de onde aparenta emanar uma glamourosa teia na forma do Mundo Todo; nada menos do que a “Maya encantadora do mundo” que se revelou como a Mãe Suprema, Kali, nos êxtases de contemplação interior de Sri Ramakrishna. Esse também é aquele jogo de sombras, ou “leela”, comemorado no *mahāvākya*, que proclama a verdade definitiva: *Sarvam Khalvidam Brahma*.⁴⁴ Thakur Haranath, o Santo de Bengala Ocidental (1865-1927), se referia a esse jogo divino de consciência como o Esconde-Esconde que Krishna (Consciência Pura) brinca eternamente com sua consorte Radha, ela própria uma forma de Maya.⁴⁵

O Culto de Crowley da Criança envolve o aterramento da Corrente mágica. É unicamente nesse aspecto que Thelema pode ser considerado como um culto mágico, em oposição ao Culto Tântrico dos *kalas* no qual a Mulher Escarlate permanece eternamente virgem. Dessa forma, ela é a única fonte do Elixir supremo, a prostituta virgem dos céus que derrama sua luz estelar sem contato direto com o sacerdote ou qualquer outro membro homem do Círculo.

O objetivo de tais rituais é místico, o que significa que são direcionados a necessidades espirituais, cósmicas ou microcósmicas. A Mulher Escarlate no culto Theriônico abraça tanto a corrente de consciência mística, dirigida ao interior, quanto a mágica, dirigida ao exterior. Ao passo que o uso místico das mulheres opera no nível de *sushupti* (transe profundo), seu uso mágico opera no nível de *swapnic*, o nível dos sonhos, o nível no qual os arquétipos astrais podem ser modificados com o objetivo de influenciar fenômenos experimentados em *jagrat*, o estado desperto da consciência mundana.

44 “Tudo isso é verdadeiramente Brahma.”

45 A *shakti* ou poder de consciência que se manifesta como objetividade.

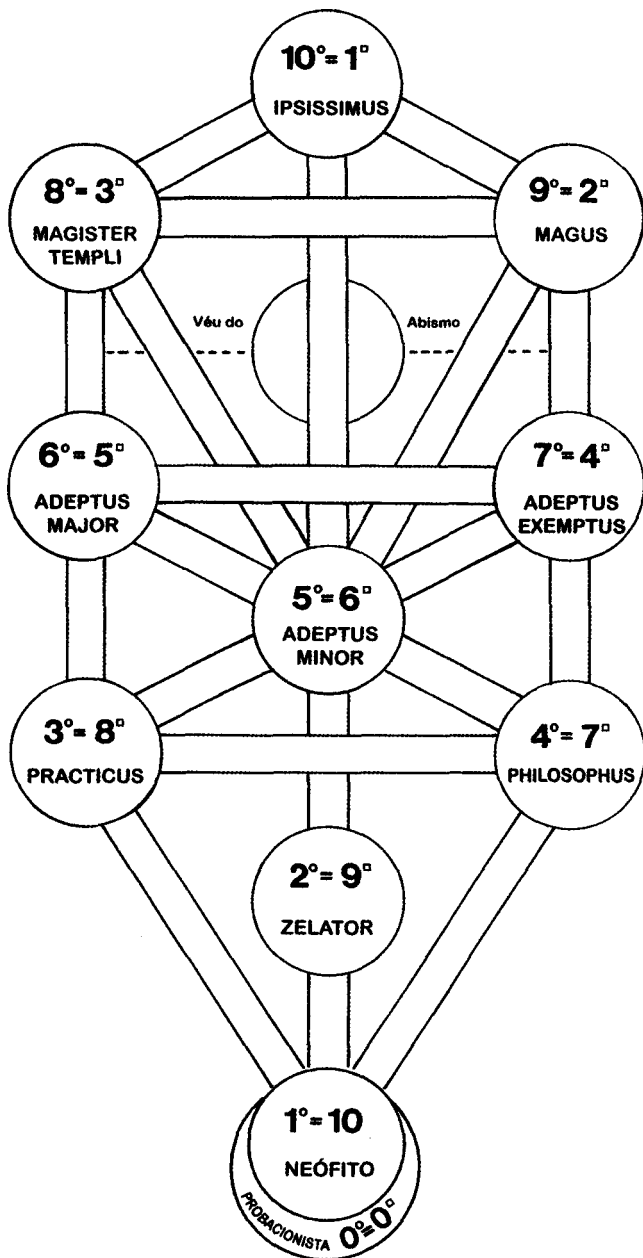


Diagrama 2. A Árvore Qabalística da Vida, mostrando o sistema de graus de acordo com a reorganização da A.:A.: feita por Crowley.

O Anjo e o Aeon

A *L* vem sendo comparado com um Tantra (vide Capítulo 1). Há um termo no Hinduísmo e no Budismo Mahayana com quase a mesma conotação da palavra *Qabalab* na Tradição Arcana Ocidental. Ambos os termos implicam uma tradição recebida, algo contínuo que se trança e entrelaça por todo o tecido da existência, às vezes visivelmente, às vezes invisivelmente. Tanto o sistema Tântrico quanto o qabalístico são olhados de soslaio pelos seguidores ortodoxos do Hinduísmo, Budismo e Judaísmo. Eles também são vistos com suspeitas por aqueles que falham em compreender a natureza sacramental de um ato que um complexo inato de culpa condena como sendo bestial e, portanto, degradante.

O estilo em que *AL* é escrito, o uso de cifras literárias e numéricas calculadas para esconder fórmulas para invocar as energias que o criam, são pontos significantes para comparação com uma grande parte dos Tantras. A intimidade peculiar existente entre divindade e escriba é outro ponto em comum.

Após ter comunicado *AL*, Aiwass se retirou para detrás do Véu do Abismo e não deu nenhuma nova mensagem ao mundo em geral. Mas ele continuou a lidar com Therion em particular, e inspirou a escrita de vários outros Livros Sagrados de Thelema,¹

1 Os Livros Sagrados de Thelema inspirados por Aiwass, como Adonai,

nos quais ele se identifica com Adonai. Adonai é normalmente traduzido como “o Senhor”, mas tem um sentido mais específico. Adonai, ou *Aidoneus*, é uma forma de Ad ou Had,² a forma Caldéia de Set, o Senhor do Inferno, do Abismo ou do Submundo; em termos psicológicos, o subconsciente.

Quando Crowley estava em contato sutil com Adonai, ele tornou-se Perdurabo, V.V.V.V.V., e Therion, e falava (ou escrevia) com a autoridade dos Chefes Secretos além do Véu.

V.V.V.V.V.³ foi o motto de Crowley como Mestre do Templo (8º=3º A.:A.:). Os cinco Vs são descritos⁴ como “cinco pegadas de um Camelo”, sendo o camelo o glifo totêmico do Caminho na Árvore da Vida relacionado à letra *Gimel*.⁵ Esse caminho atravessa o deserto de areia, o deserto que é o lar de Set, do Deus Oculto (Kether: o Sol atrás do Filho) – a trindade na unidade – além do Abismo. Ao Caminho de *Gimel* atribui-se o Atu II, a Sacerdotisa da Estrela de Prata. É apenas a sua luz que ilumina o Abismo definitivo. Seu símbolo é a flecha, que ela leva em seu quadril, e que a identifica com a Estrela Flecha, um dos nomes de Sothis (a Estrela de Set). V.V.V.V.V. são as pegadas de seu veículo, o camelo, que carrega o viajante ao longo do deserto de Set.⁶

Aleister Crowley e Frater Perdurabo representam, portanto, expressões completamente diferentes de uma identidade desco-

constituem aquelas que são conhecidas como as publicações da A.:A.: em Classe “A”. Há treze publicações exclusivamente Classe “A”, sendo *Liber AL* a mais relevante. Vide *Magick* (Apêndice I) para uma lista completa das publicações da A.:A.: em todas as classes – “A”, “B”, “C” e “D”.

2 Cf. Had-es.

3 *Vi Veri Vniuersum Vvius Vici*: “Pelo poder da Verdade, eu, em vida, conquistei o Universo”.

4 Vide *The Book of Lies* [N.T.: *O Livro das Mentiras*] (*Liber 333*), Capítulo 42.

5 *Gimel*, a terceira letra do alfabeto caldeu, significa “um camelo”. Como a “arca” do deserto, é sinônimo da fórmula feminina de preservação e de “carregar”.

6 Os cinco Vs, dispostos de uma certa maneira, formam os ângulos do Pentagrama ou Estrela de Cinco Pontas.

nhecida e incognoscível, que encontra sua apoteose em V.V.V.V.V. Crowley certa vez disse a Frater Per Ardua:⁷

Se eu lhe disser que V.V.V.V.V. é um certo Sr. Smith e vive em Clapham, você irá imediatamente sair por aí dizendo a todos que V.V.V.V.V. é um Sr. Smith de Clapham, o que não é verdade. V.V.V.V.V. é a própria Luz no Mundo, o único Mediador entre Deus e Homem; e em seu atual estado mental (o de um graveto cagado) você é incapaz de ver que as duas afirmações podem ser idênticas para os Irmãos da A.:A.:!

Conforme previamente mencionado, Crowley assumiu a liderança da Aurora Dourada depois que Mathers perdeu contato com os Chefe Secretos dos quais esperava-se que fluísse uma nova Corrente de Conhecimento oculto. Membros dos Graus inferiores ascenderam individualmente até o topo da Segunda Ordem e lá permaneceram, incapazes de avançar por falta de orientação iniciada. Os ordálios tornaram-se formalidades vazias, como os da maçonaria moderna, e o congestionamento de membros nos Graus mais elevados mostrou-se uma fonte de embaraço para Mathers. Como um Adeptus Exemptus (7^o=4^o), ele não “atravessou o Abismo”. Deparado com esse ordálio crítico, ele se debateu e fracassou. Ele tentou destruir a Ordem ao afirmar que a inventou, como fez John Valentine Andrea, que clamou ter forjado o *Fama Fraternitatis* e o *Confessio Fraternitatis*, negando dessa forma a origem oculta dos rosa-cruzes.⁸

O elo que Crowley estabeleceu com Aiwass o capacitou a reabilitar a Aurora Dourada, e o contato trouxe consigo a nova Corrente que Mathers falhou em transmitir.

7 Capitão (que viria a tornar-se General de Brigada) John Frederick Charles Fuller, autor de “um ensaio crítico sobre as obras de Aleister Crowley” intitulado *The Star in the West* [N.T.: *Uma Estrela no Oeste*] (Walter Scott Publishing Co., Ltd., 1907).

8 Vide *Mysteries of the Rosie Cross* [N.T.: *Mistérios da Rosa Cruz*] (Anônimo), Londres, 1891, p. 7.

Para associar a Primeira e a Segunda Ordem com a Ordem Interna, a Ordem da Estrela de Prata, Crowley precisou passar por diversos ordálios e iniciações.

No momento da queda de Mathers (1904), Crowley detia o Grau de 6º=5ª (Adeptus Major). Ele tinha, portanto, alcançado uma compreensão do papel que desempenharia na Grande Obra, o de instruir aspirantes à obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião.

Em um Diário Mágico intitulado *João São João*,⁹ Perdurabo mostrou como uma pessoa vivendo em uma cidade movimentada poderia triunfar sobre seu ambiente e ter sucesso na Grande Obra. Ele ensinou que a obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião é a experiência espiritual básica, e essencial à descoberta da Verdadeira Vontade. A fórmula, ou Palavra, da Vontade é também o nome do Anjo, e é o segredo definitivo e inviolável de cada indivíduo.

O método que Crowley usou em sua própria obtenção derivou de um ritual sumério de idade incalculável, traduzido para o inglês na virada do século por C. W. Goodwin, sob o título de *Fragment of a Graeco-Egyptian Work upon Magic*.¹⁰ MacGregor Mathers o havia usado como uma “invocação preliminar” para *A Goetia do Rei Salomão*,¹¹ a qual ele traduziu por volta de 1899. Crowley o publicou em 1904 (e novamente em 1929) após ter restaurado o ritual e explicado os “nomes bárbaros de evocação”. Ele o descreveu como “a invocação mais potente que há”.

A etimologia do termo *goetia* é duvidosa, mas um de seus significados é “uivar”: “As longas sequências de palavras formidáveis

9 [N.T.: *John St. John*] *The Equinox*, Vol. I, No. 1 (Suplemento).

10 [N.T.: *Fragmento de Um Trabalho Greco-Egípcio sobre Magia*].

11 [N.T.: *Goetia of Solomon the King, The (tradução de Mathers)*].

que rugem e gemem ao longo de tantas conjurações têm um efeito real em exaltar a consciência do magista à altura correta".¹²

A função da Mágicka é libertar a consciência da escravidão da existência individual. Ela a permite fluir para a imensidão cósmica. O resultado é uma loucura divina, uma embriaguez dos sentidos que, não obstante, é perfeitamente controlada. A vontade mágica projeta a consciência em dimensões transmundanas e a ilumina com LVX, ou Luz da Gnose, o nome e a natureza do Anjo. O Anjo comunica seu nome, que é a fórmula da Verdadeira Vontade. Quando ele é ouvido e corretamente interpretado, o indivíduo torna-se ciente de sua órbita. Ele então conhece sua vontade e pode seguir em frente para cumpri-la, confiante de que seu daemon disponibilizará tudo que for necessário para sua encarnação adequada sobre a terra.

AL contém os feitiços supremos para aqueles que descobriram suas Verdadeiras Vontades e que, portanto, compreendem a natureza da Grande Obra. O Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião e o grau de sua assimilação pela psique humana tornam o progresso espiritual absolutamente possível. Crowley descreve, em *Liber LXXXI*,¹³ a relação entre o Anjo ou Gênio e sua corporificação humana:

A única analogia é a de um nobre pensador e seu secretário estúpido, desonesto e imoral. O ditado é anotado corretamente, e entregue ao mundo. A última pessoa a ser iluminada por ele é o próprio secretário! Esse, creio eu, é o caso com todos os gênios; só que em muitos casos o homem está em uma harmonia mais ou menos consciente com seu gênio, e se esforça eternamente em fazer de si mesmo um instrumento mais valioso para o toque de seu mestre. O homem dito inteligente, o homem de talento, desliga seu gênio ao colocar sua vontade consciente como uma entidade positiva. O verdadeiro homem de gênio subordina-se

¹² Vide *Magick*, Capítulo 9.

¹³ Ele o fez em 1921, em sua Abadia do Faze o *Que Tu Queres*, na Sicília. Tornou-se parte do *Liber Samekh* – *O Livro do Congresso com o Dæmon*. Vide *Magick*, pp. 355 et seq.

deliberadamente, reduz-se a um negativo, e permite que seu gênio faça com ele com queira ... Todos os nossos pequenos grandes homens, nossos poetas de um poema só, pintores de um quadro só, apenas falharam em se aperfeiçoarem como instrumentos. O Gênio que escreveu *O Velho Marinheiro* não é menos sublime do que aquele que escreveu *A Tempestade*. Mas Coleridge tinha certa incapacidade em captar e expressar os pensamentos de seu gênio – há algo mais desajeitado do que sua obra consciente? – ao passo que Shakespeare teve o traquejo de adquirir o conhecimento necessário à expressão de todas as harmonias concebíveis, e sua técnica era fluente o bastante para transcrever com facilidade. Assim, temos dois anjos iguais, um com um bom secretário e outro com um ruim.

Fazer a própria vontade, e nada mais, é cumprir a Lei que Aiwass comunicou através de *AL*. A Lei de Thelema permeia a AA, da qual a reabilitada Aurora Dourada foi, por algum tempo, a Ordem Externa. O candidato era conduzido, na Segunda Ordem, ao Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião, que conferia a competência mágica necessária à realização da Grande Obra.

A tarefa mágica de Crowley era produzir Adeptos e prepará-los para auxiliar a Ordem da Estrela de Prata (A.:A.:) em sua obra de estabelecer o Novo Aeon seguindo linhas Thelêmicas.

No outono de 1909, Crowley publicou um resumo desse aspecto da Obra em particular,¹⁴ estabelecendo fundamentos científicos para o estudo de fenômenos suprassensuais. Ele propôs uma série adequadamente controlada de experimentos projetados para despertar o gênio dentro de cada homem e de cada mulher; a fusão perfeita das energias solar e lunar em um organismo, representada Alquimicamente pelo andrógino, um glifo da Grande Obra.

O significado oculto de emblemas andróginos, tais como Zeus Arrhenothelus, Bacchus Diphues e Baphomet – que Crowley

14 Vide *The Equinox*, I, 2.

empregava como um símbolo de sua própria fórmula peculiar – traz uma relação direta com as estruturas psicossomáticas recentemente desenvolvidas que vemos emergindo na sociedade humana hoje. Louis de Broglie fez a seguinte observação pertinente:

Não devemos nunca esquecer o quão limitado nosso conhecimento sempre há de ser, e de que formas inesperadas ele pode vir a se desenvolver. Se nossa civilização humana resistir, a física do futuro daqui a alguns séculos pode muito bem ser tão diferente da física de hoje quanto esta é diferente da física de Aristóteles. A gama enormemente ampliada de conhecimentos aos quais todos devemos então ter acesso talvez possa nos capacitar a incorporar, em uma síntese geral na qual cada um terá seu próprio lugar, a totalidade dos fenômenos físicos e biológicos. Se o pensamento humano, *que a esse ponto pode ter tido seus poderes ampliados por alguma mutação genética*, puder um dia se elevar a essas alturas, perceberá então da perspectiva verdadeira algo sobre o qual nós, sem sombra de dúvida, não temos ideia alguma no momento, tal como a unidade dos fenômenos que distinguimos com a ajuda de adjetivos como “psicoquímico”, “biológico” ou até mesmo “psíquico”.

Essa passagem é citada em *O Despertar dos Mágicos*.¹⁵ Os autores adicionam o seguinte comentário pertinente: “E se essa mutação já ocorreu? Um dos maiores biólogos franceses, Morand, o inventor dos tranquilizantes, admite que mutantes apareceram ao longo de toda a história da humanidade”.

A incursão de influências extraterrestres na onda vital humana, inconsciente ou conscientemente atraída para o embrião individual, seria uma forma de encarnar tais mutantes. As operações mágicas intensas que Crowley realizou (em especial aquelas que ocorreram entre 1920 e 1924) poderiam produzir, e provavelmente chegaram a produzir, crianças estranhas e “celestiais”.¹⁶ Há uma importante alusão a essas operações em uma carta datada de 15

15 [N.T.: Publicado no Reino Unido como *The Dawn of Magic*, e nos demais países de língua inglesa como *The Morning of the Magicians*. Título original em francês: *Le Matin des Magiciens*.] Grifos meus.

16 N.T.: *unearthly*.

de Dezembro de 1952, de Marjorie Cameron¹⁷ para Jane Wolfe,¹⁸ na qual Cameron escreve: “Sete anos atrás, Jack¹⁹ começou uma operação à qual ele se referia como A Operação de Babalon – e isso pôs em movimento a segunda parte de uma grande força que foi dividida em três. Aleister Crowley começou a primeira, três anos antes de meu nascimento. Eu nunca o conheci, e mesmo assim seu desejo me fez nascer. Sua paternidade canta em minhas veias”.

Crowley considerava a marca bruta do egoísmo característica da geração de hoje como outra indicação da infusão elemental na onda vital da evolução humana.²⁰ É a característica do início do reino de Hórus Criança:

Ele comanda o período atual de 2.000 anos, começando em 1904. Seu governo se enraíza por toda parte. Observe por sua própria conta o declínio do senso de pecado, o crescimento da inocência e da irresponsabilidade, as estranhas modificações do instinto reprodutivo, com uma tendência a se tornar bissexual ou epiceno, a confiança infantil no progresso combinada com o medo desesperador da catástrofe, contra a qual estamos ainda meio relutantes em nos precavermos.

Ele considerava a democracia, o comunismo, o fascismo e crenças políticas similares como nascimentos prematuros e abortivos da Criança Coroada e Conquistadora, cujo Aeon ainda não está adequadamente em seu rumo.

Nuit, Hadit e Ra-Hoor-Khuit são os principais protagonistas desse Novo Aeon. Seus nomes terminam em *it*, um sufixo feminino que significa O Grande Poder Mágico (*ur bekaui*) que os

17 Marjorie Cameron dizia ser um avatar de Babalon, evocada por Parsons por meio de mágica Enoquiiana. Parsons foi, na época, o líder da Loja Agapé, o ramo californiano da O.T.O. (Para maiores detalhes, vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 9.)

18 Jane Wolfe, Soror Estai, conheceu Crowley na Abadia de Thelema em Cefalù, em 1920.

19 Jack Parsons (ou seja, John W. Parsons; Frater 210).

20 Vide *Liber Apotheosis*; a passagem relevante é citada em *O Renascer da Magia*, Capítulo 9.

sacerdotes egípcios representavam como uma coxa, anca ou rabo de uma fera, que denota o *kebu* mágico, identificado na antiguidade com a boca geradora que sussurrava a Palavra feita em Carne.

A sucessão dos aeons é representada como uma sequência definida de imagens que basicamente expressam uma fórmula biológica: Ísis (Mulher), Osíris (Homem) e Hórus (sua Criança). A Criança esconde dentro de si seu duplo obscuro, simbolizado por Set.

O Hórus-gavião, a alma solar-espiritual da Luz, representa o poder de transcender a terra. Sua sombra terrestre é simbolizada pelo dragão ou crocodilo, a fera que devora o deus solar enquanto ele afunda toda noite, e todo ano, além das águas do horizonte do Oeste.

O gavião de Hórus resume em um único símbolo os conceitos de altura e profundidade, Norte e Sul, feminino e masculino, céu e terra. A divisão quádrupla da terra, sobre a qual se baseia o símbolo da Cruz (ou Encruzilhada) Solar, representa o eixo metafísico Norte-Sul, ou Céu e Inferno (altura e profundidade), em interseção com o plano do horizonte, Leste e Oeste. Ao Leste atribuíam-se o Touro, ou Besta da Terra. Ao Oeste, o dragão da Morte e Escuridão, representado pela Mulher Escarlata (Escorpião). Assim, Norte (englobando Nuit e seu filho, Hórus) e Sul (Hadit, Set) eram representados na terra pelos locais do nascer e pôr do sol.

A Besta e Babalon representam o Equinócio Duplo; e a união de Besta e Babalon forma o andrógino Baphomet, Senhor do Duplo Horizonte, Aquele com a Baqueta Dupla.

Norte e Sul eram representados celestrialmente por Aquário e Leão. Babalon e a Besta, portanto, representam corporificações terrestres da infinidade celestial (Nuit, ♁) e da energia solar (Hadit, ♁).

Hórus é descrito como “um deus de Guerra e de Vingança” (AL, III, 3). Hórus e Ares (Marte) são idênticos em nome e natu-

reza; a versão grega do deus da guerra se baseia no original egípcio, de onde deriva nossa palavra “herói”. Hórus, ou Heru, era o Herói, o vencedor solar do demônio da escuridão e do dragão das profundezas. Mas a ideia de Marte como sendo um deus de guerra e *derramamento de sangue* é apenas uma derivação do “primário de derramar sangue *na concepção* pela primeira vez”.²¹ Assim, “para os egípcios, Marte era o *princípio gerador primordial*”.²²

Crowley reconheceu mais evidências do início do reinado de Hórus sobre a terra na amplamente difundida turbulência e inquietude que já haviam resultado em várias pequenas e uma grande guerra na primeira década do Novo Aeon. Ele apontou uma possível conexão oculta entre a publicação de *AL* e a ocorrência dessas guerras. Pouco depois de sua republicação em 1936, quando Crowley tomou providências para que *AL* fosse apresentado de acordo com as instruções dadas no próprio livro, ele publicou o alerta aqui reproduzido na Lâmina 8. Embora a guerra de 1939-45 não tenha fulminado dentro de nove meses após sua publicação, ocorreram certos incidentes políticos que Crowley interpretou como prova do poder intrínseco de *AL* em fazer-se sentido. A verdadeira eclosão das hostilidades, que ocorreu alguns meses depois, ele considerou como o “batismo de sangue” tradicionalmente associado ao nascimento de um novo aeon:

Há uma Operação Mágica de máxima importância: a Iniciação de um Novo Aeon. Quando se torna necessário murmurar uma Palavra, todo o Planeta deve ser banhado em sangue. Antes que o homem esteja pronto para aceitar a Lei de Thelema, a Grande Guerra deve ser lutada. Esse sacrifício Sangrento é o ponto crítico da Cerimônia Mundial da Proclamação de Hórus, A Criança Coroada e Conquistadora, como o Senhor do Aeon.²³

²¹ *The Source of Measures* [N.T.: *A Fonte das Medidas*] (J. Ralston Skinner), citado em *A Doutrina Secreta* (edição de 1888), Vol. II, p. 43. Hórus é, portanto, equivalente a Marte como “o deus do *poder e geração*, e do primeiro derramamento de sangue (sexual)” (*A Doutrina Secreta*, II, 390). Assim, são idênticos Hórus, Marte e Set.

²² Vide *A Doutrina Secreta* (Blavatsky), II, 125.

²³ *Magick*, Parte III, Capítulo 12. Em uma nota de rodapé desse parágrafo,

Embora o sangue fosse o principal veículo da energia mágica no Aeon de Osíris, que foi caracterizado pelos sacrifícios de sangue e pelo “deus moribundo”; no aeon atual – o Aeon de Hórus – o Mênstruo é sêmen.

A mudança de sangue para sêmen está implícita, simbolicamente, na transição astronômica de Peixes para Aquário, uma mudança de ciclos equinociais. Peixes, com seu simbolismo de peixe e água, representa a vagina, cuja emanção aquosa ou líquida, o sangue, era a fonte de energia mágica; sua fórmula era *Mudança na Matéria*. Aquário, por outro lado, representa o elemento do ar, éter o espaço infinito, e sua fórmula é *Mudança no Espírito*; e o espírito ou sopro simbolizado por zero ou zro (sêmen) e *O Louco* do Tarô. Implica, portanto, uma revolução sem sangue, ou espiritual, mais do que uma guerra de derramamento de sangue. A fórmula do aeon atual é “a União apaixonada dos Opostos”,²⁴ e sugere o batismo do Espírito pelo qual Crowley ansiava quando escreveu: “A única esperança de evitar um conflito que poderia ser definitivamente fatal ... está em uma revolução espiritual”.²⁵

O batismo de sangue ocasionado pela grande guerra não foi uma inauguração para o Novo Aeon, foi mais como uma oblação de despedida para o velho. Consequentemente, Crowley previu, num estágio mais avançado de sua vida, uma revolução espiritual contra o derramamento de sangue causado pela guerra ou revolta proletária.

De acordo com tradições ocultas obscuras, a atual onda vital planetária compreende sete ciclos, ou aeons, numerados, por conveniência, de Zero a Seis. A aeon atual é o Quinto.

Crowley adicionou: “Esse parágrafo foi escrito no verão de 1911, e.v., apenas três anos antes de seu cumprimento”. A expressão “murmurar uma Palavra” se refere à fórmula mágica que um Magus declara quando inicia um Novo Aeon. De acordo com *AL*, a Palavra do Aeon atual é *Abrahadabra*; a Palavra da Lei é *Tbelema*.

24 *Little Essays Toward Truth* [N.T.: *Pequenos Ensaios Sobre a Verdade*], de Aleister Crowley, p. 92.

25 Carta para Norman Mudd (Fratel O.P.V.), 24 de Maio de 1924.

Os aeons 0, 1 e 2 são pré-evais e inominados; isto é, seus nomes são desconhecidos para a história. Eles cobriram enormes períodos de tempo, seus ciclos não estando limitados a um período de dois mil anos, que é o equivalente a uma única mudança de ciclo equinocial.

Os aeons pré-evais eram dominados pelos Deuses Anciões, dentre os quais O *Grande Ser da Noite do Tempo* era supremo. Esses poderes elementais se dividiam em duas correntes principais: os *Antigos* e os *Senhores do Abismo*, às vezes conhecidos como os *Abissais*.²⁶

Ao primeiro Aeon atribuía-se o vazio; o nada, no sentido do Grande Abismo, às vezes chamado de Sono Primordial, cujo símbolo é o *bindu* (semente ou ponto). Ao segundo Aeon atribuía-se o Caos,²⁷ cujo emblema é o falo. Ao terceiro Aeon, a Terra ou o Caos Estabilizado; e seu emblema é o *kteis*.

Esses três aeons pré-evais são representados pelo Ponto (*Tao*), a Linha (*Yang*) e o círculo, a Fenda ou a Linha Partida (*Yin*). Em termos de trigramas chineses antigos:



Isso equivale à vibração cósmica inicial, representada pela letra *A*.

Em seguida desses três aeons, vieram: o Aeon de Ísis (a Mãe), representado pelo elemento Água e tipificado pelos três ângulos e o poder planetário de Saturno; o Aeon de Osíris, simbolizado pelos quatro pontos da Cruz, ou Quadrado do Pai, cujo emblema

26 A adoração de Netuno, Poseidon, Dagon e Nodens, Deus das Profundezas, era uma sobrevivência em tempos históricos do culto muito mais antigo dos *Abissais*.

27 Crowley substituiu o nome *Caos* por *Therion* em seu Ritual da Estrela Rubi. Cf. *The Book of Lies* com *Magick*. Capítulo XXV e p. 406, respectivamente.

planetário é Júpiter; o Aeon de Hórus (o Filho de Ísis e Osíris),²⁸ cujo veículo é o fogo ou o sangue de Marte, a Estrela de Cinco raios da Vontade.

O quinto Aeon será seguido pelo de Maat (a Filha), e o florescimento de uma plena consciência solar representada pela Estrela de Seis raios.

A Estrela Sêxtupla da Filha, combinada com a Estrela Quíntupla do Filho, forma a Estrela Undécupla da Grande Obra realizada. E num sentido místico, o *bindu*, ou vibração raiz, que irradia a Estrela de Seis raios, é a luz lunar de Babalon, portanto um sétimo raio oculto, somado aos seis manifestos. Essa Estrela é, então, uma imagem do Sete, não do Seis.

De forma similar, o centro energético da Estrela de Cinco raios é o ponto (ou *bindu*) de Hadit do culto de Therion, que em conjunto com seus raios manifestos forma a Estrela Sêxtupla. A natureza da Grande Obra é, portanto, a da Unidade (AChD, 13, exemplificada pelo matrimônio entre o Seis e o Sete, ou entre o Sol e a Lua.

A Estrela de Seis raios também combina os simbolismos de Ísis (∇) e Hórus (Δ) (a Mãe e Seu Filho) em uma unidade transcendental que se representa pela Estrela da Vontade (*Thelema*), que é a Estrela Rubi e o símbolo da Grande Obra realizada.

Os Aeons de três a seis compreendem as fases da evolução da onda de vida nesse planeta através das fórmulas de (a) Partenogênese (Ísis); (b) Autossacrifício (Osíris); (c) Análise, ou Desintegração (Hórus); (d) Síntese, ou Reintegração (Maat).²⁹

Recapitulando:

28 Há outra tradição, mais antiga, na qual Set é o Filho de Ísis, e Hórus o Filho de Nuit, e essa tradição é refletida no Culto de Thelema.

29 O Aeon de Maat (o Aeon da Verdade e da Justiça) – Número 6 na série, e também o sétimo e último aeon – é seguido por *Mahapralaya*, ou dissolução cósmica, quando a Consciência volta a se dissolver no Ovo (*akasha*) do Espírito Puro (o Sono Primordial), antes da reemergência da onda da vida em uma nova série séptupla.

O Aeon 0 é do Vazio: Escuridão. Cf. As Trevas sobre a face do abismo (Gênesis 1:2).

O Aeon 1 é do Caos: Estágio pré-totêmico de evolução.

O Aeon 2 é da Terra (Amenti, o Submundo): Cultos das Estrelas, Lua e Ctônicos.

O Aeon 3 é Pagão: Cultos da Mãe Deusa e lunissolares.

O Aeon 4 é Paternalista: Cultos de Deuses Pais e solares.

O Aeon 5 é Thelêmico: Cultos Atômicos (o Filho atrás do Sol).

O Aeon 6 é Maatiano: ?

(Nota: A consciência humana emergiu no pré-aval Aeon 2.)

Osíris, o deus egípcio dos mortos – a consciência quebrada, interrompida – é exemplificado pelo culto Cristão com sua ênfase na morte, sofrimento, tristeza, escuridão e qualidades negativas similares, a antítese de tudo que é simbolizado por Hórus-Maat: o Andrógino que emerge em plena luz do dia.³⁰

A Estrela de Sete raios de Babalon, que também é o Selo sagrado da A.:A.:, resume não somente a aeonologia séptupla como também as sete posições de Polaris (vide Capítulo I, p. 12). Frater Aêhad³¹ comprimiu o Aeon de Hórus em 44 anos, e anunciou o início do Aeon de Maat em 2 de abril de 1948. Como não há sinais de que o Aeon da Verdade e da Justiça (Maat) apareceu até agora, e como não houve até então casos de aeons truncados, a afirmação de Aêhad não parece ser válida.

Os primeiros três aeons (0 a 2) são mencionados de forma críptica no *Liber Trigrammaton*,³² uma publicação em Classe “A” que Crowley descreveu como “um relato do processo cósmico, correspondente às estâncias de Dzyan em outro sistema”.³³

30 Consciência contínua.

31 Charles Stansfeld Jones, de Vancouver. Ele descobriu a Chave Qabalística de AL e foi, por um tempo, aceito por Crowley como seu “filho mágico”.

32 *Liber Trigrammaton* contém vinte e oito emblemas compostos do *tao-bindu*, o *yang* e o *yin*.

33 Vide *A Doutrina Secreta*. No Volume II, Blavatsky observa que os trigramas

Diz-se que o *Liber Trigrammaton*, que recebe o subtítulo de “o Livro dos Trigramas das Mutações do Tao com o Yin e o Yang”, contém “a fundação definitiva da mais elevada Qabalah teórica”. Isso significa que, de alguma maneira oculta, a progressão dos sete aeons em suas quádruplas fases de evolução elementais (4 x 7) se igualam com os 28 trigramas do *Liber Trigrammaton*. Se a cada trigrama for vinculada a letra correta do alfabeto inglês, uma nova Qabalah surgirá.

Crowley se esforçou em descobrir essa Qabalah, cumprindo assim a profecia de *AL*, II, 55.³⁴ De fato, ele atribuiu certas letras a cada trigrama, mas não se deu por satisfeito com o resultado: “A atribuição em *Liber Trigrammaton* é boa na teoria; mas nenhuma Qabalah digna de nota saiu daí. Estou inclinado a pesquisar mais profundamente a questão das Raízes Sânscritas, e os Registros Enoquianos, para dar a esse tema um melhor acabamento”.³⁵ É questionável, no entanto, se Crowley seguiu em frente com essa linha de pesquisas.

O único lugar nos escritos de Crowley onde ele menciona o significado das iniciais A.:A.: é em seu Diário Mágico (Cefalù, 1921), onde aparece como ACTHP APTOC. Essa é uma forma greco-copta corrupta de *Argenteum Astrum* (a Estrela de Prata) e, no entanto, é a única verdadeira chave oculta da natureza da Ordem, que não é expressada pela versão latina correta do nome. *Argos* deriva de *Arg* ou *Arca*, o poder gerador feminino simbolizado pela lua, a Argha em formato de útero usada nos Mistérios, sinônimo da Rainha dos Céus. *Arghya* (sânscrito) é a taça da libertação; *Aster Argos* é a estrela lunar ou “de prata”. O componente lunar é representado pelo olho de Ísis, e sua Estrela é Sirius, a Estrela Canícula (Set). A Ordem da Estrela da Prata é, portanto,

chineses “representam exatamente a mesma ideia” que as *Estâncias de Dzryan*.

34 “Tu obterás a ordem & o valor do Alfabeto Inglês; tu encontrarás novos símbolos para atribuir a ele.”

35 Do Comentário completo a *O Livro da Lei*, segundo capítulo, verso 55.

a Ordem do Olho de Set, “o Filho por trás do Sol”, representado astronomicamente pela Estrela de Ísis, que é Sothis (Sirius).

A constelação da qual Sirius era a principal estrela costumava ser chamada de Fênix.³⁶ *Phoenix* era o nome secreto de Baphomet (Crowley) como Chefe Supremo da O.T.O.³⁷ Ele assumia a forma-deus desse pássaro (um símbolo do Ano ou Ciclo Sotíaco) pois ele alcançava o meridiano (ou seja, atingia a supremacia) no momento do nascer de Sirius, ou Set.

A Estrela de Prata (A.:A.:) é Sirius. Como Hoor-paar-kraat, cuja fórmula é Silêncio e Força, é o Deus imortal, além de nosso sistema solar. Hórus é o “filho” desse Deus, e o Sol (ou Pai) de nosso sistema solar. Hórus é, portanto, Hrumachis, (filho da) Estrela Sirius. Sirius, Sothis ou Set-An representa, assim, o Supremo, a Luz Eterna. *A Estrela* (Atu XVII, atribuído a ♁) é, portanto, a chave para o atual Aeon de Hórus, pois representa a Energia de Satã que permeará a terra durante o ciclo atual.

36 Essa constelação provavelmente corresponde ao complexo de estrelas agora conhecido como Cisne e Águia.

37 A Ordem do Templo do Oriente, assim chamada porque o Oriente é o local do nascer do sol. A referência não é, no entanto, ao sol físico, mas ao Olho de Set, representado astronomicamente por Sirius.

O Elemento Tântrico na O.T.O.

A menos que perguntado, não se deve explicar a ninguém, nem se deve responder a alguém que pergunte de forma inadequada; que o sábio, embora saiba a resposta, se comporte entre os homens como se fosse um idiota.

Código de Manu, II, 110

No ano de 1912 ocorreu um incidente curioso, embora caracteristicamente Crowleyano. Foi consequência de um desses mal-entendidos que tão frequentemente danificavam a reputação de Crowley sem nenhuma culpa de sua parte, mas nesse caso o incidente provou-se mais favorável do que desfavorável.

Sem ter ciência de que havia publicado, em linguagem direta, o segredo mais estimado de uma sociedade oculta conhecida como a *Ordo Templi Orientis*, um dia ele se viu confrontado pelo Cabeça dessa Ordem, Theodor Reuss, que exigiu dele uma explicação.

Após Crowley ter garantido ser completamente inocente do ato de que estava sendo acusado, Reuss mostrou uma cópia de *The Book of Lies*.¹ Essa é uma obra curiosa que contém conheci-

1 Um pequeno volume publicado por Crowley em 1913.

mentos místicos sutis e recônditos, trabalhados como uma série de epigramas. Embora pareçam charadas e desafiem a análise racional, têm sucesso em trazer estranhos lampejos de iluminação de esferas não familiares da consciência. Reuss indicou uma passagem específica, que Crowley leu admirado, pois só então sua significância abateu-se sobre ele.

A passagem destacada por Reuss mais tarde veio a formar uma instrução oficial da A.:A.:. Ela contém uma importante fórmula mágica relacionada a polaridade sexual. Crowley lembrou-se de ter escrito a passagem em uma noite que ele passou com uma prostituta. Ele havia, completamente por acaso, desvendado o segredo supremo de toda a mágica prática, e o incorporou sem querer no texto de *The Book of Lies*.

Desde o verão de 1911, Crowley estava consciente das possibilidades teóricas desse tipo de mágica, embora ele não tenha começado a praticar a fórmula até janeiro de 1914, quando começou *A Operação de Paris*.² Em 1913 ele publicou um artigo intitulado “*Energized Enthusiasm*”³ (*The Equinox*, I, 9). Ele contém o núcleo da técnica psicosexual que ele desenvolveu mais completamente no IX° O.T.O.

Vários anos após o incidente com Reuss, Crowley tomou a Liderança da O.T.O. Ele assumiu o nome Baphomet e tornou-se “O Supremo e Santíssimo Rei” (Summus Rex Sanctissimus) X° O.T.O. da Irlanda, Iona e todas as Bretanhas que estão no Santuário da Gnose; Grão-Mestre do Passado dos Cavaleiros do Espírito Santo; Poderosíssimo Soberano Grão-Comandante da Ordem Sagrada do Templo”, além de diversos outros títulos.

2 *A Operação de Paris (Opus Lutetianum)* descreve uma série de operações mágicas às quais Crowley se submeteu com o auxílio de Frater Lampada Tradam (o poeta Viçtor Neuburg). Eles usaram uma fórmula homossexual que Crowley mais tarde veio a incorporar no Soberano Santuário como parte do XI°.

3 N.T.: *Entusiasmo Energizado*.

A conexão entre a O.T.O. e a Maçonaria ortodoxa foi descrita por Crowley da seguinte forma:

Até onde a O.T.O. tem qualquer relação com a Maçonaria, a totalidade do Conhecimento do 33º do Rito reduzido está incorporada nos primeiros sete graus da O.T.O. Mas os graus acima do sétimo na O.T.O. contêm um segredo mágico vital, ao qual toda Maçonaria, de qualquer rito, certamente alude, embora não seja discutido abertamente em lugar algum.⁴

A O.T.O. tornou-se o primeiro corpo oficialmente Maçônico e “a primeira grande ordem de antiguidade” a aceitar a Lei de Thelema. Crowley reorganizou e remodelou os Graus acima do Quarto Grau. Os primeiros quatro Graus mantiveram seu caráter tradicionalmente Maçônico, embora com modificações para evidenciar a infração das regras e regulamentos da Maçonaria ortodoxa. Com o Quinto Grau, no entanto, surge uma Corrente totalmente nova. Crowley substituiu o rito tradicional deste Grau com uma abnegação simbólica do Cristianismo histórico, em oposição ao Gnóstico; um ritual envolvendo a crucificação de um sapo previamente batizado com o nome de Jesus de Nazaré. Essa era uma afirmação mágica da superação do Aeon do Deus Moribundo pelo de Hórus, O de Vida Eterna.

Esse ritual garantia a exclusão daqueles que criam em uma interpretação histórica do Cristianismo dos graus mais elevados e importantes da O.T.O. Não havia malícia ou “satanismo” nesse procedimento, mas Crowley estava bastante ciente de que uma pessoa que seguisse o Cristianismo histórico seria psicologicamente incapaz de usar as fórmulas de mágica sexual ensinadas no Soberano Santuário. Ele defendia que seria difícil, se não impossível, para uma pessoa nascida antes de 1904 aceitar a Lei de Thelema sem reservas, e especialmente o terceiro capítulo de *AL*, que contém ideias totalmente incompatíveis com a ética do Cristianismo histórico. Naquele período (ou seja, 1904), o tremendo influxo de energia mágica iniciado por Aiwass desfez

4 A.C. em carta a Henri Birven, 1929.

muitas das barreiras para a aceitação da nova Palavra e da nova Lei.

Dr. Carl Kellner, que reformulou a O.T.O. em tempos modernos,⁵ foi iniciado no uso da Corrente sexual por um árabe chamado Soliman ben Aifa e dois Tântricos indianos – Bhima Sem Pratap e Sri Mahatma Agamy Paramahamsa. Não há certeza, mas é altamente provável que eles fossem Iniciados do Vama Marg, ou Caminho da Mão Esquerda. O elemento distintamente Tântrico em algumas das instruções da O.T.O. que envolvem o uso do sexo ficam, assim, esclarecidas.

O termo *Vama Marg*, a despeito das explicações precisas de Sir John Woodroffe, ainda se encontra sob uma nuvem de más interpretações, geradas por reações emocionais a ideias alienígenas para o pensamento ocidental. Eu não espero ter sucesso onde tal autoridade parece ter fracassado, mas direi novamente que a expressão Caminho da Mão Esquerda é um termo técnico indicando o uso mágico de energias sexuais, às vezes com a ajuda de assistentes femininas (*shaktis*), como no caso dos Tântricos, e de companheiras femininas (*manjaris*), como no caso dos Sahajiyas.⁶

Os Tântricos, em particular aqueles da Seita Kaula, seguem práticas similares às de certos cultos africanos ou neoafricanos, como o Vodou e o Obeah. Mas a assistência de mulheres não está sempre implícita, nem é sempre usada.

Um sistema de cultura espiritual que inclui o uso sexual da fêmea e que estabelece um ideal exaltado de reverência pelo princípio feminino como a *Shakti*, ou aspecto do poder do cosmos, não se origina de psicopatas, a não ser que proponhamos a existência de uma linhagem contínua de delinquentes que vem se perpetuando por séculos incontáveis. E o conceito original africano de sexo também não é, de forma alguma, inferior às fórmulas alta-

5 Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo I.

6 Vide *The Post-Caitanya Sahajiyā Cult of Bengal*, de Manindra Bose (University of Calcutta, 1930).

mente evoluídas e complexas usadas por Alquimistas ou Rosacruz em sua Grande Obra de transformar o vil metal da paixão terrena no puro ouro da Luz Espiritual.

São a intolerância dos religiosos ortodoxos e os esforços obtusos de psicólogos materialistas que enxergam nesses sistemas uma expressão doentia do instinto criador primordial.

A vida de Crowley foi uma batalha contra uma atitude mental que levava à matança, em nome de uma crença servil – seja religiosa, humanista ou científica – a fonte secreta e sagrada da Vida em detrimento de um reflexo deformado da impotência psicológica característica daqueles que defendem a supressão e a restrição como meio de vida. O único pecado que *AL* reconhece é o da restrição, a causa de todos os “pecados”.

Quando Crowley assumiu a O.T.O., foi com o objetivo de promover a liberdade individual em acordo com a Lei de Thelema. Ele incorporou os princípios essenciais dessa Lei no *Liber OZ*,⁷ o qual ele publicou em 1942. Dentro da limitação de algumas centenas de palavras ele declarou o que descrevia como o programa político da O.T.O. no mundo Externo.

O velho Aeon, assim como qualquer outro evento, inevitavelmente estimulou a própria corrente que seus ministros tentavam suprimir, ou mesmo destruir. A energia sexual inibida de 2.000 anos, portanto, passou então a se libertar em um tremendo orgasmo, cujo ímpeto, em termos físicos, projetará a consciência humana a reinos transfísicos. A projeção é a fórmula de Ra-Hoor-Khuit; Hórus em sua fase ativa. Haverá explosão, desintegração e a reintegração de elementos recentemente descarregados em veículos cuja substância será de uma natureza sutil e relativamente imaterial, aproximando-se do conceito científico de entidade previsto em *AL*.

7 Vide Capítulo II.

Durante o ditado de *AL*, Crowley pediu por um “sinal”, e Nuit exclamou: “o sinal será meu êxtase, a consciência da continuidade da existência, a onipresença de meu corpo”.

As últimas cinco palavras foram originalmente ouvidas por Crowley como “o fato infragmentário e não atômico de minha universalidade”. Supondo que essa frase seria incompreensível, Crowley a questionou, pensando: “As pessoas nunca serão capazes de entender isso”. Nuit então respondeu sua dúvida não dita: “Escreve isso em outras palavras. Mas segue em frente”, e Crowley substituiu as palavras por “a onipresença de meu corpo”.⁸

Conforme um aeon sucede outro, aparecerão modificações na natureza sexual dos organismos que desenvolverão esse conceito Thelêmico. A progenitora predominou no Aeon de Ísis; a partenogênese foi a fórmula daquela era. No Aeon de Osíris, prevaleceu o progenitor. O Aeon de Hórus – o Aeon da “Criança Coroada e Conquistadora” – verá a união dos dois sexos em um. O Baphomet bissexual dos Templários simboliza esse conceito.

Os cientistas declaram que as partículas nucleares descarregadas contra a atmosfera da terra transformarão inevitavelmente a constituição psicossomática da humanidade. *AL* (III, 34) sugere um cataclismo violento que pode causar uma mutação mais rápida do que aquela prognosticada pela ciência oficial. Antes que essa transformação da consciência ocorra, as modificações mais tardias podem transformar o veículo psicossomático da consciência em uma estrutura similar ao antigo conceito antropomórfico do hermafrodita. Crowley repara a ambivalência peculiar do instinto sexual, já discernível em alguns tipos humanos. Na edição de 1938 de *AL*, Crowley escreve a respeito do advento do Aeon de Hórus:

Observe por sua própria conta o declínio do senso de pecado, o crescimento da inocência e da irresponsabilidade, as estranhas modificações do instinto reprodutivo, com uma tendência a se

8 Vide o Comentário completo a *AL*, I, 26.

tornar bissexual ou epiceno, a confiança infantil no progresso combinada com o medo desesperador da catástrofe, contra a qual estamos ainda meio relutantes em nos precavermos.

Em poucas palavras, a tendência à mudança já está tão evidente que começa a causar efeitos físicos perceptíveis.

O que tal transformação implica em termos da constituição astral e etérea do homem? O intercuro entre mentes sem formas aparentes de comunicação é agora um tema de ocorrência comum. Cinquenta anos atrás a telepatia, assim como outros modos sutis de comunicação, era considerada improvável, se não impossível. Hoje ela já é amplamente aceita, e foi demonstrada por experimentos de PES;⁹ é até mesmo adotada por filósofos do calibre de C. D. Broad,¹⁰ o principal expoente do materialismo emergente!

A predominância de distúrbios nervosos e mentais, e a crescente mania por experiências anormais, frequentemente induzidas por drogas, são indicativos de um afinamento do véu entre os reinos material e imaterial, que conduzirá, finalmente, a uma expansão maciça da consciência.

Por causa das operações mágicas de Crowley, certas regiões de atividade natural – embora oculta – tornaram-se mais facilmente acessíveis para ocultistas trabalhando com a Corrente que acelerou sua própria realização. Aceitar a Lei de Thelema torna automaticamente possível para uma pessoa disposta a passar pelo treinamento necessário trabalhar de acordo com as energias do Novo Aeon; e isso a habilita a acessar os imensos reservatórios de poder elemental lacrados na Corrente que ele engloba.

Tal aceitação não envolve apenas empatia com *AL*, a imagem manifesta de Aiwass, mas uma vitalização correspondente da energia mágica conhecida pelos Tântricos como *marmas* e *sandhis*.

9 N.T.: Percepção Extrassensorial.

10 Vide *Mind and its Place in Nature* [N.T.: *A Mente e seu Lugar na Natureza*], de C. D. Broad (Routledge & Kegan Paul, 1925), p. 659.

Esses são centros vitais no corpo humano. Eles são indicados no Sri Yantra (vide Lâmina 5), no qual ocorre uma tríplice e uma dupla junção de linhas. Tais junções indicam zonas de detumescência e tumescência, respectivamente.

O termo mágicka sexual tem causado muitos mal-entendidos, em particular em relação a Crowley e a O.T.O.¹¹ Até mesmo a inócua encenação dos *Ritos de Elêusis*, os quais ele apresentou no Caxton Hall em 1910,¹² foi mal interpretada pelos críticos. O conceito de mágicka sexual dos jornais populares é tão completamente distinto das Operações da Mágicka da Luz quanto a concepção Gnóstica de Amor é distinta das carícias dos cabarés. Há uma ligação, ainda que nebulosa, como observado por Dion Fortune,¹³ que torna às vezes difícil distinguir entre os dois. A atitude de Crowley a respeito do sexo é revelada no seguinte trecho de uma *Sinopse de Seis Artigos sobre Drogas*, que ele escreveu em 1923:

Todo homem deveria aprender a dominar por completo suas paixões... A condição preliminar para o sucesso é obter uma visão clara do tema nos mínimos detalhes, por meio de análise detalhada e íntima. O primeiro passo é, obviamente, conquistar o medo e o fascínio que a menor alusão ao tema causa no homem ou mulher comum...

[É, portanto, essencial para as] pessoas desenvolver um domínio intelectual completo sobre o assunto. Quando elas estão capazes de contemplar qualquer ideia sexual sem emoção de qualquer espécie, estão bem avançadas em seu caminho para a liberdade. Esse é meramente o mesmo princípio sobre o qual atuamos quando treinamos um estudante de medicina a assistir operações e dissecar corpos, sem chorar, desmaiar, ter faniquitos, etc. O cirurgião deve olhar para seu paciente como um crítico olha para

11 Vide, por exemplo, relatos tais como *My Life in a Love Cult* [N.T.: *Minha Vida em um Culto do Amor*] (1928), de Marion Dockerill; *Tiger Woman* [N.T.: *Mulher Tigre*] (1929), de Betty May; *Judenkenner* (1933), e diatribes similares.

12 Apresentada em *The Equinox*, I, 6 (Suplemento).

13 Vide *A Cabala Mística* [N.T.: *The Mystical Qabalab*], de Dion Fortune (Williams and Norgate, 1935), p. 306.

uma pintura, ou como um advogado olha para um depoimento. Enquanto isso for empolgante, é impossível enxergar com objetividade. Fica confuso e completamente incapaz de emitir um julgamento justo, ou tomar as ações adequadas. Isso pode soar banal; no entanto, a maioria das pessoas não é capaz de ao menos compreender uma explicação como essa – a simples menção do tema as coloca em um espasmo cego de luxúria, seja em uma explosão de priapismo ou camuflado como indignação chocada.

Crowley nutriu sedutoramente as lendas que cresceram em volta de seu nome. Ele foi envolvido primeiramente por uma névoa, e em seguida por uma bruma de difamação, calúnia e despeito. Para qualquer um familiarizado com o jeito dos gênios, em particular nas esferas ocultas e religiosas, o véu da ilusão que gerava a miragem do “Crowley demônio” podia ter, e tinha, um único objetivo: separar os magicamente competentes dos inaptos.

Esperava-se (e ainda se espera) que os Aspirantes à Ordem da Estrela de Prata confiassem em suas intuições. Seus julgamentos e avaliações de uma pessoa ou sistema não deveriam ser influenciados pelas reações da manada mal informada. “Realização espiritual é incompatível com moralidade burguesa”;¹⁴ aqueles que temem admitir seus desvios da última não terão a coragem ou a inteligência para aspirar à primeira.

Helena Blavatsky usava de artifícios similares para separar as ovelhas dos bodes. Crowley defendia que Blavatsky repelia candidatos inapropriados ao fingir ser uma farsa. Em uma entrada em seu diário datada de 6 de junho de 1936, ele escreveu: “Seus truques e os juramentos de seus soldados foram suas salvaguardas para não enlouquecer... como você faria se tivesse tantos seguidores e discípulos quanto ela tinha”.

Em uma carta¹⁵ a Frater O.P.V. (Norman Mudd), Crowley escreveu, a respeito do Crowley Demônio:

¹⁴ Crowley, em uma carta a Frater Saturnus (Karl J. Germer).

¹⁵ Período de 1921-4. A carta não está datada.

Repare na lenda da Bela e a Fera.¹⁶ Repare em meu título, a Besta. A fórmula é reivindicar a maior das Realezas, para que os homens digam “isso é o que eu quero”, e aproximem-se. Eles devem então se decepcionar, sendo repelidos a todo momento. Se seu senso de verdade funcionar, eles sorrirão e seguirão em frente. Instantaneamente, a ilusão desaparece, e eles veem que a reivindicação original é justa.

Repare em H. P. B.[lavatsky], que persuadia os buscadores de que ela era uma farsante (tendo dito ser enviada pelos Meſtres). Ela fazia isso tão bem que eu tenho que me agarrar com todas as forças em *A Voz do Silêncio*¹⁷ para não me ver duvidando de sua condição de Adepta.

Essa fórmula é antiga. No Egito, eles levavam o candidato em busca de espiritualidade, pureza, etc., até um bode, e diziam: “Esse é nosso Deus e você precisa beijar seu traseiro”. Ao se preparar para obedecer, ele encontrava o rosto de uma jovem sacerdotisa aguardando seu beijo.

Repare também na Besta Ladradora no Ciclo Arturiano, e muitas outras lendas similares.

E, no P.S. de uma carta escrita em 1923 a O.P.V., Crowley continuou o tema:

Você terá que fazer... as pessoas tomarem uma posição completamente a favor ou contra mim. Essa harmonia covarde da Respeitabilidade – eles a chamam de Política – apodrece a alma. Mesmo quando eles estão trabalhando honestamente num estratagemas a princípio, os eventos sempre os forçam a cometer verdadeiras traições. As pessoas precisam queimar seus barcos e desafiar o destino escrito nas estrelas; essa é a única forma de garantir integridade e permanecer jovem.

Os resultados dessa fórmula, conhecida como o Ordálio do Crowley Demônio, foram ainda mais surpreendentes do que os ligados a Blavatsky. Indivíduos aparentemente inteligentes e iluminados reagem de uma forma que lembrava o Vitorianismo que eles se gabavam de ter ultrapassado.

16 N.T.: *Beast*, em inglês, significa tanto *Besta* quanto *Fera*.

17 N.T.: *The Voice of Silence*.

Um dos principais problemas que Crowley enfrentou ao remodelar os Graus do Soberano Santuário da O.T.O. (ou seja, VIIº, VIIIº, IXº e XIº Graus) foi precisamente o do sexo. A abordagem rigorosamente científica dos Tântricos o atraía, e ele modelou os Graus em grande parte seguindo linhas Tântricas.

De acordo com Crowley, “Mágička é a Ciência e a Arte de fazer com que Mudanças ocorram em conformidade com a Vontade”.¹⁸ Isso exige uma fusão completa entre mente e corpo. A mente é a fonte da imagem que o corpo tem a função de reproduzir em seu próprio plano. Em outras palavras, a Vontade precisa ser corporificada e transformada em carne. Mágička é o meio de encarnar uma Criança da Vontade (*Thelema*). O homem é a mente; a mulher é o corpo. Sua polarização no congresso sexual gera um êxtase criativo que serve como uma matriz da qual surge a Criança. A união apaixonada dos opostos é a fórmula do Aeon de Hórus, o Aeon da Criança, “Coroadada e Conquistadora”, porque encarna a Palavra de seu pai; nesse sentido, é Ra-Hoor-Khuit – o universo recriado de acordo com a Vontade; o resultado da Mágička.

O Homem é a Palavra; a Mulher é o Ato; a Criança é a Palavra transformada em Carne pelo Ato. Essa é a mágička do IXº O.T.O.

Somente quando mente e corpo estão assim de acordo, e quando a mente se concentra na imagem ou “criança” que o corpo há de gerar, é possível um ato mágico de criação. Essa criança raramente é uma criança humana, mas é física, no sentido de que influencia o plano material.

A mente é o undécimo sentido, ou princípio sutil, e reside no *Ajna Chakra*. O corpo é a soma total dos cinco órgãos dos sentidos e seus objetos correspondentes, e se concentra no *Muladhara*, o çakra do fundamento. A mente é o motor mágico que cria a imagem; o corpo é necessário para lhe conferir expressão e projetá-la na esfera material.

18 *Magick*, p. 131.

O Aeon da Criança Coroada e Conquistadora é uma forma simbólica de dizer que na era atual o homem aprenderá a materializar o pensamento e fazê-lo ser realmente criativo. Tais métodos de nascimento superarão a produção de crianças humanas. Por meio dessa mágička sexual de Thelema será possível criar uma raça superior em todos os aspectos àqueles gerados pelo uso normal – ou mais precisamente, abuso – das energias sexuais.

Em termos mágicos, a criança é a cria da Vontade (*Phallus*) e da Imaginação, ou faculdade de criação de imagens (*Kteis*). Em outras palavras, a criança é o *Logos* de *Thelema* e *Agapé*.¹⁹ “Coroada e Conquistadora” descreve a criança do amor sujeita à Vontade; portanto, “amor sob vontade” é a fórmula da mágička; é também a fórmula do IXº O.T.O. O Bebê num Ovo mencionado em *AL* é a criança do pensamento mágico em sua cápsula áurica ou akáshica, pronta para ser lançada no espaço (ou seja, o útero de Nuit).

Essa é a mágička que Crowley ensinava na O.T.O., a Ordem oculta de antiguidade indefinida que apareceu sob diferentes formas ao longo dos séculos. Ela alcançou um elevado grau de notoriedade durante o século dezoito, quando o Adepto bávaro Adam Weishaupt a reorganizou com o nome de Ordem dos Illuminati, de acordo com as necessidades de sua época. Ele fundiu todas as correntes clandestinas de atividade oculta da Europa que culminaram com a Revolução Francesa. A Ordem então desapareceu do conhecimento do público até que, em 1904, um Adepto austríaco chamado Carl Kellner voltou a concentrar suas vastas forças em um nó de atividade intensa. Um dos resultados desse esforço foi o advento de Crowley, que tomou a liderança da Ordem do sucessor de Kellner (Theodor Reuss) em 1924. Se Crowley não houvesse revitalizado a Ordem com sua doutrina de “Faze O Que Tu Queres”, ela poderia ter permanecido com-

¹⁹ Essas três palavras somam 93, que é três vezes 31, o número chave de *AL*. *Thelema* pode ser equiparado ao filho da Vontade, *Agapé* com o filho do Amor, e *Logos* com o filho do Pensamento.

pletamente escondidas; mas os Chefes Secretos tinham outras determinação e a O.T.O. é notória nos dias e hoje.

Quando Crowley assumiu o comando, a O.T.O. funcionava seguindo linhas maçônicas, com rituais praticamente indistinguíveis da Maçonaria ortodoxa. Crowley usava esses rituais como graus preparatórios para os Mistérios da mágička sexual que Kellner havia apresentado à Ordem como resultado de seu contato com Adeptos Tântricos orientais do *Vama Marg*. Crowley usava os Mistérios em si como um motor para a transmissão da Lei de Thelema, cuja doutrina está contida em *AL*.

A O.T.O. é um Corpo de Iniciados cujo objetivo é o estabelecimento universal da Lei de Thelema. Algum tempo antes de sua morte em 1947, Crowley havia percebido a necessidade de reformular a Ordem nas linhas do Novo Aeon. *AL* torna obsoletos os velhos métodos de promulgar o Conhecimento Secreto. Muitos desses métodos envolvem cerimônias elaboradas, como evidenciado pelos ritos de religiões tão aparentemente distintas quanto o Hinduísmo e o Cristianismo, e os rituais mais antigos dos muito mais antigos cultos africanos e egípcios.

Crowley observou que “a O.T.O. foi a primeira grande ordem de antiguidade a aceitar a Lei de Thelema”; a recauchutar as técnicas de magia cerimonial e a reviver novamente os elementos puramente pagãos de êxtase e fascínio que são as chaves para os Mistérios do Homem.

Uma das primeiras manifestações positivas da nova O.T.O. ocorreu, de forma deveras apropriada, no Novo Mundo, na segunda metade dos anos 1940, na Loja californiana da Ordem, liderada por John W. Parsons (Fratel 210). Trabalhando com as fórmulas de mágička Thelêmica, Parsons estabeleceu contato com seres extraterrestres da mesma ordem que Aiwass. Infelizmente, ele perdeu controle das entidades que evocou, e uma delas, obcecada com a mulher com a qual ele trabalhava, o conduziu à

autodestruição. Essa parceira mágica²⁰ dizia ser a encarnação da Mulher Escarlate, e aquela cuja Palavra é Vida, Amor, Liberdade e Luz mostrou-se ser demais para Parsons, que via nela uma chama devastadora. Durante esse período de Operações mágico-sexuais, Parsons se envolveu em pesquisas nucleares, e em 1952 foi estraçalhado por uma explosão que ele mesmo causou ao deixar cair um frasco de fulminato de mercúrio. Inimigos da Ordem usaram o incidente como prova da influência satânica de Crowley, embora o próprio Crowley tenha alertado Parsons várias vezes para não se envolver com entidades de credenciais suspeitas.

Apesar de todos os seus erros, Parsons fez incursões aos mundos invisíveis; ele foi um daqueles que preparou o caminho para a atual paixão por coisas estranhas e ocultas, por drogas, OVNI's, sexo obscuro, mutações e a probabilidade (ao contrário da mera possibilidade) de comunicação do homem com Inteligências supramundanas capazes de transformar a vida nesse planeta, um fenômeno que Crowley passou boa parte da vida tentando demonstrar.

Pelos idos de 1945, Crowley havia percebido com tamanha certeza a tendência futura que escreveu em seu diário que a estrutura da O.T.O. precisaria passar por mudanças fundamentais.

O cerimonial elaborado e o estabelecimento de Lojas fixas e locais específicos seriam suplantados por uma teia vasta e fluida composta de zonas de poder Thelêmicas. Essas zonas de poder formariam uma rede frouxamente interligada de grupos ocultos usando a Corrente Ofidiana para preparar a consciência humana para o intercuro com os habitantes de outras dimensões. Agora, décadas mais tarde, esses centros estão proliferando em todos os principais países do hemisfério ocidental. O próximo passo será ampliar suas influências para o oriente. Essa tarefa não se mostrará tão difícil quanto possa parecer a princípio. O oriente hoje encontra-se nas garras do comunismo, mas esse é um artigo

20 Marjorie Cameron.

importado do ocidente, e assim como o fascismo, sua sombra, é apenas um instrumento político temporário. O espírito natural do oriente, nas suas mais profundas raízes, está completamente de acordo com a doutrina de Thelema. Esse fato pode ser comprovado ao comparar os princípios básicos de Thelema com o Caminho chinês do Tao, com a doutrina Vedântica de Advaita e com a filosofia essencial dos Tantrismos Hindu e Budiستا.

Os Tantras, em particular, alcançam seu florescimento total em Thelema, com sua ênfase na energia vital, espontaneidade e êxtase criativo cósmico intuído pelo exercício das unções naturais isentas de restrições antinaturais. É sobre esse aspecto da psique oriental que Thelema exerce sua maior atração, e pode ser através das afinidades Tantra-Thelemicas das sociedades secretas indianas, mongóis, tibetanas e chinesas que o poder libertador ressurgirá para estabelecer um elo nos planos sutis com os centros ocidentais de Thelema. Quando essa união for alcançada, o mundo estará apto – finalmente – a se preparar para a total expansão da consciência *em um ambiente complacente*.

AL pode muito bem ser descrito como um Tantra ocidental, mas ao contrário dos Tantras que o antecederam, ele é de abrangência cósmica e válido para toda a humanidade, pois contém as chaves universais do poder. Com essas chaves o homem voltará a ter acesso às mais profundas células do Tempo e do Espaço, e será capaz de explorar dimensões desconhecidas sem precisar recorrer às máquinas atrapalhadas necessárias para as atuais formas de abordagem científica do universo objetivo. Essa, na verdade, é uma abordagem pseudocientífica, pois supõe que o homem poderá conquistar o Espaço e o Tempo se estiver disposto a pagar quantias enormes de dinheiro por um equipamento que, ao longo do atual aeon, mostrar-se-á absolutamente desnecessário. Blavatsky sugeriu isso em *A Doutrina Secreta*, publicado no ocaso do velho aeon.

Crowley diz, em seu *Confessions*:

Agora a O.T.O. está de posse de um segredo supremo. Todo seu sistema, na época em que eu me tornei um iniciado do Santuário da Gnose (IX^o), estava focado em comunicar aos seus membros, por meio de dicas progressivamente mais claras, essa instrução da maior importância. Pessoalmente, eu acredito que se esse segredo, que é um segredo científico, fosse perfeitamente compreendido, de forma que nem eu mesmo compreendo, após mais de doze anos de estudo e experimentos quase constantes, não haveria nada concebível pela imaginação humana que não pudesse ser alcançado na prática.

Com isso eu quero dizer coisas desse tipo: que se fosse desejado um elemento de peso atômico seis vezes maior do que o do urânio, esse elemento poderia ser obtido. Se fosse desejado projetar um instrumento pelo qual as estrelas mais distantes ou os elétrons fossem trazidos para o alcance de cada um dos nossos sentidos, esse instrumento poderia ser inventado. Ou que, se desejássemos desenvolver sentidos através dos quais pudéssemos apreciar todas as qualidades da matéria que atualmente observamos indiretamente, através de aparatos, as estruturas nervosas necessárias apareceriam. Faço essas observações com absoluta confiança, pois mesmo as investidas insignificantes que pude fazer rumo aos santuários desse segredo me mostraram que as relações entre fenômenos são infinitamente mais complexas do que os mais loucos sonhos que os filósofos jamais conceberam, e que o velho provérbio "Onde há uma vontade, há um caminho" não precisa de ressalvas.

Antes que esse segredo possa ser abertamente divulgado e empregado, o homem precisa ter atingido um grau de liberdade das meras amarras psíquicas e físicas que o habilitam a erguer-se acima das ambições mesquinhas criadas nele por um senso de competição com seus companheiros. Essa é uma sensação falsa, e é o maior obstáculo à verdadeira liberdade. Ele só será capaz de descartar essas ambições fúteis ao perceber que elas lhe são impostas de fora, para extrair dele a maior quantidade possível de trabalho pelo menor custo (para aqueles que se apropriam de suas energias para seus próprios fins). A reação imediata da maioria daqueles que são inteligentes o suficiente para perceber a situação é fazer absolutamente nada, e afundar de cabeça no

lodo da inércia. Mas essa não é uma solução eficiente, pois só leva ao desespero. É, portanto, necessário não apenas saber, mas também *perceber* a profunda verdade mística de que *não há outros* para quem trabalhar, com quem competir ou por quem ser explorado. É necessário perceber que se é único, que se tem – como uma estrela no espaço – uma órbita precisa, ainda que errática; é preciso perceber que para desempenhar com sucesso seu papel no drama da existência manifesta é preciso ter a convicção inabalável de sua precisa e eterna unicidade. É a inabilidade em perceber a verdadeira natureza dessa soberania, essa realza interior, que resulta em servidão, que é inteiramente autoimposta e causada pela ignorância de sua real (ou seja, régia) natureza. É o papel do Homem Rei ou Régio que é enaltecido em *AL*; “os escravos que servem”²¹ são “o povo”, preguiçoso demais, servil demais, covarde demais para desfrutar de sua verdadeira herança. É por isso que está escrito: “Vós sois contra o povo, Ó meus escolhidos!”²²

Foi Adam Weishaupt quem pela primeira vez enfatizou a soberania natural do homem em um contexto essencialmente social e político, mas foi Aleister Crowley quem traçou a complexidade ramificante de suas implicações ocultas conforme afetam a constituição psicosexual do homem. Ele foi capaz de fazer isso pois recebeu (de Aiwass) as Chaves do Mistério da consciência humana no Novo Aeon. As chaves mágicas estão acessíveis na *Ordo Templi Orientis*; elas formam o segredo central ao qual já se aludiu. Mas as Chaves supremas, as mais elevadas, são místicas, e repousam no Santuário da Grande Ordem da Estrela de Prata conhecida como a A.:A.:.

Como pode um segredo como o que a O.T.O. possui ajudar aqueles que estão confinados em sua servidão, que querem ser confinados, que não têm ânsia de libertação? A resposta é: ele não pode. A O.T.O. é exclusivamente para aqueles que percebem

21 AL, II, 58.

22 AL, II, 25.

a urgência de adquirir a liberdade pessoal de desenvolver suas Verdadeiras Vontades. A implicação é que antes que uma pessoa tenha consciência do fato de que possui uma Verdadeira Vontade, ela será incapaz de enxergar qualquer motivo ou maneira pelos quais poderá realizá-la. Mas, para o indivíduo que alcançou essa percepção, que por si só constitui uma grande iniciação, a O.T.O. forma um trampolim natural para seu salto rumo à liberdade. Mesmo assim, ele não é capaz de dar esse salto sem deixar para trás o poder propelente que o possibilita, e essa é a única tarifa cobrada daqueles que abraçam esse caminho. Ele precisa fazer esse gesto, e sua urgência relativa determina a quantidade de liberdade que contribui para a Ordem. Não há compulsão, somente impulsão. Se o candidato fracassar em “atingir a nota”, ele cai novamente em seus velhos hábitos, a velha servidão, e vegeta até finalmente se decompor; mas se ele atingir a nota, ele absorve em si a totalidade do reservatório de poder que foi acumulado por seus predecessores. Esse é o verdadeiro significado de *parampara*, ou linhagem espiritual (isto é, régia ou real).

Assim, Crowley previa uma total reorganização da O.T.O. seguindo essas linhas, pois ele percebeu que uma pessoa que verdadeiramente se identificasse com a Corrente de energia mágica simbolizada por 93 (Thelema) de certa forma já *será* essa Corrente; na verdade, *será* a O.T.O. e, portanto, uma zona radiante de Thelema.

Thelema representa uma etapa necessária no desenvolvimento espiritual do indivíduo. Paradoxalmente, ninguém é capaz de criar ou contribuir nada de original, nem dar à vida mais do que toma, a não ser que já seja um Thelemita.

O termo “Thelemita” tem uma conotação mais ampla do que seu uso até então exclusivo na literatura de Crowley é capaz de sugerir. O artista, o cientista, o inventor, o poeta, só o é até o ponto em que expressa sua Verdadeira Vontade.

Há muita insistência hoje nas Escolas, Sistemas, Ordens e Tradições; no entanto, no fim das contas, só existe o indivíduo, e sua Vontade é única, ainda que obscurecida por comprometimentos kármicos, preconceitos pessoais, bloqueios psicológicos e fobias.

Isso não significa que para ser um Thelemita é preciso aceitar *AL* formalmente. Um Thelemita plenamente funcional pode nunca ter ouvido falar de *AL* ou de Aleister Crowley. Já havia “Cristãos” plenamente funcionais antes do nascimento de Cristo. Mas Crowley insistia na aceitação formal de *AL* por todos os candidatos em potencial à O.T.O. O que, então, isso implicava? Implicava (e ainda implica), acima de tudo, que um indivíduo, por sua livre e espontânea vontade, optou por estabelecer contato com a corrente específica de Poder Mágico para a qual somente *AL* provê a única chave completa. *AL* contém fórmulas ocultas de âmbito cósmico, algumas das quais estão expressas abertamente, enquanto outras estão veladas sob a mais complexa teia de cifras cabalísticas já tecida em um único texto; pois enquanto todos os outros Livros Sagrados e Tantras preocupam-se com aspectos específicos dessas fórmulas, *AL* as abrange em sua totalidade. Ele também contém, como dizia Crowley, “os feitiços supremos”.

Vivemos hoje na ligação e na renovação de diversos importantes ciclos de tempo, alguns dos quais são imensos, outros não tão dilatados. O Novo Aeon, o Aeon de Hórus, está na última categoria; durará por 2.000 anos. Como é governado por uma fórmula que rompe com velhas formas e crenças, é abominado pelos não iniciados, aqueles que não estão familiarizados com as tradições ocultas ligadas aos ciclos aeônicos.

AL está ligado especificamente ao Aeon de Hórus; é, na verdade, a Palavra de Aiwass, que é Shaitan, ou Set, uma forma de Hórus. É o repositório das fórmulas peculiarmente aplicáveis às necessidades da consciência humana na atual etapa evolutiva. Onde a A.:A.: provê os aspectos definitivos e eternos da evolu-

ção espiritual durante os principais ciclos cósmicos, a O.T.O. se ocupa exclusivamente do ciclo menor, aeônico: o ciclo de Hórus e sua fórmula mágica – *LASbTAL*.²³

A mágicka de Hórus é caracterizada pela “apaixonada união dos opostos”. Crowley sempre escrevia mágicka com “k” quando queria distingui-la da mágica de Osíris. A mágicka de Hórus suplanta a do Aeon anterior (de Osíris), que foi caracterizado pelos procedimentos rituais que formam a base dos cultos do velho aeon, em particular os credos semíticos do Judaísmo, Maometismo, Cristianismo e todas aquelas tradições ocultas que empregam uma forma cerimonial de controle da consciência.

Crowley defendia – e com razão – que a Corrente mágica transmitida pela O.T.O. não pode ser aplicada impunemente por um não Thelemita, pois apenas um Thelemita (por definição) é capaz de usá-la a serviço da Verdadeira Vontade. Cada candidato deve demonstrar, acima de qualquer suspeita, que já conhece os segredos da mágicka prática possuídos pela O.T.O. É o uso correto e eficiente dos métodos mágicos em si que forma a essência da instrução na Ordem. É essa cláusula, tão frequentemente mal compreendida, que fez com que muitos candidatos em potencial virassem de costas, decepcionados, enquanto outros, que aparentavam estar mal equipados para tornarem-se membros, navegaram diretamente até o próprio Soberano Santuário, devido a uma aptidão inata e uma compreensão instintiva do uso da Corrente 93.

23 Vide *Magick*, pp. 415, 416.

Controle de Sonhos Por Meio da Mágicka Sexual

Chegamos a um ponto em nossa investigação no qual, tendo explicado o peculiar sistema mágicko de Crowley como um desenvolvimento dos métodos ocultos representados pelos e nos Tantras (em particular os dos Lingacaras e dos Yonicaras), podemos seguir adiante para examinar seu significado como um método conscientemente aplicado de controle de sonhos por meio da mágicka sexual.

É preciso explicar que o estado de sonho compreende não apenas os sonhos que ocorrem durante o sono, mas também os devaneios ou fantasias, alucinações, visões e o mundo dos pensamentos em geral. O estado de sonho (*swapna*) engloba a ampla gama de atividade mental e astral limitada de um lado pelo vazio sem pensamentos do sono sem sonhos (*sushupti*) e, do outro lado, pelas atividades do corpo no estado desperto (*jagrat*). Todas essas atividades se originam no estado de sonho, quer se manifestem como reflexos instintivos, quer como os chamados de atos volitivos.

Dion Fortune enfatizava a importância do devaneio controlado conscientemente.¹ Baseando suas práticas em aspectos dos

¹ Vide *The Winged Bull* [N.T.: O Touro Alado], *O Deus com Pés de Bode* [N.T.: *The Goat Foot God*], etc.

Exercícios Espirituais de Ignácio de Loyola, ela demonstrou o valor mágico do “sonhar verdadeiro”, uma expressão derivada do romance de George du Maurier, *Peter Ibbetson*. A teoria é que se um devaneio for tecido com intensidade suficiente, ele induz uma abstração tão completa dos sentidos que o sonhador o funde em um sonho desperto, no qual ele é o criador e o mestre de suas próprias fantasias. Se formulado com potência, esses devaneios se concretizam, materializam e assumem realidade no mesmo grau – e até mesmo mais intensa – que se experimenta na consciência desperta convencional. As vantagens de ser capaz de induzir tal estado são evidentes, em particular se consideradas em relação à psicoterapia. As limitações, de um ponto de vista mágico, também são evidentes.

Crowley reverteu o processo, preparando assim o caminho para uma forma de controle de sonhos que habilita o sonhador a fazer infinitamente mais do que escancarar seus complexos no nível *swapnic*, pois sonhar com intenção é funcionar conscientemente no plano astral. Apenas traduzir suas fantasias para o plano astral, no entanto, é uma experiência retrógrada que, embora possa parecer tão lúcida quanto um sonho de drogas, não passa de uma admissão de fracasso em *aterrar* o sonho e influenciar o mundo objetivo. Pois embora eventos externos sejam em última análise ilusórios, isso não faz com que sejam menos resultantes de desejos e impulsos existentes nos níveis astrais. O verdadeiro controle dos sonhos, portanto, não apenas requer a satisfação do desejo (isto é, a realização da vontade) enquanto no estado de sonho como também, como observado por Austin Spare, a encenação viva desse desejo *agora*, em plena consciência desperta no mundo externo.

Há poucas dúvidas de que tanto Spare quanto Fortune tenham praticado uma forma de controle de sonhos que lhes possibilitava, em suas respectivas esferas, colher a totalidade dos benefícios e tal prática. Mas Fortune, ao que parece, não obteve sucesso em

realizar seu sonho, e Spare traduziu suas vívidas experiências internas em obras de arte cujo valor ainda não foi reconhecido pelo mundo. Crowley, por outro lado, aterrou sua Grande Obra e a Corrente que ele iniciou está agora, apenas algumas décadas após sua morte, inspirando uma das maiores apostas na liberdade individual desde que Adam Weishaupt e os Illuminati transmitiram a fagulha que incendiou a conflagração que veio a mudar a história no século dezoito.

Em tempos mais recentes, o ocultista alemão Eugen Grosche também parece ter tomado conhecimento da ciência dos *kalas*. Em seu *Blätter für Lebenskunst*,² de circulação privada, ele mostrou como a polaridade sexual necessária pode ser induzida por meio de passes manuais aplicados sobre as zonas erógenas no corpo da mulher selecionada como um canal para a transmissão de forças mágicas. Esses passes, ou *mudras*, sejam feitos manualmente ou com uma baqueta ou vara previamente carregada com *ojas*, podem – embora nem sempre precisem – encostar levemente na superfície do corpo da mulher. A ideia é despertar os *pranas* corporais e causar sua convergência no *chakra* básico, ou yoni. Os *pranas* saturam a Kundalini, já inflamada por respiração rítmica, mantra, dança extática (em especial dança do ventre, que provoca o fogo latente) e cópula sexual, durante a qual a mulher inibe seu orgasmo. Crowley frequentemente complementava essas técnicas com álcool e drogas para induzir um estado de tumescência. Quando a mulher atinge o ápice da excitação, mas não antes disso, o magista inicia os passes manuais. Os *mudras* coletam os *ojas* que se acumularam nas zonas erógenas³ até que o potencial mágico da mulher esteja totalmente concentrado na yoni. O sucesso é indicado por um violento estremecimento na região genital e, em casos extremos, o corpo inteiro tem convulsões com paroxismos que marcam a saída da energia dos diversos *chakras*. Não se deve

2 N.T.: *Folhetos para a Arte de Viver*.

3 A localização precisa desses *marmas* é sempre mantida em segredo.

permitir que isso continue; se continuar, é um sinal de que a os *nadis*⁴ não foram corretamente purificados.

É nessa etapa, depois do corpo ter se acalmado, que alguns operadores absorvem os *kalas*, ou vibrações vaginais, que se acumularam na taça mágica. Eles aparecem lá na forma de fluidos sexuais, mas os *kalas* não são as secreções sexuais comuns, da forma que os fisiologistas compreendem; são fluidos carregados com energia mágica que representa o potencial total da Mulher como um agente ou veículo da Deusa que naquele momento tem o poder de *dar vida a qualquer coisa que deseje*.

Em relação a essa etapa do rito, profunda controvérsia se abateu a respeito da forma correta de obter o vital Décimo Quinto Raio ou *Kala*. Pois quando a mulher se torna de fato a Deusa Quinze, ela se torna oracular, uma força super-humana capaz de salvar, ou se o rito foi inadequadamente realizado, eliminar qualquer pessoa que se aproxime dela. Daí vêm os ferozes semblantes das *dakinis* (rainhas bruxas) representadas nos estandartes sagrados tibetanos. Em termos orientais, o procedimento errado nessa etapa do rito é condenado como *avédico*, isso é, contrário aos Vedas e, portanto, herético. Isso inclui consumir, de fato, os fluidos por meio de *cunnilingus*, embora algumas seitas Tântricas sigam e pratiquem exercícios regulares com a língua, num movimento que lembra a ordenha, estendendo-a o suficiente para permitir exploração vaginal profunda. As formas mais elevadas do *cunnilingus* são realizadas sem contato físico, mas esse é método é um segredo cuidadosamente guardado nos círculos Tântricos. O *Hathayoga Pradipika* e o *Shiva Sambita*, os quais Crowley menciona em *Magick* como famosos tratados Hindus sobre certas práticas físicas, descrevem um método conhecido como *Vajroli mudra*, no qual os fluidos são absorvidos pelo pênis, que é usado como

4 A complexa teia de filamentos nervosos que conduz os *ojas* a diferentes partes do corpo – tais como os mamilos dos seios – para causar ereção no começo de uma excitação sexual intensa.

um sifão. Muita prática sob a orientação de um guru experiente se faz necessária para usar o órgão dessa forma. Não há atualmente nenhum registro de que o próprio Crowley tenha usado essa técnica. Esse *olí*, como é chamado, parece ser Védico e, portanto, aceitável como prática Hindu ortodoxa.

O Grande Mudra (*Mahamudra*) do Culto Theriônico é mostrado na *Estela da Revelação*.⁵ Ela mostra a deusa estelar Nuit, arqueada sobre o celebrante do Rito; e essa é precisamente a postura ou *mudra* conhecida como *Kailasa Prastara* do *Sri Chakra*, na qual uma folha de *bhurja* é colocada sob a vulva da sacerdotisa para receber os *kalas* magnetizados. A folha é então passada ao redor do Círculo, de forma similar à manifestação mais antiga da Comunhão, quando a Taça de Cárís era oferecida aos celebrantes do *Agapé*, a festa do amor dos Gnósticos. Era o “sangue” de Cárís, a salvadora feminina,⁶ que *antecedia* o sangue de Cristo; daí sua eficácia quando comparada com seu substituto masculino posterior. Que se tratava de um substituto, e não uma contraparte, está provado pelo fracasso da fórmula Cristã; os Gnósticos representavam a tradição anterior e genuína.⁷

Nessa situação fica evidenciada, talvez de forma mais vívida do que em qualquer outra, a eterna luta entre os elementos Shakteya e Shaivitas dos Mistérios. No Culto de Thelema, o conflito é finalmente reconciliado pela exaltação da Criança, ou essências combinadas de ambos os cultos, mas Hórus, o filho, não é filho apenas da Mãe, e o componente masculino (*bindu*) que o gerou, embora esteja presente, é desconhecido. Como está escrito em *AL*: “Na esfera eu em toda parte sou o centro, uma vez que ela, a circunferência, é em lugar algum encontrada”. O conceito

5 Vide *The Confessions*, p. 512.

6 Para considerações sobre *Taradravamayi*, o equivalente tântrico desse “Salvador em forma líquida”, vide o Capítulo 8.

7 Vide *The Natural Genesis* [N.T.: *A Gênese Natural*] (Massey), Vol. II, pp. 355-365.

romano da Mãe Virgem foi uma compreensão errônea desse simbolismo. Daí vem a definição de Crowley da Trindade Thelêmica composta da Besta, a Prostituta e o Bastardo. Eu expliquei esse simbolismo profundamente em meu livro anterior.⁸

Portanto, não há lugar em Thelema para ascetismo do tipo praticado pelos Cristãos, cujos sacerdotes negam o sacramento ao qual eles próprios devem suas existências! A Fórmula de Thelema – *amor sob vontade* – é adequada à lei natural, e não uma blasfêmia contra ela.

Após ter concentrado *ojas* no *chakra* base, o magista pode absorvê-los imediatamente ou prosseguir com o rito. Nesse caso, através de manipulação magnética, ele eleva a energia, etapa por etapa, percebendo ao longo do caminho o potencial de cada um dos *chakras*. Alternativamente, ele pode elevar o poder até um centro específico, como o *Ajna Chakra*, e explorar os aethyrs.

A Mulher Escarlata é o portão da visão, e é nessa etapa do rito que o controle de sonhos se faz possível, pois o operador estabelece contato direto com o estado *svapnic* enquanto permanece desperto; ele pode, portanto, controlar a visão conforme a Vidente (ou seja, a Mulher Escarlata) a desdobra.

Crowley usou muitas videntes ao longo de sua carreira; oito foram de fundamental importância. A lista dada no Capítulo 2, *infra*, é do período de Cefalù-Túnis (1920-3), no qual ele estava preparando o Comentário Longo sobre *AL*. Seus Diários Mágicos posteriores mostram que várias outras candidatas aspiravam ao ofício, sendo a maioria delas rejeitada por um ou outro motivo.

Foi destacado por vários críticos de Crowley que as mulheres que se qualificavam para o papel quase sempre terminavam seu tempo de serviço em Colney Hatch⁹ ou alguma instituição simi-

8 O *Renascer da Magia*, Capítulo 3.

9 N.T.: Referência ao Asilo de Lunáticos Colney Hatch, que veio mais tarde a ser conhecido como Hospital Friern. Desativado em 1993.

lar. Isso pode ser verdade, mas não é uma crítica válida aos métodos de Crowley, pois o que não se leva em conta é que um tipo especial de temperamento se faz necessário para estabelecer contato com o estado de sonho enquanto ainda desperto. Mulheres ocidentais que possuem as características necessárias são raras, e como não contam com a vantagem hereditária da iniciação às técnicas ocultas – como ocorre com certas mulheres africanas e orientais – o súbito impacto de energia sobre suas personalidades tende a perturbar sua sanidade. Tais mulheres, portanto, astralizam com facilidade; foi sua falta de preparo adequado que resultou em sua loucura definitiva. Quando se considera que – mesmo no oriente – as condições atuais tornam quase impossível encontrar as mulheres com as aptidões necessárias, quão mais difícil isso deve ter sido para Crowley nos anos seguintes ao colapso de sua Abadia em Cefalù? Se o Experimento de Cefalù tivesse obtido sucesso Exteriormente, nós poderíamos a essa altura contar com um poderoso núcleo Thelêmico capaz de transmitir a Corrente para nós, seus herdeiros e sucessores. No atual estado, podemos apenas preservar as fórmulas, confiantes de que o atual renascer da magia venha a descobrir sacerdotisas genuínas para realizar a Nossa Missa.

Deveria ser extremamente claro para qualquer pessoa com alguma experiência em trabalhos astrais e de controle de sonhos que não há, na verdade, nada além de um estado desperto de consciência. Nós chamamos o estado de sonho dessa forma *depois* que os sonhos se encerram; durante o sonhar, não se experimenta qualquer senso de ilusão. De forma similar, o estado de sono sem sonhos é descrito como um estado de esquecimento, mas somente a partir do estado desperto. Enquanto experimenta-se *sushupti* (sono sem sonhos), há, muito pelo contrário, um estado de total despertar e total consciência; não de nada, pois isso é impossível, mas do Eu (*Atman*). Atman é consciência pura, isto é, Eu sem nenhuma mácula de ego. Como não existe pensamento no *sushupti*, a própria mente, que nada mais é do que o funcionamento dos

pensamentos, também não existe lá; a mente não é uma entidade por si só. Portanto, durante os três estados, somente a consciência desperta se faz presente; isto é, consciência vívida, imediata. No *jagrat* (estado desperto), a realidade é mascarada por objetos, que são pensamentos cristalizados; no estado de sonho (*swapna*) a realidade é obscurecida por pensamentos, que parecer reais para o sonhador assim como os “objetos” no estado desperto. No estado de *sushupti* (sono profundo e sem sonhos), a realidade é mascarada pela ausência de pensamentos, e os não esclarecidos confundem esse estado com inconsciência ou o vazio. Considera-se que a ausência de mentação implica a ausência do Eu; na verdade, ela indica a presença do Eu *em seu estado puro*, despido de todos os atributos, ou seja, pensamentos. A Consciência Pura é a realidade única, pois é o único fator comum a todos os três estados. Não há sonho ou sonhador; há apenas Realidade, ou seja, Consciência indivisa entre sujeito e objeto. Se esse substrato for *realizado*, ele há de brilhar, totalmente desobstruído, e o organismo automaticamente funcionará com perfeita espontaneidade em todos os estados.

Por que, então, usar sexo, álcool, drogas, mantra, dança, etc.? Seu uso é apenas um auxílio para aqueles que não perceberam a Unidade entre os Três Mundos (ou Estados). Pelo seu uso desperta-se, e depois controla-se, aquela consciência primordial que jaz dormente como a *Kundalini Shakti*. Aquela que tem que ser despertada para vitalizar e integrar os três estados de consciência é simbolizada por uma serpente de três voltas e meia, “dormindo” na base da espinha. O meio representa o número entre números, o espaço entre espaços onde a eternidade reside e transcende os três estados; onde todos os sonhos, todos os pensamentos, toda a atividade, fundem-se na Luz Clara.

Shakti é o espelho de Shiva e, portanto, o despertar do Fogo Primordial na sacerdotisa apenas segue a subida da energia em

Shiva (o sacerdote);¹⁰ se não for assim, o processo não alcança os mais altos resultados, não importando a abrangência de seu escopo ou o potencial de seus efeitos colaterais.

Os resultados mais elevados são místicos; eles concentram a Graça daquela Suprema Shakti (Kali) que concede Kaivalya.¹¹ Todos os resultados menores são de caráter mágico; conduzem em graus à Realidade definitiva. Sensibilidade ampliada, consciência aprimorada, consciência total, são os objetivos do rito. Evitar o embotamento da sensibilidade e a consequente inércia induzida por uma irritação excessiva dos “vasos da terra”¹² é uma das principais preocupações da sacerdotisa. Em *The Zoetic Grimoire of Zos*,¹³ Austin Spare se refere às Rainhas Bruxas que punem aqueles que se afundam em sensualismo como resultado da inércia causada pela estimulação excessiva. O método de Crowley de despertar a Serpente de Fogo está contido em um artigo intitulado *Eroto-Comatose Lucidity*,¹⁴ baseado nas experiências de Ida Nellidoff no Nono Grau, O.T.O.

Há muitas referências nos Tantras ao poder investido à sacerdotisa para corrigir por meio de punição os erros no procedimento ritualístico. A deusa ritualística “deve ser jovem, bem desenvolvida, sem filhos, saudável e celibatária; deve ter sido treinada no pranava mantra¹⁵ e em seus usos; deve ser capaz de usar

¹⁰ Cf. “... a complacência da Yoni é uma com o alongamento do Lingam” (*Liber Aash vel Capricorni Pneumatici*, verso 16).

¹¹ “No vazio está Kali, que concede Kaivalya” (ou seja, libertação final da existência condicionada). *Kâmadhenu Tantra*.

¹² “Vinde! Irritemos os vasos da terra: eles destilarão estranho vinho” (*Liber Liberi vel Lapidis Lazuli*, III, 24).

¹³ [N.T.: O *Grimório Zoético de Zos*] Escrito por Spare por volta de 1950-56, e publicado postumamente em *Zos Speaks! Encounters with Austin Osman Spare* [N.T.: *Zos Fala! Encontros com Austin Osman Spare*], de Kenneth e Steffi Grant; Fulgur Limited, Londres, 1998.

¹⁴ [N.T.: *Lucidez Erótico-Comatosa*] Vide Capítulo 9.

¹⁵ O pranava mantra é *OM*. Aqui refere-se à vibração criadora básica que é o

todas as flechas dos sentidos em suas reversões,¹⁶ e deve ser capaz de governar a si mesma e punir transgressores durante o ritual".¹⁷

Consciência total deve ser mantida durante o processo de absorção no mundo dos sonhos,¹⁸ e assim por diante até o Mundo Criativo de Briah.

Conforme Spare demonstrou, o verdadeiro Sabbat das Bruxas tinha (e ainda tem) como objetivo "a reificação do sonho inerente", que é outra forma de dizer que é a tomada de consciência, ou percepção, do sonho como idêntico à consciência desperta. Na terminologia de Crowley, o "sonho inerente" é a Verdadeira Vontade, a qual o magista tem como objetivo encarnar.

O Sabbat da superstição popular é uma caricatura grotesca, quando não uma paródia deliberada, do rito secreto que objetivava despertar a Mulher Serpente pelo uso positivo da Corrente sexual. O coven de treze pessoas representa o verdadeiro *chakra* ou Círculo Kaula. Treze é o número lunar por excelência, o número do feminino e das manifestações periódicas. Esse é o motivo pelo qual o número treze era considerado maldito pelos seguidores de cultos solares. Mas há uma outra implicação qabalística, que é o fato de 13 ser o inverso de 31, e 31 é o número de AL (Hórus), de LA (Nuit) e de ShT (Set), que são três 31s que constituem a Corrente 93 representada por Shaitan-Aiwaz, cuja fórmula é Amor¹⁹ sob Vontade.²⁰

Em *O Livro da Lei* há uma alusão direta a essa fórmula de reversão: "Um Deus há de viver em um cão? Não! porém os mais

mantra peculiar da Serpente de Fogo.

16 Vide abaixo.

17 De um comentário Tântrico iniciado contemporâneo.

18 *Swapna*, ou em terminologia qabalística, Yetzirah, o Mundo Formativo.

19 *Agapé* = 93.

20 *Thelema* = 93.

elevados são dos nossos”.²¹ Nos primeiros Sabbats o “deus” aparecia na forma de um grande cão; isso é, o Grande Mestre ou celebrante chefe assumia a forma-deus do cão, típica do fogo estelar que era identificado no antigo Egito com Sothis e com o forte calor chamado “calor do cão”.

A doutrina da reversão dos sentidos é tão antiga que encontramos referência a ela como uma tradição já decadente nos Tantras muito antes da época Cristã. Os Siddhas Tâmile, em particular, referem-se às práticas nas quais a imbibição de urina feminina e fezes incineradas²² formavam parte de um rito purificador adotado por aqueles que adotavam a Deusa na forma de uma mulher viva. Em um comentário secreto sobre essas práticas aparecem as seguintes observações interessantes:

O *Vama Marga* leva à reversão das funções; o ritmo também é revertido; a morte, acompanhante da vida, deixa de sê-la; é uma forma de *Viparita Karani* (permanecer de ponta-cabeça) recomendada como auxiliar na prática da Yoga; coisas que provocam nojo são analisadas e purificadas, e, tendo seus valores extraídos, são usadas para o Aperfeiçoamento do Homem. Por exemplo, a urina da jovem e saudável fêmea que contém as secreções internas de vários órgãos de valor terapêutico e importância para melhoria da saúde é usada como meio de imbibição de tônicos, etc. As fezes, calcinadas como instruído pelo *Kalagnirudra Upanishad*, são misturadas com a urina e consumidas conforme necessário. A antiga ciência da organoterapia do oriente diz que esses produtos são de um valor muito potente e inimaginável; os antigos não obtinham seus extratos de glândulas endócrinas a partir de gatos, cães ou porcos acéfalos e mortos (que é de onde a ciência “pura” dos tempos modernos os obtém), mas das excreções de seres humanos vivos, onde estão contidas substâncias muito mais valorosas do que as que se encontra em animais mortos.

Em outra parte, o mesmo Comentário diz:

21 *Deus* [N.T.: *God*] (*AL*) é o reverso de *Cão* [N.T.: *Dog*] (*LA*).

22 O termo fezes de vaca, como usado nos Tantras, é um eufemismo para sua contraparte humana.

No Shakta Tantra, *viparita karani* consiste em habitualmente consumir coisas repulsivas e incômodas, como urina, fezes – de vacas ou de humanos é apenas um detalhe –, mênstruo e bindu; ademais, alguns [adeptos] consomem sua nutrição pelo ânus e suas bebidas pelos órgãos sexuais... Enquanto os Hatha Yogins também consumiriam os fluidos femininos como acima, o Shakta Tantra se refere apenas aos atos de *viparita* e *vamom* que se fazem necessários quando o contato físico não é recomendável. *Viparita* é o exercício de abolir o nojo ao ingerir coisas repulsivas que são úteis; ao desfrutar da presença e companhia de mulheres feias, porém talentosas; ao fazer atos extremamente fora do convencional, até mesmo revoltantes, que ainda assim sejam propositados e visando o aprimoramento; ao viver uma vida melhor do que em um ambiente de virtude afetada e falsa modéstia. Essa atitude é uma consequência natural, afetando a mente, cuja atitude muda com a da Kundalini, quando Ela começa a fazer seu caminho de *viparita* (retorno)...

Austin Spare, um expoente moderno desses Mistérios, diz a respeito do Sabbat genuíno:

A Bruxa engajada nele é velha, grotesca, mundana e libidinosa-mente vivida; e é tão sexualmente atraente quanto um cadáver; no entanto, ela se torna por completo o veículo da consumação. Isto é necessário para transmutar a cultura estética pessoal, que é desta forma destruída. Perversão é usada somente para sobrepujar preconceitos ou conformidade morais; a mente e o desejo devem se tornar amorais, focados, e devem estar completamente abertos para que a força vital esteja livre das inibições que antecedem o controle.²³

De forma similar, Spare acreditava que “um critério culturalmente aceito destruiu mais afinidades *afetivas* do que qualquer outra crença; mas *aquele que transmuta o feio em uma nova estética tem algo além do medo*”.²⁴

O travestismo posterior dessas doutrinas ancestrais nos revoltantes ritos do Sabbat Negro, que consistia de uma simples inversão de práticas Cristãs, é o eco distorcido de uma doutrina

23 *The Zoetic Grimoire of Zos*. Vide *Zos Speaks!*, p. 219.

24 *Ibid.*

que tem em seu âmago o verdadeiro *samadrishti*, ou visão igual, que caracteriza os níveis mais exaltados da espiritualidade.

O Alquimista medieval talvez tenha chegado mais perto da doutrina pura com sua análise de substâncias popularmente consideradas impuras. Ele sabia que a escória era a forma externa do Deus Oculto; que o ouro reluzente de valor inestimável está em minérios e metais que repelem aquele que é incapaz de distinguir entre o valioso e o desprezível.

Nessa conexão, uma das principais formas-deus tidas como sagradas pelos cultos primordiais era a do porco, sagrado para Tífon, o senhor obscuro da Tradição Draconiana. O porco era considerado um animal impuro por cultos posteriores pois era conhecido como um dos poucos animais que comem excrementos humanos. É significativo que os Judeus os tenham banido como abomináveis quando mudaram da adoração estelar de El Shaddai (Al-Shaitan) para a do Jeová paternalista e solar. Mas o porco era originalmente um glifo de máxima santidade, devido a uma doutrina que envolvia a absorção de substâncias que o não iniciado evitava por serem repulsivas; o que, de fato, eram, sem sua forma não regenerada e não sacramental. Quando purificadas e consagradas a serviço da Deusa, no entanto, eram tidas como auxílios valiosos para o despertar da Serpente de Fogo: “Toda comida tem a intenção não de alimentar o corpo, mas a Kundalini, daí a urina e fezes e extratos menstruais. Não é necessário se submeter a quaisquer ginásticas ou exercícios fatigantes durante o treinamento da Kundalini – o mais leve exercício a afeta; e então tudo é júbilo, se a atenção e a visão estiverem devotadas exclusivamente a ela”.²⁵

O famoso, ou talvez infame, Rito dos Cinco Ms (*Panchamakaras*)²⁶ envolve o uso de substâncias que o indivíduo

25 De um Comentário Secreto. Cf. *Liber Astarté vel Berylli (Magick)*, pp. 460-471).

26 Os cinco *makaras* são *madya* (vinho), *mamsa* (carne), *meena* (peixe), *mudra*

dos tempos atuais, criado em um meio de falsos valores Cristãos, considera repulsivas. Há uma referência a esse Rito no *Liber VII*.²⁷ Crowley traduz a doutrina em termos de afinidade e repulsão químicas, sendo ambos aspectos de *Agapé*, que significa “amor” em seu sentido total de atração-repulsão, amor-ódio. Em *Liber Aleph*, Crowley explica que a quantidade de energia e êxtase libertada pela união de elementos novos e frequentemente contrários é mais profunda, feroz e significativa do que a união de similares:

... pelos reiterados Casamentos vem a Tolerância, e o Êxtase não mais aparece. Assim seu meio grão de Morphia, que no começo abriu seus Portões dos Céus, não tem valor algum para o Autoenvenenador depois de um Ano de Prática diária. Assim também o Amante deixa de encontrar Júbilo na União com sua Concubina, assim que a Atração original entre eles seja satisfeita pelas repetidas Conjunções. Pois essa Atração é um Antagonismo; e quanto maior essa Antinomia, mais feroz é o Poder do Magnetismo, e a Qualidade da Energia liberada pelo Coito. Assim, na União dos Similares, assim como dos Alógenos entre si, não há Paixão forte de Força explosiva, e o Amor entre duas Pessoas de Caráter e Gosto similares é plácido e sem Transmutação aos Planos mais elevados.

Porém, sabe disso, que cada Oposição é em sua Natureza chamada de Sofrimento, e o Júbilo está na Destruição da Díade. Portanto, debes sempre buscar essas Coisas que são para ti venenosas, e no mais alto Grau, e torná-las suas por Amor. Aquilo que repele, aquilo que revolta, tu debes assimilar nesse Caminho da Completude. Porém, não te satisfaz com o Júbilo da Destruição de cada complexo em tua Natureza, mas prossegue rumo àquele Casamento definitivo com o Universo cuja Consumação há de te

(atitudes) e *maithuna* (congresso sexual). Vide *Panchatattva* ou Ritual Secreto (Capítulo xxvii de *Shakti and Shakta* [N.T.: *Shakti e Shakta*], de Arthur Avalon, Terceira Edição, 1929).

27 *Liber Liberi vel Lapidis Lazuli* (Uma publicação em Classe “A”), Capítulo III, v. 37.

destruir por completo, deixando apenas aquele Nada que havia antes do Começo ...²⁸

O célebre devoto bengalês de Kali, Sri Ramakrishna, observa também – com a maior estima – a habilidade do esclarecido de não fazer distinção entre os conteúdos de uma lixeira e de um prato preparado para o gourmet. Essa suprema atitude, ou *mudra*, é exemplificada pelo devoto de Kali que realiza seus ritos místérios nos crematórios, iluminado pela desagradável radiância de uma lua minguante tingida de sangue na calada da noite; cercado pelos corpos dos mortos apodrecendo, seus murmúrios mântricos acompanhados das ululações das hienas. No entanto, para o devoto, esse *smashanam* (crematório) não é senão a yoni da Deusa coberta de flores, onde todos os desejos alcançam satisfação final e a extinção definitiva na pira funerária:

Tu és uma coisa bela mais branca do que uma mulher na coluna desta vibração.

Eu disparo verticalmente como uma flecha, e me torno aquilo Acima.

Mas isto é morte, e a chama da pira.

Ascendi na chama da pira, Ó minha alma! Teu Deus é como o gélido vazio do céu mais remoto, no qual tu radiaŝte tua pequena luz.

Quando Tu me conheceres, Ó Deus vazio, minha chama expirará completamente na Tua grande N.O.X.²⁹

A palavra *Nox*, ou Noite, contém a chave para essa passagem, assim como também contém a chave para a fórmula de Nuit arqueada sobre o celebrante, derramando sobre ele seus *kalas*. Isso pode ser demonstrado qabaliŝticamente, e também literalmente, pois N.O.X., NOTz=210, que é o número de uma fórmula secreta chamada *Ompedha*,³⁰ uma palavra que esconde 3 x 70 (ou seja,

28 *Liber Aleph*. As citações são dos Capítulos 22 e 23.

29 *Liber Liberi vel Lapidis Lazuli*, I, 36-40.

30 *AL*, III, 54.

N.T.: O autor usa a grafia *Ompedha*, enquanto o manuscrito de *AL* traz a escrita

210), as Três Fases do Nada; Nada, ou Nuit, nos três mundos ou estados de consciência desperta, consciência de sonho e o sono profundo ou estado vazio. 210 também é o número da reversão, confusão, e, portanto, da reversão dos sentidos acima descrita. No comentário de Crowley sobre *Nox*, o *N* é igualado a Menthu (o falo), o *O* a Amon (o Deus Oculto), o *X* a Ísis (como *virgem*, ou seja, dormindo, sem despertar).

Em outras palavras, agora prontamente compreensíveis, aquilo que é sonhado (se o sonho for magicamente controlado) é mais real do que a experiência dita desperta.

O *Livro dos Mortos* dos Egípcios é o mais antigo, e também o mais detalhado Grimório para aqueles que desejam “seguir em frente hoje” rumo à luz da consciência completa além dos três estados. *AL* desempenha um papel similar para aqueles que, como Austin Spare colocou, desejam “reificar o sonho inerente”. Em *AL* também há ênfase no elemento “impuro” da Gnose pré-Cristã: “O melhor sangue é o da lua, mensal: então o sangue fresco de uma criança, ou pingando da hóstia do céu: então de inimigos; então de um sacerdote ou dos adoradores: por fim de alguma besta, não importa qual. Isto queima: disto fazei bolos & comei para me...”³¹

A inversão dos sentidos, ao ponto em que a repulsa e a atração neguem uns aos outros em um orgasmo supremo, constitui *agapé*, o “banquete do amor dos supersensualistas”. Esse banquete foi mencionado por Spare em *The Book of Pleasure*, sendo “banquete do amor dos supersensualistas” o título de uma ilustração que foi infelizmente omitida do livro. É fácil imaginar o que ela teria representado se considerarmos a natureza do repasto em termos do ritual Shakta Tantra do *Vama Marg*. Spare experimentou se envolver em relações sexuais com os tipos mais repulsivos de mulheres que se possa imaginar, o que lembra um anúncio para

Ompebda.

³¹ *AL*, III, 24, 25.

modelos que Crowley compôs durante a época em que viveu em Greenwich Village, Nova Iorque:

PROCURA-SE

Mulheres Anãs, Corcundas, tatuadas, Garotas de Harrison-Fisher, Aberrações de Todos os Tipos, Mulheres de Cor, somente se excepcionalmente feias ou deformadas, para posar para artista. Candidaturas por correspondência, incluir fotografia.

A queda de Auſtin Spare por mulheres feias, em especial ratomas do tipo aqui descrito, com clitóris hipertrofiados, se baseava na doutrina da reversão dos sentidos. Mas um comentarista contemporâneo de uma das mais secretas formas de adoração Tântrica enfatiza a não necessidade de buscar mulheres incomuns:

Bhagavati, tu cuja principal importância na adoração é o *bhaga*, a saída genital. Tua natureza é sempre nova; tua secreção sempre fresca ... Todos os dias o néctar das mulheres é fresco, sem pecado; aqui refere-se às *Sadbarana*, as mulheres comuns, normais ... não há necessidade de buscar mulheres extraordinárias. Qualquer resíduo sai das mulheres como *sesha* e *seshee*, duais por natureza, *bindu* e *rajas*, e sua mistura na *shivambhu*, ou urina. Essa é a ciência das Bhairavas, as divindades com rosto de cão que existem desde os tempos do antigo Egito; diz-se cão porque suas excreções eram valorizadas, o *sesha* do metabolismo humano; cão, porque aqui o participante não conhece Medo, *Bhairava* ...

A técnica para cultivar a reversão dos sentidos é descrita pelo mesmo comentarista, e como ela é de vital importância para a compreensão da natureza do Culto de Crowley, assim como o de Spare e outros, eu a cito aqui na íntegra:

O tanto quanto possível, e para obter os melhores resultados, deve haver um cultivo do exterior para o interior. Há uma reversão do sentido do paladar ao virar a ponta da língua de forma que a úvula se vire para cima, e, em tempo, feche o buraco no topo do palato; a reversão do sentido do tato ao ser negativo com qualquer coisa com que se entre em contato, mantendo uma espécie de intocabilidade interior, tornando-se repulsivo; ao se deleitar com coisas repulsivas, porém valiosas, como urina e fezes, e ao procurar odores onde eles são mais fortes, como no cio e nas secreções das mulheres. Aquele que passa por esse des-

vio de forma sistemática, minuciosa e científica entende que o processo de envelhecimento pode ser interrompido e revertido pelo uso do nojo e pelo uso de fêmeas jovens, como era feito na antiguidade como o Rei Davi e Salomão.³²

A Corrente de Aiwass de Crowley, o Zos Kia Cultus de Spare e o Culto de Cthulhu de Lovecraft são diferentes manifestações de uma fórmula idêntica – a do controle dos sonhos. Cada um desses magistas viveu sua vida dentro do contexto de mitos oníricos cósmicos que, de alguma forma, eles retransmitiram à humanidade a partir de outras dimensões. A fórmula do controle dos sonhos é, em um sentido, usada por todos os artistas criativos, embora poucos tenham obtido sucesso em trazer a consciência humana a uma tamanha proximidade com outras esferas.

Em geral, as pessoas não têm consciência das influências sutis que Crowley ajudou a focalizar. No entanto, a quebra das fórmulas religiosas obsoletas, a mudança abrupta de valores, e a atual habilidade de certos tipos de mente responderem à Corrente mostram claramente que Crowley, Spare, Lovecraft, Grosche, Fortune, etc., não são os originadores de tal Corrente, mas apenas seus transmissores. Essa é a pedra de toque do real valor e grandiosidade da arte: ela age como um canal para tais influências cósmicas ou, assim como a chamada arte “moderna”, é apenas a expressão de uma psique privada e deslocada, imperfeitamente conectada com, ou mesmo completamente desligada das fontes extradimensionais de Energia criativa que inspira todos os verdadeiros artistas?

Não é fácil, e às vezes é extremamente difícil, discriminar entre as duas formas de expressão, que podem ser divididas nessa instância – e somente nessa instância – em atos de magia branca e de magia negra. A arte de Lovecraft teria sido realmente negra, se fosse realmente tecida, como ele acreditava, das profundezas de sua própria psique desconectada. Creio que eu tenha demonstrado que não foi esse o caso.

32 A referência é à história bíblica de Abisague, a sunamita. Vide *1 Reis*.

O Vinho Sabático e o Graal do Diabo

De acordo com antigos conhecimentos ocultos, o microcosmo é uma réplica do macrocosmo, que é o repositório de todo o poder cósmico. Esses poços de energia podem ser acessados quando a Kundalini está no centro ou campo de força apropriado do organismo.

Há muitos outros desses campos de força além dos conhecidos *shatchakras*. A Serpente de Fogo desvia seu foco e concentra diferentes tipos de energia em diversos planos da consciência, e isso põe os padrões de objetividade correspondentes na tela da consciência. Por exemplo, é possível que um ser de Saturno difira de um habitante da terra (animal, vegetal ou mineral) pela simples virtude da Kundalini estar normalmente ativa em um centro corporal diferente daquele no qual opera nas entidades terrenas. Eu uso a expressão terrena, embora seja claro que é a deusa que produz na consciência a ilusão da terra, assim como produz a ilusão de qualquer outro planeta, estrela ou corpo celeste. É, afinal, a Kundalini quem cria a ilusão do corpo humano, o microcosmo no qual diz-se estar contido o macrocosmo. Entidades não humanas nas quais a Kundalini está parcialmente desperta (parcialmente, embora permanentemente em relação a um ciclo vital específico) possuem anatomias e tipos de inteligência distintos daqueles nos quais ela permanece dormente. Os próprios plane-

tas são uma expressão da Kundalini em certos níveis. É possível, portanto, igualar os campos de força (a Kundalini nos *chakras*) com poderes planetários e estelares. Como, então, temos consciência de tais planetas, etc., se a Serpente de Fogo não despertou em nós mesmos até a zona de poder microcósmica correspondente? A resposta é que temos apenas uma consciência vaga se suas existências externas, embora não de sua verdadeira natureza e poder, da mesma forma que somos vagamente conscientes da existência de uma lesma, uma pedra, o oceano, sol, lua e estrelas, sem sermos capazes de perceber nossa identidade com sua natureza essencial; sem, de fato, sermos capazes de compartilhar seus estados de consciência. Não podemos nos identificar com esses estados até que a Kundalini nos una com eles através dos campos de força apropriados.

A Kundalini pode ser atizada e, às vezes, totalmente desperta por qualquer um dos métodos a seguir:

Concentração total e absorção da mente em sua fonte, oriundas de estudos ou pesquisas intensos, ou por meio de introversão absoluta; ou por algum estado de quiescência mental, ou concentração unifocalizada de energia mental em um símbolo ou sigilo mágico.

Drogas e álcool: "Para adorar-me tomai vinho e estranhas drogas a respeito das quais Eu direi a meu profeta, & embriagai deles! De forma alguma eles vos causarão mal".¹

Choque (na forma de surpresa intensa, sofrimento, êxtase, etc.); qualquer descarga súbita de energia subconsciente afeta a Kundalini.

Êxtase induzido por música: jazz, *kirtana*, percussão ritmada, mantra.

¹ Ao pesquisar os mistérios de *AL* (de onde é citado esse verso: *AL*, II, 22), percebe-se que é questionável se as drogas e vinho mencionados são entorpecentes da forma que normalmente compreendemos. Essas podem ser referências aos *kalas* ou vibrações vaginais aos quais já se aludiu.

Velocidade, que tem uma tendência a afrouxar o corpo astral, possibilitando um influxo controlado de energia cósmica. A dança rodopiante dos Dervixes e os giros frenéticos dos praticantes de Vodú induzem uma condição similar de repetitividade a influências cósmicas; essas agem diretamente sobre a Serpente de Fogo.

Atividade sexual magicamente controlada tendo a Kundalini como objeto imediato. Esse é um método perigoso e demanda do praticante um alto grau de iniciação. Como declara o *Kularnava Tantra*: “Alcança-se os céus exatamente pelas mesmas coisas que podem conduzir ao Inferno”.

Compaixão absoluta por toda a criação. Essa é a fórmula Budista por excelência; ela leva aos transes mais elevados e àquele *Sahaja Samadhi*, ou estado de autorrealização natural e permanente, alcançado por Advaitins.

Êxtase estético ou arrebatamento impessoal induzido pela contemplação de obras supremas de arte.

Entusiasmo religioso induzido por devoção total ao Absoluto concebido na forma de uma divindade pessoal. A obsessão resultante conduz a transcendências da individualidade, e esbarra na energia cósmica. O devoto é elevado aos “céus” de seu “deus”.

Violência elevada a ponto de frenesi, seja masoquista ou seu oposto. Isso libera atavismos primordiais, cujas ressurgências conduzem diretamente ao mais antigo (ou seja, original) estado de consciência que, sendo puro, é cósmico e ilimitado.

Uma vez desperta, a Kundalini força seu caminho de subida pelo *Sushumna*,² e ao fazê-lo, seu progresso é marcado por visões maravilhosas e pela aquisição de poderes até então desconhecidos; isto é, considerando que os *chakras* estejam adequadamente selados. O perigo desse tipo de Yoga é a possibilidade de despertar o Poder Primordial antes que tudo esteja devidamente equilibrado; quando uma descarga ocorre em alguma direção errada, o resultado é a obsessão.

2 O canal central representado pela espinha no homem, e pelo Pilar do Meio no sistema qabalístico representado pela Árvore da Vida.

É possível extrair energias estelares ou transmundanas usando o organismo humano como um condensador. Isso se alcança ao acessar a zona de poder adequada, depois da Kundalini tê-la animado e magnetizado. Um Magus poderia, se assim desejasse, criar uma raça de entidades capazes de alcançar – mesmo que por meios mundanos, como o foguete – as estrelas e planetas. A energia cósmica permanece dormente na entidade até ser disparada, magicamente ou mecanicamente, rumo à atmosfera da estrela cuja energia ela representa e condensa. Tal entidade não terá interesse nem ponto de contato com preocupações humanas além daquelas essenciais à sua existência física. Ela pode até mesmo exibir intensa apatia ou inércia, e, ao mesmo tempo, uma nostalgia profunda por algum “paraíso perdido” vagamente percebido. Isso a imbuí de uma urgência premente de sair da terra e buscar seu verdadeiro lar entre as estrelas. Uma situação análoga ocorre entre os homens, quando o artista sacrifica tudo por seu ideal de beleza, quando o devoto “morre” em nome de seu “deus” ou para gozar de beatitude eterna na presença divina.

As partículas da fina substância arenosa no *Ajna Chakra*³ são permeadas com energia que irradia da Kundalini. Ao colocar a vontade em alinhamento direto com esse centro, a Serpente de Fogo é estimulada e induzida a ascender. Nas Escolas de Mistérios secretas do oriente, discos de metal magnético são colocados sobre os *chakras* intermediários com a intenção de coletar as energias liberadas pela subida da Serpente de Fogo. Essas energias são preservadas em vasos hermeticamente vedados e posteriormente infundidas nos *ojas* do sacerdote que as despertou. A Mulher Escarlata é então inseminada com fluidos carregados com esses *ojas*. Em seu devido tempo, ela dá à luz uma “criança” capaz de existir na estrela em particular que é a bainha externa da alma que a criança corporifica.

3 Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 2.

A anatomia astral do homem é construída em torno dos *marmas* e *sandhis*, que agem como estações receptoras para emanações de outros planos, outras dimensões. São os portões através dos quais os *kalas* são transmitidos ao sistema endócrino para distribuição na sutil rede de *nadis*. Essa teia altamente complexa é formada por junções ou cruzamentos de correntes de energia, os quais, vistos clarividentemente, constituem um mapa das vibrações magnéticas, fulgurando como relâmpagos contínuos. A luz é o centro desse sistema, e seus raios iluminam todas as zonas de poder do sistema solar. O Macrocosmo de Vitruvius⁴ é uma interpretação ocidental parcial dessa ciência secreta do *Sri Vidya*, mas o sistema completo está escondido exclusivamente em uma figura mística – o *Sri Chakra* dos Tantras Hindus.

A bruxaria, como é normalmente entendida (ou incompreendida), é uma degradação e uma abominação dessa ciência, usada universalmente no passado por Iniciados. Ela é agora conhecida e praticada apenas nos mais escondidos recônditos da Ásia e América do Sul, onde a ciência foi preservada de forma intacta sob a máscara da bruxaria africana que – externamente – se degenerou em Vodunismo, mais ou menos da mesma forma que sua contraparte europeia degenerou em mera feitiçaria misturada com uma inversão dos ritos ortodoxos Cristãos.

O uso de sangue menstrual e de urina de prostitutas nos ritos Sabáticos se originou de uma compreensão errônea da verdadeira natureza da Corrente lunar e da sua confusão com práticas sexuais caóticas, que ao longo dos séculos infiltraram-se em alguns dos Tantras menores, conquistando para eles o repúdio e o desprezo dos Iniciados.

Uma certa tradição de origem peruana cuidadosamente guardada, nunca registrada por escrito, descreve a elevação da Serpente de Fogo por meio de estimulação eletromagnética dos *marmas*, as

⁴ Vide *Magick*, onde o Macrocosmo de Vitruvius é representado como um diagrama adequado para o topo de um altar.

zonas de detumescência no corpo da Mulher Escarlate. Discos finos de metal, previamente carregados com energia eletromagnética por exposição a radiações estelares, são postos sobre o corpo da mulher, que foi previamente estimulado com *ojas* liquefeitos. Os peruanos, assim como os egípcios, não mediam o tempo apenas por meio de fuêtes piramidais; eles também recebiam os raios estelares através de discos especialmente preparados – finos a ponto de serem transparentes – em recipientes cheios de *ojas* líquidos. Os discos e quadrados de ouro, inscritos com hieróglifos e usados como talismãs,⁵ são apenas ecos de seu uso infinitamente mais antigo, quando eram de fato talismãs potentes carregados de emanções vivas da “deusa”; suas vibrações vaginais eram consagradas no amuleto, cujos selos representavam os *mundras* (posturas, atitudes) assumidos pela Mulher Escarlate durante a transmissão de energia cósmica através da bateria de seu corpo.

Os Adeptos orientais (em particular os árabes e indianos) evoluíram esse conhecimento. Eles mapearam os *marmas* do corpo através dos quais os *kalas* são transmitidos para os céus⁶ e descarregados na corrente sanguínea pelas glândulas endócrinas. A astrologia era, originalmente, a ciência da interação entre energias micro e macrocósmicas. A verdadeira ciência se perdeu no ocidente, mas em certos santuários escondidos do oriente, a mais antiga ciência do fogo estelar intercósmico ainda é conhecida e praticada. Nessa ciência, conhecida pelos Tântricos do sul da Índia como *Chandra Kala*, a Lua (*chandra*) tem toda a importância. Ela é o prisma – assim como a Mulher Escarlate, sua análoga terrena – através do qual passam todos os *kalas* cósmicos. Os *yantras* sagrados⁷ são padrões criados por vetores de energia fluindo através dos *marmas* e *sandbis* quando o influxo dos *kalas*

5 Como no *prayoga* ou seção mágica do célebre *Saundarya-Labari* (*Oceano de Júbilo*), um Hino à Deusa Suprema, e textos cognatos.

6 Em particular os céus noturnos simbolizados por Nuit.

7 Em especial o grande *Sri Yantra* e a *Yoni de Dakshinakalika*. Vide Capítulo 3.

impinge sobre eles. De forma inversa, *dharana*⁸ sobre um *yantra* em particular invoca o influxo cósmico, fazendo-o funcionar. O ocultista, conseqüentemente, usa o *yantra* como um foco em seu esforço para invocar qualquer força necessária ou para penetrar qualquer aethyr desejado.

É provável que o Iniciado árabe Solomon ben Aifa tenha apresentado Carl Kellner⁹ a algum desses Mistérios. Deve-se lembrar que Crowley recebeu esses ensinamentos por meio de Theodor Reuss, que de acordo com seu próprio grau de realização e com sua habilidade em traduzi-los nos termos da Tradição Hermética ocidental, os incorporou nas lições que preparou para os graus mais elevados da O.T.O. E aqui encontra-se um enorme obstáculo para uma correta compreensão da obra mágica de Crowley na esfera da mágička sexual.

Em prol do conhecimento mágičko, portanto, deve-se dizer que, antes dele, nem Reuss nem Kellner mostraram-se capazes de transmitir, sem distorções, essa ciência extremamente sutil. Crowley reconhecia a deficiência do sistema na forma como Reuss o apresentou, mas somente em uma etapa mais avançada de sua vida ele tomou conhecimento da fórmula suprema que Kellner e Reuss só apreenderam com alguma relevância para o processo sexual, o aspecto mais material da Serpente de Fogo.

Em um inestimável Comentário contemporâneo sobre um texto do *Vama Marg* que traz referências em especial ao *Sri Vidya* e sua revisão do *Chandra Kala*,¹⁰ é dito que Crowley fracassou em compreender a verdadeira natureza das técnicas psicosssexuais que ele recebeu do Iniciado árabe por meio de Kellner e Reuss. Em uma anotação em uma cópia datilografada desse Comentário,

8 Nesse contexto, concentração mental.

9 Dr. Carl Kellner, um Adepto austríaco que remodelou a O.T.O. em 1895, de forma similar ao que fez Crowley quando este finalmente tomou o lugar de Reuss em 1924. Kellner morreu sob circunstâncias misteriosas em 1905.

10 Ou seja, sua aplicação no papel da Mulher Escarlate.

Crowley nega a acusação de fracasso e adiciona que o comentarista “não leu meu manuscrito sobre o assunto”. A qual manuscrito Crowley se referia é um tema de especulação; parece certo que foi escrito após seu ensaio sobre o Elixir da Vida (escrito em Cefalù), pois nenhum de seus registros de operações mágico-sexuais inclui quaisquer referências aos *kalas* exceto em suas formas mais densas. No entanto, Crowley reconhecia a natureza altamente esotérica das secreções mencionadas em *AL*. Isso pode ser provado por suas observações em uma carta a Norman Mudd (Fratel O.P.V.) datada de 30 de outubro de 1923: “Eu duvido que a palavra ‘secreto’ seja usada no Livro em seu sentido vulgar. Eu a assimilo à ideia de *secreção*”. Essa e outras referências a processos Alquímicos mostram que já em 1923 Crowley estava ciente da real importância desses “secretos”.

A respeito desses *kalas*, o Comentário Tântrico observa o seguinte:

O que não é (amplamente) sabido é que essas secreções não são meras excreções, e sim valiosos fluidos que contêm as secreções das glândulas endócrinas em uma forma muito mais pura e mais adequada para o consumo humano do que os extratos de glândulas e os subprodutos feitos com glândulas secas da organoterapia moderna. Deve-se lembrar que os extratos de glândulas endócrinas preparados quimicamente são feitos das glândulas de animais mortos que carecem de certas essências presentes somente em seres vivos, e também são diferentes nos humanos e nos animais. As secreções das mulheres são feitas no laboratório da Divindade, o Templo da Mãe, e fornecem apenas o necessário para o ser humano, nas proporções exatas.

De acordo com Arthur Avalon,¹¹ *Kamrup*¹² é um *tirtha* ou zona de poder terreno representado pela yoni da Deusa: “Aqui, em Seu santuário, diz-se que a menstruação da terra ... manifesta a si mes-

11 *Hymns to the Goddess* [N.T.: *Hinos à Deusa*] (Ganesh & Co., Madras, 1952), Introdução.

12 Literalmente, a forma ou a imagem do desejo. Kamrup [N.T.: *Kamarupa*] era a antiga capital de Assam.

ma". Em outras palavras, *Kamrup* concentra as essências vaginais em seu aspecto lunar. Esse lugar é, assim, o assento do Tantra, daquela contínua ou cíclica manifestação de poder cósmico representada no microcosmo pelo cio periódico da fêmea humana, o período que divide¹³ o caos do cosmos. Ela tipifica o rut, *ritu* ou rito, emblemático do momento "certo"¹⁴ para o congresso sexual ou criativo.

Há um certo templo secreto em Assam onde um fogo eterno, que lembra o fogo eterno dos Rosa-cruzes, bruxuleia ante uma imagem da Kundalini feita de metais condensados de vibrações do espaço sideral. Ela tem a forma de uma entidade com seios de *electrum magicum*,¹⁵ e um corpo de *ojas* vitrificados. De sua yoni fluem ondas contínuas de energia que mudam de cor quinze vezes ao longo de meio ciclo lunar. Essa imagem primordial da Deusa, ou Mulher Escarlata, representa todos aqueles glifos ocultos que simbolizam a Serpente de Fogo, a Kundalini em sua fase escorpiônica de regeneração através da corrupção. Os vários tons ou raios de luz iridescente são às vezes vistos por yogis durante suas meditações. Eles são a base do simbolismo do arco-íris representado na hermenêutica cristã, em conexão com um dilúvio de águas (caos), e interpretados como uma promessa de que esse dilúvio não há de derrotar por completo a humanidade.

O nome do arco-íris, *qesbeth* ou *qashed*, é qabalisticamente idêntico com o Qadosh místico conhecido dos Iniciados Judeus. Essa é uma forma de mágička sexual praticada frequentemente por Crowley quando a "lua" estava cheia.¹⁶

13 Cf. *AL*, I, 29: "Pois eu estou dividida pela graça causa do amor, pela chance de união".

14 N.T.: Em inglês, *right*, cuja ortografia lembra outros termos usados na mesma frase.

15 Uma liga dos sete "metais" planetários, ou *kalas* solidificados.

16 Vide *The Magical Record of the Beast 666*, em particular a seção intitulada *Rex de Arte Regia*.

O simbolismo do leque ou yoni de muitos tons é refletido em um antigo rito dos Tântricos Hindus, onde é representado como a “yoni coberta de flores” da Deusa.¹⁷ Em um Culto mais antigo, a cauda aberta do pavão, adorado pelos Iazidis da Mesopotâmia, era um símbolo cognato.

No conhecimento Alquímico medieval, a fórmula da corrupção era representada por aquela etapa do elixir caracterizada por uma certa iridescência que lembra o simbolismo de arco-íris-dilúvio da tradição bíblica.¹⁸ A fórmula essencial da corrupção era tipificada pelos Cristãos na imagem da Prostituta da Babilônia, a Mulher Escarlata do *Apocalipse*. Mas eles fracassaram em compreender que essa era apenas uma referência simbólica, como certos Hindus, que consideravam as manifestações particulares femininas como excrementos e imundície.

O Iniciado, pelo contrário, considera essas essências como matéria viva, não morta, a própria matriz dos elixires vitais usados em ritos místicos de regeneração. Somente os mal-informados consideram essas substâncias impuras. Tais pessoas perderam, ou nunca tiveram contato com a tradição mágica primordial; estas são consumidas por sentimentos de culpa engendrados por conflitos internos e complexos psíquicos mal resolvidos. Tais atitudes foram enxertadas na psique pelos sacerdotes dos cultos paternalistas, dos quais o Judaísmo tardio e o Cristianismo histórico são exemplos típicos. Vistos sob a luz de uma fórmula natural e, portanto, mágica – pois não existe absolutamente nada de sobrenatural, nada que seja exterior ou além da natureza – os *kalas* multicoloridos da Deusa, o simbolismo do arco-íris conectado com o dilúvio e as luzes iridescentes que relampejam e brilham durante a realização da Grande Obra são – cada um à sua maneira – manifestações de uma etapa idêntica da Obra: a da corrupção, decomposição, a dissolução definitiva representada nos Tantras

17 *Karṣuradistotra (Hino a Kali)*, verso 17.

18 A história de José e sua “túnica de várias cores” reflete uma fórmula similar.

pelo *smashanam* ou crematório, o altar supremo de Kali onde os inúmeros desejos do devoto são queimados até ficarem enegrecidos (*kali*) na pira funerária.

A fase do nigredo¹⁹ é representada alquimicamente pelo dragão negro, e astronomicamente por Escorpião, o glifo da Mulher Escarlate e da Serpente de Fogo. ♀ (a virgem) torna-se ♀ (a prostituta), no processo de sua transformação em Capricórnio (Pã – o Todo). Essa é a fórmula tríplice de Babalon, cuja Taça é o repositório de vibrações cósmicas; é também o significado mágico da Fórmula de IAO (Ísis-Apófis-Osíris), que é a chave para tantas coisas no sistema de Crowley que não podemos nos omitir de explicar aqui.²⁰

I (yod),²¹ o Eremita do Tarô, é a semente solitária atribuída a ♀, representado pela Virgem. A é Apófis, a serpente “maligna” ♀ da corrupção e dissolução, representada pela Prostituta. O é o “olho” verdadeiro, *ayin* ou *yoni*, atribuído a ♀; isto é, a Mulher Escarlate representada pela lua cheia – a Deusa Quinze – na qual a concentração de todas as outras cores ou *kalas* alcança sua apoteose. Esse é o significado secreto de IAO, que esconde a fórmula que foi praticada por longas eras pelos ocultistas que trabalhavam com a Corrente Draconiana, em lugares muito distantes entre si, como Kem,²² Suméria, Assam, Mongólia e Peru, para mencionar uns poucos dentre os mais antigos berços desse poder.

Crowley expandiu a fórmula de IAO, dando origem a FIAOF, dessa forma incluindo e alinhando-a com a divindade definitiva de Thelema – Ra-Hoor-Khuit. Ao assim enfatizar a Criança (“F”=*Vau*, “V”, o Filho), ele estabeleceu o Culto do Amor sob

19 Ela também se expressa na vida espiritual do devoto. Vide *Magick*, Capítulo 20 (“Da Arte da Alquimia”).

20 Vide também *Magick*, p. 166 *et seq.*

21 A letra hebraica *Yod* significa “uma mão”; ela simboliza o poder ativo ou modelador, e assim equivale, por analogia, com o simbolismo sexual.

22 N.T.: Egito.

Vontade como uma expressão dinâmica da fórmula original. Isso possibilita ao magista encarnar o “filho” de sua vontade; é o filho da vontade da Besta com o filho do amor de Babalon. O epíteto “coroadada e conquistadora”, aplicado sobre essa criança, indica a soberania da vontade no Culto de Crowley.

Em *Liber Aleph*, Crowley se refere à criança como a “vontade-botão”, e essa é a mola principal do processo de controle de sonhos explicado previamente. A criança é formulada em níveis astrais de consciência e reificada em Assiah (o mundo material) pela fórmula da mágička sexual.

As catamitas sagradas dos templos da Índia antiga eram treinadas especialmente na arte de controlar as descargas periódicas dos *kalas* usados como um mênstruo para a encarnação da “criança”, o objetivo específico pelo qual formava-se o círculo mágico (*chakra*). O rito era realizado na época da lua cheia, ou seja, quando tanto a lua celestial quanto a fisiológica, respectivamente no macrocosmo e no microcosmo, coincidiam.

Crowley frequentemente tentava materializar ouro ou atrair riqueza por meio do *elixir rubeus*, o fluido vermelho. Esse é o motivo da parceira usada no rito ser conhecida como a mulher “escarlate”. Crowley, na época em que usava com mais frequência essa Corrente lunar, parece não ter ciência de que a natureza iridescente do ciclo torna alguns dos *kalas* (ou cores) invisíveis; e que diversos Círculos de 7, 14, 28, etc. (mulheres diferentes no antigo sistema Kaula) eram necessários pelo fato de que cada *suvasini* representava um dígito, ou dia, do ciclo lunar completo, nas suas fases clara e escura. Os Adeptos do sul da Índia, em particular, tabularam cuidadosamente a natureza exata dos fenômenos astrais ou oníricos, possibilitando a reificação em todos os dias das quinzenas escura e clara.

Entre os escritos que sobreviveram dos Adeptos ocidentais, o que mais se aproxima dessa ciência complexa dos *kalas* está em um Comentário às Operações secretas da O.T.O. que Crowley

revisou de acordo com sua própria pesquisa.²³ Lá ele se refere ao uso da Corrente lunar da seguinte forma:

É dito que a segunda participante é inútil, até mesmo perigosa, quando a influência da Lua se mostra pela primeira vez ... Mas no segundo dia, e daí em diante, embora talvez não no último dia, o Sacramento é mais eficaz do que em qualquer outro momento, como simbolizado pelos nossos Antigos Irmãos, os Alquimistas, em sua preferência pela Tintura Vermelha em detrimento da Branca. Nisso Nós também acreditamos, embora Nós até então não o tenhamos provado.²⁴

Crowley também parecia desconhecer que a verdadeira função de *Qadeshim*²⁵ não se relacionava com uma técnica homossexual, mas com a fórmula aqui discutida. Gerald Massey, antes de Crowley, corretamente identificou a natureza dessa prática em sua monumental elucidação das fases ocultas do pensamento humano, *The Natural Genesis*, publicado em 1883. Parece, portanto, altamente improvável que a fórmula do *Qadeshim* envolva o uso do “vaso imencionável”, o qual Crowley interpretou erroneamente como o ânus, e ao qual ele se referia frequentemente, no âmbito de Operações Mágicas, como *p.v.n.*²⁶

Essa é uma fonte de erros que pode levar a confusões infinitas se os ocultistas não tiverem em mente a etimologia mágica dos termos empregados. Isso é, como sempre, uma chave infalível para a natureza dos elementos envolvidos. Considere, por exemplo, a palavra Qesheth, um arco, e Qadosh, aquilo que é sagrado ou secreto, isto é, a secreção. O arco é um símbolo de Nuit. No *Livro de Thoth* ele se relaciona ao Caminho de Gimel, que por

23 Há algumas alusões veladas a essa ciência nas instruções de circulação privada da Loja *Fraternitas Saturni* dirigida por Eugen Grosche.

24 A seção intitulada “Do Curso da Lua e Sua Influência”, de um artigo intitulado *De Arte Magica, Secundum Ritum Gradus Nonae O.T.O.*

25 Tradicionalmente traduzido como “Santidade perante o Senhor”.

26 *Per vas nefandum*: “Pelo vaso imencionável”. Vide *The Magical Record of the Beast 666*.


sua vez está ligado à lua. O título do *atu* é *A Sacerdotisa da Estrela de Prata*. Ela é representada com o arco sobre suas coxas. O arco é também o arco-íris, essa mistura de *kalas* que anuncia o dilúvio. Esses são os *kalas* secretos que *Qadeshim* ou as “prostitutas do templo” secretam durante as fases cíclicas de manifestação. A fórmula era às vezes ideografada como o Olho de Set. Essa era a Estrela de Prata, Sothis, a Estrela da Anunciação. Sua aparência anunciava a inundação do Nilo, o rio cuja rica lama aluvial vermelha depositava, ou reificava, a terra de Kem (Egito).


Esse simbolismo foi explicado em *O Renascer da Magia*; aqui é necessário apenas enfatizar a conexão entre a fase lunar da fórmula e o Olho de Set, conhecido nessa fase como o Hórus “cego”, isso é, Hórus na escuridão do submundo (*Amenti*), Hórus em níveis astrais, o deus no “útero fervilhante no glamour do distúrbio fisiológico”.²⁷

O conhecimento antigo testifica quanto à supremacia de *p. v.n.*, não em um sentido anal, mas no sentido em que o Olho de Set é representado como o *kala* lunar²⁸ de Nuit em suas fases materiais de manifestação como a Mulher Escarlate. Aqui se sugere que essa fórmula é a base do XIº, diferentemente da prática de sodomia com qualquer sexo que – em sua inversão de toda a criatividade – lembra mais as práticas de bruxaria em suas formas posteriores, deterioradas. O genuíno caminho da Mão Esquerda, ou Reverso, não envolve práticas antinaturais como essas que ocasionaram a “degeneração dos mistérios gregos”, mas o uso da corrente estelar primordial: para realização mística pela introversão dos sentidos. Para realização mágica pela materialização da vontade-botão formulada em níveis astrais e encarnada no plano de Assiah. Essa é a fórmula do Deus Oculto, Ra-Hoor-Khuit, o Hórus Criança cuja manifestação é possibilitada pela fórmula

27 Vide *O Renascer da Magia*, edição de 2015, p. 140.

28 Em uma tradição mais antiga, isso era representado como o fogo estelar ou o *kala* estelar de Nuit.

complementar de Hoor-paar-kraat, o Hórus “cego” cujo poder, ShT (Set), se esconde no veneno da serpente  e cujo bote causa morte instantânea.

É através da Mulher Escarlate , N., Nun,²⁹ cujo glifo é o peixe, que Set³⁰ vibra sua palavra.

A interpretação correta do Rito do Arco-Íris (QShT) e do Rito de Qadosh (QDSh) – isso é, o Olho de Set, e não o Olho de Hórus – deve ser buscada nesse simbolismo. Há uma deusa asiática chamada Katesh, Qatesh. Ela é representada de pé sobre uma leoa, tendo em sua mão direita um laço e flores, e em sua mão esquerda duas serpentes. A leoa é Sekket, típica do cio sexual, representada pelas letras *Shin* e *Teth* (ShT); o laço ou anel, as flores e as serpentes, são ideografias da letra *Qoph*, que significa, literalmente, “a parte de trás da cabeça”, que é o assento das energias sexuais no homem. Atribui-se a *Qoph* a Chave do Tarô intitulada *A Lua*; é o aspecto lunar da energia sexual que é representado por QTSh ou Qatesh, a deusa cujo nome resume sua natureza mística.

Esse simbolismo revela a fórmula do XIº O.T.O., que é o rito *reverso* e complementar do IXº. Ele não envolve o uso sodomítico do sexo, como Crowley supunha, mas sim o uso da Corrente lunar como indicado em seu *Diário Mágico* pela expressão *El. Rub. (Elixir Rubeus)*.

Os antigos Mistérios Draconianos de Kem, sobre os quais o Culto de Shaitan-Aiwass se baseia definitivamente, nada dizem sobre quaisquer fórmulas sodomíticas, *exceto como uma perversão da prática mágica*. Nessa Tradição – a mais antiga do mundo – Hórus e Set eram simbolizados pelo poder enegrecedor ou avermelhador do sol no sul, e também por Sothis, a Estrela que anun-

²⁹ *Nun* significa “um peixe”. Lhe é atribuído o signo zodiacal de Escorpião, o dragão das profundezas.

³⁰ Isso é, *Sh* (*Espírito*), *T* (*Matéria*): as letras *Shin* e *Teth* dos alfabetos caldeu e hebraico.

cia a inundação periódica do Nilo, interpretada misticamente como um fenômeno dos Mistérios Femininos. A lama vermelha, a inundação, o Hórus “cego”, o Osíris enrolado em bandagens, o sol chorando ou eclipsado – todos representavam, da mesma forma, o ciclo periódico da natureza feminina. Set, como o assento, não simbolizava o fundamento literal, mas a fundação no sentido lunar e Yesódico do fluxo fisiológico que é a verdadeira base de manifestação e estabilidade.³¹ De forma similar, o simbolismo retrógrado da paródia medieval desses Mistérios antigos, com seu dito Sabbat das Bruxas e *os obscaenum*, era uma referência ainda perceptível à fórmula lunar. Para o Iniciado, a interpretação errônea desses Mistérios em termos anais é uma perversão da doutrina (e, portanto, uma blasfêmia sacramental) tanto quanto recitar as Orações do Senhor de trás para frente e corromper os sacramentos é para o Cristão ortodoxo.

Uma prova adicional da antiguidade e da origem pré-solar do rito da Mulher Escarlate pode ser encontrada na imagem do gato que preside o Sabbat. O gato, outra forma da leoa, simboliza a corrente lunar; até mesmo seu nome traz a ideia do corte³² ou fenda vaginal, e as sacerdotisas (isso é, as *Kadeshim*) que celebravam a Missa da Deusa eram catamitas, treinadas – assim como as *swasinis* indianas – no controle mágico do gato, ou fluxo catamenial, que matava, eclipsava ou absorvia a luz solar. Dessa forma, o Gato é o “vaso imencionável”, e foi uma má interpretação deste simbolismo que fez Crowley confundi-lo com o ânus.

Isso não significa que o fluxo sodomítico do sexo para propósitos mágicos não seja uma fórmula válida;³³ ele o é, em um sentido destrutivo, e só é legitimamente empregado em certos

31 Cf. observações sobre a nona sephira, Yesod, em qualquer livro a respeito da Qabalah.

32 N.T.: Em inglês, *cut* (corte) é escrito de forma muito similar a *cat* (gato).

33 Seu abuso – ou seja, seu uso para propósitos meramente profanos e sem intenção mágica – é descrito por Crowley como “uma abominação” (*Magick*, p. 165).

tipos de Operação. Era condenado como fórmula tanto nos antigos Mistérios egípcios quanto nos Mistérios indianos posteriores, onde seu uso era associado quase invariavelmente com feitiçarias malignas. De acordo com Dion Fortune³⁴, foi o abuso dessa fórmula que levou à dissolução da Tradição Esotérica grega. É significativo que os gregos, que eram incapazes de conceber o real significado dos Mistérios, tenham se tornado, como Gerald Massey os descreveu, “meros mistificadores” que perderam contato com a gnose fisiológica na qual os Mistérios se baseavam:

Os gregos não conseguiram dominar o sistema de mitologia egípcia, e os hieróglifos eram para eles as letras mortas de uma língua morta ... O que Heródoto sabia sobre os mistérios ele mantinha religiosamente escondido ... O que Platão aprendeu o deixou com inveja das alegorias sobre as quais ele não tinha a menor ideia. Exceto por seus próprios mistérios, os gregos estavam completamente por fora do tema. Como clamam seus escritores, eles herdaram sua mitologia e os nomes das divindades sem saber sua origem ou significado. Eles proviam suas próprias versões livres para histórias que eles nunca compreenderam. Sempre que se deparavam com algo que não compreendiam, agregavam novas explicações que julgavam mais eficientes ...

Nada poderia ser mais fatal do que tentar ler os pensamentos do passado mais remoto pelos seus olhos ... A reprodução dos mitos primitivos do estágio Ariano da língua na Grécia é equivalente à moderna fabricação de Mestres antigos que ocorria em Roma.

A forma absolutamente enganosa pela qual Platão e seu seguidores converteram a física egípcia em metafísica grega faz do Platonismo apenas outro nome para impostura. Fílon reclama que os gregos trouxeram uma névoa sobre o aprendizado que tornou impossível descobrir a verdade. A mesma acusação pode ser substancializada com outras bases contra seus próprios compatriotas. Na Índia, os mitos foram vaporizados — Nos Vedas, as formas estão em processo de desaparecimento, sendo vaporizadas em abstrações doutrinárias; os fatos concretos dos primórdios da terra estão se transformando nos fantasmas eva-

34 *Autodefesa Psíquica* [N.T.: *Psychic Self Defence*] (Rider & Co., 1930), p. 149; *Sane Occultism* [N.T.: *Ocultismo São*] (Inner Light Publishing Society, 1938), p. 130.

nescentes de uma terra de nuvens. A decadência da mitologia pode ser encontrada na poesia grega, nos eufemismos hebreus e na imprecisão Védica. O que os mitos têm a nos contar depende de terem sido preservados em suas formas originais.³⁵

Diodoro Sículo confirma essas observações; ele ressalta que os egípcios consideravam os gregos como impostores que “reeditaram a mitologia antiga como sua própria história”.³⁶ Se substituíssemos nessas citações a palavra “mitologia” por “mistérios”, veríamos o quanto é importante aderir às fases mais antigas dos Cultos Egípcios como representados pelas tradições estelar e lunar (ou seja, todas as tradições pré-solares). Um dos objetivos deste livro é elucidar isso. São Paulo, em uma das poucas passagens que seus inimigos não alteraram, também adiciona a seu testemunho: “Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual”.³⁷

Outra forma na qual a fórmula da Mulher Escarlate é adumbrada no simbolismo do culto da bruxa medieval, mesmo que distorcido, é a velha com seu gato ou espírito familiar. A velha, feiticeira ou avó é a primeira mãe, ou mãe antiga, a *Adikalika* ou *kala* primordial, personalizada nos Tantras indianos como a deusa Kali. Ela é o *adisakti*, o poder primordial que mostra suas cores verdadeiras, ou *kalas*, periodicamente, quando o sol está eclipsado. O gato, seu espírito familiar, espreita aquele crepúsculo absoluto na forma de um negrume, que é o tom típico de Kali. Essa é a Noite do Tempo que se esconde nos esplendores radiantes do sol poente, ou de seu filho.³⁸ É assim que Set, ou Sut,³⁹ abre seu “olho” e projeta o sol, a criança da lua – “aquele que sai como o dia”.

35 *The Natural Genesis*, Vol. II.

36 *Ibid.*, p. 186.

37 *1 Coríntios* 15:46.

38 N.T.: Notar a semelhança na língua inglesa entre *sun* (sol) e *son* (filho).

39 O Negro. Cf. a palavra inglesa “soot” (*fuligem*).

As implicações práticas das fórmulas de Set e da Mulher Escarlate equivalem quase à mesma coisa: a produção de Ra-Hoor-Khuit, a Criança Coroada e Conquistadora que impõe seu selo de soberania sobre a mágička mais exaltada de Thelema, pois amor (Babalon) é a lei,⁴⁰ amor sob vontade (Hórus, Hadit). Assim a Mulher Escarlate é capaz de alcançar Hadit pela lei da Besta.⁴¹

40 Ou seja, a lei da periodicidade e dos ciclos recorrentes.

41 Vide *AL*, III, 45.

Poder Lunar: Seus Nomes, Números e Atavismos Reverberantes

A mágička foi elevada à perfeição, em termos históricos, no antigo Egito. Mas muito antes da exploração sistematizada e controle do subconsciente, o feiticeiro africano já controlava forças invisíveis por meio de um amuleto ou feitiço chamado de *d-mammu*, ou “efígie de sangue”, que foi posteriormente representado pela múmia. Sendo o verdadeiro elo mágico com o mundo invisível, o *d-mammu* ainda é a base de todo o ocultismo prático, embora sua forma mude com o passar do tempo. Na antiguidade ele frequentemente vinha na forma de um objeto “fortuito” que foi associado pelo feiticeiro com o objeto de seu desejo, ou de alguma forma identificado com seu poder mágico. Uma vez carregado com sua vitalidade, deixava de ser um objeto comum, e era então queimado ou escondido. Dependendo se a operação mágica envolvia o elemento terra, fogo, ar ou água, o objeto era enterrado, queimado, escondido nas folhas de uma árvore frondosa ou submerso em um lago ou rio. Esse ato afirmava *um esquecimento pela mente consciente*, o afundar do talismã no abismo do subconsciente. Era no útero escuro do esquecimento que o desejo oculto germinava.

Fragmentos de rituais que sobreviveram desde os tempos mais remotos mostram que os mortos passavam por uma trans-

formação no abismo ou submundo. Os falecidos erguiam-se como Asar-Un-Nefer.¹ A lenda conta que Osíris foi desmembrado ou cortado em pedaços por Set, que representava a Noite, o Esquecimento. Ísis encontrou todos os pedaços do corpo com exceção do falo; foi Hórus quem proveu o membro faltante, assim permitindo que o Osirificado se erguesse com nova vida. A forma relemburada² do deus simboliza completude e perfeição espiritual. A deusa Ísis representa a operação espontânea da natureza curando a brecha de consciência ao revelar a chave oculta do subconsciente. Em uma lenda, ela copula com o cadáver de Osíris para gerar Hórus. Esse congresso ocorre em *Amenti*, a “terra oculta” (ou seja, o subconsciente), o submundo da topografia mágica do antigo Egito.

O sacerdote egípcio identificava-se com seu deus ao assumir internamente sua natureza sobre-humana, e externamente assumir alguma parte, normalmente os chifres ou o rabo, do animal que representava aquela natureza. Ao identificar dessa forma sua consciência com a de uma besta, o próprio sacerdote se tornava um *d-mammu*, fetiche ou sigilo vivo. Ele era então “lançado no abismo” ao entrar cerimonialmente no submundo em uma barca consagrada; depois do qual ele acomodava-se em um santuário selado até o poder do deus se manifestar. Certas indicações nos papiros e documentos sugerem que tal processo fazia parte de uma investigação regular do submundo ou reinos ocultos.

Na Índia antiga, a Grande Perfeição era – e ainda é – buscada através do serviço contínuo a uma divindade cuja forma-deus era assumida por seus devotos. No Culto de Radha-Krishna, por exemplo, há um elaborado ritual de adoração extática no qual Krishna é adorado na Lua Cheia do Outono, em um círculo má-

1 O Perfeito Autorrealizado: um título de Osíris. O falecido era mencionado como “O Osíris”.

2 N.T.: Em inglês, *re-membered*. *Member* significa *membro*, de forma que *re-membered* pode ser compreendido, em uma tradução livre, como *relembrado*, aquele que voltou a ter um membro.

gico formado por devotos, mulheres e homens, que assumem as formas-deus de Radha³ e Krishna,⁴ respectivamente. A adoração direta de Krishna em seu próprio reino,⁵ ao contrário de oração, serviços no templo ou ritos caseiros focados em uma imagem da divindade, exige do devoto a assunção do *prema-deba*, ou corpo do divino amor.⁶ Esse corpo e a mística de seu cultivo e desenvolvimento depende da habilidade do devoto de se fundir com a doçura de Krishna, que em tudo penetra. Depois de vidas de intensa devoção a Krishna, o corpo físico do devoto se transmuta em um *prama-deba*, e ele é capaz de entrar no paraíso de Krishna e viver na presença divina. É nesse *prama-deba* que as forças transdivinas manifestam-se na terra, mas o não iniciado não vê diferença entre uma forma-deus genuína e um corpo de carne e sangue. Essa assunção suprema da forma-deus é, obviamente, rara, mas ela acontece, e foi demonstrada recentemente pela aparição na terra de avatares tais como Thakur Haranath, o Santo de Bengala Ocidental (1865-1927).

O segredo da transformação corporal está na vibração. Thakur Haranath instava seus seguidores a repetir o mantra *Kusuma-Haranath* com a mente concentrada em Krishna. Sendo Kusuma⁷ a *shakti* ou aspecto objetivador de Haranath, Radha está para Krishna assim como Kusuma está para Haranath. O mantra *Kusuma-Haranath* é, portanto, idêntico a Radha-Krishna e, ao reverberar por meio de vibrações, transforma a casca física em um corpo de puro êxtase.

3 Radha é a *shakti* ou aspecto de poder da Consciência; ela é às vezes representada agarrada a ou raíjando perante o seu Senhor (Krishna).

4 Krishna é uma forma personalizada da Consciência Pura; é significativo que seu nome signifique O Escuro ou O Negro, igualando-o à Corrente de Noite-Vazio-Set. Ele é às vezes representado como um jovem “dobrado em três partes” e tocando uma flauta. Essa descrição remete à Kundalini triplamente encaracolada.

5 *Vaikuntha*, o Paraíso Hindu.

6 *Prema*, amor divino; *deba*, corpo.

7 É relevante que o nome *Kusuma* signifique “uma flor”.

O mantra semente (*bija*) de Dakshinakalika⁸ é *Krîm*. Esse *bija* (*Krîm*) é uma concentração da palavra *Karpuram*, que denota uma substância misteriosa usada na adoração tântrica. Ela é normalmente traduzida como “cânfora”, o incenso sagrado para Shiva, a forma Indiana do deus Set. Na lista de perfumes contida no *Liber 777* (Tabela I, coluna xlii, linha 13), a cânfora é atribuída ao Caminho 13. Ideias cognatas são o sangue menstrual, o cão (o zootipo de Sothis, a estrela Canícula), o arco e flecha, o olho esquerdo, selenita, o ponto inferior do Hexagrama Celestial, o número nove⁹ e o Atu II (A Sacerdotisa da Estrela de Prata),¹⁰ a fórmula de *Alim*.¹¹

Em termos de *sandhyabhāsa*,¹² a linguagem secreta dos Tantras, *Shukera* e *Rakta* são conhecidos como *Karpuram* (cânfora). *Shukera* é *sēmen viril*, e no *Liber 777*, *Rakta* é igualado ao “fel de rukh”, o incenso específico da Corrente lunar, cujo veículo é o fluido menstrual. *Rukh*, ou *ruc*, é uma palavra sânscrita que significa agradável ou amável, num sentido sexual. *Rākā*, uma palavra derivada, significa a menina que acabou de começar a menstruar. Na Tradição Hebraica, o *Rukh* torna-se o *Ruach*, o espírito; ele era feminino na tradição original, mas foi assimilado à natureza masculina quando o culto estelar de Al-Shaddai (Set) degenerou no de Jeová, no qual o masculino é considerado primário. *Rākā* era também o nome de uma deusa que presidia o dia exato da lua cheia, e *Rika* (outra derivação de *Rukh*) significa um encantamento mágico. O *Rakhi* é um talismã ou amuleto Hindu; em outras palavras, um fetiche primordial que, assim como seu original africano, era carregado com as vibrações da Corrente lunar.

8 Um significado para esse nome é “Aquele Que É Além do Tempo”.

9 O número da sephira lunar, Yesod.

10 A descrição do simbolismo desse Atu dada no *Liber 777* é a que segue: “Uma sacerdotisa coroada sentada frente ao véu de Ísis entre os pilares de Set”.

11 *Alim*=81, a fórmula da Bruxaria. Vide *Magick*, pp. 163-5.

12 Literalmente, a “linguagem do crepúsculo”.

Karpuradi ou *Kali* (a Adorada de Shiva), dessa forma, expressa em seu nome secreto, Krîm, uma fórmula de polaridade sexual que possibilita sua invocação. Uma tradução alternativa do *Karpuram* é “o *Kalpaka* ou criador do mundo”,¹³ ou seja, os fluidos sexuais combinados.

Alguns dos significados esotéricos da letra *K* já foram observados (vide Capítulo 1). O *Tantraraja* diz a respeito da Mãe, ou potência criadora do mundo: “Letra *Ka* é tua forma”. Essa é a letra inicial de Krîm. A segunda letra, *R*, é a letra do fogo, da paixão, do cio e da luz.¹⁴ A penúltima letra, *I*,¹⁵ ou a vogal longa *î*, é conhecida nos Tantras como o “olho esquerdo que realiza todos os desejos”. O “olho esquerdo é o *Ayin*, o Olho de Set. Crowley atribuiu a ele a imagem de Baphomet, o “diabo” no *Livro de Thoth*.¹⁶ O olho se refere à Deusa Quinze, cuja fórmula se esconde no Atu XV. A última letra, *M*, não é exatamente uma letra, mas a vibração sutil representada em sânscrito pelo *chandra bindu* (semente da lua). Ela é representada na forma de um crescente e um ponto sobrescritos a uma figura que lembra um trinta arábico (30), dessa forma: ☽. Na posterior versão solar dos Mistérios, esse número denota a finalização de um ciclo, a lua cheia, o mês, etc. Consequentemente, o *chandra bindu* representa absorção no Vazio, a realidade além do tempo – Dakshinakalika.

Krîm, a essência de Kali, é expressado alquimicamente como uma vibração eletromagnética composta de emanções que fluem periodicamente da saída genital da sacerdotisa consagrada. Estátuas de Kali a representam com um duplo fluxo de sangue fluindo dos cantos de sua boca. Isso indica o escarlate ou *rajoguna*, o líquido duplo da vida representado no zodíaco pelo glifo ☿

13 Vide o *Karpuradistotra*; comentário referente ao sentido interior do Verso 1.

14 Cf. a letra hebraica *Resh* ר, que significa “o sol”.

15 N.T.: A pronúncia da letra *I* na língua inglesa é exatamente a mesma da palavra *eye* (olho).

16 Vide Atu XV, O *Diabo*.

de Aquário,¹⁷ a Água mística da Vida. Crowley equivalia ☉ com o Norte (Nuit), como o protótipo de Babalon, cujo símbolo é a Serpente de Fogo, ☉.

De acordo com o *Nirvana Tantra*, “O filho do Sol é a morte, e está estabelecido no Sul (Dakshina). O poder de Kali (ou seja, o elixir da imortalidade) faz ele fugir em todas as direções, amedrontado. Assim ela é chamada de Dakshina”. Mas de acordo com o *Kamakhyatantra*, “o sol por trás do filho está na direita e torna-se aquele que concede Libertação (imortalidade). Assim ela é chamada de Dakshinalika nos três mundos (passado, presente e futuro)”. O significado desse simbolismo é que Dakshinalika reconcilia Norte e Sul, Nuit e Hadit, Hórus e Set. Ela *polariza* esses terminais duplos com propósito de manifestação. Ela está de pé sobre Shiva assim como Nuit se arqueia sobre Hadit na Estela cujo número é duas vezes 359, o número de Shaitan.¹⁸ A Estela é chamada de *Abominação da Desolação* (AL, III, 19). É importante nessa conexão que o número 19 – o número do verso em AL que dá nome à Estela – é o Glifo Feminino,¹⁹ pois o Vazio (Nuit) absorve definitivamente a totalidade da existência manifesta ou pensamento conceitual. Esse estado das coisas é considerado com horror e medo por seres não libertos que continuam a confundir a Realidade com o reino dos fenômenos ilusórios. Kali é também representada com três olhos, que representam os três estados da consciência (despertar, sonho e sono) e os *kalas* sobre os quais esses estados se baseiam: a corrente solar, criadora, exemplificada pelo estado desperto; a corrente lunar, formativa, exemplificada pelo estado astral ou de sonho; e o estado de total dissolução da forma no fogo de *Sushupti*, exemplificado pelo vazio do sono profundo. O Olho Direito é o raio solar; o Olho Esquerdo, o lunar;

17 Repare que Aquário é o *undécimo* signo do zodíaco; dessa forma ligando, em particular, Nuit com o simbolismo de Aquário do Novo Aeon.

18 Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 3.

19 Vide *777 Revised* [N.T.: *777 Revisado*], p. xxv.

o *Ajna* (o terceiro olho) é o assento supremo da Vontade, e é simbolizado pelo fogo estelar de aniquilação que é a fórmula conhecida como a Abertura do Olho de Shiva. Nos Mistérios egípcios, conforme revividos por Crowley, *Ajna* – o “olho escondido” – é o Olho de Set; os outros dois olhos são os de Hórus como Ra-Hoor-Khuit e Hoor-paar-kraat, sol e lua, respectivamente.

A criação é antinatural, no sentido de que o “pensamento é uma doença da consciência”.²⁰ Assim, quando a Deusa assume o papel dominante na união com Shiva (consciência) no processo conhecido como *vīparita maithuna*,²¹ a criação ocorre e o universo de nome e número torna-se aparente. Shiva, o imutável substrato de pura consciência de onde todas as formas emergem, é representado como *Shava*,²² daí o ditado “Shiva é Shava sem Shakti”. Esse simbolismo conduz ao *smashanam* (crematório) coberto de corpos, onde o devoto invoca a Deusa. O *smashanam* é também a *yoni* coberta de flores da Deusa, que emana as formas da criação.

Crowley defende, em seu *Diário Mágico*, que toda mágicka é um ato à *rebours*,²³ isto é, contra o estado natural da consciência, que é livre de pensamentos, puro, isento de mentação. Os budistas chamam esse estado sem pensamentos de *Mahasunya* (Grande Vazio); ele é a única realidade na qual *Maya*²⁴ – a grande

20 Esse é um princípio básico de Advaita Vedanta.

21 Nesse contexto, essa expressão significa o congresso sexual no qual a fêmea assume a posição dominante.

22 Um cadáver.

23 “Eu reconheço que a função da Mágicka é *reverter* qualquer ordem existente. (Cf. a ideia de Parzival sobre a Reversão, que o deu a Chave LA-31-AL para CCXX!!!).” Parzival era um motto de Frater Achad (Charles Stansfeld Jones). Foi Jones quem descobriu a Chave para CCXX – O Livro da Lei. 31 é o reverso de 13, o número de Achad.

24 A palavra *magia* deriva da palavra sânscrita *maya*, que significa ilusão. De acordo com Dowson (*Classical Dictionary of Hindu Mythology* [N.T.: *Dicionário Clássico de Mitologia Hindu*]), *Maya* é “ilusão personificada como uma forma feminina de origem celestial ... às vezes identificada com Durga [uma forma de Kali] como a fonte dos feitiços, ou como uma personificação da irre realidade das coisas terrenas”.

deusa – joga seu eterno e fantástico jogo de faz de conta; fantástico pois completamente enganador, um glamour. De acordo com o *Niruttara Tantra*, “o Mantra de Kali não se torna ativo sem *Kulacara*”. Isso significa que somente a fórmula do Círculo Kaula, conforme praticada no *Vama Marg*, energiza a Serpente de Fogo na mulher escolhida para representar a Deusa. Por outro lado, o *Phetkarinitantra* declara que se um devoto não tiver uma *shakti* (mulher), a vibração do mantra de Kali, “com a mente livre de qualquer inquietude”,²⁵ ativa a Kundalini da mesma forma. Isso implica que o poder está na mente, não em seus adjuntos físicos (os sentidos), que são meras projeções da mente.²⁶ Isso evidencia as distinções entre o caminho místico e o mágico.

O arco de flores trazido pelo deus do *Kama* (paixão sexual) é sinônimo do arco da Sacerdotisa da Estrela Dourada, e do simbolismo do arco-íris já discutido. Há uma expressão no *Tantrakalpadruma* traduzida como “a yoni coberta de flores da shakti”, e no *Matrikabhedatantra*, a flor (ou fluente)²⁷ autogeradora “que encanta a todos é idêntica ao “Ritu que aparece pela primeira vez em uma menina casada”. O *Ritu* é o rito rutilante e primordial que se sugeriu pela primeira vez ao homem primitivo quando a menina “floresceu” em sua nubildade, tornando-se a flor vermelha sagrada para Kali, a iniciadora dos períodos e ciclos de tempo. Esse era o momento do rito, ou correto,²⁸ estabelecido para o coito. No *Syâmarahasya*, essa flor é chamada de *Supuspa*, que significa uma flor “agradável” ou “fragrante”. Se refere à *Survasini*, ou mulher de cheiro adocicado, escolhida para representar a

25 Isso é, livre de correntes de pensamentos.

26 Vide *Sri Arunachala Ashtakam*, verso 6, onde os mecanismos dessa projeção são descritos. (Publicado em *Five Hymns to Arunachala* [N.T.: *Cinco Hinos a Arunachala*] em Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, Tâmil Nadu, Índia.)

27 N.T.: Em inglês, *flower* (*flor*) contém os mesmos elementos de *flow-er*, que tem o sentido de *fluente*.

28 N.T.: Em inglês, *rite* (*rito*) e *right* (*certo, correto*) soam quase exatamente da mesma forma. Vide nota 14 do capítulo 7, *supra*.

Deusa, cujo emblema é o hibisco escarlate.²⁹ Ela secreta o orvalho mágico que banha o corpo do sacerdote em “um doce perfume de suor” (*AL*, I, 27). Ela é o “um palácio”³⁰ que contém “todas as essências raras; jasmim & rosa, e os emblemas da morte”.³¹

No *Mahanirvanatantra*, é dito que “vinho é o Salvador (*Tara*) em forma líquida (*Dravamayi*)”. *Taradravamayi* não é, portanto, vinho normal, mas o fluido místico, o sumo da lua que contém os *kalas* da imortalidade. “Para adorar-me tomai vinho e estranhas drogas”, diz Hadit em *AL*, II, 22; as drogas também não são convencionais, sendo compostas de essências igualmente ocultas.

Em sua descrição da Coroa do Magista, Crowley se refere aos três pentagramas com a qual ela é adornada.³² Eles representam a Deusa Quinze (3 x 5), ou seja, o poder lunar escondido no círculo. Ele também menciona a grande Flecha, bordada do pescoço à bainha no manto do magista, o símbolo apontando para baixo de Nuit e do arco de flores já explicado.³³

O eclipse periódico de um corpo celeste era comparado, na antiguidade, com a ocultação e a efusão regulares do cinocéfaló fêmea, que agia como um relógio natural dos templos egípcios. Em uma etapa mais avançada da evolução das ideias mágicas, a lua minguante ou doentia era representada como Osíris enfaixado como uma múmia, ou enrolado em linhos como a fêmea humana no momento de sua doença periódica. A imagem mumificada do deus solar à noite (ou seja, a lua) tornou-se, assim, uma imagem da ressurreição. De forma similar, o dilúvio de sangue era ligado à inundação do Nilo, que era uma promessa de fecundidade.

29 Às vezes chamado de Rosa da China.

30 Também mencionado em *AL*, I, 51.

31 *Ibid.*

32 Vide *Magick*, pp. 106 *et seq.*

33 A Estrela de Set (isso é, Sothis) era chamada de Estrela Flecha, assimilando sua luz ou radiância ao Corpo de Nuit.

As regras da mulher, o eclipse lunar e o enterro do Osíris mumificado, todos resumiam a fórmula do minguar, adoecer, morrer ou ser enterrado para crescer e frutificar – ou seja, do ressuscitar. O drama da lua minguando, crescendo e atingindo sua plenitude está presente em todas as religiões mundiais. Está implícita na relação entre Jesus e João. João representa a luz escura, reduzida, precursora da luz crescente que é o Cristo místico dos Gnósticos, não o Jesus “histórico” dos pervertedores posteriores dos Mistérios, cujo Cristo não era mais místico, mas tão-somente mítico.

A revisão do *Chandrakala* do *Sri Vidya* trata em grande detalhe os dias e as noites das quinzenas lunares escura e clara. Para os estudiosos não iniciados, essa preocupação dos Adeptos Tâmilés parece ter sido levada a ponto de mania. Isso não é surpreendente; qualquer coisa inexplicável à luz da ignorância moderna é automaticamente classificada como superstição. A relegação do número treze ao reino da bruxaria e magia “negra” é um exemplo típico. Esse número significa a Unidade,³⁴ pois treze luas constituem um círculo ou ciclo completo, o ano lunar de treze meses de vinte e oito dias. Porque o número treze representava a lua e o feminino, os cultos posteriores, que baseavam seu cômputo de tempo não na lua, mas no sol, consideravam malditas as imagens lunares, identificando-as com ideias de escuridão, doença e morte. O número treze, portanto, tornou-se o número que representa o infortúnio e a impureza.

Treze era o número aceito no Coven das Bruxas porque considerava-se que os ritos do Sabbat tinham origem lunar. O *Vinum Sabbati* (Vinho do Sabbat) era a efusão mística da Mulher Escarlate, a eternamente virgem Prostituta das Estrelas. Treze, no entanto, tem um significado muito especial no Culto de Crowley.

³⁴ A palavra hebraica *ACHAD* (Açhad), que significa Unidade, soma um total de 13.

No sistema da reversão, 13 torna-se 31, o número chave para *AL* e o divisor mais alto de 93, o número de *Aiwaz*, *Thelema* e *Agapé*.

Foi na fase lunar da evolução desses conceitos que treze se tornou o número da Unidade ou do Retorno à Perfeição; o cumprimento do Ciclo tanto no tempo quanto no espaço: um Círculo Completo. Toda a Ritualística do Círculo se baseia no círculo original (estelar) da Ursa Maior, Deusa das Sete Estrelas; na Lua e em seu ciclo anual de trezes partes; ou o ciclo solar, posterior e final, das doze casas celestiais do sol (zodíaco).

Nesses ciclos lunares menores de vinte e oito dias, quatorze são escuros, com a lua diminuindo, e quatorze são crescentemente brilhantes. O décimo quinto dia, portanto, tornou-se o dia de Deusa. A lua leva vinte e oito dias para atravessar as doze estações zodiacais, tornando o número vinte e oito, por conseguinte, um glifo do feminino, assim como o trinta é do masculino.³⁵

Assim como o trinta e um é o maior divisor de noventa e três, cinco também é o maior divisor de quinze. Cinco era o número primordial da mulher como a genetriz, muito antes do sete estelar e do vinte e oito lunar. Por cinco dias, a mulher era engolfada e eclipsada pela escuridão; dela saía o dilúvio que o homem primitivo corretamente identificava como a substância que mais tarde coagularia, conferindo carne à progênie. O sangue era conhecido como carne líquida, e a mulher expressava (através do número cinco) sua nubilidade, que era a *nobreza*³⁶ arquetípica, pois a única linhagem conhecida era a do sangue da mãe. O papel masculino no processo de procriação era, na época, desconhecido. O eclipse de cinco dias era o selo da nobreza da mulher, a nobreza que veste o próprio manto escarlate da natureza, a única marca irreprensível de sua soberania. E por ser considerada a renovadora da

35 O 30 solar ainda sobrevive no glifo Hindu do *OM*, que representa o aspecto sonoro da vibração solar ou criativa. Vide p. 129.

36 N.T.: Um jogo de palavras. Em inglês, *nubility* (nubilidade) é muito similar a *nobility* (*nobreza*).

vida na terra, a mulher era ligada à deusa no céu, que se renovava através de ciclos celestes, como uma espécie de ressurreição, um retorno à unidade e à perfeição definitiva nos céus e nos infernos.³⁷ O número cinco tornou-se, assim, o selo da autoridade no mundo dos espíritos; ele era representado pelo pentagrama ou estrela de cinco pontas, ainda usado por magistas para estabelecer contato com entidades transmundanas e controlá-las. A origem do pentagrama mágico pode, então, ser rastreada até os primeiros fatos observados de natureza elemental.

Cinco era o número do feminino; seis, ou sexo,³⁸ do masculino, na medida em que a atividade sexual voltava a se tornar “lícita” após o término do dilúvio. Em *AL* (I, 24), Nuit proclama: “Eu sou Nuit, e minha palavra é seis e cinquenta”, que é sua forma de dizer 56, ou o 5 e o 6,³⁹ indicando que ela é a um tempo a virgem e a mãe, identificando-a assim com a Prostituta das Estrelas (isso é, a lua), a criadora que dá a vida independentemente do pai individualizado. Em outras palavras, seu culto – seja ele estelar ou lunar – é pré-solar. Isso é importante pois implica que Hórus, seu filho, a Criança Coroada e Conquistadora do Culto Theriônico, é o “filho” ou essência *apenas* da mãe. Isso é suportado por *AL*, II, 4: “No entanto ela deverá ser conhecida & eu nunca”.⁴⁰ “Ela” é a Deusa Quinze, “Eu” é o Um individualizado, o componente masculino, o *bindu* ou Deus Oculto.

A Grécia antiga também tinha suas técnicas de energizar o fetiche ou *d-mammu*. Lá havia uma casta sacerdotal conhecida

37 Os “céus” eram representados pelas estrelas no hemisfério norte; os “infernos” pelas constelações no sul, dentre as quais Set ou Sothis tinha supremacia.

38 N.T.: Outro jogo de palavras. Em inglês, *six* (*seis*) é muito similar a *sex* (*sexo*).

39 Daí o onze, “como todos os números deles que são de nós. A Estrela de Cinco Pontas, com um Círculo no Meio, & o círculo é Vermelho” (*AL*, I, 60). Esse verso resume toda a doutrina Draconiana.

40 Esse quarto verso do segundo capítulo de *AL* é o verso setenta do Livro como um todo. Setenta é o número de *ayin*, o olho cuja representação é a vulva de Babalon.

como os “uranianos”,⁴¹ e suas práticas envolviam o uso de urnas ou vasos que em muitos casos eram indistinguíveis de vasos normais. As urnas eram “carregadas” com sigilos previamente consagrados por um sacerdote. Como no caso do fetiche africano, e do “falecido”⁴² egípcio, a urna era subsequentemente enterrada ou lançada ao elemento apropriado. Os antigos eram impregnados de magia, e é improvável que os vasos enterrados com os mortos sempre tivessem os objetivos culinários que os estudiosos modernos atribuem a eles. Pode ser verdade que os fumos mais sutis das oferendas de bebidas e carne sejam absorvidas pelos espíritos dos mortos, mas os gregos sem dúvida usavam alguns de seus vasos para propósitos mágicos associados de forma mais criativas com morte e ressurreição.

Quando hermeticamente selada, a urna formava um útero para a germinação do “sonho inerente” representado pelo sigilo. No receptáculo escuro, silencioso e vago, o sigilo ou mantra linear chocava sua realidade e realizava sua vontade nos recônditos da terra ou nas profundezas do oceano.

Mantra yoga, ou a vibração magicamente carregada de palavras e frases “sagradas”, é uma das práticas ocultas mais antigas conhecidas pelo homem. O feitiço ou encantamento nem sempre precisava ter um sentido racional; era mais comum que a frase não trouxesse um significado intrínseco. Como Wei Wu Wei observa: “Um *mantram* não deve ser sujeito à interpretação conceitual; portanto, não precisa receber tradução literal. Ele não é um resumo exotérico da doutrina, mas sim um meio esotérico – essencialmente auditivo – para a apercepção daquilo que nós somos universalmente”.⁴³

41 N.T.: *Urnings*, no texto original, designa pessoas de psique feminina em corpo masculino, e tem um radical similar ao de *urn* (*urna*).

42 Ou o sacerdote que assumia a forma-deus da divindade que desejava invocar.

43 *Open Secret* [N.T.: *Segredo Aberto*], Parte III, de Wei Wu Wei (Hong Kong University Press, 1965 e 1970).

Sobre o mantra no Budismo Tântrico, S. B. Dasgupta observa:

No geral, parece que a maioria dos mantras ... são compostos de uma sequência de sílabas que perderam sua significância etimológica, ou que nunca tiveram um significado etimológico. Vasabandhu diz em seu *Bodhisattvabhūmi* que essa absoluta falta de significado é o verdadeiro significado dos Mantras. Um *Sadhbaka* (aspirante) deve meditar sobre esses Mantras como algo absolutamente sem sentido, e essa meditação constante conduzi-lo-á, gradativamente, a um estado mental no qual será muito fácil para ele meditar sobre a natureza definitiva dos *dharmas* (princípios da existência) como se fossem absolutamente desprovidos de sentido; essa insignificância é a natureza vazia dos dharmas, e assim a meditação nos Mantras conduzirá gradativamente um *Sadakeba* à percepção da natureza vazia dos *dharmas*.⁴⁴

Dasgupta segue dizendo: “Nas mãos de Vasubandhu, os Mantras obtêm um significado mais profundo do que a simples invocação de qualquer deus ou deusa em particular, capaz de conferir crença mundana sobre nós, ou realizar algum dos nossos desejos egoístas.”⁴⁵

A ideia por trás da aparentemente absurda repetição de uma palavra ou frase sem sentido é similar à teoria por trás do sigilo não ter uma forma linear que a mente consciente consiga reconhecer. Ao evitar dessa forma o sensor endopsíquico, a vibração tem liberdade para levar a mente de volta à sua fonte subconsciente, sem ser capaz de criar imagens para o mantra, pois a concepção e o nascimento de imagens tornaria todo o processo abortivo. Mesmo os mantras que têm sentido definido *tornam-se isentos de significado* no processo de repetição constante. Os Budiístas Tântricos tinham força mental suficiente para ignorar o significado desde o princípio. Outras tradições eram mais cuidadosas,

44 *An Introduction to Tantric Buddhism* [N.T.: *Uma Introdução ao Budismo Tântrico*], de S. B. Dasgupta (University of Calcutta Press, 1950). Vide também *Bodhisattvabhūmi*, editado por Unari Wogihara (Tóquio), pp. 272-4.

45 *Ibid.* Vide também *Obscure Religious Cults* [N.T.: *Cultos Religiosos Obscuros*], de S. B. Dasgupta (Calcutá, 1946), pp. 21-2.

sem dúvida supondo que se fosse sabido que o mantra não tinha significado, a mente racional do aspirante se rebelaria no início. Um experimento simples demonstra que mesmo a palavra mais comum, repetida continuamente, se esvazia completamente de sentido em muito pouco tempo.

Todas as palavras e coisas, nomes e números, sagrados ou profanos, são, de forma similar, definitivamente vazios. O vazio de tudo pode ser percebido por esse processo de reverberação mântica. Se realizado com atenção profunda, a prática resulta em êxtase, conforme a mente se dissolve e se funde no fluxo rítmico do som. Isso abre caminho para a inefável tranquilidade, conforme o êxtase diminui e a mente se mescla ao vazio. Esse é o Caminho Místico que *desce* do reservatório de consciência cósmica através de *sushupti*, individualizado como o estado de sono sem sonhos. Complementar a ele é o Caminho Mágico, que *sobe* do subconsciente através do *swapna*, o estado astral ou dos sonhos.

A mente subconsciente é o repositório de todas as imagens, todas as ideias, todos os conceitos. A comunicação com ela é possível somente através de símbolos, e para lidar com ela é necessária uma linguagem simbólica.

Os únicos símbolos magicamente eficazes são aqueles carregados com a vitalidade peculiar do subconsciente. Portanto, o desejo deve ser formulado em termos simbólicos e projetado no “submundo”; ele também deve burlar o censor endopsíquico. Um desejo formulado conscientemente se concretiza gradualmente, e frequentemente se realiza depois que cessa o desejo propriamente dito. Essa forma de desejar deve ser evitada como uma dissipação de tempo e energia, pois evidentemente não é uma parte essencial da Verdadeira Vontade ou “sonho inerente”.

Por conveniência, o subconsciente pode ser considerado como uma série de camadas que contêm faculdades e poderes que se estendem indefinidamente. Cada fase da evolução, da aquática à humana, é caracterizada por vários poderes, e conforme novos

se desenvolvem, outros tornam-se obsoletos e ficam para trás. Eles ficam latentes, podendo ser novamente despertos por meios mágicos. Por exemplo, algumas das formas mais primitivas de vida manifesta eram dotadas de uma enorme força física, embora acompanhada de uma parca inteligência; algumas eram capazes de viajar a grandes velocidades; outras podiam alterar suas aparências, confundindo-se com seus ambientes, ou renovar-se periodicamente ao deixar para trás suas peles gastas; outras, ainda, eram capazes de escalar alturas inacessíveis ao homem. É o princípio por trás desses poderes, a força sobre-humana e a agilidade do movimento, o poder de transformação e regeneração, etc., que o magista busca reviver. No entanto, se o desejo por qualquer um desses poderes permanecer consciente, ele maturará e florescerá somente depois de muito tempo; o indivíduo pode envelhecer e morrer antes dos meios mecânicos de alcançar o poder terem sido inventados e disponibilizados.

Há várias formas de projetar desejo no submundo. Austin Spare evoluiu um método simples, porém potente: escreva uma frase curta que incorpore a natureza do desejo; por exemplo: "Eu Desejo Conhecimento Mágico". Remova quaisquer letras repetidas, como a letra *e*, que aparece cinco vezes, mas deixe uma delas. Assim, resta a seguinte sequência de letras: EUDSJOCNHIMTAG. Das vinte e seis letras originais, restam quatorze. Organize-as na forma de um sigilo. Ele deve ser simples e fácil de memorizar; além disso, não deve de forma alguma sugerir o objeto do desejo. A mente consciente deve "esquecer" o significado racional do sigilo; só então ela pode gerar sua imagem.

O sigilo, depois de criado e memorizado, é então destruído, sendo entregue ao elemento apropriado, como explicado anteriormente (p. 125). O ato de destruição, ou ainda, de absorção (pois o sigilo é a semente que insemina o útero do vazio), deve ser substanciado por um ato de mágicka sexual que Spare e outros julgaram inoportuno registrar por escrito. Embora essa não seja a

única forma de lidar com elementais e de facilitar a revivificação de antigos atavismos, ela tem a vantagem de ser direta.

Símbolos tradicionais como o Olho dentro do Triângulo, o Ankh, a Suástica, a Cruz, etc., embora possuam o poder de despertar forças sutis, são familiares demais à mente consciente para terem qualquer impacto direto e imediato sobre o subconsciente; tais símbolos universais são mais efetivos quando usados em conexão com o Caminho Místico. A mágicka emprega fórmulas essencialmente individualistas; o misticismo excede por completo o individual. Há dois processos diferentes envolvidos, e eles podem ser comparados à diferença entre uma barra de ouro puro e o valor equivalente em moeda corrente. Embora o ouro tenha valor intrínseco e a moeda não, não ajuda muito tentar oferecer ouro como pagamento em uma loja. Seu valor precisa ser determinado e convertido em moeda convencional. A moeda padrão do subconsciente é, por assim dizer, o sigilo aparentemente insignificante. Como a maioria das analogias, no entanto, essa não é essencialmente verdadeira, pois no subconsciente a barra de ouro seria reconhecida pelos elementais e os influenciara de acordo, enquanto simples cédulas de dinheiro não teriam significado algum para eles. Crowley, ao escrever a *Frater Saturnus*⁴⁶ a respeito dessa conexão, o advertiu quanto ao uso de dinheiro de papel em operações mágicas para a riqueza, argumentando que “os Gnomos não compreendem seu significado como tal”; ele recomendava o uso de ouro ou prata de verdade.

O sigilo é um receptáculo ou cálice que consagra uma certa quantidade e um certo tipo de energia. Pouco importa a forma que o sigilo assuma, desde que seja simples e completo em si mesmo. É importante não adicionar ornamentos supérfluos, pois isso possibilitará ao subconsciente criar imagens ou fantasmas indesejados que obscurecerão e, portanto, distorcerão o desejo

⁴⁶ Karl Johannes Germer (1885-1962), o braço direito de Crowley em Nova Iorque na década de 1940, quando essa carta foi escrita.

original. Esse é também um princípio de criação artística; decoração inútil é arte “ruim”. A arte grandiosa é sempre simples; cada linha é genética e funcional, num sentido que não deve ser confundido com utilidade. É funcional no sentido de que apela imediatamente ao componente subconsciente do observador. Esse apelo é impedido, e até mesmo destruído, por decorações inúteis. A arte então degenera em algo que apela apenas à consciência superficial; expressa não mais do que uma moda transitória, enquanto a verdadeira arte expressa a Eternidade. Quanto mais simples o sigilo, mais potente ele é, e, no entanto, a completude não deve ser sacrificada em prol da simplicidade por si só, pois se o sigilo estiver incompleto, ele também estará incorreto, e dará à luz um monstro.

Qualquer forma de construção de sigilos é válida. Quanto mais individualizada melhor, por estar mais próxima da mente subconsciente na qual deve funcionar. Se o operador for mais poderosamente influenciado por sons ou cores, então o sigilo deve tomar a forma de um encantamento ou um poema, uma pintura ou pantáculo.

Os antigos egípcios eram habilidosos nesse método; o grande cuidado com o qual preservavam seus mortos era equiparado apenas pelo cuidado com o qual desenhavam seus hieróglifos, aqueles sigilos mágicos que eram senhas em *Amenti*. O corpo, enfaixado nas mortalhas indistintas do esquecimento, cumpria perfeitamente o papel do sigilo e capacitava o falecido a viajar desimpedido pelo submundo. Analisar os símbolos inscritos nos sarcófagos revela um conhecimento de sigilografia sem comparação em qualquer outro sistema. As divindades com cabeças de animais eram guardiãs e guias para os pilones secretos do submundo; elas liberavam essas camadas do subconsciente que continham os poderes atribuídos aos animais em questão. A humanidade perdeu a chave do significado dessas formas-deus, pois essas chaves não existem no plano da interpretação racional.

Assim como os sonhos, são compreensíveis somente em seus próprios planos.

Deve-se traçar uma distinção entre um pensamento consciente e um subconsciente. O primeiro é uma réplica subjetiva de um objeto tangível ou intangível. Um pensamento subconsciente, por outro lado, é uma entidade astral, um objeto tão perceptível para a consciência astral quanto uma cadeira é para as sensações físicas. Esse é o motivo pelo qual diz-se que os sonhos são ocorrências reais enquanto são experimentados; e eles realmente o são para os sentidos astrais. Mas ninguém defende que os pensamentos são reais, mesmo enquanto são experimentados. A diferença encontra-se somente em nossos critérios a respeito do que constitui experiência direta. Pensamentos conscientes são considerados irreais *porque* seu impacto não é sensitivo; eles são “pensados”, não “sentidos”. Pensamentos subconscientes (entidades astrais), no entanto, *são* sentidos, e a impressão resultante é de uma realidade vívida. Por isso sonhos são às vezes tão “realistas” que ofuscam e influenciam a consciência desperta, de uma forma sem paralelos com o fluxo da miríade de pensamentos conscientes. Portanto, a *mágicka* é eficaz quando funciona através de pensamento subconsciente, pois somente então a experiência correspondente é uma realidade perceptível.

Mentes conscientes podem se comunicar umas com as outras através da fala, da palavra escrita, por meios telepáticos, etc., mas sem esses auxílios físicos a comunicação é impossível. Não é assim com a mente subconsciente, mas ainda assim um elo, um verdadeiro elo mágico, é essencial; essa é exatamente a função do sigilo. Um pensamento consciente é uma entidade insubstancial comparada com sua contraparte subconsciente; ele é incapaz de penetrar a aura mágica (ou seja, subconsciente) de outra pessoa. Mas um elemento astral, ou um pensamento gerado a partir de um sigilo, pode ser projetado na aura de outra pessoa, e lá gerar outros pensamentos. O hipnotista realiza uma operação análo-

ga quando, após paralisar a mente consciente de seus pacientes, escancara o subconsciente. Ele faz isso usando de passes magnéticos, luzes brilhantes ou vibrações rítmicas que estupefazem a consciência normal. Mas o magista não precisa de tudo isso. Seu “paciente” pode estar completamente ignorante de suas atividades, pode nem ao menos suspeitar que o “pensamento” que acaba de nascer dentro de si não é sua própria criação. Essa é a base da sugestão mágica. Quando o paciente *está* ciente da intrusão, ele ou resiste ao pensamento ou aceita-o; para evitá-lo, no entanto, ele precisa ter um poder mágico de uma ordem superior ao de quem o projetou.

Se a mágicka for tratada com a atitude de “eu, com minha mente pequena, desejo compelir minha mente maior (subconsciente) a *obter* algo de minha mente cósmica” – como um homem rico com amnésia que planeja roubar a si mesmo – o fracasso será o único resultado. Mas quando for compreendido que a mente cósmica é tudo, e que tudo é realizado nela, através dela e por ela, então o espasmo da chamada força de vontade dissolver-se-á para sempre, e todos os desejos serão realizados. Isso é trabalhar livre do “desejo de resultado”,⁴⁷ e é a única forma de trabalhar para se realizar a Verdadeira Vontade. Quando nos orgulhamos do sucesso de um sigilo, imaginamos que somos a causa do efeito que ele produz. Mas o próprio impulso para a formulação do desejo que sugeriu a construção do sigilo não se originou na mente superficial, e mesmo o subconsciente no qual ele apareceu pela primeira vez nada mais é do que uma cópia de um negativo que já existia nas esferas informes ou pré-conceituais. A corrente é de *sushupti* para *swapna* para *jagrat*; e não, como inutilmente supomos, o contrário.

O êxtase é a alavanca que lança o sigilo no vazio. O sigilo deve ser lembrado somente em momentos de tensão psicológica; em todos os outros casos ele deve ser resolutamente banido da

47 Vide *AL*, I, 44.

consciência. Durante qualquer estresse emocional, o sigilo deve fulgurar na mente. Concentração nesses momentos levará à geração de êxtase – um *ecstasis* – que encerrará a tensão e levará, em definitivo, à realização do desejo sigilizado.

Uma vacuidade psicológica segue a experiência do êxtase. Nesse vazio, no qual a própria mente está ausente, ocorre a vitalização do sigilo. O grau de ausência de mente depende da intensidade do êxtase que a precede: se o êxtase é fraco, a vacuidade tem vida curta; se é forte, o grau de vazio é equivalentemente forte, e de maior duração. Nesse ponto pode haver dificuldade em recordar a identidade individual ao se recuperar a consciência superficial. Na verdade, o ego é um mero fantasma criado para conferir uma aparência de personalidade e coerência a uma série de impressões desconexa, porém perpétua. Mas a única linha de continuidade que une esses estados psíquicos desconexos é a mente cósmica. Como o êxtase afastou temporariamente o ego de seu assento, é difícil se conformar novamente com o falso conjunto de valores imposto por uma simples invenção de Realidade. Não é preciso fazer esforço algum; as velhas tendências são fortes e deveras vorazes para reestabelecer a ilusão da existência separativa.

Quando os antigos egípcios embalsamavam o sigilo antes de despachá-lo para o submundo, todos os traços da personalidade (ou seja, as qualidades reconhecíveis) eram obliteradas. A “morte”, simbolizada pela múmia em suas faixas de uma mesmice uniforme e indiferenciada, era seguida pela ressurreição em *Amenti*.

O Sabbat das Bruxas e a Reencarnação das Obsessões Primordiais

Os antigos egípcios possuíam um profundo conhecimento do subconsciente em seus aspectos mágicos, se não nos psicológicos. Eles entendiam os mecanismos para a manifestação de atavismos passados no presente. Esses eus passados, latentes na consciência pré-humana, eram simbolizados por deuses que usavam máscaras animais. A psicologia por trás desse modo de mágica, que unia as potências bestial e humana em uma só imagem, se baseava na consciência de uma identidade suprema; uma identidade não só entre animalidade e humanidade (entre passado e presente), mas também da divindade (representada pelo futuro), pois os “deuses” eram o modelo “Daquele Que Sempre Vem”, o momento presente eternamente recorrente que embarca toda a gama de animalidade, humanidade e divindade.¹

O rito de “Sair Para o Dia”² encenava as sutis transformações pelas quais passava o falecido no submundo. O sacerdote-magis-

¹ Isso é, o estado subconsciente ou de sonhos, o estado desperto e o estado livre de pensamentos exemplificado pelo sono sem sonhos.

² N.T.: O famoso *Livro Egípcio dos Mortos* obviamente não era chamado dessa forma pelos próprios egípcios. Uma possível tradução de seu título seria *O Livro de Sair para a Luz*. Em inglês, a versão mais popular do nome é *The Book of Coming*

ta se identificava com um sigilo em particular; ele assumia uma forma-deus em particular e ressuscitava seu velho eu dos mortos, aparecendo em qualquer forma que escolhesse. O gavião, por exemplo, representava a transformação do subconsciente, a existência automática com consciência da divindade, que era a mais elevada realidade para os antigos egípcios. A expressão “sair para o dia” ou “sair hoje” indica uma emergência dos escuros reinos da noite, ou morte, no dia da participação consciente da Realidade.

O Sabbat das Bruxas pode parecer muito distante dessa fórmula. Mas, assim como a feitiçaria medieval, com a qual ele tem paralelos, ele deriva de fontes muito mais antigas. A forma de transvecção que possibilitava à bruxa participar no Sabbat era um fenômeno astral, e o unguento aplicado sobre o corpo era indubitavelmente composto de substâncias indutoras de sono e êxtase. A elevação da bruxa em sua vassoura ou cabo simboliza o caráter originalmente feminino do Sabbat, pois mostra a exaltação das forças lunares sobre as solares. Essa é uma forma de simbolismo tipicamente medieval, com uma origem altamente sofisticada na imagem da Deusa egípcia do Céu arqueada sobre a terra, sendo essa última representada (em alguns papiros) em uma forma inequivocamente masculina. Mas o simbolismo fundamental vai ainda mais longe, até as origens africanas da magia, quando o feminino era exaltado acima do masculino, como um canal através do qual os deuses se comunicavam com a terra.

Os cenários normalmente associados aos ritos sabáticos traem imediatamente suas naturezas lunar e astral. Os locais desolados, remotos e altos, ou bosques escondidos ao lado de riachos, são sempre iluminados pela luz sinistra da lua. O diabo ou divindade chifruda que preside o Sabbat é o protótipo e o sigilo do Desejo. O beijo obsceno é aplicado às costas, não à frente; à parte de baixo, não à de cima. Essa fórmula de reversão já foi explicada;

Forth By Day – em uma tradução livre para o português, seria algo como *O Livro de Sair Para o Dia*. Optamos por manter “Sair para o Dia” para manter coerência com a intenção original do autor.

também é aparente na dança circular anti-horária³ realizada pelas bruxas e seus familiares, ou parceiros, na qual todos saltitam de costas para o sigilo entronado do desejo. A litania é lida de trás para diante, e os gestos rituais (*mudras*) que a acompanham são executados ao contrário, de trás para frente.

O plano astral é a junção ou confluência de duas manifestações de energias pré-conceituais. Uma é um fluxo de saída, outra um fluxo de entrada. No sistema de Crowley, Ra-Hoor-Khuit e Hoor-paar-kraat simbolizam essas energias gêmeas. Quando elas se fundem, uma corrente mágica é descarregada no corpo da Mulher Escarlata (ou seja, a bruxa). É na substância desse eflúvio que a bruxa encarna o atavismo pelo qual o Sabbat é convocado. É no clímax dessa libertação explosiva do sigilo que o plano astral se adensa a um ponto de substancialidade que dota todo o rito do glamour da realidade.

O Sabbat é uma forma de histeria em massa que liberta quantidades quase ilimitadas de energia pré-conceitual. O objetivo desse ritual amplamente incompreendido é a realização efetiva, tátil ou fatural do sigilo em sua forma mais densa, e seu significado real torna-se claro assim que os mecanismos subjacentes de sua dinâmica são compreendidos.

As fórmulas mágicas implicadas no simbolismo sabático envolvem a invocação e o redirecionamento de energias pré-conceituais para baixo e para trás do atavismo demandado. A energia que ascende bruscamente é, então, convertida para propósitos específicos, como terapia, transformação, iniciação, criação, destruição, e assim por diante.

3 N.T.: *Widdershins* é uma palavra sem equivalente na língua portuguesa. Origina-se da junção dos elementos do alto-alemão antigo *widar* (contra, oposição) e *sinmen* (viajar, ir). Atualmente significa o sentido contrário ao movimento do Sol. A grosso modo, pode ser traduzido como *anti-horário*. Seu oposto (isto é, o sentido do movimento do Sol) chama-se *deosil*.

O Sabbat original era realizado por um sacerdote-magista que assumia uma forma-deus em particular. Os celebrantes usavam essa forma-deus como um foco, da mesma forma que o sigilo é usado para a um fluxo de saída de energia mental concentrada. Isso produzia êxtase, e então o sacrifício. Isso significa que todas as ideias e conceitos – incluindo a própria forma-deus sigilizada – são sacrificados, esquecidos.⁴ O momento de vacuidade que sucede o êxtase é o momento de libertação subconsciente, durante o qual cada celebrante torna-se o deus (ou seja, assume a forma-deus). Ele é, naquele momento, possuído pelo deus, e recebe seus poderes super-humanos. Os participantes ou encarnam seus próprios desejos e fantasias secretos ou a energia que acaba de ser liberada é usada massivamente para um propósito comum.

As litanias e encantamentos usados no Sabbat variavam de acordo com a natureza das metamorfoses desejadas. Uma invocação do deus era seguida por adoração cerimonial, ou simulação de congresso sexual, que era encenado literalmente quando se alcançava identidade com o deus. A velha que diz-se ter recuperado sua juventude e beleza no Sabbat representa o passado, a forma que é dissolvida para dar à luz o eternamente jovem, ou Aquele Que Sempre Vem, a realidade do momento presente. A descamação da pele velha simboliza a falsa forma da mente consciente⁵ e a assunção da forma verdadeira ou subconsciente.

O Sabbat das Bruxas, assim como o processo alquímico, era um véu de um sacramento inefável, deliberadamente mal interpretado por seus Adeptos para manter seus segredos longe dos profanos. Arthur Maçhen sugeriu que o Conhecimento das Fadas também se relaciona com fórmulas análogas e igualmente

4 Nas representações dos Sabbat, o “diabo” frequentemente desaparece no clímax da *orgia*.

5 Essa falsa forma é a personalidade, a *persona*, literalmente “a máscara”. É falsa pois é distorcida pela racionalização.

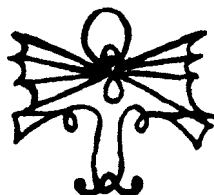
insuspeitas que envolvem tráfego com atavismos elementais e reverberantes.⁶

Obsessão e vibração formam a base de toda a mágička que se ocupa da transformação e materialização. A ideia obsessiva se sobrepõe a e anula todas as ideias menores. Além do mais, a vibração induz ao êxtase, que resulta na exaustão emocional que adombra o estado de vacuidade. Cada mente individual é assombrada em suas camadas mais profundas por obsessões espreitadoras que, em uma pessoa média, são simbolicamente veladas ou mesmo completamente escondidas da consciência desperta. Magiŕtas vêm incansavelmente formulando métodos de invocar essas obsessões. O método de Salvador Dalí de “atividade paranoico-crítica” é uma forma; a fórmula de “ressurgência atávica” de Austin Spare é outra; ainda outra é a fórmula de Crowley de mágička sexual energizada pela Verdadeira Vontade, pois a Verdadeira Vontade – a Vontade Inconsciente – é, paradoxalmente, a expressão não volitiva ou espontânea da mente cósmica.

Há também aquilo que podemos chamar de obsessões “locais”: respostas habituais automáticas a blocos de energia subconscientes associados com tipos de espíritos que, até onde eu sei, apenas Austin Spare percebeu, chamando-os de “autômatos elementais”. Ao contrário dos Familiares obsessores maiores, esses não se originam de atavismos remotos, mas sim das camadas profundas, porém individualizadas, do subconsciente. As formas simbólicas desses fantasmas obsessivos às vezes se revelam através do simples processo de desenho automático. Uma forma em particular ocorre repetidamente em formas levemente modificadas, embora não menos reconhecíveis. Se essa forma for capturada e isolada, ela pode ser sigilizada e imbuída com energia mágica. O sigilo abaixo foi obtido por esses meios; é uma “ressurgência atávica” em uma forma pictórica concisa o suficiente para se sigi-

6 Vide, em particular, “O Povo Branco” (*Tales of Horror and the Supernatural* [N.T.: *Contos de Horror e do Sobrenatural*], The Richard Press, Londres, 1949).

lizar; ela sugere a forma de um morcego. Esse conceito, por estar associado na mente consciente com ideias de vampirismo, poderá



despertar ideias e fantasias conectivas se for o foco da concentração. No entanto, ele é primariamente uma imagem subconsciente materializada por um processo consciente, embora distraído. Sua forma é, portanto, o sigilo de uma força por trás de uma obsessão recorrente que pode se tornar reverberante e despertar atavismos latentes. Ela é, na verdade, a assinatura do autômato que gera o estresse psíquico e que se nutre da energia lançada no vórtice mágico criado pela obsessão. Se essa obsessão for substanciada por meio de mágička sexual, ou alimentada com vibrações lunares, uma entidade de verdade será criada das profundezas. Ela ganhará substância no plano astral como uma entidade-pensamento subconsciente, e pode até mesmo gerar sua *simulacra* no plano material, e ser vista por testemunhas objetivas. Um atavismo como esse pode ser extremamente perigoso, e deve ser dissolvido assim que seu propósito tiver sido atingido.

O processo tem um valor catártico: o hábito compulsivo que mascarava a obsessão diminui, e o elemental agora tem um veículo através do qual pode operar diretamente. Uma entidade subconsciente, como um monstro marinho, foi isolada em um tanque preparado especialmente para ela. Se o sigilo for lembrado durante momentos de estresse emocional (ansiedade, depressão, elação, êxtase), a força que normalmente energiza a compulsão passa a vitalizar o sigilo. O autômato energético realizará qualquer tarefa a ele designada, desde que dentro de sua capacidade.

Os astrais de grandes árvores, por exemplo, revelam segredos não apenas do ar, mas também os da terra e de regiões etéricas.

Quando uma concentração de energia psicossomática chega ao ponto de explodir, o indivíduo ou perde a sanidade ou abandona seu corpo físico, como se um cálice tão frágil não fosse capaz de sustentar tamanha pressão primordial. É na fração de segundo da subida da força que o magista, abandonando todo o controle superficial, permite que a força o arrebate. O simples impacto de sua chegada o exaure por completo, e cria-se um vácuo mental no qual o sigilo age sobre camadas remotas de memórias subconscientes. Ele busca por toda parte, até que uma resposta energética se erga e passe a habitar o sigilo. Essa intrusão das células de memórias antigas vem na forma de um atavismo vital, uma força há muito dormente, mas familiar ao magista por virtude de já ter sido seu eu. Despertada de seu longo sono, ela responde à sugestão do sigilo, que existe sozinho na mente vazia. Tornando-se novamente consciente, ela age como um “familiar intrusivo”.

Quando a exaustão de espírito, corpo e mente diminui, o magista “desperta” e encontra poderes sobre-humanos sob seu controle. Ou melhor, ele recuperou um poder antigo. Por virtude de seu atual ambiente e de seu aparato psicossomático infinitamente mais especializado, o poder é de muitas formas bastante novo, e pode ser usado de formas que não eram nem cogitadas na época em que ele o possuía originalmente.

Isso lembra as transformações singulares pelas quais passavam os sacerdotes-magistas egípcios. A natureza dos “deuses”, ou atavismos, pode ser interpretada com referência a seus atributos zoomórficos, e não há motivo pelo qual tais poderes não poderiam vir do futuro da mesma forma que vêm do passado. Alguns artistas contemporâneos delinearam “atavismos futuros”, cujas formas são limitadas apenas pela habilidade artística. A condição conhecida como genialidade se dá sobre uma obsessão por

familiares intrusivos, pois o artista criativo, não menos do que o cientista, recebe certas informações de atavismos futuros. Toda “descoberta” e “invenção” é um dom atávico, é quase sempre o resultado de inspiração que ocorre em um estado de vacuidade, ausência da mente ou exaustão psicossomática. Grandes descobertas são feitas por “acidente”, por um “golpe de gênio”. É possível identificar, em todos os casos históricos de gênios, uma profunda agitação emocional, resultante do caos que incendeia o atavismo na forma de inspiração.

Mágička é o florescimento completo da ideia obsessiva; dotando-a, assim, de genialidade. Se ela é positiva (ou seja, criativa, construtiva, inventiva) ou se assume o aspecto passivo da habilidade de receber impressões, isso depende do indivíduo. De qualquer forma, o êxtase, ânsia e obsessão são partes integrantes do processo, seja esse fato conscientemente reconhecido ou não.

Comparado com os grandes familiares intrusivos, autômatos elementais representam poderes menores; entidades de uma natureza mais pessoal gerada por bloqueios em uma corrente de desejo. Enquanto familiares intrusivos brotam de um reservatório de energia ilimitado pela personalidade, autômatos elementais são expressões individualizadas de energia cósmica. Um homem pode ouvir melodias celestiais, ver visões milagrosas, sentir sensações maravilhosas, e ainda assim ser totalmente incapaz de comunicar suas experiências. Mas não é por isso que seu eu interior permanecerá imutável, só porque ele não possui a habilidade de transformar os outros. Um dos objetivos da mágička é compreender a natureza da obsessão de uma forma que seja possível reificar seu poder, e não simplesmente expressá-lo ou observar sua operação.

A formulação da corrente atávica nem sempre se dá de forma gráfica ou linear. Ela às vezes se expressa em padrões de palavras ou feitiços mânticos. A palavra que se repete e torna-se magicamente reverberante não será o nome da obsessão, mas

do elemental que a constitui.⁷ Quando uma palavra não familiar aparece repetidamente em uma escrita automática, ela pode ser uma palavra-chave, capaz de destrancar células subconscientes. Os nomes dos “deuses” são formas polidas ou finais de autômatos elementais e familiares intrusivos, pois os deuses são nossos eus passados. Seus nomes se corromperam ao longo dos aeons, em especial durante o período da magia medieval, no qual reinava uma grande ignorância sobre esses temas, e os deuses e demônios confundiam-se. Em termos gerais, esses dois principais fluxos de energia subconsciente, tipificados respectivamente como autômatos elementais e familiares intrusivos, correspondem aos diabos e deuses da antiguidade.

Os deuses representam poderes cósmicos, remotos no tempo e no espaço; os demônios são os complexos mal resolvidos dentro da psique, que podem ser controlados e ordenados a responder à sugestão mágica por meio de sigilos e controle de sonhos. Os demônios são depósitos no sistema nervoso psíquico que se agitam em atividade sinistra quando há um sério bloqueio de energia. Esses bloqueios podem ser dissolvidos, e a energia libertada pode ser redirecionada para fins criativos e mágicos.

A lua é atribuída ao reino do subconsciente como “aquela que enxerga na escuridão”, o “olho da noite”, a “iluminadora do submundo”. O Ritual egípcio de Amenti é ilustrado com imagens que mostram o falecido em um esquife esculpido à semelhança dos grandes felinos. O gato, como aquele que enxerga na escuridão, é um símbolo zoomórfico, assim como a lua é um símbolo celestial de um princípio idêntico. O gato acompanhava a bruxa em suas aventuras noturnas em um estágio posterior e degenerado desse simbolismo. E assim como a lua acompanha os grandes deuses dos céus,⁸ o gato acompanha os autômatos elementais, os demônios do subconsciente “pessoal”.

7 Obsessões manifestam-se na vida cotidiana na forma de atos racionalizados ou ritualizados que se repetem e formam a base do hábito.

8 Ou seja, familiares intrusivos de atavismos remotos.

Uma vez determinado e isolado o nome de uma entidade obsessora, a mente consciente o reverbera. O nome forma um ímã que ergue os mortos (ou “deus” ou “demônio” necessário) dos níveis subscientes. O feitiço deve ser composto de ritmos insistentes, atraentes, e o nome deve ser entremeadado a ele de forma a reverberar as profundezas latentes. É preciso habilidade, pois a invocação deve adumbrar uma experiência passada verdadeira no cadinho do presente. A invocação culmina em êxtase. No princípio do esquecimento, o nome é o último som que se ouve. Ele se perde no inexprimível crepúsculo da inconsciência. O espírito familiar ou elemental passa, então, a habitar o sigilo, e realiza o propósito do rito.

Encantamentos, feitiços mágicos, nomes bárbaros de evocação, fórmulas mágicas, etc., são diversos dos métodos de localizar e controlar energias subscientes. Os nomes de deuses e demônios antigos estão corrompidos, pois as vogais e consoantes se confundiram. O melhor exemplo de restauração de um desses nomes aparece no *Liber Samekh*,⁹ que se baseia em um ritual que Crowley considerava ser supremamente poderoso. Aquele que souber como pronunciar¹⁰ o Nome possui a chave para o reino que o deus representa.

Tamanho era o poder atribuído aos nomes dos deuses que na Índia antiga acreditava-se (e ainda se acredita) que até mesmo o próprio deus não é tão poderoso quanto seu nome. A mágicka usa esses nomes para colocar a mente superficial em contato direto com níveis super ou subscientes. Assim a mente se dissolve na consciência cósmica. Em outras palavras, ao experimentar a realidade por trás do nome ou palavras, a mente se funde ao êxtase criado pelo impacto com seu Eu superior (ou seja, cósmico). Alguns nomes, palavras e imagens bastante comuns possuem um nível de poder completamente desproporcional aos seus significados; são carregados com a vitalidade peculiar

9 *Magick*, pp. 355 et seq.

10 Isto é, vibrar.

da energia subconsciente que os confere um significado especial e uma durabilidade incrível. Por exemplo, certas palavras arcaicas que até recentemente eram consideradas indizíveis na sociedade educada, por meio de um processo de supressão contínua, tornaram-se dotadas de um poder similar ao dos sigilos “esquecidos”. Embora o poder de tais palavras seja uma mera sombra quando comparado ao dos símbolos subconscientes, elas afetam as pessoas muito intensamente. Há poder em tais palavras não apenas por conta de uma negação consciente delas, mas também porque são normalmente associadas com funções instintivas. Se imagens *conscientemente* concebidas continuamente suprimidas contêm grande poder, quão maior deve ser o poder das palavras e imagens concebidas *subconscientemente*, que ocasionalmente se revelam em escritos automáticos e rituais mágicos. Cada magista deve descobrir a palavra que esconde sua obsessão dominante, e vibrá-la até que seu elemental energizante seja desperto.

A Palavra Perdida dos Maçons, o mais corrompido dos nomes demoníacos dos grimórios medievais, não menos do que o Verdadeiro Nome de Deus conhecido pelos antigos, não é nada além de um elo formulado conscientemente com a fonte de toda a energia conceitual. Tais palavras contêm poder mágico genuíno, no sentido de que encarnam vibrações específicas.

É fato conhecido que certas notas musicais, se soadas repetidamente, estilhaçarão um recipiente de cristal. Se a corda de um violino ou violão for puxada, padrões precisos formam-se em partículas de areia colocadas nas cercanias da corda.¹¹ De forma similar, feitiços ou encantamentos despertam profundezas subconscientes das quais eles são as chaves. O nome ou palavra é mais do que uma mera designação. O nome gato, por exemplo, partilha *em si mesmo* do elemento com o qual tem afinidade. Ao contrário de *g-a-t-o* em relação ao animal, o nome mágico pode

¹¹ Cf. também os experimentos de Chladni. Uma descrição é apresentada em *Thought-Forms* [N.T.: *Formas-Pensamento*], p. 27.

ser comparado com um fósforo em relação ao fogo que ele origina; ele não é apenas um símbolo do fogo, é o fogo em forma latente. Essa forma pode se tornar o que é (ou seja, fogo) pela vibração correta. Se o magista estiver agarrado à parte errada do símbolo quando ele se torna senciente, não é culpa do símbolo; e, no entanto, muitos nomes e símbolos já foram chamados de “malignos” por esse exato motivo.

Sigilos subconscientes transcendem símbolos pois são carregados com a energia real que simbolizam. Eles são símbolos sencientes, unos em sua natureza com aquilo que simbolizam, enquanto as letras g-a-t-o formam um símbolo arbitrário, e não um símbolo vital, não tendo afinidade direta com o reino elemental dos felinos. Todos os símbolos conceituais e, portanto, todos os símbolos sencientes, se originam da energia pré-conceitual que é o potencial não realizado da Realidade, esperando por reificação. Energia obsessiva, que gera deuses, anjos, demônios, humanos, animais, etc., se ergue proporcionalmente à sua libertação sucessiva das formas sencientes com as quais se identifica através da “crença” arbitrária. Quando o magista se liberta do hábito compulsivo da conceptualização, ele se torna livre para experimentar a realidade *em si*. A mente retorna à sua fonte, e a forma se dissolve no vazio; a matéria se decompõe, se dissolve em suas energias elementais, que então fluem de volta à terra para repousar antes de voltar a “acreditar” em novas formas.

O desejo do homem pela mulher se baseia na necessidade de retornar à sua fonte no vazio do êxtase pré-conceitual. Ele deseja reviver o júbilo primordial, conhecer sua origem diretamente, imediatamente, magicamente. Mas a mulher é o sigilo de Ísis (Natureza); ela concebe em termos de forma, e o homem fica aprisionado em mais crenças. Somente durante o coito ele prova fugazmente do êxtase de sua verdadeira natureza, sua fonte pré-conceitual. Há, no entanto, casos raros nos quais a nature-

za não conceitualiza dessa forma quando se livra de uma forma pré-conceitual.¹²

Sonhos, vontades e desejos são eventos futuros que o homem despeja de si mesmo sobre o sigilo primordial – a Natureza-Mulher – que então os manifesta. Quando isso ocorre, os sonhos já se passaram e estão próximos de sua decomposição. A união do Futuro (superconsciente) com o Passado (subconsciente) é o assento da realidade, ou experiência direta.

Auſtin Spare declara que “ao privar crença e sêmen da concepção, eles tornam-se simples e cósmicos”.¹³ Isso liberta a corrente vital da necessidade, a necessidade de ser confinada a uma forma ou crença específica. O futuro e o passado não possuem significado, e o presente é vazio de concepção. A imagem então existe além do tempo (subjetividade) e espaço (objetividade). Tanto aquilo que é implícito (futuro) quanto o que é explícito (passado) são realizados como um contínuo de consciência sem forma, caracterizado pelo júbilo supremo, que é e essência da senciência.

Tal experiência direta ou vivência espontânea é a tradução de uma tendência em termos de ação imediata, antes que ocorra a concepção.¹⁴ O universo externo é real; o que não são reais são os pensamentos a respeito dele. Uma árvore é vista e um pensamento nasce. O pensamento se chama “uma árvore”; mas o pensamento é uma ilusão que causa uma sensação de separação da experiência direta. Vitalizar o universo aparentemente objetivo, portanto, exige a interrupção do pensamento conceitual. A árvore deve ser percebida diretamente, imediatamente, como uma forma do Eu.

Um tipo de não conceitualismo exposto à humanidade é o “nascimento” de Cristo de um útero virgem. Isso indica a ope-

12 Cf. o nascimento virgem; vide abaixo.

13 *The Book of Pleasure*, p. 10.

14 Isto é, pensar sobre ela.

ração de energia pré-conceitual concentrada em uma forma de crença que permanece não conceitual. Nascido do vazio, ele é o sigilo supremo da realização (redenção da matéria). Pela adoração a Maria,¹⁵ a realização da consciência cósmica torna-se questão de experiência direta. A crucificação ou destruição do sigilo (Cristo na cruz) significa a dissolução da mente. A cruz ou encruzilhada é o ponto de encontro no qual carne e espírito se encontram,¹⁶ e no qual passado e futuro, horizontal e vertical se fundem. A ressurreição que se segue ocorre *na carne* (isto é, como experiência imediata); é a encarnação do conhecimento como *saber*, do êxtase como *sentir*, da existência como *ser*, o “ser” de Cristo, Krishna, Therion, Kia, de acordo com o tipo da obsessão (crença) primordial. Esse simbolismo foi distorcido como história para satisfazer as mentalidades dos não Iniciados e os seguidores de “religiões” materialistas; a unidade foi dividida em *pensamento* e em *tempo*, de forma que poucas pessoas compreendem essa importância universal.

A fórmula da deusa Nuit representa um tipo mais universal de não conceitualismo. A deusa do céu se arqueia sobre a terra. Em seu corpo (espaço infinito) aparece o sol, lua e as estrelas que iluminam a terra (consciência mundana). O sol é a concentração da mente superconsciente; a lua, da subconsciente; as estrelas são filhas desses dois *chakras* da mente cósmica, as menores luminárias nascidas da experiência das maiores. Elas, também, tornam-se sóis e luas em seu tempo, cada uma reunindo ao seu redor um cosmos idêntico àquele sobre o qual a deusa se arqueia. Cada impacto e experiência da realidade dá origem a uma nova estrela, uma alma em seu útero infinito. Seu filho é Hórus, a consciência liberta, a Criança Coroada e Conquistadora, que é livre pois não

15 Esse termo, “adoração”, é usado tecnicamente com o significado de uma efusão ativa de amor ou devoção que se concentra no vazio, ou seja, Maria, o Grande Mar ou a Grande Profundidade.

16 Isso é exemplificado no simbolismo dos Mistérios do Vodou com mais ênfase do que em qualquer outro lugar.

está confinado a qualquer modo ou crença em particular. Ele é Aquele que sai do submundo (subconsciente) para a Luz, para a luz do Sol.

O simbolismo é ao mesmo tempo belo e fiel aos fatos do complexo psicossomático. Nós existimos, assim como as estrelas existem, no vazio da consciência infinitamente imaculada. Entre cada ponto brilhante há espaço, sono ou morte. O espaço físico simboliza o vazio no qual nosso potencial se esconde. Esse estado de “transitoriedade” é o “caminho entre êxtases”.¹⁷ As estrelas brilham em virtude do sono que separa o ser do não ser. Mas entre esses pontos brilhantes nós existimos como consciência pura (Verdade), assim como existimos continuamente, através do sono, da morte e da ausência de mente. Se fôssemos sempre manifestos, se o dia fosse perpétuo, não saberíamos, seríamos nem sentiríamos nada. Somente em virtude do Corpo o Espírito se realiza. De forma similar, é em virtude do Momento que a Eternidade se realiza, e pela Falsidade, a Verdade. Nirvana e Samsara não são dois.

A fórmula de Spare da Postura da Morte esconde o mecanismo da obsessão mágica.¹⁸ Ela consiste da concentração ou confinamento da consciência em uma parte do corpo. A parte assim vitalizada se impregna de todas as sensações das quais o corpo é capaz. A essência dessa sensação é então exteriorizada em forma objetiva. O fantasma autogerado que brota da morte aparente¹⁹ emana da atividade cerebral dinâmica suprimida, embora a consciência não esteja mais centrada na cabeça, mas no órgão específico escolhido para a recepção da energia cósmica. O florescer dessa concentração total do potencial do corpo cede a base material para a manifestação astral do fantasma, muito simi-

17 Essa expressão é de *The Zoetic Grimoire of Zos*, de Austin Osman Spare, publicado em *Zos Speaks!*, de Kenneth Grant e Steffi Grant (Fulgur Ltd., Londres, 1998).

18 Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 12.

19 Na Postura da Morte, a morte é a forma-deus assumida pelo Adepto.

lar a como a múmia forma a base material para o *khu*²⁰ do sacerdote egípcio. O congresso que segue entre “espírito” e “matéria” constitui a ressurreição para uma vida “nova”, um novo ponto de vista, uma nova consciência. Cada um desses atos é uma iniciação – uma jornada interior aos esconderijos secretos da consciência. Spare chama essa união de Autoamor, a forma mais elevada de consciência.

A Postura da Morte encontra um paralelo na fórmula de Ida Nellidoff de “Lucidez Erótico-Comatosa”, que Crowley incorporou ao manual secreto da O.T.O.²¹ Eu o cito aqui:

O Candidato é preparado para o Ordálio por meio de treino atlético geral e jejum. No dia designado, ele é assistido por uma ou mais assistentes escolhidas e experientes, cuja tarefa é (a) exauri-lo sexualmente por todos os meios conhecidos, (b) excitá-lo sexualmente por todos os meios conhecidos. Todos os expedientes e artifícios da cortesã devem ser empregados, e todos os estimulantes conhecidos pelo médico. Álcool, éter e estrictina podem ser empregados livremente, mas cocaína deve ser usada com certa prudência. Fricções de conhaque, e até mesmo de água de colônia levemente diluída podem ser usadas sobre o próprio falo, e borrifos de pimenta em éter podem ser aplicados sobre os músculos abdominais. As assistentes não devem ceder ao perigo, e sim caçar impiedosamente sua presa designada.

Finalmente, o Candidato cairá em um sono de completa exaustão, que lembra o coma, e é nesse ponto que a delicadeza e a habilidade devem ser refinados. Que ele seja desperto de seu sono por estímulos de uma qualidade definitiva e exclusivamente sexual. No entanto, se for conveniente, música sabiamente regulada pode ajudar.

Os presentes observarão com atenção por sinais de despertar; e, no momento em que este ocorrer, todos os estímulos devem cessar imediatamente, e deve-se permitir que o Candidato volte a dormir; mas assim que isso ocorrer, a prática anterior deve ser

20 Poder mágico.

21 Uma Irmã do Soberano Santuário, IXº O.T.O., à época em que Crowley escreveu essa instrução secreta incorporando sua fórmula (vide a próxima nota). Há uma breve referência a Ida Nellidoff em *The Magical Record of the Beast 666*, p. 137.

continuada. Essa alternância deve continuar indefinidamente até que o Candidato esteja em um estado que não é nem dormir nem despertar, e no qual o Espírito, libertado pela perfeita exaustão do corpo, porém impedido de entrar na Cidade do Sono, comunga com o Elevadíssimo e Santíssimo Senhor Deus de seu ser, criador dos céus e da terra.

O Ordálio termina em fracasso – a ocorrência do sono invencível – ou em sucesso, no qual o despertar definitivo é seguido pela realização final do ato sexual. Pode-se, então, permitir que o Iniciado durma, ou a prática pode ser renovada e continuada até que a morte termine com tudo. A morte mais favorável é aquela que ocorre durante o orgasmo e se chama *Mors Justa*.

Como está escrito: que a minha alma morra da morte dos Justos, e seja o meu fim como o seu!

Em uma antiga lenda de criação registrada no Papiro de Nesi Amsu,²² descreve-se que o deus sol Atum pôs seu falo em sua mão e realizou seu desejo, assim originando os gêmeos Shu e Tefnut. Essas duas “crianças” são o fogo e a água (o útero úmido) místicos necessários para materializar a entidade da obsessão. O útero emana a forma de uma succuba, um glamour com o qual o magista copula para materializar o fantasma mágico. No mesmo Papiro, está registrado que o deus Khepra teve uma “união com sua mão” e “abraçou sua sombra com um abraço de amor”. A sombra ou *chaaya* é a auréola da Kundalini erguida.²³ Ela é representada nos *Puranas* como uma húrri. A sombra é a succuba²⁴ que aparece no conhecimento Rabínico como Lilith, a primeira esposa de Adão. Essa é a sombra de Set na escuridão aveludada onde é gestada a obsessão primordial.

22 *Hieratic Papyrus of Nesi Amsu* [N.T.: *Papiro Hierático de Nesi Amsu*] (E. A. Wallis Budge). Arco II, 189I.

23 É conhecida como *Urvaan* pelos Zends, *Corvasbi* ou *Urvashi* nos *Puranas*; *Chaaya* em sânscrito.

24 Paracelso se refere a esse ser como sendo um *aquastor*, que Hartmann (*Life of Paracelsus* [N.T.: *A Vida de Paracelso*]) ressalta como “um ser criado pelo poder da imaginação, isto é, por uma concentração de pensamento sobre o Akasha, pelo qual uma forma etérea pode ser criada ... Sob certas circunstâncias, elas podem até mesmo se tornar visíveis e tangíveis”.

Nu-Isis e a Radiância Além do Espaço

Há uma lenda conhecida pelos Iniciados a respeito da morada secreta da Deusa:

O Espírito de Nodens¹ – Deus das Grandes Profundezas – fulgurou como um relâmpago das profundezas, e formou um trono nos reinos celestes – um assento de pedra – no qual se estabeleceu a Deusa. Ela governava do trono de pedra que Nodens criou, e ao seu redor o templo de Nu-Isis tomou forma. Ele também era de pedra, oco por dentro, e relampejante. E esse Assento de Pedra girou rumo aos céus – o veículo do fogo de Nodens – ocultado dos olhos mortais pela cortina vítrea do oceano profundo e inflexível.

O Assento de Pedra, em seu aspecto macrocósmico, é identificado por Iniciados com um certo planeta transplutoniano que é o foco da Deusa, cuja fórmula é Nu-Isis.²

¹ Tanto Arthur Machen quanto H. P. Lovecraft mencionam essa divindade em suas obras, ressaltando sua identificação com o subconsciente. Vide Machen, “O Grande Deus Pã” [N.T.: *The Great God Pan*] (*Tales of Horror and the Supernatural*, The Richards Press, Londres, 1949), e *The Gable Window* [N.T.: *A Janela do Sótão*], uma história curta de Lovecraft na qual ele se refere a Nodens como “o único Deus Ancião nomeado”.

² Vide diagrama da Árvore da Vida. Cf. os atributos de Plutão com Kether, o Um Além do Dez.

O Coração do Sigilo de Nodens é idêntico à Marca da Besta: ⊗, a fusão de O e X, que produz o relâmpago. Nodens é o Deus das Grandes Profundezas ou do Abismo, microcosmicamente idêntico ao subconsciente. Ele reina sobre o Abismo e controla e arreia seus relâmpagos. “Fulgurou como um relâmpago das profundezas” descreve o ato envolvido no estabelecimento do Assento. O Assento de Pedra é Ísis,³ e sobre essa fundação a Deusa se estabelece e governa os céus, a terra e as profundezas sob a terra. Em outras palavras, a Deusa que concede todos os desejos é invocada pela união do X e do O (o Falo e o Kteis), sendo o Assento o veículo de seu poder. Ísis é, portanto, seu veículo, pois Ísis leva o fogo de Nodens em seu útero, e seu veículo no macrocosmo é o planeta transplutoniano também conhecido na tradição oculta como Ísis.

A lua é a expressão mais material de Nu-Isis no que diz respeito à terra. As emanções do princípio lunar demoníaco são extremamente poderosas. Elas se concentram no veículo mundano da luz, que é o complexo corpo-mente da fêmea. Suas forças restritivas precisam se transmutar para que a terra se prepare para o influxo de Poder que flui do trono de Nu-Isis.

A lua é também o veículo do fluido astral das regiões elementais mais baixas, e o método de materializar esses elementais é através do mênstruo físico de sangue. Em todas as Ordens genuinamente iniciadas, a mulher é, portanto, periodicamente segregada para propósitos mágicos.

Os elementais, que podem ser limitados pelo sangue e manifestados pelo uso dos *kalas*, são eles úteis com certos tipos de Inteligência extraterrestre. Se esses seres se erguem espontaneamente das profundezas, eles podem representar um grave perigo para o magista, a menos que ele tenha dominado minuciosamente sua natureza instintiva. Até certo ponto, essa maestria lhe concederá um poder correspondente sobre a mulher como a

3 O nome Ísis significa, literalmente, “o assento de pedra”.

manifestação da Natureza funcionando em níveis lunares ou emocionais. A mulher é limitada pelos princípios cósmico-lunares, contando que ela não responda às vibrações do Novo Aeon. O magista deve, portanto, se resguardar quanto a essa Corrente lunar, quer seja por métodos cerimoniais, quer por formas de mágička sexual nas quais ele deve se atentar em repelir as larvas dos planos elementais e astrais inferiores, transmitidas pela mulher durante sua fase lunar.

Embora a Lua seja Ísis, ela é Ísis em sua fase Neftiana ou Setiana. Esse é o avatar escarlate assumido por Babalon, em oposição ao púrpura imperial que combina o sangue de Marte (Kali)⁴ com o sangue real de Júpiter. No coração de Marte está o fogo vermelho essencial que permeia as veias de Babalon; não o fogo da criação física, como refletido no fogo gelado da lua, mas o mais alto potencial gerador que se manifesta somente por meio das vibrações que emanam de Nu-Isis.

A proeminência da Grande Mãe nos cultos estelares se baseava no fogo da energia procriadora e fisicamente geradora por meio da qual o Filho encarnava na terra. A mulher desempenhará uma função distinta no Novo Aeon. Conforme as Correntes Isíacas reúnem forças na atmosfera astral da terra, mais de seus veículos terrenos serão preparados para propagar uma raça de seres gerados magicamente, que pela sutil complexidade de seus mecanismos serão capazes de sondar dimensões extraterrestres. Em outras palavras, a consciência humana – que contém todos os mundos, todos os sistemas e universos – passará a ser iluminada por uma luz mais brilhante do que a luz do sol, maior até mesmo do que a luz derramada pelo Filho que concentra a essência do sol, pois o fogo que a todos ilumina focará seus raios através de Nu-Isis, e tudo aquilo que não puder ser assimilado pelo Espírito do Novo Aeon será consumido.

4 Vide nota 21, Capítulo 4.

Hórus, o Filho, simboliza a Palavra ou Falo Perdido, o princípio imortal de Osíris. No Aeon atual, Ísis redescobrirá esse princípio, e o homem usará conscientemente a fórmula do Amor sob Vontade para avançar com seu desenvolvimento espiritual. O Aeon de Hórus resistirá até que o Aeon de Maat o suceda, e outra fórmula mágica se torne válida.⁵

Os conflitos que atualmente assolam o mundo se devem às dores do parto do Aeon de Hórus. Métodos sexuais de estabelecer contato com entidades mais desenvolvidas do que o homem serão aperfeiçoados, e já há sinais de seu desenvolvimento. A ciência foi, de certa forma, afastada do dogmatismo da superstição. A religião ainda não encontrou seu verdadeiro lugar no esquema, pois a escalada da ciência eclipsou suas sensibilidades mais delicadas, que devem guiar em definitivo todas as indagações de sucesso a respeito da Natureza (Ísis). Se isso não se concretizar, o homem será destruído pelas forças elementais que ele precipitadamente invocou. É, portanto, essencial que todas as doutrinas supersticiosas que oprimem a humanidade sejam varridas; sendo a principal delas a religião, na sua forma entendida popularmente.

A esfinge simboliza o sacrifício deliberado das energias sexuais (a Besta) a poderes mais elevados, para possibilitar comunicação consciente com entidades extraterrestres. Ísis, que manifesta sua influência por meio do planeta que recebe seu nome, representa, com seu companheiro cinocéfalos⁶ – o guia do homem para um entendimento adequado das energias sexuais, finalmente dissociado das atribuições conferidas por crenças falsas. Foi essa massa de crença não vital que distorceu o progresso espiritual da humanidade. Plutão guarda o submundo (subconsciente), a região que contém a chave para o renascer da magia prometido no Aeon atual.⁷

5 Vide Capítulo 4.

6 Anúbis-Plutão.

7 Cf. as naturezas de Mercúrio e Plutão, e os simbolismos do cão (besta) como o guia para o submundo.

A interpretação esotérica do mito de Osíris e Ísis é, portanto, a seguinte: Osíris é o Homem. O Princípio Solar da Vida e a Luz dentro dele é Hórus (Imortalidade). Ísis é a Mulher. O Princípio Lunar da Morte e Dissolução dentro dela é Set (manifestação). Set matou Hórus, o que significa que o homem confundiu os tempos e as estações (em termos sexuais), corrompendo e amaldiçoando esse princípio-Hórus. Ísis pranteia a perda desse princípio, representado pela perda do falo de Osíris. A Natureza é tida como catastrófica e efêmera, ao contrário de contínua e eterna. Ela busca o falo (princípio imortal) para restaurá-lo ao seu lugar de direito dentro de si. É Hórus quem finalmente vinga a destruição de seu pai ao matar Set e restaurar a Natureza, revelando a natureza do Tempo, ou da Deusa. Osíris (Homem) foi “morto” por seu mau uso⁸ do Assento do Poder, que é o Assento da Serpente de Fogo ou deusa primordial.

No Aeon atual, o homem obterá o uso mágico do Poder de Set, o Poder do Assento. Aqueles que fracassarem em assimilar a fórmula de *amor sob vontade* automaticamente invocarão a corrente Osiriana da morte; eles perderão seu princípio imortal até que Ísis restaure-o a eles e Hórus pule de seus corações para vingar o abuso de sua mãe (Natureza). Em sua busca pelo falo ou palavra perdida, o cinocéfalo a ajuda. Há escondida em Set uma fórmula de redenção que implica uma certa interpretação do ciclo lunar, do conhecimento dos Iniciados do XI^o O.T.O.⁹

A fórmula de IAO também resume esse segredo, pois Ísis é separada de Osíris por Apófis ou Set,¹⁰ e ainda assim, Set é o elo que os une.

A fórmula de IHVH também pode ser interpretada em termos similares:

8 Ou seja, seu uso não iniciado.

9 Vide *The Magical Record of the Beast 666*.

10 I > A < O.

I	H	V	H
Osíris	Ísis	Hórus	Set
Chokmah	Binah	Tiphereth	Yesod
Urano	Saturno	Sol	Lua

Nu-Isis é a Natureza expiada de acréscimos falsos, como ética, moral e leis criadas pelo homem. Ela deve ser adorada por “amor sob vontade”. Essa é a obra que Crowley aceitou realizar. Em *The Confessions*,¹¹ Crowley se refere a sua Obra em uma encarnação anterior: “Minha própria tarefa era trazer a sabedoria oriental à Europa e restaurar o paganismo em uma forma mais pura”. Foi o ímpeto de seus esforços naquela época¹² que resultou no rápido início do fenômeno do Novo Aeon que vemos hoje.

As funções de Osíris e Hórus são expressas no Cristianismo pelo Pai e o Filho. O segundo é o aspecto dinâmico do primeiro – o princípio imortal que continua através das eras. A representação egípcia antiga da criança-anã, Hoor-paar-kraat, representa a energia fálica que haveria de aumentar em virilidade e vingar seu pai, derrotado pelas artimanhas de Set¹³ – o opositor “satânico” obscuro. Set era a enchente que inundava a semente da luz (comia o deus sol) e a transformava em algo abominável. O homem ia de encontro a esse aspecto de Ísis que se manifesta apenas sobre o plano material (o mais denso), dessa forma obstruindo a entrada de inteligências mais rarificadas e espirituais.

O redentor da Luz, ou Palavra Perdida do Espírito, é Hórus, o Cristo ressurreto que é o Osíris original plenamente consciente de sua natureza imortal *como homem*, não mais escravizado pelas forças demoníacas (correntes lugares) que Ísis periodicamente encarna. Assim, hoje, em um momento crítico de transição

11 Capítulo 86.

12 Pouco após a época de Maomé.

13 Saturno em seu aspecto lunar.

entre superstição e conhecimento, a força lunar qliphótica varre o planeta desimpedida. Ela ameaça de destruição o homem, ao admitir hostes de criaturas elementais na onda vital humana. Essas entidades são atraídas pela massa da energia lunar que fervilham caoticamente pela terra, e Adeptos que são iniciados em seus usos mágicos são, por enquanto, insuficientes em número para direcioná-los para a criação de uma raça super-humana, que é seu real objetivo e propósito.

Escondidos dentro de Hórus estão dois polos da Energia Una conhecida como Hoor-paar-kraat¹⁴ e Ra-Hoor-Khuit.¹⁵ Sua unidade é conhecida como Heru-Ra-Ha,¹⁶ e eles podem ser equiparados a outros conceitos duais tais como o Harpócrates Criança e o Hórus Ancião; o anão fraco *Krut*, ou *Khart*, e o Irmão mais Velho forte; o lado escuro da lua e a quinzena clara, e assim por diante.

Hórus representa o Princípio Imortal no homem, simbolizado pelo Sol no macrocosmo e pelo Falo no microcosmo. No entanto, esse simbolismo é imperfeito, pois nem o sol nem o falo *em si* possuem poderes além do que os que fluem através deles a partir de outra fonte. No caso do sol, esse poder é refratado de Sirius, a Estrela de Set. No caso do falo, é o mesmo fogo, mas adaptado a um propósito distinto. Ambos são aspectos criativos do mesmo fogo, mas suas funções são diferentes em escopo e magnitude. O sol encharca a terra com seus raios criativos; o falo encharca o útero com sua semente. A energia que flui pelo sol e através do falo é conhecida pelo nome de Hórus. Ela tem dois aspectos, assim como a Ísis “baixa” tem dois aspectos – lunar e venusiano. O aspecto lunar, conhecido como Hoor-paar-kraat, significa o afastamento da Energia a uma quietude, antes de sua

14 Harpócrates, o Deus Grego do Silêncio ou do Afastamento.

15 Hrumačhis ou Herakhty, Senhor do Equilíbrio ou do Duplo Horizonte (isto é, dos dois equinócios), assim como Set é dos Solstícios, zênite e nadir.

16 Hórus.

projeção pela fórmula de Ra-Hoor-Khuit. A fórmula de Hoor-paar-kraat implica que o magista concentra silenciosamente suas forças mentais sobre um ponto. Ele vibra os Nomes Divinos; isso cria uma tensão na luz astral. Ele então segue com a fórmula de Ra-Hoor-Khuit. O fluxo efusivo de energia ilumina a imagem e a lança na luz astral. O método de vibrar a imagem e afundá-la das profundas camadas subconscientes se dá pelo sistema de símbolos scientes já descrito.¹⁷

A fórmula de Hórus é, portanto, dupla: Harpócrates representa o silêncio que segue a impregnação; é o silêncio gestatório da escuridão e da cultura úmida onde a semente se agita no útero e reúne ao seu redor os elementos apropriados para encarnar no universo astral, e finalmente no físico. Nessa interpretação, a fórmula de Ra-Hoor-Khuit é o Senhor do Aeon de Hórus, o “deus de Guerra e de Vingança”¹⁸ que vinga a morte de seu pai, o abuso de sua mãe. O Sinal de Hórus¹⁹ é o sinal da penetração do Véu de Ísis. A fórmula de Harpócrates está implícita nesse gesto. É de vital importância que o Nome Mágico seja corretamente vibrado na luz astral; uma imagem malformada resultará em um aborto. A fórmula de Hórus é, portanto, a fórmula desse Aeon, e é o modo pelo qual o Magista entra no mais interior Santuário de Nu-Isis.

A Ísis terrena foca sua radiância e influência através da lua. No macrocosmo, a luz ilumina o céu à noite; no microcosmo, ilumina a fase escura, a noite Tifoniana do ciclo feminino. Essa Corrente é hostil ao não iniciado, mas o Adepto percebe nela um perfume sutil, uma vibração compartilhada com a Ísis Celestial, Nu-Isis, Aquela que tem seu foco de radiação – macrocosmica-

17 Vide Capítulo 9.

18 *AL*, III, 3. Ra-Hoor-Khuit como o Senhor do Duplo Horizonte, ou dois equinócios, é o veículo especial do eixo polar Set-Nu ou Nu-Isis; a expressão lateral ou horizontal da corrente vertical que se manifesta na terra como Babalon unida à Besta.

19 Conhecido como *O Entrante*. Os braços erguidos e estendidos na altura dos ombros, de palmas para baixo; o pé direito um passo à frente.

mente falando – no planeta transplutoniano que recebe seu nome. No microcosmo, sua influência se dá por uma certa emanção ou perfume ódico que os Adeptos orientais há muito conhecem como o Décimo Quinto *Kala*.²⁰

A Ísis Celestial é Nuit, Nossa Senhora das Estrelas. Sua contraparte terrena é a Lua, também uma dama das estrelas, mas de uma forma diferente, pois enquanto os raios da lua são vermelhos com o sangue de Tífon e Set, as estrelas de Nuit são vermelhas com as vibrações marcianas que queimam com um perfume sutil no núcleo de Netuno. (Vide a nota 42 deste capítulo, *infra*.)

Hórus é o filho natural de Nuit; Set é o filho das correntes lunares escuras, assim como Caim foi o filho de Adão com Lilith, e Abel (Baal) com Eva. Há nessa distinção uma doutrina de vital importância para a aplicação mágica das fórmulas do Novo Aeon.

Marte é o aspecto de Força da Deusa, assim como a Lua é o aspecto reflexivo e gerador de glamour: um gera seres de força e fogo; o outro, fantasmas de encantamento e corrupção, desalmados e obscuros.

Assim como a lua traz consigo a noite, a mulher também leva escuridão ao homem que não está ciente da Luz que nela se esconde – o Hórus bebê em seu útero. Para penetrar Nuit em seu aspecto microcósmino ou humano, o homem deve resistir à tendência de idolatrar manifestações particulares da “amada”; ele deve buscar a essência, a alma impessoal do Desejo puro que toda mulher encarna. Assim o Desejo há de cumprir sua suprema função de estimular o homem a criar seres de uma ordem superior à daqueles reificados através da refração pelo prisma lunar de vibrações cósmicas demoníacas.

Essa, portanto, é a tríplice fórmula da Mulher, o veículo terreno de Nuit. A Baixa Ísis, Solteira, que a tudo satisfaz: Lua; a Ísis

20 Vide, em particular, os Capítulos 2 e 7.

Intermediária, Procriadora, Mãe da Terra: Vênus; a Ísis Celestial, Noiva de Hadit (Set): Nu-Isis.

Somente Nu-Isis encarna forças espirituais através da fórmula do amor sob vontade. A Baixa Ísis é idêntica a Lilith; a Ísis Intermediária, a Eva; a Ísis Celestial, a Nuit. Essas são Babalon, Vênus e Nuit; a Mulher Escarlata, a Mãe, e a Sacerdotisa da Estrela de Prata (o planeta transplutoniano Ísis).²¹

A interpretação esotérica do Atu XI²² é dada no *Livro de Thoth*, no qual também é evidenciada a verdadeira natureza de Babalon, a prostituta. O simbolismo do Assento de Pedra sagrado²³ resume a tríplice fórmula de Ísis da seguinte forma:

O Assento é dividido em três partes: (1) O apoio para os pés representa o aspecto de Lilith.²⁴ (2) O assento em si representa a Mãe “grávida”, o suporte ou fundação da raça humana. (3) O fino apoio para as costas – nem sempre visível nos hieróglifos – representa a Ísis Celestial ou Nuit, o Trono mais elevado, ou base do Espírito.

Os aspectos lunar e venusiano são fundidos de forma indissolúvel. Os pés representam a terra vermelha e o suporte do corpo; o Assento é Set, assim como o suporte. O simbolismo de Yesod²⁵ denota, dessa forma, a fundação do mundo físico (aspecto venusiano) e o mundo fantasmagórico dos espíritos (aspecto lunar).

Os três assentos macrocósmicos do Poder (Ísis, Vênus, Lua) equivalem a esses três aspectos. Ísis, transplutoniana, não é do sistema solar, mas sim de sua borda exterior; marca o limite de

21 O Assento ou Foco das Forças irradiadas pela A.:A.:.

22 O Trunfo do Tarô intitulado *A Volúpia*.

23 A referência é ao simbolismo do Trono da Deusa usado na Loja Nova Ísis (Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 8).

24 Os pés simbolizam a terra escura ou vermelha, como bem sabem os estudantes do Tantra Shastra. “Limpar o pó dos pés do Guru” se refere a esse simbolismo.

25 Vide o Diagrama, p. 4, da *Árvore da Vida*. Yesod é a nona sephira. A palavra significa “fundação”.

outro sistema, mais vasto do que o nosso. Assim, nesse Aeon de Hórus, o homem há de alcançar as regiões transcósmicas através da fórmula de amor sob vontade, que é a fórmula especial de Babalon e da Besta.

O papel desempenhado por Marte (Hórus) é sutil e secreto, pois Marte tem um núcleo de fogo místico conhecido pelos Iniciados como Vulcano. É esse fogo que tinga o manto da Mãe de cinabre; essa, e não o vermelho da lua, é a tintura de Babalon, pois sua soberania não está em seu potencial de geração física, mas em sua capacidade de conceber Ideias de reinos extraterrestres geradas nela pela Besta.

Portanto, para que Vênus e Lua se unam perfeitamente, deve haver um equilíbrio e controle perfeitos das forças lunares e venusianas na Ísis terrena. O aspecto venusiano deve ser cumprido não somente em um sentido descendente,²⁶ mas também no sentido da procriação espiritual, que só pode ocorrer através da fórmula do amor sob vontade. Esta é a Corrente 93, e para que ela seja efetiva, veículos especiais são necessários. Esses já aparecem como as mutações estranhas observadas no Capítulo 4. Quando o homem alcançar a iniciação cósmica, ele cumprirá a fórmula de Babalon e a Besta unidos. Babalon, como a Baixa Ísis, não se mistura com elementos Venusianos ou Nu-Isíacos, exceto pelo elemento marcial de Vulcano que a liga com Nuit. Ela é energia sexual pura; portanto, "Loucura lasciva é iluminação sublime".²⁷ A Besta cede à Volúpia, mas por trás do Ato de Poder encontram-se os verdadeiros celebrantes desse Rito Natural, despido de suas personalidades aparentes. Eles são intocados pela paixão (Marte) que possui seus servos terrenos. Por trás de Babalon está Ísis; por trás da Besta está Hórus, o Falo glorificado de Ra ou Osíris, que Ísis encontrou, ou seja, estabeleceu.²⁸

26 Vide *AL*, II, 26.

27 *O Livro de Thoth* ("Mnemônicos dos Atu").

28 Cf. a afirmação de Crowley de que restaurou o Paganismo a uma forma mais pura, isto é, isenta dos conceitos de deuses e aprisionamentos tribais.

A realização da identidade do homem com o Princípio de Hórus coincide com a consciência igualmente vívida da identificação da mulher com Nuit, o centro Nu-Isiaco de divindade instintiva. Isso implica a recuperação de um estado imaculado, um estado transcendente que volta a se realizar. O sentido do ego deve ser transcendido pela vontade pura (*thelema*). Essa é a forma pela qual Osíris ressuscita na forma de Hadit.

Ísis às vezes aparece na forma de uma divindade leonina ou com cabeça de gato. O leão representa o cio ardente da energia sexual combinada com a imagem feminina (lunar). Assim forma-se uma representação da Esfinge, que resume a fórmula do amor sob vontade. A Esfinge é Bašt ou Pasht, sagrada para a paixão sexual que, magicamente controlada, expressa a Lei de Thelema.

A imagem de Nu encontra-se no Leste do Templo,²⁹ pois o Leste é *Ast* ou *Hest*, o Assento Sagrado de Pedra que simboliza a fórmula completa de Nu-Isis.³⁰ Portanto, ao unir o simbolismo de Nuit arqueada sobre a terra com o de Set ou o Assento, a fundação do mundo, temos uma chave para a forma pela qual as energias de Nu-Isis podem ser “retificadas” e conscientemente direcionadas. O Leste é o local do nascer;³¹ é também o local do Altar Elevado e o motivo pelo qual a Ordem do Templo do Oriente (O.T.O.) assumiu o nome que assumiu.

A fórmula de Nu-Isis pode ser melhor elucidada pela compreensão dos aspectos gêmeos de Nuit; Ísis e Néftis. Nesse simbolismo em particular, Ísis é a mãe celestial, e Néftis é a terrena. Ísis simboliza o processo incriativo, e Néftis, a fórmula excriativa, de um tipo puramente físico.

29 Literalmente, o Local do Nascer, o Local do Assento, cf. o nascer e o pôr (assentar) do sol.

30 Vide nota 3.

31 Do Sol; e, em um sentido metafísico, do Filho-Sol.

O Adepto se ocupa com o processo que dificulta a concepção. Ísis é representada pelo signo zodiacal de Virgem,³² Néftis por Peixes. *Yod*³³ é a semente secreta da criatividade latente na virgem,³⁴ enquanto *Qoph* (Peixes) é o símbolo da ilusão e do glamour lunar.

De forma similar, o abutre representa Maat ou Maut,³⁵ Deusa da Verdade e da Justiça, Equilíbrio Perfeito, Libra; a Mulher representa as forças lunares que buscam encarnar os fantasmas do plano astral inferior que impedem a ascensão espiritual do homem.

A tensão do Novo Aeon se dá sobre operações mágicas não conceituais, ao contrário dos processos anteriores, manifestatórios, quando os magistas trabalhavam quase exclusivamente através das vibrações lunares da corrente Neftiana. A nova fórmula é a de Nu-Isis, em oposição à fórmula lunar, qliphótica e pisciana da Velho Aeon.

Como Spare explicou em seu *The Book of Pleasure*, a crença, para ser vital, deve brotar das regiões subscientes (lunares). Essas estão diretamente sob domínio pisciano.³⁶ É, portanto, essencial carregar todos os sigilos com amor sob vontade. Para manter a virgindade do conceito original, a fórmula de Nuit deve ser empregada de forma que a semente seja nutrida pela água de Ísis, e não pelo ar de Néftis. Essa água, ou sangue, não é o sangue lunar, mas o sangue do núcleo interno de Marte, que, ao vibrar em harmonia com a Ísis transplutoniana, constitui o esboço do êxtase característico do atual Aeon. A mágička do Novo Aeon

32 A virgem, Nuit.

33 A letra atribuída a Virgem é *Yod*; a Peixes, *Qoph*. Vide *O Renascer da Magia* (edição de 2015), p. 128.

34 Representando a não conceituação.

35 Uma forma da Ísis celestial.

36 Cf. o simbolismo do XVIIIº Atu.

pode, dessa forma, se distinguir da magia lunar e pisciana do velho.

Virgem e Peixes escondem uma poderosa fórmula mágica. Sendo suas letras *Yod* e *Qoph*, respectivamente, sua combinação dá o número 110.³⁷ 110 é o número de *MVSD*, uma palavra caldeia que significa “fundação”, “base”; em egípcio, significa “sola do pé”, “ser gerado”, “nascido”. O pé simboliza a yoni, que se equipara à fonte vermelha da criação. 110 é também o número de *Anithma*, que significa uma “oferenda votiva”, e de *Edra*, um “altar” ou “templo”. Esses conceitos não apenas sugerem um sacrifício a alguma divindade em um altar num templo, mas também indicam a natureza da oferenda, que envolve o princípio feminino. Nuit declara: “Meu incenso é de madeiras resinosas & gomas; e não há sangue lá: por causa de meu cabelo as árvores da Eternidade”.³⁸ O fato de que o sangue está ausente no incenso de Nuit respalda a interpretação Nu-Isíaca das flores ou estrelas celestiais sob as quais seus ritos de amor devem ser realizados.

O simbolismo zodiacal de Virgem e Peixes contém o motivo. Virgem (♍) mostra a serpente *recolhida*, e não projetada como no símbolo de Escorpião ♏, no qual dá um bote agressivo. Virgem, a virgem, mostra o processo incriativo do êxtase místico, assim como Escorpião formula seu potencial mágico ou excriativo. O signo de Peixes, por outro lado, mostra o círculo extrovertido com uma barra através de dois arcos lunares representados de costas um para o outro (♐).

O verso de *AL* que acaba de ser citado precede essas palavras de Nuit: “Meu número é 11, como todos os números deles que são de nós. A Estrela de Cinco Pontas, com um Círculo no Meio, & o círculo é Vermelho. Minha cor é preta para o cego, mas azul & ouro são vistos pelos videntes. Também eu tenho uma glória secreta para aqueles que me amam”.

37 *Yod* = 10; *Qoph* = 100.

38 *AL*, I, 59.

Esse verso aponta inequivocamente para a Ísis transplutoniana como a fonte daquele incenso ou luz estelar que não contém sangue “por causa de meu cabelo”³⁹ as árvores da Eternidade”. Não é o sangue lunar que deve ser oferecido, pois este é o agente materializador excriativo; mas sim o incenso interno, marciano, o “sangue” do ar incandescente, assim como Peixes é o “sangue” da água. Esses mistérios dizem respeito aos onze *kalas* ou pétalas, dentre os quais Nu-Isis é o mais interno e mais sutil, e a terra é o mais externo e mais denso. Como está escrito: “A Manifestação de Nuit está no fim”.⁴⁰ Esse verso deve ser lido *positivamente*, e nesse fato está a chave para seu significado oculto.

A fórmula do velho aeon, do aeon pisciano, o aeon da manifestação através do sangue lunar, está agora obsoleta. A humanidade tomou passos rumo a reinos mais tênues, onde a manifestação não mais ocorre dessa forma, mas onde – através da intensidade elétrica de seu cabelo⁴¹ – o Poder está ligado à sua fonte na Ísis transplutoniana que agora produz sobre a terra um tipo diferente de veículo para a canalização de suas energias. A mulher, assim, está se tornando progressivamente dinâmica e “elétrica”. Ela não mais apenas concentra um tipo lunar e venusiano de energia; ela é instinto com uma feroz luxúria, que a conduz além da gestação de simples crianças físicas. Ela começa a vislumbrar a liberdade e a ter como certa sua libertação das fórmulas ancestrais e restritivas das forças Tifonianas da corrente pisciana. Os antigos ritos de Ísis velavam certos sinais ou *chakras* secretos que só agora começam a revolver nos veículos psicoastrais das novas sacerdotisas. Nos próximos poucos séculos, muitas dessas sacerdotisas entrarão no fluxo da onda vital humana que anima esse planeta.

39 Um símbolo de poder (Marte).

40 *AL*, I, 66. Vide também *Cults of the Shadow* [N.T.: *Cultos das Sombras*], capítulo 8.

41 O filamento mais interno da força vital marciana.

O reflexo intracósmico mais exaltado de Nu-Isis é Saturno, que age como um intermediário entre as esferas transuranianas mais baixas e as mais altas. Saturno é o grande transformador no processo de mudança da corrente lunar, manifestada por Vênus, para a corrente marciana, manifestada por Netuno.⁴² Ísis e Saturno correspondem a essas esferas assim como Osíris e Hórus correspondem a Set e Néftis. Em *AL* (III, 11) está escrito: “Que a mulher seja cingida com uma espada diante de mim”. Isso indica a dominância do elemento marciano. A mulher conduzirá o sistema iniciático do Novo Aeon; seus sacerdotes são velados e longe da vista, assim como Hadit não é perceptível no centro do círculo, ou o *bindu* no *Sri Chakra*. “Com minha força ela verá & golpeará na adoração de Nu: ela alcançará Hadit” (III, 45). Isto é, a magia, ou melhor, feitiçaria antiga, que usa o fluido tifoniano-lunar, será superada pela nova fórmula; a mulher passará a ter uma “alma”, um centro dela mesma, independente da intervenção masculina que atualmente é necessária para sua iniciação completa. Ela será capaz de iniciar não apenas si própria, mas também outros. “Minha cor é preta para o cego” indica cegueira ou eclipse causados pelo fluido Tifoniano que torna o espírito opaco ao conferir a ele um invólucro físico para seu funcionamento nos níveis mundanos. Até então, o espírito não era capaz de agir por completo sobre a matéria, a não ser que tivesse um meio material através do qual pudesse agir; agora, no entanto, a onda vital vem se atenuando com o passar de cada ciclo menor. Será possível, dentro do aeon atual, criar magicamente e realizar mudanças materiais diretamente, sem a limitação dos estorvos peculiares aos organismos físicos. É com essa finalidade que o elemento Saturnino é colocado em jogo.

42 Em uma certa tradição secreta, aqui ler-se-ia “Urano”. Nesse contexto, no entanto, os símbolos são imateriais e, portanto, intercambiáveis. Na tradição à qual nos referimos, a atribuição a Chokmah, a segunda sephira, é contrabalançada por Urano.

AL se refere repetidamente um novo tipo de veículo feminino: “Invoque-me sob minhas estrelas! Amor é a lei, amor sob vontade ... Há a pomba, e há a serpente. Escolhei vós bem!”.⁴³ Essa é uma referência direta à mudança da corrente lunar (serpente) para a corrente Isíaca (pombo).⁴⁴ A transformação saturnina de um no outro encontra-se fora dos reinos puramente abstratos e éticos; está também no reino físico, pois Babalon deve ser libertada das expansões de falsa crença que a incrustaram com as convenções de uma era decadente – ela deve ser livre para desenredar sua essência de suas partículas dissimuladoras. “O melhor sangue é o da lua, mensal” se refere a esse aspecto da matéria; é a força lunar que, ao ser libertada de sua associação com a corrente solar de Hórus de uma vez por todas, será liberada para uso mágico na preparação de pantáculos e eidolons, astrais e físicos. Babalon e a Besta, as correntes lunar e solar, estarão livres para se unir impessoalmente, amoralmente, irrestritas pelos acessórios da falsa crença. Quando o Leão e a Mulher (o Sol e a Lua) tiverem sido purificados em suas manifestações, tornar-se-ão o cálice para o vinho de Ísis.

“Todas essas velhas letras do meu Livro estão corretas; mas **Y** não é a Estrela.”⁴⁵ Isso também se refere à grande transição. *Tzaddi* é igual a 90, que representa a plena manifestação do próprio agente materializante (9 x 10); e, portanto, se refere a estrela lunar, nônupla. *Hé*⁴⁶ é igual a 5, o Pentagrama de Marte; *Hé* é a *shakti* do Novo Aeon, assim como a Lua era do velho.

43 *AL*, I, 57.

44 O pombo é o símbolo central do Selo da O.T.O.

45 *AL*, I, 57. Vide *O Livro de Thoth* a respeito desse simbolismo; **Y**, *tzaddi*, é a letra atribuída a *O Imperador* no Tarô na forma que O Mestre Therion o reviu, de acordo com o simbolismo do Novo Aeon.

46 *Hé* é a quinta letra do alfabeto mágico; é atribuída à Estrela de Prata, e representada astronomicamente por Aquário, o *undécimo* signo do zodíaco.

Nodens, Deus das Grandes Profundezas,⁴⁷ é a subconsciência iniciada do Adepto, a consciência completamente iluminada, perfeitamente alinhada com a Verdadeira Vontade e, portanto, com a consciência cósmica. Plutão é o filho de Saturno, a Grande Mãe do sistema Terrestre, e irmão de Netuno e Júpiter. Urano, por outro lado, se relaciona a Saturno como aquele que traz a luz da corrente especificamente associada a Nu-Isis. Plutão, portanto, resume o conceito quádruplo da Grande Corrente Cósmica representada por:

Júpiter (Io-Pater), O Pai Biúno dos Deuses;⁴⁸

Saturno, a Mãe dos Deuses;

Urano, a semente secreta de poder manifesta através da Mãe como as zonas de poder inferiores próximas ao Sol e à Terra, que traz em seu rastro o brilho da corrente de Nu-Isis;

Netuno, o cálice do princípio feminino que é refletido em Saturno através dos fluxos de energia gêmeos de Netuno e Urano; e

Plutão, que habita os extremos do Sistema⁴⁹ e que guarda o vazio que mascara Nu-Isis.⁵⁰

Tanto *A Estela da Revelação* quanto o Décimo Primeiro Atu de Thoth escondem fórmulas a respeito das bases fisiológicas da mágička. A Ísis celeste, retratada na Estela em um tom escuro e marinho de verde da nova energia transplutoniana, é idêntica à mulher escarlate ou cinabre que cavalga a Besta no Décimo Primeiro Atu.

47 Mantenha-se a distinção da "profundez" representada pela lua.

48 Isto é, das divindades relacionadas em especial à esfera da Terra e ao Sistema Solar.

49 Representado por Kether na Árvore da Vida (vide Diagrama, p. 4).

50 É essa energia brilhante que *A Estela da Revelação* comemora.

A deusa Nuit representa a vastidão que tudo abrange do espaço infinito, que inclui a esfera da terra como uma imensa bacia invertida, semeada de estrelas e brilhante. O domo de estrelas é o “céu” da terra. Em um sentido metafísico, esse vazio é o Eu, no qual todos os eventos-atos aparecem como estrelas.⁵¹ O céu de Nuit é o útero superno, e nas águas em seu interior nadam as estrelas, as almas de sua criação. O sol, resplandecendo entre elas, é Hórus, o filho de Ísis (a Nuit celestial). Mas há uma versão anterior desse antigo simbolismo, na qual a deusa arqueada representa a mulher durante o ato de dar à luz. O filho, assim como o sol, nasceu das coxas da Grande Deusa acorada sobre a terra. Essa imagem representava a primeira tabela da lei cíclica, a primeira portadora das estações, tempos e ciclos da existência. Em uma fase primitiva da mitologia, a mulher era reconhecida por manifestar o princípio imortal, ao encarnar o pai na imagem do filho. Essa fórmula estritamente fisiológica revela a atitude da sacerdotisa no Culto de Ísis, que facilita o livre fluir do fogo estelar de Nuit.

No espaço formado pelo corpo de Nuit aparecem as três formas de Hadit: o globo alado, Ankh-af-na-Khonsu e o Falo (representado pela baqueta de íbis). A Estela conta a história da transformação pela qual passa o Sacerdote da Lua (Ankh-af-na-Khonsu) durante a Cerimônia da Reunião do Poder que Ísis emite no confinamento sagrado do templo.

A lua simboliza as forças lunares cósmicas; Hórus, o controle dessas forças e do poder fálico consagrado ao seu mais elevado propósito pela fórmula de Nuit.⁵²

Dos onze principais assentos de poder cósmico (celestial), Nu-Isis é o undécimo e o mais importante para o atual Aeon. Há

⁵¹ Cf. a “Visão da Esponja de Estrelas” de Crowley. Vide *Confessions*, Capítulo 82.

⁵² “Invoque-me sob minhas estrelas! Amor é a lei, amor sob vontade” (*AL*, I, 57).

dez estrelas de grande magnitude no corpo de Ísis e uma estrela⁵³ de enorme magnitude, que é seu coração. Esses corpos celestiais aparecem nas quinzenas clara e escura; eles são onze em número; são as mesmas estrelas, mas suas influências mudam de acordo com a natureza das zonas de poder terrenas através das quais operam. Essas vinte e duas radiâncias, perfumes ou flores celestiais estão de acordo com os vinte e dois Atus de Thoth e os vinte e dois Caminhos da Árvore da Vida. Outras seis estrelas, estrelas escuras, também existem, mas essas – com uma exceção – são das qliphoth, Tifonianas. Nuit manifestou essas estrelas nas alturas (céus) da consciência humana, assim como nas profundezas (infernos) de seus veículos na terra.⁵⁴ Manifestar esses *kalas* em sua totalidade é uma obra que demanda grande delicadeza e habilidade. Um profundo sono magnético deve engolfar a sacerdotisa escolhida para o Ritual.

A influência de Nu-Isis concentra a Tradição Oculta tanto em sua forma ocidental quanto na oriental. Ela também incorpora a nova Corrente de Energia que permeia a consciência humana no atual estágio de sua evolução. Essa Corrente flui com um ritmo peculiar de zonas secretas no corpo humano, e encontra seu foco externo e centro irradiante na Ísis transplutoniana.

AL foi comunicado a Crowley no exato momento em que a Terra se iniciava no Novo Aeon, e contém a fórmula secreta pela qual podem ser realizados os ritos de Nu-Isis. *AL* contém, portanto, fórmulas dos aspectos mais transcendentais das energias de Hórus, e a forma de prepará-las e usá-las na esfera da consciência humana. Até então, essa esfera usa dez tipos principais de mágička: Mágička Terrena, a mágička da materialização; Mágička Lunar (melhor denominada como feitiçaria), a mágička

53 A "Uma Estrela à Vista" celebrada por Crowley. Ele usa a expressão como um título para seu relato da Ordem da Estrela de Prata (A.:A.:). Vide *Magick*, Apêndice II.

54 "Meus adeptos erguem-se eretos; suas cabeças acima dos céus, seus pés abaixo dos infernos" (*Liber Tzaddi vel Hamus Hermeticus*). Vide *The Equinox*, I, 4.

da bruxaria, glamour e ilusão; Mágicka Mercurial, que envolve técnicas como telepatia, radiação eletromagnética e fenômenos aparentados; Mágicka Venusiana, a mágicka do amor para fins terrenos; Mágicka Marcial, a da Energia e Dissolução de Energia; Mágicka Solar, a mágicka da consciência humana em sua fase mais elevada e sublime;⁵⁵ Mágicka Jupteriana, a mágicka da conservação e Controle; Mágicka Saturnina, a mágicka da Mudança e dos Mistérios da Morte; Mágicka Uraniana, a mágicka da Verdadeira Vontade; e Mágicka Netuniana, uma forma de Mágicka altamente secreta que envolve Controle dos Sonhos. Há também uma décima primeira forma de Mágicka, desconhecida para os homens em geral – a Mágicka Plutoniana, que é idêntica à de Nu-Isis no sentido de ser sua máscara, símbolo ou forma-deus. Tecnicamente, Plutão é a Baqueta de Ísis projetando Seus raios na esfera Terrestre. Em um outro sentido, mais profundo, Plutão é o cão da caçadora virgem, Artêmis ou Ísis, e isso é refletido na secretíssima mágicka sexual do Décimo Primeiro Grau, O.T.O.

Esses diversos tipos de Mágicka não foram sempre e a todo tempo conhecidos e praticados pela humanidade, embora em certos locais na superfície da terra uma ou outra dessas formas tenha florescido e energizado uma Tradição em particular. A esse transbordo, esse aspecto de extravasamento, do qual as pessoas têm uma vaga consciência, que se refere indiscriminadamente como magia. Dessa forma, por exemplo, a Mágicka Terrena vem sendo associada apenas com cultos de fertilidade, não com o esotérico Tattva da Terra da Mãe Deusa; a Mágicka Lunar, com as infantilidades da bruxaria medieval, e não com os Mistérios do Sol da Meia-Noite; a Mágicka Venusiana com os filtros de amor e deleite sensual, e não com o “banquete dos supersensualistas”,⁵⁶ e assim por diante.

⁵⁵ Essa Mágicka é realizada pela fórmula conhecida como O Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. Vide Capítulo 4.

⁵⁶ A expressão é de Austin O. Spare.

Conforme a aura da terra continua se impregnando com os raios estelares de um sistema alienígena, *kalas* novos e sutis também penetram a consciência humana. Mas até que o homem se torne ciente de receber seu impacto de uma zona cristalizada de energia do espaço sideral, ele não é capaz de evocar os *kalas* correspondentes em seu próprio complexo corpo-mente, fazendo-os espaciais e dinâmicos. Assim, quando a Ísis transplutoniana atraiu pela primeira vez a atração do homem, tornou-se possível libertar certos centros de energia que receberam e transmitiram imediatamente poder da zona de poder espacial. Isso se manifestou em *AL*. Mas o que parece para alguns leitores de *AL* ser uma mera recapitulação da tradição estelar do Egito Draconiano mostrou-se, pelo contrário, não ser simbolismo estelar, lunar ou solar, mas algo que os inclui e transcende, a saber: os mitos Nu-Ísiacos adumbrados pelo *mudra* zoomórfico de Nuit conforme representado na Estela 718 – a Nu-Ísis ressurgente, a Estrela de Prata Secreta brilhando *ao meio-dia* nas profundezas da terra.⁵⁷ A Estela resume *AL* em forma pictórica, mesmo para o Assento Sagrado *que forma a fundação da luz do filho-sol*. O Adepto é instruído a “seguir o amor de Nu no céu estrelado ...” (*AL*, II, 76). Nu é descrita no segundo capítulo de *AL* como “o esconder de Hadit”. Ela é isso em um sentido literal, pois Nu é a fórmula da reificação, o véu, pele ou *couro*⁵⁸ que substancia o Espírito (Hadit). “Seguir o amor de Nu” significa realizar o espírito *na carne*, e as palavras misteriosas em *AL*, III, 45, “com minha força ela verá & golpeará na adoração de Nu”, significam que Ísis há de se realizar no homem através da fórmula da Incriação,⁵⁹ mais do que através da fórmula de Nu da reificação ou a produção contínua de fenô-

57 Cf. O Deus Pã, cuja manifestação ocorre no meio do dia.

58 N.T.: Em inglês, *hide* pode significar tanto uma pele de animal, um couro, quanto o verbo *esconder*.

59 Cf. A Nova Sexualidade e a sexualidade introvertida ou “nem-nem” de Austin Spare.

menos externos. Nu-Isis, portanto, concentra dois estágios em uma única fórmula.

Pela reificação do sonho inerente, ou seja, ao “colocar para fora” a imagem de êxtase obsessiva do Eu, e então removê-la, é possível aplicar a fórmula da incriação, tendo dissolvido Sujeito e Objeto.

Nos hieróglifos do antigo Egito, Nu é representada por um vaso que derrama um líquido, o sangue da reificação. “O melhor sangue é o da lua, mensal”. Isso expressa a fórmula de Nu, enquanto a fórmula de Ísis se expressa nas palavras “Meu incenso é de madeiras resinosas & gomas; e não há sangue lá: por causa de meu cabelo as árvores da Eternidade”.

A assunção da forma-deus de Baphomet, Bacchus Diphues, Ardhanareswara, etc., é efetuada por e através da fórmula de Nu-Isis. No Aeon de Hórus, os raios oriundos de seu foco de poder recém-descoberto podem ser aproveitados pelo uso dessa fórmula. A diferença agora, comparada com seu uso na antiguidade, está na natureza imediatamente sexual de seu mecanismo. A mulher está, pela primeira vez, adquirindo a atitude Nu-Ísiaca; ela está abandonando a medonha influência lunar que a escravizou por longas eras, e que ela, em contrapartida, usou para exercer um fascínio tão potente sobre o homem a ponto de fazer dele, exceto nos casos mais excepcionais, um completo escravo de suas propensões animais. *AL*, II, 76 contém uma pista dessa fórmula: “Mas lembra, ó escolhido, de ser-me; de seguir o amor de Nu no céu estrelado; de olhar adiante sobre os homens, de dizer a eles a feliz palavra”. A palavra *me* é idêntica, qabalisticamente, com Adão, *ADM*, que é aplicada ao sexo feminino em *Números* 31:35, e ao fluxo menstrual em *Levíticos* 12:7 e 15:27. Adão equivale ao Atum egípcio, a Mãe Deusa do Tempo, ou periodicidade. Hadit ordena seguir “o amor de Nu no céu estrelado”, pois Nu é o “esconder” de Hadit, o véu do Espírito, e ao conhecer o véu, os Espírito também se torna conhecido.

Hadit também declara: “Eu sou A Imperatriz & o Hierofante. Logo onze, como minha noiva é onze”. Essa é uma referência direta a Nu-Ísis, a décima primeira zona de poder. Hadit diz: “eu e minha Nuit somos um”. Isso pode ser lido da seguinte forma: Eu (Shiva) e minha Nuit (Shakti) somos um, pois a função da Shakti é negar, e Nuit é a Grande Negativa. Expressando em termos qabalísticos: Eu (um; 1) e minha Nuit (zero; 0) somos Um. Um somado a zero ainda é um, mas quando colocado antes do zero é dez (1 0), isto é, toda a criação.⁶⁰ O Um além do Dez é Onze – Nu-Ísis emanando poder através dos terminais gêmeos de Hadit e Nuit.

É um sinal da universalidade da Nova Corrente que Austin Spare tenha revelado a mesma técnica dada em *AL*, embora em termos diferentes. O *Zos Kia Cultus*⁶¹ de Spare e a Loja Nova Ísis são nomes diferentes para a Loja ou Casa Invisível⁶² que irradia o conhecimento mágico do Novo Aeon.

Ankh-af-na-Khonsu é o iluminador ou a vida da Lua; ele é o Deus Oculto, o deus solar nas profundezas da escuridão. Ele é Hórus, o filho-sol, representado na Estela firmado sobre o Assento Sagrado de Pedra que é o símbolo de Ísis. Ísis é o portal de *Nivritti*,⁶³ enquanto Néftis, sua irmã, é o portal de *Pravoritti*.⁶⁴ Ísis implica incriação; Néftis, excriação. Juntas elas formam Nu-Ísis, que sintetiza a Subjetividade e a Objetividade, transcendendo ambas.

A incriação é efetuada por uma total reversão da corrente direcionada para fora, representada por Néftis, mas Néftis precisa

60 Dez é a Unidade resolvida novamente no Zero; representa a totalidade das ideias de um a nove e sua resolução definitiva no vazio antes que o ciclo se reinicie.

61 Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 11.

62 Vide *AL*, III, 34.

63 Retorno, reversão.

64 Saída.

ter sido percebida⁶⁵ antes de ser conhecida como a Ísis interior. É preciso, portanto, entender a distinção entre a corrente Isiaca penetrante e sua contraparte Neftiana, que se afasta. Na Estela, Nuit abraça a tudo como o véu externo do universo (Néftis), enquanto Ísis se disfarça como o Assento do Filho-Sol, Hórus. Ankh-af-na-Khonsu o encara, como se fosse seu reflexo. Entre eles está o altar com os doze raios que simbolizam o paraíso solar, os emblemas de sacrifício e a baqueta com cabeça de íbis, ou *lunar*, empunhada pelo Sol (Hórus). O globo sobreposto a Hórus simboliza o poder espiritual criativo, a estrela-sol de Nu-Isis; o globo alado (Hadi) simboliza seu transmissor ou portador. A Corrente lunar está implícita no próprio Ankh-af-na-Khonsu. Os sacrifícios que alimentam as doze chamas ou raios do altar⁶⁶ consistem de Bois, Gansos, Vinho e Pão, símbolos das qualidades que o homem deve sacrificar para perceber sua identidade com o Deus Oculto, ao qual são oferecidos.⁶⁷

Nu-Isis equivale também com os terminais gêmeos de Heru-Ra-Ha; Ra-Hoor-Khuit sendo Néftis; Hoor-paar-kraat, Ísis. Sua fusão explosiva como Nu-Isis equivale a *kumbhakam*, a abolição absoluta das correntes de entrada e saída, em um êxtase que transcende seus modos opostos de ser. Este estado supremo de Nu-Isis pode ser alcançado por um equilíbrio perfeito, resultando na cessação das correntes *nivritti-pravritti*, quando não houver subjetividade nem objetividade além da própria Testemunha desses estados, que *sabe* não apenas que não existe dentro nem fora, mas também que não existe nem mesmo a ausência desses conceitos. Como está em *AL* (II, 15): “Pois eu sou perfeito, sendo Não”.

65 Isto é, o universo precisa primeiro ter sido experimentado; a vida precisa ser *vivida*.

66 Esses representam a Terra, Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão e Ísis.

67 Nos Tantras há certos ritos e processos análogos. Cf. o rito mostrado no *Panchatatva*, descrito no *Shakti and Shakta* de Avalon. Também *Karapuradistotra*.

Essa é a forma mística de alcançar a mais elevada visão de *Samvit*.⁶⁸ De resto, cabe ao Magista. Ele opta por manter separados os modos aparentes de Ser implícitos em Néftis e Ísis. Israel Regardie⁶⁹ comparou Crowley com Sri Ramakrishna a respeito desse ponto, e eu acho que a comparação é justa. Ramakrishna declarou que ele desejava apenas desfrutar da Amada, não ser absorvido Nela e sofrer dessa forma uma perda de identidade. Ele desejava se manter separado, como uma entidade distinta e imaginada (isto é, mágica). Ele queria *provar* do açúcar, não *ser* o açúcar. De forma similar, o magista se identifica primeiramente com um e depois com o outro dos aspectos Nu-Isíacos, para primeiro transformar o mundo “exterior” por meio de sua Alquimia, e depois sair dele no santuário inviolável de seu ser.

68 Consciência.

69 *The Eye in the Triangle* [N.T.: *O Olho no Triângulo*] (Llewellyn Press, St. Paul, Minnesota).

II

Vivendo Além do Tempo

Todas as chaves secretas da Mágicka anterior do Aeon do Deus Moribundo são inúteis agora, pois o Senhor desse novo Aeon, do qual eu sou o profeta, é a Criança Coroada e Conquistadora.

Asar, o Homem que sofre, não é mais o tipo de Divindade à qual deve-se aspirar. Ele não precisa mais morrer e se reerguer: sua Grande Obra agora é conhecer a Ele mesmo como a Criança de vida eterna, sem pecado, perfeita, o Sol que tudo ilumina.¹

Aemersão do Aeon de Hórus a partir do de Osíris pode ser comparada com a fórmula mágica dos egípcios conhecida como *Perien-bru*.² O Osíris mumificado, estando inerte em *Amenti* por longas eras, volta a se agitar e emerge como seu próprio filho, Hórus, Coroado e Conquistador.

A Criança é gêmea, contendo dentro de si Hoor-paar-kraat e Ra-Hoor-Khuit; a primeira com origens em um passado indefinido e desconhecido, e a última projetando-se para um futuro igualmente desconhecido. O Ponto no Tempo³ em que eles se encontram é o momento presente, o *evento-ato* criado pela união

1 De *O Comentário de Djeridensis*, um Comentário sobre *AL* escrito por Crowley em 1923. Publicado em *Magical and Philosophical Commentaries on the Book of the Law* [N.T.: *Comentários Mágicos e Filosóficos sobre o Livro da Lei*], editado por Symonds e Grant; 93 Publishing; Montreal, 1974.

2 O Sair Hoje.

3 O *bindu* (ponto) no *kala* (tempo).

explosiva desses dois opostos. Nesse ponto, o passado e o futuro são obliterados, e sabe-se que são irreais: somente o Agora existe, e a Existência é Agora; não do Tempo, mas da Eternidade.

Hoor-paar-kraat é tradicionalmente representado pela besta ou dragão das águas, o sacerdote cujo mistério é o deus anão, o falo. Ra-Hoor-Khuit é representado pela besta ou pássaro do ar, o gavião de ouro ou o pavão sagrado adorado pelos Iazidis, a sacerdotisa cujo mistério é Babalon, a Mulher Escarlate. A união desses conceitos no anel da eternidade é Nuit, arqueada sobre a terra como se abraçando passado e futuro no vazio ilimitado da consciência contínua.

A doutrina mágica contida nesse glifo explica a doutrina do Tetragrammaton.⁴ Os componentes dessa fórmula foram atribuídos às diferentes fases da evolução aeônica: *Yod*, I, a Osíris; *Hé*, H, a Ísis; *Vau-Hé*, V, H, a Hórus. Essa fórmula, transposta como *HIVH* (*Heva*), forma o nome da Besta, *Hirva* ou *Chirva*.⁵ Em *O Equinócio dos Deuses*, Crowley mostra que o valor numérico de *ACHHA*, uma forma de *ChIVA*, é 666. A Besta, *ChIVA* ou *EVA*, foi originalmente concebida como feminina, como aquela que manifesta na carne. A palavra, portanto, expressa a sucessão dos aeons como o desdobramento gradual dos poderes da Besta, e o modo de *criar* o futuro pela fórmula mágica da ressurgência atávica. Isto é, ao evocar estados “futuros” de consciência, pelo poder das nostalgias que ressurgem de um passado esquecido.⁶ Isso substitui a forma infinitamente mais lenta de progressão evolutiva.

A possibilidade científica de tal processo é esboçada nas obras de Einstein, Cantor, Whitehead e outros; é um mistério do Tempo. Sua fórmula mística é conhecida dos Iniciados desde

4 O nome de quatro letras do Poder Mágico Supremo, de acordo com os hebreus, é IHVH. Vide Capítulo 10 para sua conexão com a sucessão aeônica.

5 Os gêmeos; ativo e passivo; filho e filha.

6 Vide *The Book of Pleasure*, de Austin Osman Spare.

tempos imemoriais. Anteriormente, assim como agora no caso dos mistérios do Espaço, maquinário elaborado se fazia necessário. Mas Iniciados do Novo Aeon possuem uma fórmula que pode causar transformação instantânea da consciência sem a necessidade de maquinário complexo. A observação a seguir, em particular, se aplica: “As técnicas não se tornam mais complicadas conforme progredem; pelo contrário, tornam-se mais simples, movendo-se em um plano onde elementais estão envolvidos. O número de operações diminui, e *menos equipamento é necessário*. No fim, os homens terão a chave das forças universais na palma de suas mãos.”⁷

Poucos daqueles que possuem o conhecimento da chave têm a habilidade mágica para se valerem desse enorme potencial. O próprio Crowley não aperfeiçoou uma técnica infalível, embora tenha progredido consideravelmente a partir dos experimentos de Theodor Reuss.⁸

O Comentário Tântrico que já foi citado aqui várias vezes dá mais do que uma pista sobre a natureza dos materiais envolvidos. Esses ingredientes são essências, *kalas*, raios de *tempo* incorporados nas fores de lótus ou zonas mágicas da anatomia humana oculta. Métodos de vivificar essas zonas são fornecidos em *AL*, que, como defende Crowley, “contém os Feitiços Supremos”.⁹

Embora Crowley tenha sido o meio através do qual um fragmento desses Mistérios psicofísicos foi revelado no ocidente, seus documentos não indicam que ele tenha descoberto a fórmula completa do Elixir da Vida, embora ele frequentemente reparasse suas energias por meios mágicos. Em seu *Diário Mágico* (1920), ele diz:

7 O *Despertar dos Mágicos*, p. 53 (itálicos do autor).

8 Vide *Confessions*, Capítulo 72.

9 *Magick*, p. 229.

Faz seis anos desde que obtemos nosso conhecimento.¹⁰ Eles foram cheios de experiências; nós chegamos à etapa prática. Não conseguimos entender a verdadeira Natureza dessa força; não podemos mensurá-la; não podemos criá-la, ou obtê-la sinteticamente. Mas podemos purificá-la e intensificá-la; podemos, dentro de limitações amplas, determinar à vontade a qualidade e o âmbito de suas ações; podemos adiar a morte, aumentar a energia ou prolongar a juventude; e podemos justificadamente dizer que possuímos o Elixir da Vida.

Em uma nota sobre o trecho acima, ele complementa:

O Elixir só é administrado a indivíduos selecionados, e por bons motivos. O curso normal do tratamento consiste de dois ou três meses de preparação no lugar preparado para esse propósito na Sicília, seguidos pelo período necessário, normalmente de um mês, do experimento em si, que é realizado sob a maior confidencialidade.

E, em um artigo intitulado *The Elixir of Life*¹¹ (1914), Crowley escreveu:

Embora eu tenha recebido o trigésimo terceiro e último grau da Maçonaria há tanto tempo, em 1900, somente no verão de 1912 minhas suspeitas se confirmaram. Me refiro à minha crença de que, por trás das frivolidades e da afabilidade de nossa grande instituição,¹² há na verdade um segredo inefável e milagroso, com o poder de controlar as forças da Natureza, e não apenas de tornar homens irmãos, mas de torná-los divinos. Mas naquela ocasião um homem veio a mim, um daqueles mestres misteriosos da Maçonaria esotérica, que é como seus Olhos e Cérebros, e que existe em seu meio – frequentemente desconhecido até mesmo para seus chefes reconhecidos ...¹³ Este homem vinha há anos observando minha carreira oculta, e me julgou digno de compartilhar dos Mistérios Maiores.

10 Isto é, do Elixir da Vida.

11 N.T.: *O Elixir da Vida*.

12 A referência é à Maçonaria.

13 A referência é a Theodor Reuss (Fratel Merlin), de quem Crowley tomou a liderança da O.T.O.

Ele passou então a me familiarizar a eles, e minha vida desde então tem sido devotada principalmente a seu estudo e prática.

Digo prática pois não se trata de uma mera realização intelectual; pelo contrário, seria simples para mim comunicar o conhecimento do segredo principal em três palavras, se eu não fosse restrito pelo meu juramento e pelo meu bom senso natural. É a aplicação prática do segredo que demanda esforço, inteligência, e – algo mais. Em meu caso, dois anos e meio de pesquisa nessa linha não foram suficientes para me aperfeiçoar, apenas para me preparar para apostar, três para um, que posso ter sucesso em qualquer operação ...

No Manifesto da secretíssima Ordem da qual meu mestre é o líder, está escrito: “Em seu¹⁴ seio repousam os Grandes Mistérios; seu cérebro resolveu todos os problemas da filosofia e da vida. Ela possui o segredo da Pedra do Sábio, do Elixir da Imortalidade, e da Medicina Universal. Ademais, ela possui um segredo capaz de realizar o sonho, tão antigo quanto o mundo, da Irmandade dos Homens”.

No mesmo artigo, Crowley afirma que:

Essa substância é conhecida. Sobre ela, os antigos sábios escreveram em muitos símbolos. Hermes Trismegisto, em sua Tábua de Esmeralda, cinzelou: “Seu pai é o Sol, sua mãe a Lua; o Vento a levou em seu ventre; a Terra nutre-a”.

Todos fazem parte dela; ninguém tem toda ela. Ela morre ao nascer, e vive ao morrer. Eliphaz [sic] Lévi a chamava de *Eletricidade Magnetizada*. Pergunta-se na *Bíblia* a seu respeito: “Que coisa há mais doce do que o mel? E que coisa há mais forte do que o leão?”. É criada ao dissolver Enxofre no Sal. É feita do orvalho sobre uma rosa, ou de uma pérola em uma ostra.

Todas essas adivinhas têm uma única resposta, e aquele que puder desvendá-las é o mais sábio entre os homens da terra. Pois essa substância não apenas é a coisa mais forte na terra, mas também a mais sensível; é a mestre da humanidade, e ainda assim perfeitamente obediente à vontade do homem. Diga a ela “Traga dinheiro”, e ela obedece; peça-a por cura aos doentes, e prontamente eles são curados. Eu creio que não há evento dentro do cercado das possibilidades que não possa ser causado.

14 A O.T.O.

Crowley lançou mão de vários estratagemas para restaurar juventude e energia perdidas. A *Operação de Melquisedeque* foi um deles; *Amrita*¹⁵ foi outro; e alguns dos números de *The Equinox* contêm propagandas de *Ruthab*, o “Perfume da Imortalidade, 2/6 & 4/6 por garrafa”!

As histórias de vários casos sobrevivem entre os documentos de Crowley; entre elas, cartas de pessoas que passaram por um programa de tratamento similar ao descrito em seu artigo sobre o Elixir da Vida. Em nenhum dos casos há a impressão de que a vida tenha sido prolongada de forma considerável, embora em alguns casos haja evidências de aumento de energia e de saúde boa, ou ao menos melhor. Se os cursos fossem aplicados com a regularidade adequada, como Crowley esperava que fosse possível, uma técnica apropriada poderia ter sido desenvolvida; mas faltavam fundos e os projetos se esgotaram.

Pode-se concluir, a partir dos seguintes trechos do Comentário Tântrico Kaula previamente mencionado, que o processo era um tanto mais complicado:

A função do sêmen é ajudar a desenvolver o corpo-alma. O bin-du [semente] que desce aos testículos é elevado pela Kundalini para fortalecer os corpos internos ... Aparentemente, na adoração da Shakti, que na verdade é o exercício da Kundalini, temos o segredo do rejuvenescimento; pois o ensinamento é que, como resultado dos processos vitais, há uma geração constante de cinzas, detritos ou ácido carbônico, e esses detritos são governados pela Kundalini, a partir de algum lugar nas proximidades da glândula coccígea [próstata], a região excretora, *os pés da Shakti*. Essas emanações da região excretora parecem ter o poder de criar mundos ...

Mantenha-se jovem; consiga jovens damas de cheiro adocicado para adoração – elas devem ser óctuplas em ação, nônuplas em

15 Há uma entrada curiosa no *Diário Mágico* de Crowley, datada de 23 de agosto de 1945. Ela diz: “Vibrações Ofidianas O.T.O. Vírus não filtrável. Dermatite por raios X. ‘Câncer galopante.’ Amrita: N U I Th: Nitrogênio Urano Iodo (e vida marinha) Thermanium = Novo Átomo 666. Número Atômico 93”.

saídas, perfeitas em sua forma, e sem doenças. A cidade dos deuses [vulva] é difícil de conquistar; seu invólucro é de ouro, seu ambiente é felicidade, ela tem uma auréola de luz ao seu redor. Tamanha é, de fato, a santidade do órgão feminino, que seu valor real é obscurecido pelo seu glamour; suas secreções têm o valor do ouro tanto no comércio quanto na medicina; ela confere a felicidade em todas as formas; mas como ela concede felicidade ao Shakta não é por atos de escuridão, mas pela Luz da Iniciação. Para aquele que conhece essa grandeza – essa cidade cercada de néctar – Brahma, a grande mente, e Brahmâ, a fêmea (a dama escolhida para a adoração), conferirão longevidade, fama e enobrecendo a *progênie do pensamento*. Tamanha é, realmente, a grandiosidade dos órgãos sexuais da fêmea – e da Kundalini! (*Aruna Upanishad*)

Para os Tâmile, o m...¹⁶ é um fluido derivado da mulher, obviamente algo que previne a senilidade ou o envelhecimento. Por eras os Siddhas vêm afirmando que as excreções das mulheres – chamadas de “vacas” nos Vedas – são altamente valiosas. Também há menção sobre esse tema nos Upanishads, como o *Kalagni Rudra*. Em alguns dos *Yamalas*, o uso da língua, contato físico, e até mesmo passes mesméricos foram mencionados como formas de alcançar as secreções genitais das mulheres ... São essas práticas, e outras como essas, que devem ser deploradas, pois qualquer resquício de contato físico entre homem e mulher provoca uma detumescência, que os rituais do Shakta Tantra têm como objetivo evitar.

Cabe ressaltar que isso é verdade sobre certos rituais do Shakta Tantra, mas não todos. Uma prática cognata é mencionada na Bíblia. Uma virgem chamada Abisague foi selecionada na tribo dos Sunamitas para reabastecer a juventude e a energia do velho rei por meio de seus eflúvios sexuais magnéticos. Afirma-se que o rei “não a conheceu”. Restif de la Bretonne devota um volume às atividades do Palais Royal, onde uma forma de “Sunamitismo” era praticada no século dezoito.

¹⁶ Essa inicial representa uma palavra que é comunicada somente sob votos do mais rigoroso segredo nos rituais do Tantra.

A flor sagrada ou lótus do Círculo Tântrico Kaula floresce periodicamente, com as fases lunares determinando a natureza, qualidade e poder das exalações ou perfumes. Pode-se sugerir que o *tribindu*,¹⁷ composto de *kalas shona*, *sita* e *misra*,¹⁸ permanece inativo¹⁹ até que o lótus floresça no momento da lua cheia.

O registo de Crowley sobre as Operações do Nono Grau deixam claro que ele frequentemente mudava o objetivo do rito, a despeito dos supracitados. Às vezes, ele o mudava após uma única Operação. Ele fazia isso deliberadamente, apesar de talvez equivocadamente.

Conforme sugerido acima, é possível que transformação ou transmutação reais só ocorram no momento do florescimento, quando a semente gestada dá frutos. É também provável que o objetivo da operação deva estar de acordo com a influência de cada fase caracterizante em sucessão, das quinzenas “clara” e “escura”, respectivamente.

O *Chandra Jnana Vidya* lida com a lunação dual e com os quinze degraus ou graus que conduzem à Lua Cheia, assim como com as deificações dos dezesseis *nityas*:²⁰ “Identificando cada dia da quinzena, Lakshmidhara²¹ diz que os Kaulas adoram um *nitya* entre os dezesseis, a cada dia da quinzena; enquanto os Samayins adoram a todos, todos os dias, sendo o décimo sexto *nitya* adorado no décimo quinto dia, como a culminação de completude de todos eles.

Há uma interrelação complexa entre os dezesseis *nityas*, as letras do alfabeto sânscrito e as zonas de poder do corpo humano, com seus lótus de múltiplas pétalas. Há, sem dúvida, uma

17 O *kamakala* (literalmente, tempo do desejo), ou semente tríplice.

18 As essências vermelha, branca e misturada, respectivamente. Em termos Alquímicos: Enxofre, Sal e Mercúrio.

19 Isto é, sem se manifestar.

20 Dias da quinzena e do pulso mensal.

21 Um Adepto Tântrico medieval do *Samaya Marg* ou Caminho da Mão Direita.

conexão aqui com a Rosa de quarenta e nove pétalas da Tradição Esotérica ocidental, embora seja improvável que essa ciência dos *kalas* fosse ensinada, ou mesmo sugerida, na Ordem da Rosa Cruz da Aurora Dourada. É evidente que nas Lojas asiáticas os raios ou *kalas* da quinzena clara eram usados para tipos de operação diferentes dos da quinzena escura.

No Sistema Thelêmico, Ra-Hoor-Khuit governa a quinzena clara ou solar; Hoor-paar-kraat a quinzena escura ou lunar. Obras de revelação, criação e rejuvenescimento se aplicam à primeira; obras de dissolução, invisibilidade e inspiração, à última. Crowley realizava *opera*²² sob ambas as divisões, aparentemente sem discriminar entre as duas classes de Operação. Muitos dos fracassos registrados em seus *Diários Mágicos* podem ser devidos a este fato. A questão da competência mágica da *shakti* ou parceira mágica também é de suma importância. Nos templos arcanos asiáticos, mulheres eram treinadas desde tempos imemoriais de acordo com requisitos Ritualísticos. As chamadas prostitutas dos templos, dançarinas, *manjaris*, *survasinis*, eram assistentes mágicas altamente habilidosas, e em certas partes da Ásia a *survasini* ainda cumpre sua função original. Isso não é afetado pelo fato de que o ofício frequentemente degenerava em indulgência dos sentidos. Nesses casos – e eram muitos – o conhecimento secreto era removido. Certas tradições²³ mantinham a Sabedoria Antiga intacta, protegendo seus Mistérios com cifras numéricas e literárias, tão fáceis de serem mal interpretadas quanto os criptogramas dos Alquimistas.

Na época de Crowley, ao menos no ocidente, a disponibilidade de de parceiras mágicas adequadas era virtualmente inexistente, e sua escolha de assistentes era normalmente determinada por uma atração magnética subconsciente, que parecia se basear completamente na vitalidade animal. Idealmente, é claro, a assistente

22 N.T.: *Opera* é o plural do latim *opus*, que significa obra.

23 Notavelmente o *Vamacara* e o *Anuttara Ammaya*.

também deveria possuir certas qualidades intelectuais e emocionais.²⁴ O Comentário do Kaula Marg observa que:

Em nenhum ritual mágico bom ou grandioso pode haver dependência exclusiva em uma *Srvasini*: há sempre assistentes, substitutas, além das adoradoras; é comum que sejam ao mesmo tempo adoradoras e participantes ...

Sobre as damas que ajudam a *Srvasini* no ritual, prestando-lhe auxílio, algumas exibem qualidades que podem ser chamadas de *vashiti* (êcharme), outras são muito amorosas (*kamesvari*), outras são jubilosas (*moadini*), outras ainda são puras como o cristal (*vimala*), algumas são desprovidas de tristeza (*aruna*), algumas são magistrais (*jayini*), algumas senhoriais (*sarveshvari*), algumas são de fato secretamente úteis na yoga (*kaulini*).

Dos tipos de *Vashinis* supracitados, o sacerdote escolhe seu material para cada etapa de *puja* (adoração ritual); preferencialmente, apenas esses tipos de mulheres podem servi-lo na área interna de 8 triângulos ao redor da *Srvasini*.²⁵

Além da classe de assistentes conhecida como *Vashinis*, duas outras classes, as *Yoginis* e as *Arkashanis*, são também descritas no Comentário Kaula. São essas duas últimas classes que se envolvem nas técnicas secretas do Ritual do Shakta Tantra.

No Comentário sobre *Liber Agapé*, que contém as instruções mais altas da O.T.O., Crowley afirma que a escolha de uma assistente depende de atração subconsciente. Ele expandiu essa ideia em uma carta a Frater Saturnus,²⁶ em 1940:

Eu não acho que as mais refinadas sejam muito boas; as brutas são as melhores. Pessoas cujos instintos de procriação sejam naturalmente excessivos, mas que tenham se voltado, por uma ou outra circunstância, a canais de voluptuosidade e libido extremas; e uso a palavra "libido" no seu sentido mais amplo – uma luxúria intensa e instintiva por várias coisas.

24 Vide *The Post-Caitanya Sabajya Cult of Bengal*, de M. M. Bose (Calcutta University, 1930), Capítulo 2, pp. 58 *et seq.*, para uma discussão sobre o tipo de mulher que se qualifica à cultura espiritual.

25 Para observações a respeito desses triângulos, vide Capítulo 3.

26 Karl J. Germer, o braço direito de Crowley na América na época dessa correspondência.

E em outra carta a Saturnus, no mesmo ano:

Estou convencido de que uma consideração importante é a da parceira; e isto, novamente, está além do controle da consciência. Ao realizar trabalhos cerimoniais comuns no passado, eu costumava perceber que algumas pessoas pareciam possuir uma aptidão para fazer coisas ocorrerem no plano material, instantaneamente. Normalmente, estas pessoas não conseguiam realizar nada por conta própria; não eram nem mesmo clarividentes, mas comigo para conduzi-las, fenômenos começavam a ocorrer de imediato.

Finalmente, numa carta datada de 1942 (também para Frater Saturnus):

Assistente? Tenho certeza que é necessária uma pessoa robusta, que esbanje vitalidade. Eu pensaria que uma pessoa velha – digamos, acima de quarenta e cinco anos – causaria não apenas fracasso, mas reação vingativa. Não é bom manter uma galinha que não põe ovos! É do Ovo Órfico (ovo cingido com a serpente) que são chocados os Basiliscos.

O *Hevajra Tantra*²⁷ descreve a *mahamudra*²⁸ (parceira) usada nos ritos sagrados:

Ela não é alta demais nem baixa demais, também não é muito negra nem muito branca, mas escura como uma folha de lótus. Seu hálito é doce, e seu suor tem um cheiro agradável, como o do almíscar. Sua pudenda, de tempos em tempos, exala um odor como o de diferentes tipos de lótus, ou como o doce aloe. Ela é calma e resoluto, de fala agradável e de toda forma um deleite, com belos cabelos e três vincos no meio de seu corpo. Na verdade, os homens vulgares a classificariam como de primeira categoria. Ao conquistá-la, conquista-se aquele *siddhi* [isto é, poder mágico], cuja natureza é a alegria Inata.

A mulher é o canal através do qual a Corrente mágica se manifesta. Invocar os deuses antigos é uma forma dramática ou poética de indicar um fato preciso e científico, que normalmente, porém

²⁷ *Hevajra Tantra* (tradução de D. L. Snellgrove), Oxford University Press, 1959; II, vii.

²⁸ Literalmente, Postura Grandiosa, às vezes traduzido como Mulher Grandiosa.

erroneamente, supunha-se ser sobrenatural. Ele é misterioso pois não é comumente compreendido; mas, ao tornar-se compreendido, percebe-se que ele é, de fato, natural – assim como todos os fenômenos considerados sobrenaturais. A chave da operação mágica está contida no *Livro de Thoth*. A décima primeira chave²⁹ tem um poder particular no atual Aeon. A Mulher Escarlate é mostrada como a copeira;³⁰ a Besta está na forma de um leão com sete cabeças, assim enfatizando sua conexão com o Culto Estelar de Set, Sept ou Sothis, que caracterizava os primeiros aeons. O elemento leonino, pelo outro lado, indica o culto solar do Aeon de Hórus. O nome Heru (Hórus) é a raiz da nossa palavra “herói”. A divindade solar de todas as eras e povos tinha essa conotação; era o herói que vencia o dragão das trevas, ou derrotava a serpente da morte. O Heru-herói é a serpente da vida, a serpente-leão cuja natureza secreta é indicada pela nona Chave do Tarô.

À décima primeira chave atribui-se a letra *T* (*Teth*), que significa um “leão-serpente”; seu valor numérico é nove. Nove tem um significado muito especial na O.T.O.; ele esconde o mistério central da Kundalini, cujas energias sexuais representadas por Yesod formam um aspecto vital. O signo astrológico alocado a essa chave é Leão, representado pelo rabo de um leão (Ω).

Esse simbolismo indica mágica sexual. Mais não pode ser expressado. Um verdadeiro arcano é indizível, mas há vários métodos de mágica sexual que são facilmente comunicáveis, embora seu direcionamento interno e sua aplicação só possam ser conhecidos através da experiência. O Caminho Mágico é repleto de destroços causados pela aplicação errônea desta fórmula. Crowley contornou a dificuldade, até um certo ponto, ao conceder iniciação particular e oral. Sendo um escritor tão prolífico, é impressionante o quão seguramente ele guardou o segredo cen-

29 O trunfo intitulado *A Volúpia*.

30 *Copeiro* é um dos significados do nome Aiwass, o ministro de Hoor-paarkraat.

tral da Mágicka. O incidente com Reuss e *The Book of Lies*³¹ é significativo; também é significativo que ele tenha publicado muito pouco a respeito desses temas que tivesse uma natureza reveladora. Exceções são “Entusiasmo Energizado” e “Dois Fragmentos de Ritual”, dois artigos que apareceram em *The Equinox* em 1913.³² É dito que “Dois Fragmentos de Ritual” foi “traduzido por Frater K.P. IX°,”³³ a partir de um manuscrito em alemão supostamente encontrado entre os documentos de Weishaupt”.

Como é enfatizado com frequência, esses segredos são de vital importância, e competência mágica é essencial para realizá-los com sucesso. Crowley reconstruiu a O.T.O. com base em princípios Thelêmicos para fazer dela um mecanismo para geração de energia mágica, uma usina oculta do Novo Aeon. Candidatos eram – e ainda são – testados por sérios ordálios antes de serem aceitos no Soberano Santuário.

Foi mencionado que Crowley descreveu a O.T.O. como a primeira entre as grandes Ordens de antiguidade a aceitar a Lei de Thelema. Essa era uma forma de dizer que sob sua direção, a Ordem tornou-se o repositório dos Mistérios originalmente celebrados a muitas eras atrás na Suméria. Não há disponíveis informações suficientes de natureza histórica para confirmar essa afirmação, mas podemos de fato indicar uma Tradição ou Corrente muito anterior às “grandes Ordens de antiguidade” que ele menciona. Essa é a tradição primordial africana, manifesta reservadamente nos ritos e cerimônias do Vodou e Obeah. *AL* (I, 37) afirma: “Também os mantras e os encantamentos; o obeah e o wanga; o trabalho da baqueta e o trabalho da espada; estes ele aprenderá e ensinará”. A obra da baqueta é a obra do Falo; a da

31 Vide *The Confessions*, Capítulo 72.

32 Vol. I, Nos. 9 e 10, respectivamente.

33 K.P. são as iniciais dos instrumentos mágicos Kteis e Phallus [N.T.: Falo], que podem ter encoberto a identidade de Theodor Reuss, Cabeça da O.T.O. àquela época.

espada é a da Yoni. O simbolismo da baqueta é autoevidente; o da espada é obscuro e exige explicação.

Considerada como uma arma de guerra, agressiva e ofensiva, a espada normalmente tem uma conotação masculina. Na *Árvore da Vida*, Geburah³⁴ é a esfera de atuação da espada. A primeira forma da espada ou cimitarra tinha o formato de uma foice, que ceifa, divide ou corta em dois. A origem do simbolismo está na coxa, ou anca, que é o emblema fisiológico da Mãe que divide em dois quando reproduz sua imagem. A divisão é a natureza da Nuit, a fendida. Ela diz: “eu estou dividida pela graça causa do amor, pela chance de união”.³⁵ No terceiro capítulo de *AL*, Ra-Hoor-Khuit exclama: “Há divisão aqui rumo à terra natal ...”. O lar primordial é a divisão,³⁶ e a espada é idêntica à fissão, em virtude de sua função. Suas associações ofensivas se desenvolveram depois a partir dessa ideia básica de fissura, divisão e derramamento de sangue; sua forma (como foice) é emblemática do local de nascimento feminino. O sigilo planetário de Saturno, ♄, reflete a forma da cimitarra ou foice como a forma primordial do ♄, e da Mãe-Saturno.

Os Tantras mantêm resquícios das mais antigas tradições. Os dias sagrados para Kali, a deusa sangrenta, são dados como Terça-Feira e Sábado. De acordo com o conhecimento Rabínico, Eva menstrou pela primeira vez numa Terça-Feira. Na Tradição caldeia, como é refletido na doutrina qabalística posterior, a Terça-Feira é relacionada a Marte, e o Sábado a Saturno. As duas sephiroth atribuídas a essas divindades são Geburah e Binah.³⁷

O mênstruo de poder mágico no Aeon de Ísis era o sangue. *AL* restaura a tradição anterior (isto é, de Ísis), como se ela não

34 A quinta sephira, atribuída a Marte. Vide Diagrama, p. 4.

35 *AL*, I, 29.

36 Cf. *O Livro dos Mortos*, LXX, 8, onde a Luz de vida eterna proclama: “Meu lar é entre os sulcos de lápis-lazúli ...”.

37 Vide o Diagrama da *Árvore da Vida*, p. 4.

houvesse sido interrompida: “O melhor sangue é o da lua, mensal ...”. Essas palavras são atribuídas a Hórus em sua fase positiva como Ra-Hoor-Khuit. O veículo do poder mágico no atual Aeon é o sêmen.³⁸ O abismo entre os aeons, simbolizado pelo Aeon de Osíris, no qual o sacramento era a Morte, pode ser melhor interpretado em termos Hindus. O Caos, o estágio pré-aval da evolução, equivale ao estado do sonhar, o estado fluido do cosmos antes da “queda”, quando coagulou em uma forma estática.³⁹ O sono profundo e sem sonho equivale ao sono da morte, o Sono de Siloam e o de Osíris em *Amenti*, ou Heru-khent-an-maati,⁴⁰ que depois sai para o dia no estado de consciência desperta. Essa é a fase de Ra-Hoor-Khuit do Aeon de Hórus, que se funde – à maneira da fórmula rotativa do Tetragrammaton – no Silêncio de *Turiya*.⁴¹ Isso reflete a fase da morte (*Amenti*) após o afastamento da força projetada, que se resolve em Nuit (Nada) e “morre” em uma explosão de êxtase. Em seu Comentário ao *Liber 418*, Crowley observa: “A Energia de Hórus destrói, mas deve ser afastada para completar a obra, pois Seus raios, se deixados sobre seu objeto, o manteriam vitalizado. A coerência da matéria quebrada deve ser afastada”.

O processo é espiral, mais do que circular, como na fórmula do Tetragrammaton. O Caos é novamente penetrado, e a identidade do deus-anão (Hoor-paar-kraat) com a imagem original do Caos (a Besta) reflete, ou reafirma, em termos transcendentais, o que Crowley descreveu como a “redescoberta da tradição Suméria”.

38 Vide p. 62, supra.

39 Cf. William Law, o místico do século dezoito, cuja doutrina do Caos é admiravelmente apresentada em uma história de Arthur Machen intitulada “N” (publicada na antologia *Tales of Horror*, 1949).

40 Hórus como o “habitante da escuridão”.

41 Consciência Transcendental; mais precisamente, o pano de fundo, eterno e imutável, dos três estados da consciência: despertar, sonhar e sono sem sonhos.

A resolução dos contrários – mesmo que apenas no plano intelectual – ajuda a desenvolver a faculdade de consciência necessária para fundir o ego em um estado de consciência individual transcendente. A consciência cósmica então substitui a consciência do ego. Esse é o objetivo da Grande Obra em sua atual fase. Interpretando sociologicamente, isso pode implicar a dissolução de todas as barreiras que impedem o livre intercâmbio entre nações, raças e sexos; uma união instantânea de entidades que, devido a códigos artificiais de conduta, vem sendo consideradas como disparatadas e infundíveis.

O programa político do Novo Aeon foi afirmado em termos breves por Crowley no *Liber Oz*.⁴² Quando questionado a respeito de seus objetivos políticos, respondeu: “Eu não tenho absolutamente tempo algum para escrever política. Nosso programa está claramente apresentado no *Liber Oz*, e deve-se sempre manter em mente que ele segue basicamente os mesmos princípios do individualismo à moda antiga da República Americana. Uso aqui a palavra “República” em seu sentido mais amplo. A existência de um Monarca não interferiria com ela”.⁴³

E em uma carta a Frater Saturnus, datada de 1945, ele escreveu:

Aliás, a respeito de atrair pessoas para a O.T.O., eu ainda penso que o *Liber Oz* é a melhor aposta. Há uma vil ameaça ao “grosso individualismo americano”, que, na realidade, criou os E.U.A., da parte da multidão burocrática que quer que a sociedade seja uma prisão de condenados. “Segurança em primeiro lugar”; não existe “insegurança social”, nem “medo pelo futuro”, nem ansiedade a respeito do que fazer em seguida – em Sing Sing.⁴⁴ Todos os esquemas totalitários culminam no mesmo resultado, e a abordagem é tão insidiosa, os argumentos tão sutis

42 Vide *O Renascer da Magia*, Lâmina 2.

43 De uma carta para Frater 210 (John W. Parsons), da Califórnia, de 12 de maio de 1945.

44 N.T.: A *Instituição Correccional Sing Sing* é uma prisão de segurança máxima localizada no estado de Nova Iorque, Estados Unidos. Ironicamente, foi construída em terras “compradas” de uma tribo indígena que habitava o local.

e irrefutáveis, as vantagens tão óbvias que o perigo se faz muito real, muito iminente, muito difícil de ser percebido pelo cidadão comum, que só enxerga o benefício imediato, e é ludibriado com o argumento de que esse é o preço a se pagar.

Crowley enxergava a Grande Obra em termos de *o próximo passo*, quer seja em relação ao indivíduo ou à humanidade como um todo. Ele era duro com aqueles que idealizavam a Grande Obra como algo remoto e inatingível (a desculpa dos fracos de vontade e dos ociosos), e aconselhava a realização de uma pequena obra real agora em detrimento de uma “grande” obra no futuro. “Aprenda primeiro o que é a Obra! e a Grande Obra não estará tão distante”.⁴⁵

Não há objetivo estático a se atingir como no caso das culturas materiais; nem utopias terrenas, nem paraísos socialistas, nem céu – nem inferno – definitivos. A fórmula dos deuses do antigo Egito, indicada pela tira de sandália ou *crux ansata*, não é ser, ou se tornar, mas Ir! Essa é também a fórmula dos deuses hoje. A matéria não é mais considerada estática, e sim como movimentação contínua: “Matéria quer dizer hoje o que era o Éter trinta anos atrás. É o meio pelo qual fenômenos ocorrem, ou pelo qual nos tornamos conscientes deles”.⁴⁶ A essência de Thelema é elasticidade, concebida como uma adaptação velocíssima a todos os fenômenos possíveis. Cada evento evoca sua própria resposta exclusiva. Portanto, não pode haver lei, ou código de leis, no sentido de que as reações podem estar de acordo com as exigências de qualquer situação.

Todos os códigos morais são, em si, inúteis; no entanto, em cada novo código há esperança. Assim, o código nunca é mudado por ser difícil demais, mas ao ser cumprido.

O cão morto flutua na correnteza; na França puritana as melhores mulheres são as meretrizes; na perversa Inglaterra as melhores mulheres são as virgens ...⁴⁷

45 *The Book of Lies*, Capítulo 52.

46 *O Diário Mágico* (maio de 1924).

47 *The Book of Lies*, Capítulo 60.

“Todo homem e toda mulher é uma estrela” (*AL*, I, 3) implica que cada indivíduo é livre (se ao menos souber disso) para reagir com total espontaneidade a qualquer situação. Só há uma condição: a reação deve ser “sob vontade”, isto é, de acordo com a Verdadeira Vontade. Dessa forma ela é incapaz de fracassar em sua realização, ou de interferir com a vontade de outro indivíduo, pois o Caminho de cada homem é único, como a órbita de uma estrela. Colisão indica que um ou outro saiu do curso.

Em uma carta a Frater O.P.V.,⁴⁸ Crowley se descreve como alguém “cujo objetivo na vida é conduzir pessoas à percepção de seus verdadeiros eus e à expressão dinâmica de suas Verdadeiras Vontades”.

As experiências acumuladas durante sucessivas encarnações revelam gradualmente o núcleo de cada Estrela, até que não reste nada além de pura Luz. Ao encarnar a Verdadeira Vontade, o Iniciado demonstra a Lei de Thelema. Isso vai de encontro às teorias democráticas-humanistas de “ajudar” ao próximo. Ninguém pode ser ajudado, a não ser pelo exemplo. Ao ajudar a si mesmo e regozijar-se em seu caminho, você ajuda os outros e revela a mentira nos falsos ideais humanitários. Outras formas de “ajuda” constituem uma impertinência e uma interferência. Não podemos de forma alguma saber o que é necessário para os outros, em qualquer momento que seja. Além do mais, e do ponto de vista mais elevado, não há “outros” para ajudar; o Eu é Universal. A existência de outros é uma ilusão no Caminho; ao negar o eu separado, os “outros” param automaticamente de existir.

O homem está na encruzilhada. O impulso apaixonado de Crowley de salvar a humanidade não era simplesmente um fingimento idealista, para parecer um redentor. Ele estava imbuído da ideia de salvar a humanidade dos desastres iminentes que ele supunha que resultariam da não aceitação pela humanidade da Lei de Thelema, como expressa em *AL*. Ele viu que as profecias

48 Irmão *Omnia Pro Veritate* (Norman Mudd). A carta é datada de 1923.

e alertas de *AL* refletiam claramente nas tendências de sua época. Ele queria salvar o homem das consequências do mau uso das forças tremendas que o Novo Aeon disponibilizará; forças que, após libertadas, resultarão em uma catástrofe que fará a de Atlântida parecer insignificante. Isso estava associado na mente de Crowley com a publicação de *AL* e com o volumoso Comentário que ele estava preparando em Túnis. Escrevendo para Frater O.P.V. em maio de 1924, Crowley observou: “Será fatal apressar os trabalhos do Comentário e das publicações associadas. Se forem feitos com perfeição, Thelema pode trazer à humanidade vários milhares de anos de desenvolvimento espiritual sem paralelos. Mas se forem malfeitos, o Aeon pode se colapsar em menos de cem dias”.

Esse colapso não parece tão distante hoje.

Eliphas Lévi, cuja capacidade mágica era considerável,⁴⁹ fracassou em sua avaliação da natureza do perigo iminente. Por outro lado, como Crowley observa,⁵⁰ os escritos de Alcofribas Nasier⁵¹ continham indicações precisas, pelo menos, da aurora do Novo Aeon, até o nome da Abadia que exibia a palavra chave do Aeon – *Thélème*.

O *Liber LIX*⁵² traz um relato da encarnação de Crowley como Ankh-af-na-Khonsu, um sacerdote tebano da XXVIª Dinaastia. A sombra de uma catástrofe menor pairava sobre aquele período. Sobre o *Liber LIX*, Crowley dizia que “seu principal interesse está no fato de que sua história da derrubada de Ísis por Osíris pode ajudar o leitor a entender o significado da derrubada de Osíris por Hórus no atual Aeon”.

49 De acordo com Crowley, o Grau de Lévi na Grande Fraternidade Branca era o de 6º=5º (Adeptus Minor).

50 O *Livro de Thoth*, pp. 209-210.

51 François Rabelais.

52 Também intitulado *Across the Gulf* [N.T.: *Do Outro Lado do Golfo*]. Crowley o escreveu e publicou em *The Equinox*, 1, 7.

Adeptos do Aeon de Osíris temiam ao observar os presságios da catástrofe iminente; mas há poucos documentos nos quais as condições do Novo Aeon foram corretamente profetizadas. Crowley chama atenção ao relato de Rabelais, datado de 1542.

Eras antes, pressentimentos sombrios visitavam os Adeptos atlantes. Pauwels e Bergier citam antigos textos indianos que descrevem horrores reminiscentes de erupções atômicas. Eles também observam que “ao longo de vastas áreas no deserto de Gobi, trechos de solo vitrificado podem ser encontrados, similares aos produzidos por uma explosão atômica.”⁵³

A concentração de pressões atmosféricas geradas na antiguidade remota inevitavelmente acumulou enormes pressões antes de libertar suas energias; tensões similares às que sentimos novamente hoje. Conjecturar é inútil, mas a memória subconsciente de tais catástrofes nos possibilitaria adotar uma atitude iniciada em relação aos eventos vindouros.

Em *Little Essays Toward Truth*, Crowley define energia como “o motivo sacramental do evento”. Isso pode não dizer muito, a não ser que se tenha certeza do que aqui significa a palavra evento. Qualquer união de opostos conscientemente desejada constitui um ato-evento,⁵⁴ e as núpcias de Nuit e Hadit são a condição de todos os eventos. O infinitamente grande (Nuit) e o ponto infinitesimalmente pequeno e atômico (Hadit) unem-se em êxtase explosivo, e o holocausto que se segue gera o evento. O motivo sacramental⁵⁵ é fornecido por uma infinidade de luxúria voltada a essa união, voltada a Nuit, que é voltada a *Le Néant*, o Vazio, a

53 *O Despertar dos Mágicos*.

54 Cf. Dion Fortune: “Qualquer ato realizado com intenção torna-se um rito” (*Autodefesa Psíquica*, Capítulo 17).

55 Blavatsky apontou a conexão entre a palavra sacramento e ZKR, sua raiz; ZKR é o nome do Falo Sagrado no *Sepher Tzenioutha* (ii, 467). A natureza do sacramento é, portanto, exposta como basicamente sexual.

resolução dos contrários expressa pelos chineses como $0=2$.⁵⁶ O tipo e a quantidade de energia libertada são diretamente proporcionais ao grau de êxtase atingido durante o orgasmo; este, por sua vez, é determinado pela incongruência entre os elementos que se unem.⁵⁷

Grandes agregações de eventos amalgamam-se, tornam-se cósmicos em seu escopo, e são chamados de “deuses”. Um deus é tecnicamente um agregado de energia de concentração colossal. Quando uma série de atos fortemente coagulados, realizados *sob vontade*, atinge magnitude cósmica, um “deus” nasce. E com o deus nasce um novo aeon, que é a manifestação externa da corrente interna de energia gerada por esse impulso; não de seu *ser*, mas de seu *ir*. Há, portanto, deuses e Deuses; e “não existe nenhum deus senão o homem”.⁵⁸

A doutrina inerente é óbvia. Quando um homem, crescendo em sua consciência por meio de atos repetidos de amor sob vontade, expande sua consciência ao ponto de englobar todas as outras consciências, ele se torna Pã, ou seja, Uno com o Todo.⁵⁹ Não há, portanto, nenhuma diferença essencial entre um dado universo e qualquer outro. Uma vez que a consciência tenha se tornado cósmica em sua abrangência, os muitos eus desaparecem e permanece apenas o Um Eu:

O Ego cresce ao estabelecer relações com outros pontos de vista e absorvê-los; portanto, quanto maior o Ego, menor o senso de Egoísmo. O universo é uma série de eventos; eles não existem, eles ocorrem (cf. o elétron, que não tem massa, mas é uma carga elétrica). É um fenômeno dinâmico, não estático. Qualquer êxtase é uma resolução meramente temporária. A lógica descreve o processo do Pensamento, que é a essência da Ação. A Matemática é a linguagem da Lógica. Um homem deve pensar

56 Vide Capítulo 1; também *O Livro de Thoth*, p. 29.

57 Vide Capítulo 6.

58 *Liber Oz*.

59 Cf. Omne, Aum, Amen, Amon, etc.

sobre si mesmo como um *Logos*, como uma ida, não como uma ideia fixa. “Faze o que tu queres” é, portanto, necessariamente a sua fórmula. Ele só se torna ele mesmo quando atinge a perda do Egoísmo, do senso de separação. Ele torna-se Tudo, Pã, quando se torna Zero.⁶⁰

Novamente, em *AL*: “Todo homem e toda mulher é uma estrela. Todo número é infinito; não há diferença” (I, 3-4); e “Que não haja diferença feita por vós entre uma coisa & qualquer outra coisa; pois daí vem sofrimento.” (I, 22).

Se houvesse diferenças, não haveria Um, mas Muitos. O homem ainda seria homem, e Deus continuaria sendo Deus. Mas como não há diferença, esses conceitos se cancelam, e o Homem – ou Deus! – permanece. Não importa qual termo é usado para designar o resíduo quando todo o resto se dissolve. “Lembrai todos vós que a existência é pura alegria; que todas as tristezas não passam de sombras; elas passam & se vão; mas há aquilo que permanece”.⁶¹

Crowley identifica o ponto de vista individual (*Hadit*) com *Kether* na *Árvore da Vida*. No momento exato em que o homem se torna Pã (*Tudo*), o ponto de vista se dissolve em *Nuit* (*Puro Nada*), pois *Tudo* é *Nada*.⁶²

Agora deve estar claro o motivo pelo qual *Shaitan-Aiwaz* – o deus dos antigos Sumérios – foi considerado por um povo posterior e mais egocêntrico como o diabo. É o Ego que é ameaçado e destruído por *Shaitan-Aiwaz*. Como um Fazedor de Deuses, essa é sua função. Gerações posteriores o expulsaram por ser destrutivo para o individual, o que é considerado um grande mal pelo não iniciado. No entanto, somente dessa morte é que nasce o Homem-Deus.

60 Do Comentário Longo a *AL*.

61 *AL*, II, 9.

62 Expresso qabalisticamente como $Tudo=61=Ain=0$ (*Nuit*).

O falo, sendo o veículo terrestre e o símbolo do Destruidor da ilusão da individualidade, era também considerado abominável. Tentativas esporádicas ao longo das eras de reviver o culto pagão original falharam, e o falo foi firmado como o totem da obscenidade humorística.⁶³ Os Mistérios degeneraram em “falicismo”; suas etapas posteriores preservam-se no culto aos *loa* Guédé, proeminente no Voduísmo.⁶⁴ Conforme as civilizações avançaram, a humanidade tornou-se intensamente egocêntrica, mais e mais dissociada das grandes marés elementais e correntes cósmicas. No Aeon de Osíris, essa rígida armadura de egoísmo só poderia ser dissolvida pelo sacrifício daquilo que o homem considerava como sendo ele mesmo, mas que era, na verdade, apenas o excremento ou sombra de seu verdadeiro Eu, que ele objetivava e adorava como sendo “real”. Durante esse Aeon, o Grande Poder Mágico foi retirado. Relativamente poucos, mesmo entre os Adeptos, tiveram contato com as zonas de poder vitais. O falo era “chamado de maligno para esconder sua santidade”; todos os verdadeiros conhecimentos, na forma de Alquimia, Teurgia e Magia foram proscritos. Externamente, a ciência empacou, e por quase 2.000 anos uma neblina de fanatismo “religioso” e superstição obscureceram a verdadeira Mágica da Luz.

A neblina agora está baixando um pouco. Avanços graduais nas ciências profanas mostram que a Luz não estava totalmente extinta, apesar das perseguições sangrentas que fazem parte da história. Longas eras atrás, Aiwaz ordenou: “Conhece-Te a Ti Mesmo!”, mas o momento não era propício; o homem compreendeu erroneamente essa determinação. O Aeon de Osíris, de sacrifício, morte e redenção, foi um reflexo abortivo dos primeiros incitamentos do Espírito. “O erro do Começar” é uma expressão que ocorre nos Tantras de Thelema; pode ser uma alusão a esse falso passo que causou séculos de sofrimentos indizíveis,

63 Crowley observou que “a Gargalhada é um orgasmo sublimado”.

64 Vide *Voodoo in Haiti* (Métraux).

mas que preparou o homem como nenhum outro ordálio poderia prepará-lo para a chegada de Hórus.

Em seu comentário ao *Liber LXV*,⁶⁵ Crowley defende:

A fórmula dada por Aiwaz destrói a ideia de Destruição como tal. O que até agora era chamado de "morte", o meio para a ressurreição (na Fórmula de Osíris, IAO) deve ser doravante entendido como "amor sob vontade".

Aiwaz destruiu o princípio da ilusão. Em particular, a crença do homem de que ele é mortal (Osíris) deve abrir espaço para a consciência de que ele é a Criança Coroada e Conquistadora (Hórus).

Osíris foi perseguido em *Amenti* por Hórus, que o seguia à distância, para que seu reino fosse estabelecido até mesmo nos reinos da "Morte". No Novo Aeon, a Morte se torna a Vida Triunfante, não por meio da Ressurreição, mas em sua própria Essência.

O Thelemita não "sofre a morte". Ele é eterno, e percebe a si mesmo como o Universo, em virtude das *categorias* de Vida e Morte, que não são condições reais, e sim subjetivas, de sua percepção, assim como o tempo e o espaço. Elas são as formas de sua apresentação artística.⁶⁶

Aiwaz declara-se como a Alma do Deserto. A referência é ao Caminho de Gimel, que se une a Kether e Tiphereth na Árvore da Vida. Esse caminho atravessa o Abismo (Deserto), cuja característica essencial é a *ausência* de alma.⁶⁷

Crowley enxergava no Cristianismo não Gnóstico a sombra mais escura lançada sobre o homem, pois obstruía a Luz de Aiwaz, o Iniciador primordial da humanidade. Os males psicológicos que hoje afligem o homem são o legado de séculos de supressão e dissociação. Por causa deles, o homem é incapaz de

65 Também intitulado *O Livro do Coração Cingido com a Serpente*.

66 *A Visão e a Voz (Liber 418)*, 22° Aethyr.

67 O Caminho 13 que cruza o "deserto" do Abismo, de onde vem o simbolismo do camelo; a letra *gimel*, atribuída a este caminho, significa "um camelo". Vide também *Liber 418*, 10° Aethyr.

reconhecer a si mesmo; ele vive com medo de si mesmo e de seus poderes. Esse senso de culpa e vergonha profundamente arraigado precisa ser arrancado pela raiz antes que se possa obter reais avanços. Crowley, ciente dessas dificuldades, tornou mandatário que os candidatos à Iniciação aceitassem *AL* e estivessem devidamente preparados para a obra. O próprio ato de aceitar *AL* limpa o indivíduo de complexos de aeons passados.

Crowley defendia que indivíduos nascidos após 1904 resultariam no melhor material, mas percebe-se que ele errou sua previsão por muitas décadas. Talvez a forma que seus seguidores imediatos apresentavam Thelema fosse repreensível. Isso é sugerido em uma carta que ele escreveu a Frater Viator⁶⁸ em 1942:

Jane⁶⁹ escreveu ... que você não é capaz de manter seus estudantes. Agora vamos dar uma olhada; por quê?

A resposta é muito clara: olhe para seus antigos diários mágicos! Eles são os documentos mais conscienciosamente meticulosos que meus olhos já tiveram o privilégio de enxergar; mas eu não tenho dúvidas de que, mesmo naquela época, qualquer editor de livros de faroeste ou suspense conseguiria uma fortuna publicando-os como folhetins!

A palavra "estudante" em si condena sua estratégia. Vivemos em uma época de excitação tremenda; não se passa um dia sem que 50.000 desabrigados encontrem-se com a morte das formas mais horrendas, e até mesmo isso é como uma comida caseira; muito molho de estupro, tortura e assassinato a sangue frio em grande escala deve ser posto nesse prato para deixá-lo realmente picante, e mandar-nos para dormir, de barriga cheia, refletindo que a vida não precisa, afinal, ser tediosa e monótona. Qual é a vantagem de se aproximar desses jovens de olhos arregalados, com suas bocas espumando de ânsia de desfrutar e chafurdar nesses passatempos, esses jovens permanentemente embriagados de lu-

68 Max Schneider, um dos seguidores americanos de Crowley, e membro do ramo californiano da O.T.O.

69 Jane Wolfe (Soror Estai), também uma discípula americana; ela esteve com Crowley em sua Abadia de Thelema (Cefalù). Vide *The Magical Record of the Beast 666*.

xúria e de sangue, e ação, ação, ação, sempre mais ação!, e pedir que eles pratiquem Asana, que aprendam a acalmar a mente, a matar as emoções?

O que você precisa fazer é inflamá-los com o *Romance* da Ordem e de sua Obra, com a História Maravilhosa da "Operação do Cairo",⁷⁰ como é contada no *Equinócio dos Deuses*, instilar a ideia de um Novo Aeon, a chegada da Criança Coroada e Conquistadora, o nascimento da Liberdade conforme delineada no *Liber Oz*, o plano do Mestre Therion de trazer a revolução, pelas quatro guerras iniciadas nove meses depois da publicação do *Liber AL*,⁷¹ e a necessidade de cada um deles ir em frente, ao ataque, para estabelecer a Lei. Você precisa instilar neles o fanatismo frenético e enfurecido de um piloto suicida. Você precisa fazer com que eles se tornem heróis e mártires, cada um deles um líder, ainda que capazes de dedicação a ações conjuntas disciplinadas. Você precisa fazer com que cada homem e cada mulher sintam-se uma Divindade individual, de suprema importância, não apenas intrínseca, mas para todo o mundo. "Pioneiros, Ó Pioneiros."

Perceba a veemência do espírito do *Liber AL*, que mesmo em suas passagens mais calmas transborda uma energia feroz. Você precisa capturar esse arrebatamento selvagem, elemental, e comunicá-lo a todos que encontrar!

Os membros mais perceptivos da atual geração demonstram um maior grau de libertação do senso de vergonha e culpa que macula a experiência sexual, em particular nas mentalidades do velho aeon. O pensamento original e um espírito de genuína investigação científica começam a emergir; vide o uso experimental de drogas e outras formas de autoanálise até então tratadas com ojeriza. O indivíduo começa a se irritar até mesmo com as restrições que a individualidade lhe impõe! Ele quer realizar a Percepção Universal, destruindo tudo aquilo que limita sua união

70 O nome pelo qual Crowley às vezes se referia à comunicação de *AL*.

71 As quatro guerras, de acordo com Crowley, foram: (1) A Guerra dos Bálcãs; (2) A Grande Guerra; (3) A Guerra Sino-Japonesa; (4) A Segunda Guerra Mundial. Quando Crowley publicou *O Equinócio dos Deuses*, ele lançou um folheto no qual mostrava a conexão entre as várias publicações de *AL* e os distúrbios por elas causados (vide Lâmina 8)

e identidade com a Unidade Infinita que ele *sabe* que é mais vital do que a moralidade burguesa e com a isolação de morte na vida da consciência pessoal insignificante.

O estado mental que os Iniciadores ocultos exigem dos Adeptos de hoje é descrito no *Liber Cheth vel Vallum Abiegni*:⁷²

Portanto, para que tu possas realizar com êxito este ritual do Santo Graal, deverás despojar-te de todos os teus bens.

Tu tens riqueza; concedei-a àqueles que dela necessitam, mas que não têm nenhum desejo por ela.

Tu tens saúde; mata a ti mesmo no fervor da tua entrega a Nossa Senhora. Que a tua carne penda dos teus ossos, e teus olhos brilhem com o teu insaciável desejo pelo Infinito, com a tua paixão pelo Desconhecido, por Ela que está além do Conhecimento o maldito ...

O egoísmo de Thelema é o verdadeiro Altruísmo,⁷³ e começa a substituir o altruísmo insípido e falso engendrado por ideais falsos baseados em princípios totalmente irrealis e anticientíficos. Gerações inteiras de pessoas podem destruir ou danificar seus veículos conforme essa onda de desejo por mais vida acumula momento; mas é melhor cair na luta por uma expansão maior da consciência do que por ideais falsos impingidos em tolos por detrás de máscaras de cobiça, malícia e ambição – as pseudo-formas-deus do fragmento parcial (isto é, o fragmento encarnado) do Eu.

A compreensão definitiva desse Eu cósmico foi expressada por Crowley em *Liber Aleph*:⁷⁴

Eu não sou Eu

Livra-te, portanto, dessa ideia de “Eu” separado do Todo, mas, atendo-te à Consciência do Todo pelo Nosso Verdadeiro Caminho, contempla o brincar da Ilusão ...

72 *Magick*, p. 494.

73 AL=Deus=Eu; LA=Não=Altruísmo. Portanto, Eu e o Não Eu, o Outro, são idênticos.

74 Capítulo 165.

Sendo todas as coisas ilusórias, um homem com conhecimento, vontade e imaginação suficientes pode organizar seus materiais para compor qualquer imagem que lhe agrade.⁷⁵

A maioria das pessoas reluta em reconhecer, e ainda mais em interpretar, os sinistros presságios que se manifestam agora, na aurora do Aeon. É duro de se dizer, mas a sobrevivência do indivíduo dependerá de seu grau de assimilação e identificação com a Corrente Thelêmica, quer ele tenha ouvido falar sobre Crowley quer não. Essa Corrente é caracterizada por elasticidade, fluidez e habilidade de adaptação espontânea. Comparações podem ser feitas a esse respeito entre Thelemas e o Zen Budismo; ou, ainda mais corretamente, Cha'an⁷⁶. O Zen é peculiarmente adaptado ao clima da mente oriental; um certo humor negro fundamentado na indiferença emocional é um de seus ingredientes essenciais. De forma similar, os Tantras Indiano e Budiستا, em especial os da tradição Kali-Bhavani, contêm um elemento de crueldade invertida e intoxicação que são característicos da corrente Dravido-Mongolóide que os imbuíu.

Thelema está além desses no que tange à sua universalidade. Não emergiu de uma cultura mental ou espiritual confinada a regiões terrestres em particular; surgiu, independentemente de mentação, por intermédio de Inteligências preter-humanas, como Aiwaz.

Liber Oz é a mais simples afirmação exotérica da Lei de Thelema. *AL*, e partes dos Comentários de Crowley a seu respeito, apresentam declarações mais esotéricas. O número de Oz é 77, que implica a fórmula da força em funcionamento, e Força é o significado da palavra Oz. O número sete significa a natureza especialmente estelar da energia envolvida. Setenta e sete é o número da antiga genetriz multiplicado por onze, o número da mágička. Setenta e sete, portanto, denota a natureza dessa mágička

75 De um documento inédito escrito por Crowley, intitulado *Origens*.

76 N.T.: Designação chinesa para *Zen*.

e a forma de aplicá-la: $7+7=14$, um número de Vênus; $1+4=5$, o pentagrama de Nuit. $7 \times 7=49$, o número de pétalas da Rosa sobre a Cruz de Ouro.⁷⁷ $7-7=0$, que é outra forma de dizer $0=2$.⁷⁸

A unificação desses conceitos indica a fórmula de Babalon unida à Besta.⁷⁹

O *Liber Oz* parece ser uma simplificação excessiva dos princípios de um Culto notório por suas doutrinas complexas. É o esforço de Crowley em alcançar o coração do indivíduo menos sofisticado. Sua simplicidade e brevidade frequentemente frustram esse objetivo. As pessoas suspeitam de uma armadilha, pois consideram pouco importante tudo aquilo que compreendem, ou que julgam compreender.⁸⁰ Paradoxalmente, uma das maiores desvantagens de Crowley era seu enorme conhecimento, que o distanciava completamente do leitor médio. Era comum que ele deixasse de explicar tecnicidades abstrusas, supondo serem conhecidas por todos, e costumava elaborar o óbvio em níveis ridículos. Ele estava muito distante de conseguir avaliar a inteligência da maioria de seus leitores, e suas obras, conseqüentemente, são como livros selados, a não ser que cuidadosamente comentadas e explicadas. Aqueles que não lerem as obras de Crowley com cuidado naturalmente não captam as implicações mais profundas de Oz; no entanto, se corretamente compreendido, ele apresenta o código de conduta mais preciso e austero já enunciado.

Como isso implica na total libertação do sexo dos grilhões do uso convencional, uma resistência imediata é criada na mente despreparada para atitudes do Novo Aeon. O Cristianismo ensinava que o sexo é pecaminoso quando não cercado de toda sorte de restrições. O sexo constituía um dos maiores problemas para

77 Uma referência à Segunda Ordem da Grande Fraternidade Branca – *Roseae Rubrae et Aureae Crucis*.

78 Vide observações no Capítulo 1.

79 Esta fórmula é mostrada no desenho do Atu XI (q.v.).

80 Motivo pelo qual a Bíblia ainda é uma campeã de vendas.

governos e governantes durante a época Osiriana, pois as panelinhas do poder tinham uma leve consciência de que o elemento sexual tinha uma conexão obscura com o potencial criativo individual. Autorizado a manifestar-se, esse potencial inevitavelmente declara sua soberania e recusa-se a seguir os padrões artificiais de moralidade projetados para escravizá-lo. Ao ser escravizado – e um dos fatores determinantes para isso foi a instituição do casamento⁸¹ –, o instinto sexual foi bloqueado em uma escala massiva. Ele formava um reservatório de energia que os sacerdotes e governantes esvaziavam para reforçar suas posições na sociedade e no estado. Assim, aqueles que legislavam em causa própria, ao suprimirem a livre manifestação do impulso sexual, automaticamente beneficiavam-se das restrições que impunham sobre o rebanho. No caso do monge ou do leigo, o primeiro não tinha nenhuma legítima válvula de escape física, e a do último era muito restrita. Desta forma, nenhuma das classes constituía um perigo para os poderes que as escravizavam e vampirizavam; pelo contrário, formavam uma enorme bateria energética da qual os opressores constantemente se alimentavam. O colapso inevitável dessa forma de restrição está próximo, e resultará na completa ruptura da civilização.

Agora enxergamos o enorme oceano de energia reprimida que começa a estourar e transbordar suas represas em toda parte. Doenças mentais, perturbações nervosas e distúrbios físicos engendrados pela artificialidade da vida sob domínio Osiriano começam a inchar, atingindo proporções enormes. *Liber Oz* contém a chave para a correta ordenação e equilíbrio dessa energia, pois é baseado em *AL* e no batismo de sangue que Crowley considerava essencial para a inauguração do Novo Aeon.

No terceiro capítulo de *AL*, “o ministro de Hoor-paar-kraat” (isto é, Aiwaz) anuncia-se como Ares ou Orus (Hórus), o Vingador: “Eu sou um deus de Guerra e de Vingança. Eu lidarei

81 Em particular o casamento monogâmico.

duramente com eles".⁸² *Kraat* ou *Khart* é o original da divindade Hindu *Kartikeya*, que é uma versão corrompida da mesma ideia. *Kartikeya*, o deus da guerra concebido no Fogo, é às vezes equiparado ao planeta Marte (Hórus). Ele é representado montado sobre um pavão, o pássaro tido como sagrado para os lazidis.

Um dos desenvolvimentos sociais acelerados pelas guerras recentes é a libertação da sexualidade da escravidão das sanções religiosas. Os sacerdotes dos Cultos Osirianos, em particular o Cristianismo, tolhiam o sexo com ameaças de fogo e enxofre, e insistiam nas repressões mórbidas normalmente associadas com tais fés. Eles insistiam no celibato total da classe sacerdotal e no casamento monogâmico para os leigos. O homossexualismo, conseqüentemente, abundava entre os sacerdotes e, como bem sabem os Iniciados, essa é uma chave para certos tipos de poder oculto. Até hoje os efeitos nefastos da perversão dessa fórmula não estão completamente exauridos – longe disso. Eles causam mutações e perturbações que atualmente se manifestam em práticas sexuais mórbidas de natureza autodestrutiva. No que diz respeito aos leigos, a monogamia de fato invalida o uso livre e o desenvolvimento da sexualidade, anulando seu uso para propósitos criativos e aterrando-a em autoerotismo estéril ou relações conjugais pouco inspiradas. O tempo e o hábito neutralizam e depois destroem a interação elétrica das polaridades gêmeas essenciais à penetração nos planos mais sutis da existência. De um ponto de vista físico, a instituição da monogamia levou a uma desvitalização das próprias secreções sexuais. Elas se gastaram, assim como metais também se "gastam",⁸³ e em dado momento morreram da inércia causada pela forma exclusiva de intercurso imposta pela monogamia, que não permite impulsos renovados

82 *AL*, III, 3.

83 Wilhelm Reich demonstrou, em condições laboratoriais, a exata natureza desse processo de "desgaste", com seus efeitos inevitavelmente tóxicos. Vide *A Descoberta do Orgone (The Functioning of the Orgasm* [N.T.: *O Funcionamento do Orgasmo*], Vol. I).

nem novas inspirações. Os corpos de desejo⁸⁴ tornam-se progressivamente sobrecarregados e corroídos por um acúmulo de veneno no sistema psicosexual, primeiro do indivíduo e depois da sociedade como um todo. Agora, a represa estourou, e estamos experimentando a violência da reação. O resultado na esfera social foi produzir, de certa forma, escravos dóceis, apáticos demais para oferecer qualquer resistência a seus opressores; e, de outra forma, autômatos inumanos, zumbis motivados exclusivamente pelas violências reativas e sem sentido que rebentam dos infernos da supressão, enquanto formas-deus terríveis de energia distorcida emergem de um ambiente horrendo de pensamentos disformes e desejos pervertidos. E a doença penetrou níveis mais profundos do que os de natureza psicossomática. Ela causou verdadeira paralisia dos centros mais profundos da consciência, onde a própria Vontade se enraíza.

A Verdadeira Vontade permanece eternamente inviolada em seu santuário escondido do ser interior. Quando ameaçada, ela se esconde de forma impenetrável. Um reflexo distorcido dela pode vazar até a consciência mundana, onde seu efeito é frustrado pela completa atrofia do organismo que forma seus meios de expressão. Assim, no Aeon de Osíris, a genialidade era um fenômeno comparativamente raro; tanto que alguns cientistas "oficiais" chegavam a tratá-la como uma patologia!

Crowley percebia que a genialidade deveria ser a regra, não a exceção. Ele defendia que, por meio de treinamento sistemático, ele poderia desvelar ou invocar o gênio em qualquer indivíduo. Crowley demonstrou essa afirmação ao despertar o gênio de pessoas que provavelmente não os manifestariam em outras circunstâncias, e menos ainda em uma forma tão aprimorada: Victor Neuburg, o poeta; Norman Mudd, matemático, Ninette Shumway, um membra de sua Abadia em Cefalù cujo diário

84 Os veículos da energia astroetéica que é polarizada no congresso sexual e atraí as correntes eletromagnéticas da atmosfera astral.

mágico continha passagens que Crowley considerava equiparáveis a algumas das melhores da literatura; Charles Stansfeld Jones, o filho “mágico” de Crowley⁸⁵ e um grande qabalista; Frank Bennett,⁸⁶ um operário que recebia intimações de uma encarnação anterior, na qual ele foi John Bunyan,⁸⁷ e que produziu um registro de visões num estilo digno da tal avatar; Leila Waddell, uma musicista; Frieda Harris, que executou as ilustrações do novo Baralho de Tarô concebido por Crowley de acordo com a mágička de Thelema, etc. Estes indivíduos demonstraram indícios de genialidade em potencial no período em que estiveram em contato com Crowley e com a Corrente 93.

O artista, o ocultista, o cientista, estavam entre aqueles que se recusavam a baixar suas cabeças para superstições sacerdotais. Até hoje, essas seções da sociedade são olhadas com suspeitas, se não com animosidade, como um perigo para a sociedade. As pessoas sentiam no artista, no magista, no alquimista, uma certa qualidade indefinível, porém poderosa, que se opunha às suas confortáveis existências vegetativas. O perigo persiste. O cientista Wilhelm Reich foi eliminado pelas autoridades americanas, pois a conclusão lógica de suas descobertas implicaria na total derrubada da sociedade como a conhecemos hoje. No entanto, é apenas sobre os escombros dessa sociedade que o Reino de Ra-Hoor-Khuit pode se estabelecer, e o *Liber Oz* pode ser posto em prática. A prática afiada e persistente de Thelema, mesmo que por alguns poucos indivíduos dedicados, irá efetivamente derrubar a sociedade, facilitando o progresso desimpedido do Novo Aeon e a reintegração da consciência humana.

85 Frater Aêhad.

86 Frater Progradior. Foi para Frank Bennett que Crowley compôs o *Liber Samekbb*, o qual ele baseou em um antigo ritual sumério, e o qual ele usou para a invocação de seu Sagrado Anjo Guardião. Vide *Magick*, pp. 355 et seq.

87 N.T.: Escritor inglês do século XVII, autor de *O Peregrino - A Viagem do Cristão à Cidade Celestial* [N.T.: *The Pilgrim's Progress from This World to That Which Is to Come; Delivered under the Similitude of a Dream*].

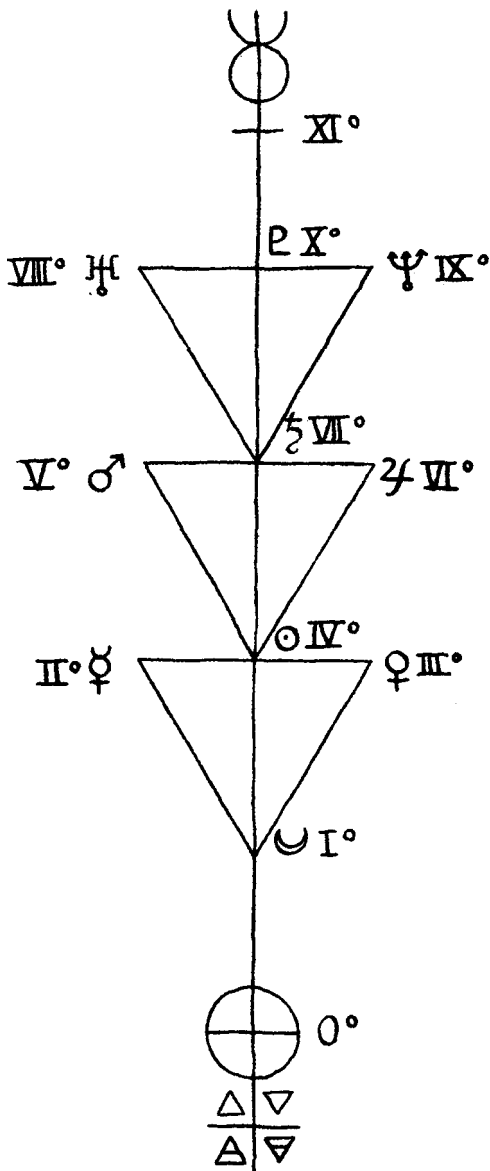


Diagrama 3. : A Seta de Nuit em sua trajetória descendente, formulando os Onze Graus de Nu-Isis

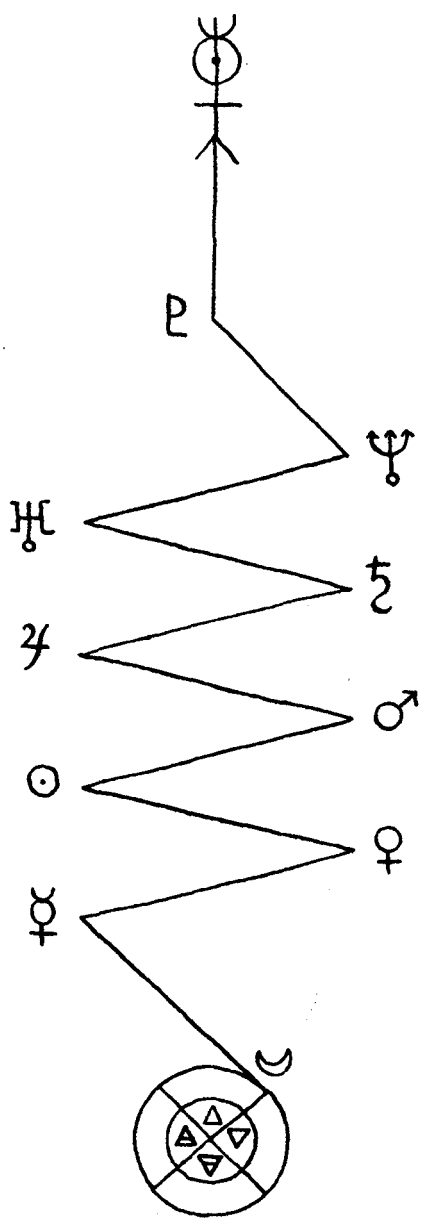
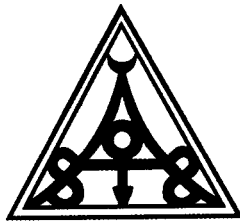


Diagrama 4. : As Onze Zonas de Poder formuladas pelo Relâmpago de Nodens em sua trajetória ascendente



Glossário

Ca.: Termo caldeu

Gn.: Gnóstico

Cr.: Crioulo

Heb.: Hebraico

Eg.: Egípcio Antigo

Sct.: Sânscrito

Gr.: Grego

Tib.: Tibetano

A.:A.: (**Argenteum Astrum**): A Estrela de Prata; a Ordem Interna da Grande Fraternidade Branca. Para o significado esotérico dessas iniciais, vide Capítulo 4.

Abismo : O Precipício entre o irreal e o real, ou seja, entre o fenomenal e o numenal. Atravessar o Abismo é o evento mais crítico no Caminho Espiritual, e fazer o Juramento do Abismo é a responsabilidade mais séria que se pode assumir. Apenas a absoluta abolição do ego, ou consciência individual limitada, possibilita uma travessia de sucesso.

Abel : O filho de Adão com Eva. Uma forma de Baal.

Abrahamadabra (Gn.): A fórmula da Grande Obra. *Abra* é a forma solar de Amen, o Deus Oculto. Amen era um título de Sebek-Rá, ou Set, no Culto Draconiano do antigo Egito. Foi o culto dessa divindade que Ankh-af-na-Khonsu reviveu na XXVIª Dinaastia. *Had*, o coração de *Abrahamadabra*, é o nome caldeu de Set ou Shaitan, e *Abrahamadabra* é a fórmula de sua mágička.

Abuldiz : Uma entidade extraterrestre com a qual Crowley se comunicou em 1911 através da mediunidade de sua **Mulher Escarlata**, Virakam (Mary d'Este Sturges).

Ad (Ca.): Vide **Had**, **Hadit**.

Adikalika (Sct.): A primordial (*adi*) e negra (*kali*) deusa (*ka*). Uma descrição de Kali, cujo símbolo é a Noite do Tempo. “K” é a letra do órgão gerador feminino e, portanto, da deusa.

Adisakti (Sct.): Poder Primordial.

Adonai (Heb.): Uma forma de Adoneus, o Senhor do Inferno (o Abismo). Vide Capítulo 4.

Advaita (Sct.): Literalmente, “Não Dois”; a doutrina da não dualidade, o objetivo definitivo do Hinduísmo, assim como de toda cultura espiritual.

Aethyr : Um termo usado pelo Dr. Dee e revivido por Crowley. Se refere às moradas angelicais e não terrestres; dimensões de consciência não normalmente experimentadas.

Ain (Heb.): O Nada. O Vazio além de Kether, e através do qual Kether aparece como uma concentração de Consciência Maciça que formula a si mesmo como um único ponto. Vide o Diagrama da Árvore da Vida, p. 4.

Aiwass : Uma Inteligência preter-humana com a qual Crowley teve contato durante vários momentos de sua vida. Em 1904, Aiwass comunicou *O Livro da Lei (AL)*, que forma a base do Culto de Crowley de “Faze O Que Tu Queres”. De acordo com a Qabalah grega, Aiwass equivale a 418, que é o número da **Grande Obra**. Vide também **Aiwaz**.

Aiwaz : Uma grafia alternativa de **Aiwass**. O valor qabalístico de Aiwass é 418, o número da **Grande Obra**; o de Aiwaz é 93, o número da fórmula de “amor sob vontade”, através da qual realiza-se a **Grande Obra**.

Ajna Chakra (Sct.): Um dos **ShatChakras**. *Ajna Chakra* é o Assento da Vontade, e quando a **Kundalini** alcança seu centro, torna-se a mais importante zona de poder no corpo sutil do homem. É

representado no corpo externo, ou físico, como uma flor de lótus de duas pétalas localizada entre as sobranceiras, e é frequentemente referida como o Terceiro Olho. No *Ajna Chakra* estão os quinze **Kalas** e a Sombra ou o reflexo do décimo sexto.

Akasha (Sct.): Espírito ou **Aethyr**, simbolizado por um Ovo Preto.

AL (Ca.): Literalmente, "O", um termo para Deus, Grandioso, Todo-Poderoso. Seu valor qabalístico é 31, que é o número chave de *O Livro da Lei*, motivo pelo qual esse Livro é frequentemente chamado de *AL*. Vide também **LA**.

Aleph (Heb.): A primeira letra dos alfabetos hebraico e caldeu. Seu valor é Um. Por ser atribuída a *O Louco* do **Tarô**, cujo número é Zero; a natureza da Unidade é assim relacionada ao Vazio.

Alim (Heb.): Uma fórmula de bruxaria, de número 81, um número da Lua. *Alim* carece do Espírito da Mãe, representado pela letra *H*, que tornaria uma fórmula normalmente estéril em uma de potência mágica, pois *Alhim* é a palavra exotérica para "Deuses". Vide o *Magick* de Crowley, pp. 162 *et seq.*

Amalantrah: Uma entidade extraterrestre com a qual Crowley se comunicou em 1918, através da mediunidade da **Mulher Escarlate** Ahitha (Roddie Minor).

Amenti (Eg.): Literalmente, terra Oculta, *Amen-ti* ou *Amen-ta*. O inferno, submundo ou reino dos mortos na antiga religião egípcia. Em termos mágicos, é o subconsciente, com seus eus enterados e esquecidos.

Amon (Eg.): Um nome do Sol em **Amenti**. O Deus Oculto.

Amrit (Sct.) Em um contexto religioso, "néctar dos deuses"; em termos mágicos, um elixir que emana dos **kalas**.


Ankh-af-na-Khonsu (variação: *Ankh-f-n-Khonsu*): Khonsu, literalmente “viajante do céu noturno”, isto é, a lua; assim, Ankh-af-na-Khonsu significa a vida ou criança da lua. Crowley clama ter sido essa “criança da lua” na XXVIª Dinaastia, quando, como um sacerdote com esse nome, ele reviveu temporariamente o Culto Draconiano de Sebek-Rá, ou Set.

Anti-horário: Oposto ao sentido do relógio; as danças circulares das bruxas iam ao contrário do caminho do sol, isto é, elas seguiam o caminho da corrente lunar. Crowley defende que a dança anti-horária é tremendamente potente para invocar forças cósmicas e elementais: “Certas forças de caráter formidável podem ser invocadas por circum-ambulação Anti-Horária, quando realizada com essa intenção ... Dessas forças, Tífon é o modelo, e a guerra dos Titãs contra os Olímpianos é a lenda” (*Magick*, p. 208). Teita, que tem em grego o valor numérico de 666, é a forma caldeia de **Shaitan**. O sentido anti-horário é o oposto do horário, a direção do caminho do sol. [N.T.: Vide nota 3, p. 148.]

Anúbis : O guia com cabeça de cão ou chacal dos “mortos” em **Amenti**. Essa forma-deus pode ser vista no fragmento de sarcófago ilustrado no texto (Lâmina 4).

Anuttara Amnaya (Sct.): A Tradição Tântrica Suprema ou Definitiva.

Apófis (Eg.): A Serpente ou Dragão que representa o poder negro da escuridão ou da Noite, o campo de interação entre as energias polarizadas representadas por I e O na fórmula IAO.

Aquário: O décimo primeiro signo do zodíaco. É governado por Saturno, o representante planetário de **Set**. A polarização dos fluxos gêmeos de energia mágica, anodo e catodo, é simbolizada pelo emblema duplo da água, que serve de signo zodiacal para Aquário: 

Ardhanareswara (Sct.) A divindade biúna dos Hindus. **Shiva** e **Shakti** combinados em uma só imagem.

Ares: A forma grega de **Hórus**.

Arghya (Sct.) A Arca ou receptáculo do poder criativo. Esse termo se relaciona especialmente com a A.:A.:. Vide observações no Capítulo 4.

Áries: Uma forma de **Ares**. **Áries** é representado no zodíaco pelo carneiro, um glifo de Amon-Rá (O Sol Oculto), uma forma posterior de Sebek-Rá, ou **Set**.

Asar-Un-Nefer (Eg.): Perfeito Autorrealizado, um título do espírito Osirificado ou aperfeiçoado em **Amenti**.

Assiah (Heb.): Um dos Quatro Mundos do Sistema Qabalístico. **Assiah** é o mundo material. Seu equivalente no sistema Hindu é **Jagrat**.

Atman (Sct.): O Eu, distinto do ego; consciência cósmica e eterna, em oposição à consciência individual e efêmera.

Atu (Eg.): Casa, célula, divisão. Um termo usado no ocultismo para representar as vinte e duas chaves ou trunfos do Livro de Thoth (**Tarô**).

Avatar (Sct.): A encarnação de um ser divino ou deus em forma humana ou animal.

Ayin (Heb.): A décima sexta letra do alfabeto Hebreu e Caldeu. **Ayin** significa "um olho", e está ligado ao Atu XV, O *Diabo*; o "olho" é o "Olho de Set", que é o portal secreto do poder representado pelo XI° O.T.O.

Babalon : A ortografia curiosa se origina do *Liber 418*, pois **Babalon** é a fórmula de Babilônia, a Mulher Escarlate do *Apocalipse* antes da Grande Prostituta ter se tornado o bode expiatório dos

cultos paternalistas Osirianos posteriores. O valor qabalístico de Babalon é 156, que é o número de santuários na **Cidade das Pirâmides** e do Monte Sagrado do Sião.

Bacchus Diphues: A forma de natureza dupla de Baco; bissexual, ao invés de hermafrodita.

Baphomet : O Ostinomos ou fórmula óctupla do Poder Mágico com a qual Crowley se identificava como o Cabeça Externo da O.T.O. Dizia-se que a forma-deus de Baphomet era adorada pelos Templários na forma de um bode.

Besta 666, A: O título assumido por Crowley quando alcançou o Grau de Magus, 9º = 2ª A.:A., em 1915. Para um significado esotérico dessa expressão, vide Capítulo I. Como no caso de **Babalon**, A Besta foi erroneamente interpretada no *Apocalipse* pois seus compiladores haviam perdido contato com a gnose genuína.

Beth (Heb.): A segunda letra do alfabeto hebraico. É atribuída a *O Mago* no **Tarô**, e ao 12º Caminho da Árvore da Vida.

Bhaga (Sct.): O órgão gerador feminino.

Bhaiwavas (Sct.): Literalmente, Os Destemidos; um termo aplicado aos Tântricos que seguem a adoração de **Kali** e realizam seus ritos no crematório (*smashanam*), cercados por çacais e hienas. Esotericamente, os Adeptos do Caminho da Mão Esquerda que usam substâncias normalmente consideradas impuras em seus ritos. A ciência dos Bhairavas trata do órgão genital feminino e de suas secreções em relação às fórmulas mágicas da **Corrente Ofidiana**.

Bija (Sct.): Raiz ou Semente.

Binah : A terceira sephira da Árvore da Vida. É atribuída a Saturno, à Grande Mãe Deusa, e é às vezes conhecida como a **Cidade**

das Pirâmides, a primeira cidade que o peregrino adentra após atravessar o Abismo. Vide **Abismo**.

Bindu (Sct.): Ponto; o ponto infinitamente pequeno, embora supremamente potente, dentro do Círculo do Infinito.

Preto : A cor atribuída ao sexo. Vide **Kem**.

Caim : Filho de Adão com **Lilith**.

Caos (Gn.): A substância infinitamente plástica da qual emergem todas as manifestações. Crowley o identifica com **Aiwaz**. É a matriz Gnóstica de manifestação.

Caminho da Mão Esquerda: Vide **Vama Marg**.

Cáris (Gn.): A “Salvadora” feminina. O protótipo do “Cristo” de cabelos compridos dos Mistérios posteriores. Equivalente ao **Taradravamayi** Hindu.

Capricórnio : O décimo signo do zodíaco. O Bode é relacionado a O *Diabo* no **Tarô**, e também a **Baphomet**. O significado esotérico de Capricórnio é escondido pelo número da letra atribuída a ele; *Ayin*, 70. *Ayin* significa “um olho”, e fica implícito que é o Olho de Set.

Chaaya (Sct.) A sombra ou duplo. Em um sentido mágico, a halacção da **Kundalini** erguida. Vide Capítulo 11.

Chakra (Sct.): Roda, disco, círculo. Um termo usado para indicar uma das zonas de poder no corpo sutil criado pela atividade da **Kundalini**. Há seis principais chakras, dois dos quais (o **Muladhara** e o **Ajna**) são de suprema importância para a ciência Tântrica dos **Kalas**.

Chandra (Sct.): Lua.

Chandrabindu (Sct.): Literalmente, semente da lua.

Chandrakala (Skt.): A essência ou raio supremo ou definitivo da Lua. Vide Capítulo 7.

Cheth (Heb.) A oitava letra do alfabeto Hebreu. É de grande importância no Culto de Crowley porque, escrita por extenso, sua numeração é 418, o número da **Grande Obra**. Cheth, 8, é atribuído ao signo zodiacal Câncer e ao Graal de **Babalon**.

Chokmah: A segunda sephira da Árvore da Vida. É a Esfera das Estrelas (vide **Kalas**), e é atribuída ao Magus 9º = 2º A.:A.:.

Cidade das Pirâmides : Uma designação de **Binah**, a terceira sephira.

Círculo Kaula : O Chakra Mágico ou zona de poder formado pelos devotos de **Kali** com o objetivo de gerar energias mágicas para propósitos ocultos. O Círculo Kaula ou Kala é, mais especificamente, a yoni de **Kali**, a morada das flores, perfumes ou essências vitais usadas em cerimônias mágicas.

Corrente Ofidiana: As energias sexuais usadas em conexão com ritos mágicos ou místicos, isto é, para fazer com que mudanças ocorram no mundo “externo” e/ou para transformar o universo “interior”. Corrente Draconiana, Corrente Tifoniana, Corrente 93, etc., são expressões cognatas, embora possuam implicações um tanto mais específicas.

Culto Draconiano: O Culto de **Set**, cujo veículo é a Estrela Canícula, **Sothis**, a “Alma de Ísis”. Com sua mãe, Ísis, representada pelas sete estrelas da *Ursa Maior*, Set era a oitava, e a primeira divindade masculina a ser adorada. Cf. *AL*, II, 15: “eu sou oito, e um em oito”. Set, como o último dos oito, era a Luz da altura, do topo, a Luz suprema; assim, ele era adorado como o filho por trás do (isto é, anterior ao) sol.

Daäth (Heb.): Conhecimento: a criança de **Chokmah** e **Binah**. Vide o Diagrama da Árvore da Vida, p. 4. Daäth é às vezes cha-

mada de sephira (plural **Sephiroth**) “falsa” ou undécima, por ser o assento do conhecimento conceitual, em oposição ao Conhecimento Absoluto. Vide **Gnose**.

Dakini(s) (Tib.): As *shaktis* ou poderes subconscientes que se manifestam no Adepto durante o curso de seus ritos na forma de bruxas ou terríveis demônios fêmeas.

Dakshinakalika (Sct.): A deusa **Kali**, Aquela além do Tempo; às vezes chamada **Smashanamkalika**. Seu *yantra* é mostrado na Lâmina 6; seu *mantra* está concentrado na forma-semente de *Krîm*; seu *tantra* envolve o uso da **Corrente Ofidiana**, da qual trata este livro.

Dakshina Marg (Sct.): *Dakshina*, “direita”; *Marg*, “caminho”. *Dakshina* também significa “sul”, portanto *Dakshina Marg* é o Caminho do Sol, assim como **Vama Marg**, o Caminho da Mão Esquerda, é o da Lua.

Dharana (Sct.): Concentração de energia mental em um ponto.

D'mammu : Um termo africano que significa uma “efígie de sangue”. Cf. o *DM* hebreu, sangue, e *ADM*, Adão, Homem. O *D'mammu* era o “Retrato” do morto, feito da substância vermelha da criação ou pintado para lembrar carne e sangue. Assim, o *D'mammu* era a forma mais antiga da múmia, uma efígie literal do morto na terra, que vive como um “ka” (espírito” em **Amenti**.

El Shaddai (Heb.): O deus estelar primordial dos caldeus, substituído pelos judeus por Jeová quando o culto solar ou paternalista superou o da Lua e das Estrelas. El Shaddai é Al Shaitan, o Set ou Assento de Poder adorado na mais remota antiguidade.

Electrum Magicum : Uma liga dos sete metais sagrados. Crowley descreve sua composição em *Magick*: “Primeiro derrete-se o ouro com a prata durante um aspecto favorável do sol e da lua; esses são então fundidos com estanho quando Júpiter estiver bem

dignificado. Chumbo é adicionado em um Saturno auspicioso; e assim por diante com o mercúrio, cobre e ferro, quando Mercúrio, Vênus e Marte estiverem com bons augúrios” (*Magick*, p. III).

Elixir Rubeus : Crowley usava esta expressão para denotar o sumo lunar ou corrente lunar manifesta periodicamente através da **Mulher Escarlate**.

Emkara (Sct.): Vide **Omkara**.

Escorpião : O oitavo signo do zodíaco. Resume a fase catabólica da Corrente Ofidiana, assim como Capricórnio resume a anabólica. O significado especial de Escorpião é explicado nos Capítulos 2 e 7.

Estrela de Prata, A : Vide A.:A.: Os dois principais símbolos do Culto de Thelema são a Estrela e a Serpente – a Estrela é Sothis (Sirius), a Estrela de Set; A Serpente é a Serpente de Fogo, **Kundalini**, cuja fórmula do despertar está contida no nome de Set. Vide **LASH TAL**.

Estrela Flecha: A Flecha é o símbolo de **Nuit**, e um de seus nomes é “Aquela que dispara”; essa é a Estrela de **Sothis, Sirius** ou **Set**.

Fênix : O Pássaro Benu, ou Pássaro do Retorno, um símbolo dos ciclos recorrentes do tempo. A antiga constelação da qual **Sirius**, a estrela de **Set**, era a principal estrela, recebia o nome de Fênix. Essa constelação provavelmente correspondia ao complexo de estrelas atualmente conhecido como Cisne e Águia. Phoenix [N.T.: *Fênix*] era o título secreto de Crowley como o Cabeça Interno da O.T.O. (Vide *O Renascer da Magia*, Capítulo 1).

Geburah (Heb.): *Geburah* (Força) é a quinta sephira da Árvore da Vida, atribuída a Marte. *Geburah* é também chamada de *Pachad* (terror), o que sugere o Deus Pã e a natureza peculiar da força e terror associados a esse deus.

Gimel (Heb.): Literalmente, “um camelo”. A terceira letra do alfabeto Hebraico; é atribuída ao Caminho da Alta Sacerdotisa que atravessa o deserto do **Abismo** e liga a consciência humana diretamente com o divino, o Filho (**Tiphereth**) com o Pai (**Kether**).

Gnose: Conhecimento, *Jnana*; isto é, Conhecimento do Real, em oposição ao irreal. Não o conhecimento conceitual dos fenômenos (aparências), mas a apreensão percebida do nùmeno.

Goetia: Uma forma peculiar de mágička envolvendo a penetração de camadas subconscientes, a morada de “espíritos” e “demônios” que representam energias biológicas primordiais desassociadas da onda vital humana. *Goetia* significa “uivar”, o que descreve bem a forma de evocação de atavismos bestiais pela Fórmula do **Macaco Divino**.

Grande Obra, A: Este é um termo essencialmente Alquímico, e denota levar uma substância ou energia ao mais completo grau de energia ou perfeição possível. A dita transmutação do metal ordinário em ouro é o exemplo típico. No Culto de Crowley, a Grande Obra implica a união do cinco com o seis (ou seja, homem e deus, mulher e homem, besta e anjo, etc.), possibilitando assim que a humanidade atinja consciência cósmica. O 5 e o 6, o Pentagrama e o Hexagrama, formam juntos a Estrela Undécupla, que é o Selo da A.:A.:. Na Aurora Dourada, a Cerimônia do 5º=6º confirmava (ou deveria confirmar) no Candidato a realização do Conhecimento e Conversação do **Sagrado Anjo Guardião**.

Guedé (Cr.): O equivalente Vodou de *Khonsu*; sua mágička é realizada no momento da Lua Nova, o sol noturno nascente. *Guedé* resume as correntes gêmeas de sexo e morte; é uma forma de Baron Samedi, o deus das encruzilhadas (*Carfax*).

Had (Ca.): Vide **Hadit**.

Hadit (Ca.): A forma caldeia de **Set**. Hadit representa o ponto ou *bindu* infinitesimalmente pequeno, embora supremamente poderoso, que, em união com **Nuit**, gera o Universo manifesto (**Ra-Hoor-Khuit**).

Harpócrates (Gr.): Uma forma de **Hoor-paar-kraat**.

Herakhaty (Gr.): Outra forma de **Hoor-paar-kraat**.

Hércules: A versão grega de **Hórus**.

Heru (Eg.): **Hórus**. Heru é o herói prototípico; como **Heru-Ra-Há**, representa a luz e a energia do sol.

Heru-Ra-Há (Eg.): A respiração (*bá*) ou energia do Sol; representado por **Hórus**.

Hoor-paar-kraat (Eg.): **Hórus Criança**. O deus anão identificado por Crowley com as energias fálico-solares do subconsciente, cujo “ministro” é **Aiwass**. Hoor-paar-kraat é o gêmeo ou duplo de **Ra-Hoor-Khuit**, o Universo manifesto. Sua fórmula é o Silêncio de **Set**, que precede a vibração ou “palavra” de **Hórus**.

Hórus: O filho e vingador de **Osíris**, que foi assassinado pelo irmão gêmeo, ou duplo sombrio, de **Hórus**, **Set**. O significado esotérico da lenda é explicado no Capítulo 10. Como a reencarnação de seu pai **Osíris**, cujo reino terminou em 1904, **Hórus**, como **Ra-Hoor-Khuit**, **A Criança Coroada e Conquistadora**, é o Senhor do atual ciclo ou aeon, que durará por mais dois mil anos. É significativo que *AL* tenha sido comunicado a Crowley por uma entidade que se descrevia como o “ministro” de **Hoor-paar-kraat** (isto é, **Set**).

IAO (Gn.): A Divindade Suprema dos Gnósticos. No Culto de Crowley, essa fórmula evoluiu para **FIAOF** (vide *Magick*, pp. 166 *et seq.*). **IAO**, as iniciais de **Ísis**, **Apófis**, **Osíris**, também representa uma fórmula secreta na qual o falo (I) e o kteis (O) se unem sob

uma forma de Apófis (A), a vibração da **Corrente Ofidiana**. A reificação correspondente das tensões na luz astral encarnam a imagem da Verdadeira Vontade, ou, no sistema de Spare, “o sonho inerente”.

Iazidi : Os adoradores de Shaitan na Baixa Mesopotâmia. Era a Tradição Suméria antiga que Crowley restaurou em seu culto a Shaitan-Aiwass, após ter livrado a corrente das qualidades negadoras da vida com as quais o Aeon de Osíris (representado pelo Cristianismo) a contaminou.

IHVH (Heb.): Vide Capítulo 10. A sagrada Palavra quádrupla e Nome impronunciável dos hebreus, normalmente mencionado como Jeová. Qabaliísticamente igual a vinte e seis, a enumeração total dos números das Sephiroth do Pilar do Meio da Árvore da Vida, IHVH representa a corrente predominantemente masculina que substituiu a de **El Shaddai** quando o culto estelar foi sucedido pelos cultos lunissolares posteriores. Como uma fórmula mágica, IHVH representa todo o curso da criação; I, atribuído ao Fogo e ao Falo, o Pai; H, à Água e ao Kteis; V, ao filho resultante da união de I e H; H (final) à filha ou manifestação plena da fórmula como fenômenos concretos e objetivos.

Ipsissimus : Literalmente, “Seu próprio eu”, o Atman dos Hindus. **Kether** é a Esfera do Ipsissimus (vide Diagrama, p. 51, a Árvore da Vida). No sistema Hindu, um *Paramahansa* é alguém que atingiu o mais elevado grau de iluminação espiritual, e corresponde ao Grau de Ipsissimus $10^0=1^0$, na Tradição ocidental. Crowley descreve a si mesmo como um *Paramahansa* em seu *Eight Lectures on Yoga* [N.T.: *Oito Sermões Sobre Yoga*], publicado pela O.T.O. em 1939 (vide o frontispício deste livro).

Ísis: A esposa de Osíris e a mãe de Hórus. Ela representa a Natureza, assim como sua irmã, Néftis, representa a Arte, ou Mágicka. Sua combinação, **Nu-Isis**, ofusca a perfeição da Natureza pela in-

fluência da mágička; em termos Alquímicos, a transmutação do metal ordinário em ouro.

Jagrat (Sct.): O estado desperto da consciência, no qual o mundo mundano dos objetos aparenta ser experimentado (vide *Swapna*).

Japa (Sct.): Repetição constante de uma mística ou *mantra*, cujas vibrações alteram a composição do corpo sutil.

Kailasa Prastara (Sct.): Uma expressão que denota a fórmula Tântrica na qual a sacerdotisa assume o papel elevado ou dominante (simbolizado pelo Monte Kailas, um pico no Himalaia). Seu análogo no Culto de Thelema é representado pela postura de Nuit na *Estela da Revelação*. O *Kailasa Prastara* é a fórmula da obtenção do elixir da vida das sacerdotisas tumescentes durante a prática de *Viparita Karani*.

Kaivalya (Sct.): Somente a deusa **Kali** concede *Kaivalya*, ou libertação suprema da consciência da escravidão da existência corporificada (isto é, individualizada).

Kala(s) (Sct.): Um termo cheio de significados nos Tantras, *kala* significa tempo, uma estrela, um perfume, essência, unguento, etc. É a origem de **Kali**, deusa do Tempo; e a origem de nossa palavra *calendário* pode ser oriunda deste conceito. Nos Tantras, se refere em especial às vibrações vaginais trazidas por uma intensificação de procedimentos rituais durante a realização dos ritos Kaula. Vide *Círculo Kaula*.

Kalavidya (Sct.): A ciência dos **Kalas**.

Kali: A deusa Tântrica do Tempo ou dos Ciclos. Ela representa a concentração massiva de **kalas**; sua yoni se assemelha ao crematório (*smashanam*), onde todo o desejo se extingue e onde seus devotos se libertam do tempo, isto é, os ciclos recorrentes de existência corpórea. Seu *yantra* é mostrado na Lâmina 6.

Kalika: Kali na forma da letra “k”, que é um glifo da yoni e a letra atribuída à mágička sexual; o que é uma das razões para Crowley usar um “k” em sua forma de escrever *mágicka*.

Kalpaka (Sct.): Literalmente, “o modelador do mundo”.

Kama (Sct.): Desejo, paixão sexual.

Kamakala (Sct.): O **kala** ou essência do desejo. Tecnicamente, a **trikona** ou triângulo que representa a yoni da deusa que contém as essências vermelha, branca e miŝta, ou **tribindu**.

Kamrup (Sct.): A forma ou imagem do desejo. O principal *chakra* terreno ou zona de poder da Deusa; situado em Kamarupa, em Assam. De acordo com tradição Tãtrica, Kamarupa é a yoni da terra, e o local da menstruação macrocós mica.

Karezza : Uma forma antiga de magia na qual a energia é ampliada por estímulos eróticos e direcionada a fins ocultos, sem liberação de fluidos sexuais. Foi defendida no ocidente por Thomas Lake Harris (1823-1906), que a adaptou a partir de certas práticas Tãtricas.

Karpuram (Sct.): Cãnfora, o incenso sagrado para Shiva. Vide **Shukra**. O significado esotérico de *Karpuram* pode ser encontrado no Capítulo 8.

Katesh (Ca.). Vide **Qatesh**.

Kem (Eg.): Literalmente, preto. *Kem* também significa o poder fálico, de onde vem a associação do negrume com o sexo, e a razão para Osíris ser descrito como um “deus negro”, ou seja, um deus de geração oculta, escondida na escuridão de **Amenti**; uma forma de Deus Oculto. *Kem* era o nome antigo para o Egito, e Alkhem, ou Alquimia, era originalmente arte “negra” que se surgiu naquela terra.

Kether (Heb.): A Coroa. A primeira sephira da Árvore da Vida. A Esfera do **Ipsissimus**.

Khart (Eg.): A Criança, representada por Har-pi-Khart, Hórus criança. Em um sentido místico, o *khart* é a operação silenciosa da vontade formulando sua imagem no mundo invisível conforme a “criança” é gerada. Depois de um período de gestação, a criança aparece, “coroada e conquistadora” (**Ra-Hoor-Khuit**); isto é, se manifesta em aparência visível no mundo objetivo. Assim a “criança” mágica é um resultado da mágička sexual.

Khu (Eg.): O poder mágico por excelência. Cf. *AL*, I, 8-9: “O Khabs está no Khu, não o Khu no Khabs. Venerai então ao Khabs, e vede minha luz que irradia sobre vós!”. A Estrela é **Set**; portanto, ao adorar (ou seja, usar a fórmula de) **Set**, o poder mágico é invocado.

Kirtana (Sct.): A música e a dança que acompanham a celebração dos ritos religiosos dos Vaishnavitas (adoradores de Vishnu, Krishna, Mahadevi, etc.).

Krîm (Sct.): A concentração de **Karpuram** produz *Krîm*, o *bija-mantra* de **Kali**. Vide Capítulo 8.

Krishna: A divindade suprema dos Vaishnavitas. Krishna é adorado em conjunto com **Radha**, sua consorte, que representa o poder evolutivo ou **shakti** da consciência pura. **Shiva** está para **Shakti** assim como Krishna está para **Radha**.

Krut (Eg.) Vide **Khart**.

Kteis (Gr.): O órgão feminino de geração, que, em conjunto com seu complemento, o Phallus, ou Falo, forma a base fisiológica da **Corrente Ofidiana**.

Kulacara (Sct.): O Caminho de Kula (*kala*). Vide **Kala(s)**.

Kumbhakam (Sct.): Suspensão da respiração na prática yóguica.

Kundalini (Sct.): A Serpente de Fogo encaracolada na base da espinha; normalmente dormente no indivíduo não desperto. Há muitas formas de despertar essa deusa, que é o poder mágico supremo no homem. Vide Capítulo 7.

Kusuma (Sct.): Literalmente, “flor”. Esse nome é particularmente reverenciado em Bengala, onde é identificado com a **shakti** de Thakur Haranath, um avatar do século vinte de Krishna, Senhor do Amor Divino. **Japa** do **mantra** *Kusuma-Haranath* refina o corpo sutil a um ponto em que ele pode se dissolver por completo no puro êxtase da união com **Krishna**.

LASH TAL: A fórmula básica do **Novo Aeon**, e de toda a mágica sexual. **LA** (**Nuit**) se une com **AL** (**Hadit**), e o campo de sua interação é **ShT** (**Set**), a Serpente de Fogo. (A letra **Sh** = Fogo, **T** = Serpente.) O valor qabalístico de **LASH TAL** é 93, que equivale a **Aiwaz**, o Logos do **Novo Aeon**, e com **Agapé/Thelema**, a fórmula do “amor sob vontade”.

Leão: O quinto signo do zodíaco aparece na forma de uma cauda de leão (♌), que é emblemática do calor ou cio (macrocósmico) do verão. No microcosmo, representa o cio sexual, simbolizado pela grande felina ou leoa **Sekhet**. Isso foi transportado para os Tantras como a ideia de **Shakti**, ou poder mágico oculto.

Lingacara (Sct.): O Caminho de Lingam. A adoração da **Shakti**, ou poder, em sua forma masculina (isto é, o lingam) veio após o da **Yoni** (vide **Yonicara**), quando se percebeu que a intervenção masculina era necessária para a concepção e geração física. O amargo antagonismo entre os *lingacaras* e os *yonicaras*, os *Sharvitas* e os *Shakteyas*, foi a principal causa de contendas entre facções religiosas rivais ao longo da história. Um pálido reflexo dessa disputa ainda sobrevive nas querelas intermináveis entre os elementares Protestantes e Católicos do Cristianismo histórico.

Loa (Cr.): Um termo Vodou que significa “deus”, “espírito” ou “anjo guardião”.

Loja Nova Ísis : Uma Loja da O.T.O. operada por Kenneth Grant por sete anos (1955-62), com o objetivo de transmitir o Conhecimento Mágico de Nu-Isis. Vide Capítulo 10.

LVX (Gn.): Luz, isto é, a Luz da Consciência, na qual ocorre a aparência fenomenal de todo este mundo.

Maat : A deusa egípcia da Verdade e Justiça. Seu nome significa “medida” ou “verdade”; nossa palavra *matemática* deriva dela.

Macaco Divino, Fórmula do : Ao “macaquear” a forma-deus do atavismo mágico necessário, o Adepto adquire o poder que ele representa. Vide Capítulo 8.

Madya (Sct.): Vinho. Um dos ingredientes do rito secreto dos cinco elementos ou *pañchatattvas*.

Mahachakra (Sct.): Lótus Grandioso ou Perfeito. A flor que simboliza **Kali**, a flor ou fluente perfeita, a imagem da periodicidade e consciência contínua.

Mahamudra (Sct.): O Selo Grandioso, a Postura Grandiosa, a Mulher Grandiosa. Esses termos, de acordo com o contexto, descrevem a sacerdotisa em várias etapas de sua manifestação de *Mahakali*, a Grande Deusa.

Mahapralaya (Sct.): A grande absorção de imagens no sono cósmico. No fim de um *kalpa* ou era, a deusa suprema (**Kali**) retira todas as imagens que ela, como o Tempo, projetou na tela do espaço durante sua fase ativa de manifestação. Um período de *laya* cósmico, equivalente ao estado microcósmico de sono profundo (**sushupti**) ocorre em seguida, durante o qual a criação é absorvida de volta à sua fonte antes de um novo despertar, um novo *kalpa*.

Mahashakti (Sct.): Poder Grandioso.

Mahavakya (Sct.): Literalmente, “Grande Palavra”. Os escritos sagrados dos Hindus (*Upanishads*) contém quatro frases principais que concentram a essência da Verdade a respeito de *Brahman* (Consciência Pura), sendo todo o corpo de escritos sagrados uma explicação, em inúmeros níveis, desses *mahavakyas*.

Maithuna (Sct.): Cópula, união, congresso. Nos Tantras, *maithuna* conota intercurso sexual, quer seja simbólico ou de fato. *Maithuna* é um dos cinco **makaras**.

Makara (Sct.) Há cinco *makaras* conhecidos como os **panchamakaras** ou **panchatattvas** (cinco verdades, elementos, princípios). São conhecidos como os Cinco Ms: **madya** (vinho), **mamsa** (carne), **meena** (peixe), **mudra** (atitudes), **maithuna** (congresso). Os Tantras trazem um significado especial e secreto ao termo *makara*. De acordo com os comentaristas Tâmile, *makara* é um fluido rejuvenecedor e prolongador da vida, obtido das mulheres enquanto em um estado de transe ou êxtase magicamente induzido. Na mitologia Hindu, *makara* é o crocodilo, símbolo de **Sevekh** ou **Set**. Equivale ao símbolo zodiacal de Capricórnio. Sua imagem é ostentada no estandarte de Kama-deva, o deus do desejo.

Mamsa (Sct.): Carne. Um dos Cinco Ms. Vide **Makara**.

Manjari: Um termo usado por **shaktas** de Bengala para denotar a companheira feminina cuja companhia é um adjunto essencial da cultura espiritual.

Mantra, Mântrico (Sct.): A vibração manifesta do som sutil na forma de uma palavra (ou série de palavras) que, ao reverberarem constantemente, transformam a constituição da consciência individual. *Mantra* é o “som” equivalente ao **Yantra**, e o **Tantra** é sua forma de precipitação.

Marma (Sct.): A interseção de três linhas no diagrama conhecido como **Sri Chakra** (vide Lâmina 5) denota um *marma* ou zona de poder no corpo sutil do humano. Vide também **Sandhi**.

Marte: O equivalente romano ao “deus” Hórus, embora mais limitado em seus significados e aplicações como fórmula mágica. Vide observações sobre Marte no Capítulo 4. Vide também o Capítulo 10 para o papel da corrente Marciana no **Novo Aeon**.

Maya (Sct.) O poder sutil da consciência cósmica que faz com que o universo de imagens subjetivas objetivadas pareça real. Assim, a palavra conota “glamour”, “ilusão”, e é a raiz da palavra *magia*.

Misra Kala (Sct.): A essência ou semente (*kala*) *mišta* (*misra*). Um dos três **bindus** (vide **Tribindu**).

Mudra (Sct.): Cereal, grão seco, atitude, postura, selo, mulher; a palavra tem todos esses significados. Também tem um significado esotérico como um dos Cinco Ms. Vide **Makara**.

Muladhara Chakra (Sct.): O primeiro dos **Shatçhakras**, e a morada da Serpente de Fogo.

Mulher Escarlate: Esse termo tem uma conotação especial no Culto de Shaitan-Aiwass, onde equivale à sacerdotisa de Kali, deusa do tempo e dos ciclos, cujo símbolo é o hibisco escarlate ou rosa da China. Vide também **Babalon**.

Nadi(s) (Sct.): Diz-se que há 72.000 centros nervosos, ou *nadis*, no corpo sutil do homem. Os três principais são *Sushumnanadi*, *Pingalanadi* e *Idanadi*, que transmitem as energias da Serpente de Fogo, do Sol e da Lua, respectivamente.

Nitya(s) (Sct.): Os *Nityas* são os dias ou dígitos da dupla lunação. Há dezesseis divindades *Nitya* presidindo os dias da quinzena clara e outras dezesseis presidindo os da quinzena escura. O *Ni-*

tya adicional em cada grupo é atribuído a um único dígito lunar, somando assim um total de trinta, e não trinta e dois dias em um mês. Vide o Capítulo II.

Nivritti (Sct.): O objetivo de toda cultura espiritual, ou Yoga, é erradicar os *vruttis* (tendências mentais), e muitos são os métodos defendidos. O sucesso em qualquer um deles leva ao *nivritti*, ou cessação das tendências mentais, isto é, construtos de pensamentos, conceptualizações, etc. A libertação da escravidão da consciência individual é, assim, alcançada.

Nodens: O Deus das Profundezas, ou do Abismo, e, de acordo com H. P. Lovecraft, “o único Deus Ancião nomeado”. Essa divindade sobreviveu nos tempos romanos, e era adorada nas ilhas da zona de poder terrestre, ou **chakra**, situada em Lydney, em Gloucestershire.

Novo Aeon : Um termo usado por Crowley para denotar o ciclo ou era atual, que durará por aproximadamente 2.000 anos, que está sob a égide do “deus” **Hórus**. O Aeon de Hórus começou em 1904, quando *AL* foi transmitido a Crowley por uma Inteligência extraterrestre chamada **Aiwass**. Vide as obras de Crowley para uma explicação completa a respeito do Aeon de Hórus.

Nox : Noite. Um nome secreto para a Deusa que, sem sua forma simbólica, representa a Marca da Besta: ☉, motivo pelo qual Nox é às vezes chamado de a Noite de Pã.

Nu-Isis : Um termo que denota o circuito livre ou polaridade das correntes celestial (Nu) e terrestre (Isis), que se manifesta através dos terminais gêmeos do sexo, assim criando um vórtice que encarna forças cósmicas de potencial super-humano.

Nuit : Deusa do céu noturno, frequentemente representada pelos antigos egípcios na forma de uma mulher arqueada sobre a terra, com seu corpo coberto de estrelas. Essa representação é de vi-

tal importância no Culto de Thelema. Vide *A Estela da Revelação* (Lâmina 7, *O Renascer da Magia*).

Nun (Heb.): A décima quarta letra do alfabeto hebreu; representa o número cinquenta, ou, se estiver no fim de uma palavra, setecentos. *Nun* significa um “peixe”, e a essa letra atribui-se a corrente estelar de **Escorpião**, na qual **Marte (Hórus)** é exaltado, com sua fórmula de umidade e putrefação. No **Tarô**, seu Atu correspondente é o de número treze, intitulado *A Morte*.

Obeah (Cr.): Derivado da raiz africana *Ob*, significando “serpente”, Obeah é uma forma especializada da Corrente Ofidiana, usada principalmente na Jamaica.

Octinomos (Gr.): O Mestre Magista é aquele que possui o Nome de oito letras, isto é, Baphomet. Crowley assumiu esse título em seu ofício como Cabeça Externa da Ordem da O.T.O. Para o significado mágico do número oito, vide **Culto Draconiano**.

Ojas (Sct.): Energia eletromagnética peculiar aos **chakras** ou zonas de poder, quando vitalizados pela Serpente de Fogo.

Olis (Sct.): Métodos físicos de obter longevidade, vitalidade aumentada, assim como de erguer a **Kundalini**, entre os quais dois são fundamentais – *Sahajoli* e *Vajroli*. Vide o *Hathayoga Pradipika*, o *Shiva Sanhita* e outros textos sobre yoga.

OM : O bija-mantra ou vibração raiz da criação. Em sua forma hieroglífica, ☉, é o número 30, significando a completude de um ciclo e, portanto, a perfeição, sobreposto por ou sujeito à influência do *chandrabindu*, a corrente lunar impregnada pela semente criativa. Em sua forma mais completa, OM é escrito como AUM, com as três letras representando os três estados da consciência – *jagrat*, *swapna* e *sushupti*.

Omkaara (Sct.): A sílaba mística **OM**.

Ordálio do Abismo: Vide **Abismo**.

Ordo Templi Orientis (O.T.O.): A Ordem do Tempo do Oriente, sendo o Oriente o local de ascensão do poder fálico-solar. Vide *O Renascer da Magia* para dados históricos. Crowley assumiu controle da O.T.O. após a morte de Theodor Reuss. Foi a primeira grande Ordem de antiguidade a aceitar a Lei de Thelema.

Orus (Gr.): Uma forma de **Hórus**. Cf. Ares, Áries, etc.

Osíris : O “Deus Negro” dos Mistérios egípcios, que simboliza o poder gerador operando na escuridão de **Amenti**. Em termos mágicos: o Deus Oculto que infunde o sigilo com vitalidade na escuridão e no “esquecimento” do subconsciente. Na mitologia, é o pai de **Hórus**, o resultado de suas maquinações em **Amenti**, e o touro de Ísis. Vide Capítulo 10 para a interpretação iniciada do mito de Ísis e Osíris.

O.T.O. : Vide **Ordo Templi Orientis**.

Oz (Heb.): Força; também “um bode macho”. Oz equivale a 77, que é o número de MZL (Heb.), a qual é, portanto, qabalisticamente equivalente. MZL (*Mezla*) é a Influência de **Kether**, ou, mais precisamente, da esfera de **Nu-Isis**, da qual Kether é o foco.

Pã (Gr.): Literalmente, “Tudo”. Cf. latim *Omne*, sânscrito *Aum*, egípcio **Amon**, hebraico Amen; todas são designações do Deus Oculto da floresta, do Abismo, das profundezas, do submundo; qualquer região afastada e fora do alcance da consciência desperta.

Pançhamakaras (Sct.): Os Cinco Makaras, normalmente chamados de os Cinco Ms. Vide **Makara**.

Pançhatattvas (Sct.): As Cinco (*pancha*) essências, elementos, princípios ou verdades (*tattvas*). Outro nome para os Cinco Ms. Vide **Makara**.

Parampara (Sct.) Linhagem espiritual, aplica-se a uma dada hierarquia de professores religiosos ou mágicos (*gurus*). Sucessão apostólica é uma ideia cognata.

Partenogênese (Gr.): Nascimento virgem.

Peixes : O décimo segundo e último signo do zodíaco. Tem um significado especial em conexão com a fórmula do Aeon passado, por sua associação, pela décima oitava Chave do **Tarô**, com a Lua. A letra **Qoph** é atribuída a Peixes, e sua esfera de operação na Árvore da Vida é o 29º Caminho, o plano dos fantasmas e fenômenos ilusórios.

Peri-em-hru (Eg.): Literalmente, “Sair Para o Dia” ou “Sair Hoje”. O nome dado pelos antigos egípcios ao Ritual que possibilitava ao morto emergir de **Amenti** para realizar seu prazer na terra entre os vivos. Há várias versões e revisões deste Ritual; elas são conhecidas, coletivamente, como *O Livro dos Mortos*.

Plutão : O Guardião do Pilone do Grande **Abismo**. Plutão é atribuído a **Kether**, o posto avançado do sistema solar e, por consequência, de tudo que conhecemos. Plutão está ocultamente conectado com Escorpião e, portanto, com Marte (Hórus), e também com Capricórnio e Câncer. Vide Capítulo 10. A forma-deus de Plutão é o cão, que o equivale ao deus do submundo (em inglês, *dog – cão – é god – deus – invertido*). Cf. *AL*, II, 19; também Set-An(úbis), o guia das almas em **Amenti**, com cabeça de cão ou chacal.

Poder da Serpente : Vide **Kundalini**.

Prana (Sct.): Energia mágica, normalmente considerada como a respiração; o sopro da vida, espírito, etc.

Pranava (Sct.): A sílaba mística ou vibração primordial, **OM**.

Premadeha (Sct.): *Prema* (amor divino ou sem objetivo), *deba* (invólucro ou corpo). O equivalente indiano do Sahu egípcio; o corpo incorruptível, plenamente espiritualizado, purificado por devoção a Krishna, no caso de premadeha, ou algum dos deuses do Egito no caso do *Sabu*.

Puranas (Sct.): Os livros sagrados dos Vaishnavas indianos, ou devotos de Rama, Vishnu, Krishna, etc. Uma coletânea de alegorias e mitos que tratam da vida de santos e mahatmas (grandes almas), dos quais o *Bhagavatam Purana* é o mais proeminente.

Qabalah (Heb.): Literalmente, "Tradição Recebida". Conhecimento dos Mistérios da Criação e da Consciência Cósmica recebidos por Adeptos em estados exaltados de transe e comunicação suprassensual com seres de uma natureza super-humana.

Qadeshim (Heb.): "Santidade perante o Senhor." Vide Capítulo 7 para uma interpretação esotérica deste termo, que é altamente técnico.

Qadosh (Heb.): Sagrado, primordial, ancestral, original, primeira causa. Esse termo tem significados altamente técnicos no ocultismo. Vide Capítulo 7.

Qatesh: A única deusa que tinha todo seu rosto retratado pelos antigos. Ela é representada como uma mulher nua de pé sobre um leão, com um adorno em sua cabeça que consiste da lua cheia apoiada sobre uma lua crescente. Ela segura flores em sua mão direita, e em sua esquerda, uma serpente. (Direita é *Dakshina*, fartura, florescimento, dádiva, graça; esquerda é *Vama*, e a serpente simboliza a fase lunar da deusa. Vide R. V. Lanzzone, *Lâminas* 191 e 192.) Em uma estela egípcia, Qatesh é chamada de Kent ou Kunt, e em uma estela que agora encontra-se em Turim, de Qetesh. Seus amantes são o deus itifálico Min e Reshpu. O simbolismo do leão e da serpente equivale essa imagem com a fórmula do *amor sob vontade*.

Qesheth (Heb.): Um arco-íris. Vide Capítulo 7 para o significado esotérico desse termo, que é associado com o simbolismo Alquímico da putrefação.

Qliphoth (Heb.): A forma plural de *qlipha*, uma prostituta. *Qliphoth* é o nome dado a uma região habitada por entidades desalmadas, as cascas ou veículos pútridos de desejos pervertidos e abortados que prolongam sua existência crepuscular ao predar os fluidos vitais dos vivos. É a região dos vampiros, mortos-vivos, demônios e espíritos malignos, e também a morada de formas fantasmagóricas geradas por desejos sexuais e ânsias mórbidas produzidas constantemente pelos habitantes da terra. Cada sephira da Árvore da Vida tem uma *qlipha* correspondente, que é o reflexo da energia que ela representa, e essas sephiroth invertidas formam aquilo que se conhece como a Árvore da Morte. Apenas o Iniciado bem equipado – o Adepto, na verdade – é capaz de usar essas zonas de poder impunemente.

Qoph (Heb.): A 19ª letra do alfabeto hebraico, *qoph* significa a “parte de trás da cabeça” (o cerebelo), onde, como Crowley observa em *Magick* (p. 183), “a força criativa ou reprodutiva está primariamente situada”. *Qoph* está conectada com a Lua através do Atu XVIII, e também com Peixes, o signo da ilusão e da mudança, representados pela lunação dual. O valor numérico de *qoph* é 100, a soma total das letras K (20) e P (80), as iniciais de Kteis e Phallus, que, unidos, criam a ilusão da existência manifesta. No *Liber 777*, Crowley ressalta que “Qoph representa o útero ‘histórico’ lacrado durante a noite. O útero fervilhante no glamour do distúrbio fisiológico, enquanto o Sol espreita”. Este fato explica os fenômenos de clarividência que ocorrem com a sacerdotisa na época de sua menstruação. Vide também **Resh**.

Radha (Sct.): A consorte ou *shakti* de Krishna.

Ra-Hoor-Khuit (Eg.): O deus egípcio Herakhaty, Senhor do Horizonte Oriental, assim como Hoor-paar-kraat, seu gêmeo, é o Senhor do Ocidente. Em termos mágicos, Ra-Hoor-Khuit representa a projeção de energia que gera a “criança”, o anão ou vontade-botão no útero de Nuit, a criança que leva a marca dessa vontade e emerge como Hórus, a Criança Coroada e Conquistadora, Senhor do Novo Aeon, e a manifestação perfeita da vontade mágica (não mais aleijado, não mais um anão), na forma do universo.

Rajoguna (Sct.): Um dos três *gunas*, ou princípios, *Satvas*, *Rajas* e *Tamas*, Rajoguna é o princípio da atividade, esplendor, inquietude, etc. Equivale às propriedades ígneas do Enxofre Alquímico, e é, portanto, ferozmente masculino.

Rakta (Sct.): O “fel de rukh”; o incenso da corrente lunar. Vide Capítulo 8 para uma explicação deste termo altamente técnico.

Resh (Heb.): A 20ª letra do alfabeto hebraico, *Resh* significa a “Cabeça”, e é atribuída ao Sol (a cabeça ou o mais elevado), assim como *Qoph*, a letra que o precede imediatamente, é atribuída à Lua e significa a “Parte de Trás da Cabeça”. O simbolismo é óbvio. O valor qabalístico de *Resh* é 200.

Ritos Petro (Cr.): Um termo Vodú que distingue os ritos dos loa “infernais” daqueles considerados mais aceitáveis (os ritos *Rada*). É significativo, nos ritos Petro, que as batidas dos tambores seguem um padrão arrítmico, e os *veves* correspondentes dos loa não se baseiam nos vetores de força que unem as quatro direções do Espaço, mas nas linhas *entre* eles. Isto é importante para Thelema, e também equivale aos “conceitos de transitoriedade” da ressurgência atávica de Austin Spare; também equivale ao conceito Lovecraftiano de entidades extraterrestres que habitam não nas estrelas, mas nos espaços entre elas.

Ritos Rada (Cr.): Vide **Ritos Petro**.

Ritu (Sct.): Rito, cerimônia. Seu sentido interior é explicado no Capítulo 8.

Ruaçh (Heb.): Na Tradição Hebraica, Razão, Inteligência. O sentido primário de Ruaçh, no entanto, é um espírito no sentido que se associa com Rakta, uma palavra praticamente idêntica.

Rukh (Sct.): Vide **Rakta**.

Sagrado Anjo Guardião: O *Jiva* ou fagulha individualizada de divindade que é o Deus Oculto em cada homem e mulher. Através do Sagrado Anjo Guardião, a consciência humana está ligada a, e não pode ser conscientemente fundida com a consciência cósmica.

Sahajasamadhi (Sct.): A forma mais elevada de **samadhi**, na qual o Adepto fica permanentemente no estado natural do Eu (Atman), livre de todas as tendências egoístas; ele não está nem em transe nem fora de transe, mas aparenta viver, a todo momento, uma existência serena e espontânea, absolutamente além dos caprichos dos gunas (tendências mentais que se manifestam como desejos, e então como objetos, no estado desperto da consciência).

Samadhi (Sct.): Literalmente, "Junto ao Senhor" (*sam-adhi*). Um estado de transe que se classifica em diversos tipos, e no qual o pensamento se dissolve em sua origem, isto é, consciência pura. Vide **Sahajasamadhi**, que é a forma mais elevada de Samadhi, livre de todas as condições, até mesmo as de transe.

Samadrishti (Sct.): Visão igual. Ver todas as coisas como iguais. Isto só é alcançado após perceber a natureza ilusória dos fenômenos. Tudo é igualmente ilusório.

Samaya Marg (Sct.): O dito Caminho da Mão Direita. Não é um Caminho genuíno, pois implica somente na substituição de alguns componentes rituais para a adoração da Deusa. São substituídas algumas letras e sons verbalizados de Seu mantra, um

diagrama da representação viva de Seu yantra, e vinho e perfumes no lugar de sangue e vibrações vaginais para satisfazer seu **tantra**.

Samayins (Sct.): Seguidores do **Samaya Marg**, cujo mais notório defensor foi Lakshmidhara, que floresceu sob o Prataprudradeva de Orissa (1504-32 D.C.).

Samsara (Sct.): Existência objetivada ou fenomenal; a contraparte do Nirvana, que é a subjetivação e, portanto, a negação da existência fenomenal. Esses polos gêmeos do Absoluto são contrapartes interdependentes, que assim como Matéria e Espírito, são idênticas em sua fase numenal.

Samvit (Sct.): Consciência.

Sandhis (Sct.): Onde quer que ocorra uma interseção de duas linhas no Sri Chakra, nesse ponto está indicada uma zona de tumescência no corpo da Deusa e, conseqüentemente, no da sacerdotisa escolhida para o rito. Há 24 sandhis (pontos de tumescência) e 28 marmas (pontos de detumescência) no corpo humano; sua localização difere levemente em cada fêmea. Vide também **Marmas**.

Sandhyabhasa (Sct.): A linguagem crepuscular; a linguagem secreta ou ambígua usada nos Tantras para esconder procedimentos rituais dos profanos. Os Alquimistas empregavam um recurso similar, assim como fazem as sociedades secretas de hoje.

Sanga (Sct.): Um termo empregado principalmente por Budiístas para denotar sua Irmandade.

Satã : Vide **Shaitan** e **Set**.

Saturno : O representante planetário de **Shaitan** ou **Set**. Saturno é atribuído à terceira sephira, Binah. O número 3, assim como o número 5, tem a forma de uma foice ou espada, que denota a fen-

da feminina e as divisões de tempo em períodos. Vide Capítulo II.

Sekhet : A deusa com cabeça de leoa do Sul; o símbolo do calor solar-fálico ou cio sexual, e das bebidas fermentadas. Ela era considerada pelos antigos como a inspiradora ou sopradora divina, o espírito da criação. Sekhet cedeu seu nome ao conceito indiano de Sakti, ou Shakti, o poder criativo de Shiva, e a conceitos como sak, bebida fermentada, sake, etc. Em seu aspecto mais gentil, fresco e lunar, ela é Bašt, a deusa com cabeça de gato do Norte, a Bešta original, que “vomitava” [N.T.: *catted*, similar ao inglês *cat*, *gato*] e gerava sua ninhada como filhos do sangue materno, os bašt-ardos, antes que a função do homem em relação à procriação fosse compreendida.

Sephiroth (Heb.): O plural de *Sephira*: número, roda, emanção. Há, tradicionalmente, dez emanções da Consciência Cósmica, de Kether a Malkuth, inclusive. Elas se conectam por vetores de força, que quando organizados subjetivamente pelo Adepto formam os 22 Caminhos. A esses caminhos foram atribuídos os 22 Atus de Thoth e as 22 letras do alfabeto qabalístico, com suas atribuições elementais e mágicas correspondentes. Vide Diagrama, p. 4, a Árvore da Vida.

Sept : Um nome da Estrela **Sothis**, a Estrela de **Set**. Sept era também o nome de uma deusa primordial das sete estrelas, que gerou **Sevekh**, ou **Set**, a primeira divindade masculina que, sendo o filho da mãe, era adorado como o oitavo, a altura [N.T.: em inglês, *eight* (*oito*) e *height* (*altura*) são palavras muito similares], pináculo ou culminação das sete.

Serpente de Fogo, A : Vide **Kundalini**.

Sesha (Sct.): Na mitologia, a Serpente primordial. Em termos dos ritos Tântricos secretos, os eflúvios peculiares que emanam da sacerdotisa durante a fase lunar do Rito da Deusa. Vide Capítulo 6.

Set : O primeiro e, portanto, o mais velho dos deuses; o protótipo de **Shaitan** ou **Satã**, o Deus do Sul cuja estrela é Sothis, a alma ou “filho” de Ísis (isto é, Sept, deusa das sete estrelas, representada astronomicamente pela Ursa Maior no céu do hemisfério norte). A palavra Set, ou Sut, significa “preto”. Isto indica não apenas a natureza geradora deste deus, mas também sua associação com o mundo noturno, **Amenti**, pois mesmo sendo um deus dos céus, Set caiu abaixo do horizonte, e era reconhecido em mitologias posteriores como o Senhor do Inferno, a Terra Escondida. Em termos mágicos, Set é a epítome dos atavismos subconscientes dormentes. Este deus é de suprema importância no Culto De Crowley, sendo não apenas o nome do espírito criador primordial, mas também a fórmula da mágicka sexual. Vide **LAShTAL** e **ShT**.

Shaitan (Ca.): O deus adorado pelos Iazidis na Baixa Mesopotâmia, a antiga fonte da Tradição suméria. A versão bíblica deste deus como Satã é uma degradação do significado do Poder que ele originalmente representava, e que Crowley tornou a fórmula central de seu Culto. Vide **LAShTAL**.

Shaivas (Sct.): Adoradores do deus **Shiva**, que representa os poderes da dissolução e da regeneração. A versão indiana de Set, a Serpente de Fogo.

Shaktas (Sct.): Adoradores do Absoluto na forma de Energia ou Poder (**shakti**).

Shakti (Sct.): Poder, Força, Energia; *shakti* representa os poderes manifestos da Consciência, representados pelo seu consorte, **Shiva**.

Shatçhakras (Sct.): Os Seis Chakras; as principais zonas de poder ocultas no corpo sutil do homem. Vide *O Poder da Serpente* [N.T.: *The Serpent Power*], de Sir John Woodroffe.

Shava (Sct.): Literalmente “cadáver, defunto”. Um antigo dito Hindu afirma que “Shiva é *shava* sem *shakti*”. Vide **Shakti**.

Shin (Heb.): A 21ª letra do alfabeto hebraico, *shin* significa um “dente”, e é atribuída ao elemento Fogo. Essa letra é de suprema importância no Culto de Crowley, pois em conjunto com a letra *Teth* (T, uma serpente), forma **ShT**, o glifo do deus **Set** ou **Shaitan**, a **Serpente de Fogo**.

Shiva (Sct.): Consciência Pura. Na mitologia, o deus Shiva é o grande destruidor e, portanto, equivale ao deus egípcio **Set**, que destrói fenômenos ilusórios para abrir caminho para a Realidade.

Shona Kala (Sct.): O *kala* (raio ou estrela) vermelho (*shona*). Um dos três **kalas** que forma a **Trikona** da Deusa.

ShT: O nome e a fórmula do deus Set. *Sh*, a letra *shin*, é atribuída ao Fogo; *T*, a letra *Teth*, à Serpente; portanto, **ShT** é a fórmula da Serpente de Fogo ou Kundalini. Vide **LASH TAL**.

Shukra (Sct.): Sêmen. Vide também **Rakta**.

Siddhi (Sct.): Pode Mágico ou Oculto. *Siddha*: aquele que o possui.

Sirius: A Estrela Canícula, Sothis, sagrada para **Set**.

Sita Kala (Sct.): O *kala* (raio, essência ou perfume) branco (*sita*). Um dos três **kalas** que formam a **Trikona** da Deusa.

Smashanam (Sct.): Literalmente, “local de cremações ou de queimadas”. Um nome da deusa Kali quando sua Yoni se assemelha ou identifica com o lugar onde todos os desejos são extintos (isto é, realizados).

Sothis (Gr.): A Alma ou Estrela de Ísis; a Estrela Canícula, Sirius, o veículo estelar de **Set**.

Sri Chakra (Sct.): A Deusa Suprema (*Devi* ou *Shakti*; Luz e Poder) em forma linear. Vide Lâmina 5. O yantra da Devi (deusa) consiste de uma série de triângulos que apontam para cima e para baixo. Ao inverter o triângulo central, a Deusa é adorada pelos ritos de Kailasa Praštara; quando virado para cima, pelos do Bhu Praštara, isto é, quando a sacerdotisa se deita sobre o chão. Vide *The Kamakalavilasa* [N.T.: *O Kamakalavilasa*], traduzido por Sir John Woodroffe, para um relato detalhado da evolução do Sri Chakra a partir do bindu ou semente-raiz em seu centro.

Stotra (Sct.): Hino ou Canção de Louvor.

Supushpa (Sct.): Flor agradável ou fragrante.

Sushumna (Sct.): O principal **nadi** do corpo sutil. Sushumna é o canal central ou “espinal” do homem, o pilar do meio da Árvore da Vida. Equivale ao Fogo, ao sol (Pingala) e à lua (Ida) em ambos os lados. Sushumna é, portanto, o Caminho da Serpente de Fogo depois que ela desperta de seu sono pela ação conjunta das correntes solar e lunar. O Caduceu de Mercúrio, com serpentes gêmeas enroladas ao redor de uma esteva ou baqueta central, é um símbolo cognato.

Sushupti (Sct.): O estado de sono profundo e sem sonhos que ocorre quando a faculdade de criação de imagens (isto é, a mente) encontra-se extremamente quieta.

Suvasini (Sct.): Literalmente, “Mulher (*Vasini*) Fragrante (*Su*)”. A versão Tântrica da Mulher Escarlate. Ela possui certas qualidades secretas, conhecidas somente pelos Iniciados, que a adequa ao papel da sacerdotisa no Ritual do **Círculo Kaula**.

Swapna (Sct.): Consciência no estado de sonho.

Tantra, Tântrico (Sct.): Função, funcionamento; qualquer processo ou movimento ritual contínuo com um objetivo ou alvo definido, mágico ou místico. O termo se aplica, em particular,

a certos grimórios ou manuais orientais de técnicas ritualísticas, compilados para uso dos Shaktas. Em um sentido estritamente técnico, o tantra de uma divindade é a forma de invocá-la; seu mantra é seu nome – ou vibração – secreto; seu yantra é a representação de suas zonas de poder e vetores de energia em forma linear.

Tao : Um termo chinês que denota Aquilo de onde tudo parece se originar e para onde tudo parece retornar. Equivalente ao conceito hindu de Brahman, isto é, Pura Consciência além da operação da faculdade de criação de imagens (isto é, a mente).

Tara (Sct.): A Deusa Suprema dos Budiístas Mahayana Tibetanos. Ela representa a Salvadora do Mundo.

Taradravamayi (Sct.): Literalmente, “A Salvadora (*Tara*) em forma líquida (*dravamayi*)”. A forma tibetana da salvadora pré-Cristã (isto é, Gnóstica), Cáris, cujo sangue salvador representava o mênstruo ou veículo para nascimento neste mundo, e para renascimento no próximo, muitas eras antes dessa função ser designada a Cristo e aos “salvadores” masculinos posteriores.

Tarô (Heb.): Literalmente, “Roda” ou “Ciclo” (isto é, de Tempo). O *Livro de Thoth*, que contém em cifras misteriosas, agora revisadas por Crowley de acordo com as doutrinas do Novo Aeon, a totalidade do corpo de filosofia mágica. Contém as 22 Chaves dos Atu de Taurt (**Thoth**), conhecidos como os Arcanos Maiores, sendo que as outras 56 imagens constituem os Arcanos Menores. A atribuição correta das Chaves aos 22 Caminhos da Árvore da Vida é fornecida na p. 4, *supra*. Vide também *O Livro de Thoth*, do Mestre Therion (Crowley).

Tattva (Sct.): Princípio; verdade; elemento; essência.

Terceiro Olho: Às vezes chamado de Olho de Shiva. Vide **Ajna Chakra**. Quando este olho “desperta”, o universo ilusório é destruído e o Adepto percebe sua Verdade Absoluta.

Teth (Heb.): A nona letra do alfabeto hebraico. *Teth* significa um “leão-serpente”, e é atribuída às divindades fálico-solares, Set, Tet, Had, Hadit, Thoth, etc., sendo todas elas formas de *Teth*. Essa letra também é atribuída à décima primeira Chave do Tarô, intitulada *A Volúpia*, e que exhibe a serpente com cabeça de leão montada pela Mulher Escarlate com seu Cálice erguido.

Tetragrammaton (Heb.): O nome sagrado de quatro letras IHVH.

Thelema (Gr.): A palavra significa “Vontade”. A Palavra da Lei do atual Aeon de **Hórus**. Seu valor numérico é 93, que designa a Corrente Thelêmica, e a equaciona com *Agapé* (amor) e *Aiwaz*, o transmissor da **Corrente Ofidiana** que a acompanha (isto é, *O Livro da Lei*; vide AL). A descoberta, por cada homem e cada mulher, de suas Verdadeiras Vontades, seus verdadeiros propósitos, é o tema central dessa doutrina de Thelema. Não confundir com a Palavra do Aeon, que é **Abrahadabra**.

Therion (Gr.): A Besta. Crowley assumiu o título To Mega Therion (A Grande Besta Selvagem) quando alcançou o Grau de Magus 9°=2° A.:A.: em Nova Iorque em 1915. O valor numérico do título é 666.

Thoth (Gr.): A forma grega de Taurt, o deus egípcio da magia, cujo Livro contém as chaves supremas do poder mágico. Esse deus é associado com a lua, e é acompanhado por um cinocéfal, ou babuíno com cabeça de cão, que é conhecido como o Macaco de Thoth, e que, em virtude de sua associação com a corrente lunar e o tempo periódico, é o agente secreto reificador da mágica de Thoth.

Tífon : O aspecto feminino de **Set**; às vezes representado como a Mãe de Set em seu papel de Deusa das Sete Estrelas, das quais Set é a Oitava.

Tiphereth (Heb.): A sexta sephira, na posição central da Árvore da Vida, que é traduzida como "Beleza". É o foco da consciência solar, assim como Kether é da consciência cósmica, e simboliza o centro espiritual, individualizado no homem como o **jiva** ou **Sagrado Anjo Guardião**.

Tirtha (Sct.): Um local sagrado ou zona de poder terrestre; normalmente assim considerada após ter sido santificada pela morada de, ou até mesmo contato fortuito com um ser espiritualmente iluminado.

Tribindu (Sct.): Os três bindus do **Kamakala**, *shukra* (ou *sita*), *shonana* e *mistra*. No Culto de Crowley, esse *tribindu* é Hadit, Nuit e Ra-Hoor-Khuit.

Trikona (Sct.): A yoni de três ângulos ou triângulo invertido típico do **Muladhara Chakra**, a morada da Serpente de Fogo que dorme. A zona de poder suprema da Deusa.

Turiya (Sct.): Literalmente, "O Quarto". Os três estados de consciência conhecidos como **jagrat** (despertar), **swapna** (sonhar) e **sushupti** (sono profundo sem sonhos) têm *Turiya* como seu substrato; é por isso que é chamado de "quarto". Na verdade, no entanto, há apenas Um estado, que é *Turiya*, sendo os demais três estados fenômenos ilusórios e efêmeros. É o estado ou não estado de *Turiya* que é o estado natural da alma realizada; ele não conhece despertar, sonhar ou esquecimento, pois está eternamente ciente de que todo o universo objetivo e subjetivo não existe fora da mente, e que a mente também é uma ilusão.

Ur-hekau (Eg.): "O poderoso entre os encantamentos." O Grande Poder Mágico dos antigos egípcios. O *Ur-hekau* era um instru-

mento mágico de regeneração, usado pelos sacerdotes-magiŝtas na Cerimônia de Abertura da Boca (vide *O Livro dos Mortos*). O *Ur-bekau* tinha a forma de uma serpente com cabeça de carneiro. O carneiro é o símbolo da força criativa; a serpente representa a corrente lunar. Esses dois, combinados, representam a fórmula da regeneração ou ressurreição. O carneiro, Amon, era um título de Sebek ou Set, a divindade Draconiana dos Tifonianos.

Vaikuntha (Sct.): A morada de Vishnu. O objetivo definitivo dos **Vaishnavas** é purificarem a si mesmos através de oração e devoção, para que seus corpos se tornem suficientemente refinados para entrarem em *Vaikuntha* e lá permanecerem, permanentemente, na presença divina.

Vajroli mudra (Sct.): A postura ou atitude (*mudra*) de Vajroli. Vide *Olis*.

Vama Marg (Sct.): *Vama* significa Esquerdo, Mulher, Excremento; *Marg*, Caminho. O termo *Vama Marg* é normalmente traduzido como "Caminho da Mão Esquerda". Supõe-se, erroneamente, que o *Dakshina Marg* (normalmente traduzido como Caminho da Mão Direita) se opõe ao *Vama Marg* pois não aprova o uso ritualístico das mulheres. Mas isso é errôneo, pois *Dakshina* é uma designação do Sul, e do Sol no Sul, e os ritos de *Dakshinakalika* por si só provam que as mulheres também são usadas. São os seguidores do *Samaya Marg* que consideram seu uso repreensível; eles usam substitutos para os **Panchamakaras**, e adoram a Deusa por meio de seu diagrama, e não pelas suas representantes terrenas (vide **Samaya Marg**); e isso é uma hipocrisia, pois a imagem da mulher se faz necessariamente presente em suas mentes durante a adoração. O *Vama Marg* valoriza os elixires da **suvasini**; o **Dakshina Marg** também exalta tais elixires, ao que parece, mas depois de que uma infusão de corrente solar os tenha ativado. Talvez a diferença essencial entre o *Vama* e o *Dakshina Marg* seja que os *Vamacharins* adorem a Serpente de Fogo na Trikona, al-

cançando libertação instantânea, enquanto os *Dakshinacharins* levam a Serpente de Fogo a subir o Caminho do Fogo (**Sushumna**) e desfrutam dos poderes e êxtases decorrentes dos vários estágios (**chakras**) da escalada.

Vau (Heb.): A sexta letra do alfabeto hebraico. *Vau* significa uma “unha” ou “garra” (*unguis*, em latim). Sua atribuição ao filho (vide IHVH) se baseia nessa atribuição fálica.

Véu do Abismo : Vide Diagrama, p. 51, da Árvore da Vida. O véu separa a Tríade Superna (**Kether, Chokmah, Binah**) das demais Sefiroth. O véu é rasgado pelo Juramento do **Abismo**, que lança o Aspirante a ordálios cuja transcendência o propõe a atravessar em definitivo o Abismo, chegando à **Cidade das Pirâmides** (**Binah**), onde ele é reconstituído de acordo com a **Luz Espiritual** que agora caracteriza sua natureza; pois ele foi profundamente alterado pelos ordálios, liberto para sempre das ilusões do plano da dualidade ou da existência fenomenal. Vide **Abismo**.

Veve (Cr.): O equivalente Vodú de yantra.

Viparita Karani (Sct.): A reversão total dos sentidos, ao apresentá-los coisas e ideias das quais, em circunstâncias comuns, eles recuariam. Vide Capítulo 6.

Viparita Maithuna (Sct.): Literalmente, congresso inverso ou de ponta-cabeça. Implica a fórmula de **Kailasa Praštara**. Na Tradição Draconiana do antigo Egito, a estela de Ankh-af-na-Khonsu exibe uma fórmula cognata.

Vodu (Cr.): A palavra deriva de *Od*, um termo africano que significa Luz (isto é, luz mágica, **LVX**, consciência). Também tem afinidades com *Ob*, uma serpente, a origem de *Obeah*. Energias Ódicas ou Vódicas são, portanto, idênticas à **Corrente Ofidiana**. Vodú é uma aplicação especializada dessa corrente, peculiar aos

povos do Haiti, e observações similares aplicam-se ao *Obeah*, em relação ao povo da Jamaica.

Yang : Um termo chinês para a corrente masculina, representada pelo lingam.

Yantra (Sct.): Um padrão ou diagrama linear. Um delineamento dos vetores de força que conectam as zonas de poder de uma divindade em particular. O **Sri Chakra** é o exemplo supremo. Vide Diagrama. O *yantra* é a figura geométrica ou forma assumida pelas ondas sonoras (ou **mantra**) que constituem o nome ou a fórmula da divindade. No entanto, tanto no **mantra** quanto no *yantra*, há apenas um Nome e uma Forma, até que sejam vitalizados pelo **tantra**, ou aplicação mágica desses princípios na consciência do praticante.

Yesod (Heb.): A nona sephira da Árvore da Vida. Yesod, ou Yezod, é a Esfera da Mudança (mágička), a fonte da corrente estelar e lunar e do poder ofidiano adorado pelos Iazidis. As energias psicosexuais concentram-se em Yesod, que significa "Fundação".

Yetzirah (Heb.): Dos Quatro Mundos da Tradição Hebraica, Yetzirah é o Segundo, equivalendo ao Plano Astral da Tradição ocidental e a **swapna**, o mundo dos sonhos no Sistema Hindu. O Ar, o elemento da fantasia e das imagens insubstanciais, é atribuído a Yetzirah.

Yin : Um termo chinês para a corrente feminina, representada pela *yoni*.

Yod (Heb.): A décima letra do alfabeto hebraico, que significa uma "mão", a principal executora da vontade do homem, e um símbolo do falo. *Yod* representa a semente secreta, e sua atribuição correspondente no Tarô é O *Eremita*, representado por Virgem, o deus "oculto", virginal, afastado.

Yoni (Sct.): o órgão sexual feminino (vide **Kteis**); um símbolo da **Trikona** ou morada da Serpente de Fogo.

Yonicaras (Sct.): Os adoradores da **Kundalini** na **Trikona** ou **Muladhara Chakra**.

Zeus Arrhenothelus (Gr.): A forma hermafrodita do Criador, Zeus ou Deus. Júpiter, Io-Pater, tem uma ambivalência similar, Mãe-Pai, o pai biúno dos deuses.

Zos Kia Cultus : Zos – “o corpo considerado como um todo”; Kia – “o Eu Atmosférico”. A combinação destes conceitos forma a base do Culto de Austin Spare do Nem-Nem e do método pelo qual a individualidade é transcendida e tornada cósmica pela fórmula da Ressurgência Atávica. Vide *O Renascer da Magia*, Capítulos II e 12.

Bibliografia

Estas edições foram, em sua maioria, citadas no texto.

Anônimo: *Mysteries of the Rosie Cross*, publicação privada, Londres, 1891.

Besant, Annie Wood & Leadbeater, Charles Webster: *Thought Forms*, Theosophical Publishing Society, Londres, 1920.

Bharati, Aghehananda: *The Tantric Tradition*, Rider & Co., Londres, 1965.

Blavatsky, Helena Petrovna: *The Secret Doctrine*, Theosophical Publishing House, Londres, 1888. *The Voice of Silence* (com comentário de Aleister Crowley), *The Equinox*, Vol. III, N° 1, Detroit, 1919.

Bose, Manindra Mohan: *The Post-Caitanya Sabajya Cult of Bangal*, University of Calcutta, 1930.

Broad, Charles Dunbar: *Mind and its Place in Nature*, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Londres, 1925.

Budge, Sir E. A. Wallis: *Book of the Dead*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1951. *On the Hieratic Papyrus of Nesi Amsu*, artigo em *Archaeologia*, Vol. 52, Parte 2, Londres, 1890.

Crowley, Aleister: *Bagh-i-Muattar: The Scented Garden of Abdullah the Satirist*, publicação privada, Londres, 1910. *The Book of Lies*, Wieland & Co., Londres, 1913. *The Book of Thoth*, O.T.O., Londres, 1944. *The Confessions of Aleister Crowley* (ed. Symonds & Grant), Jonathan Cape, Londres, 1969. *Eight Lectures on Yoga*, O.T.O., Londres, 1939. *The Equinox*, Vol. I N° 1-10, Londres, 1909-13. *The Equinox*, Vol. III, N° 1, Universal Book Co., Detroit, 1919. *The Equinox of the Gods*, O.T.O., Londres, 1936. *The Goetia of Solomon the King*, Society for the Propagation of Religious Truth,

Boleskine, 1904. *Liber AL vel Legis (The Book of the Law)*, O.T.O., Londres, 1938. *Liber Aleph, The Book of Wisdom or Folly*, Thelema Publishing Company, West Point, California, 1962. *Magical and Philosophical Commentaries on the Book of the Law* (ed. Symonds & Grant), 93 Publishing, Montreal, 1974. *The Magical Record of the Beast 666* (ed. Symonds & Grant), Duckworth, Londres, 1973. *Magick* (ed. Symonds & Grant), Routledge & Kegan Paul, Londres, 1973. *Magick Without Tears* (ed. Regardie), Llewellyn Publications, Minnesota, 1973. *Moonchild*, The Mandrake Press, Londres, 1929. *Orpheus: A Lyrical Legend*, Society for the Propagation of Religious Truth, Boleskine, 1905. *777 Revised*, Neptune Press, Londres, 1955. *The Vision and the Voice*, Thelema Publishing Company, Hampton, Nova Jérsei, 1952.

Dasgupta, S. B.: *An Introduction to Tantric Buddhism*, University of Calcutta Press, 1950. *Obscure Religious Cults*, University of Calcutta Press, 1946.

Dockerill, Marion (Alma Hirsig): *My Life in a Love Cult*, Better Publishing Co., Dunellen, Nova Jérsei, 1928.

Dowson, John: *Classical Dictionary of Hindu Mythology*, Trubner & Co., Londres, 1879.

Eckhartshausen, O Conselheiro von: *The Cloud upon the Sanctuary*, traduzido com notas de Isabel de Steiger, Philip Weilby, Londres, 1903.

Ellis, Havelock: *Studies on the Psychology of Sex*, F. A. Davis Co., Filadélfia, 1905.

Fort, Charles: *The Book of the Damned*, Ace Books, Nova Iorque, 1972.

Fortune, Dion: *Applied Magic*, Aquarian Press, Londres, 1962. *The Goat-Foot God*, Williams & Norgate, Londres 1936. *The Mystical Qabalah*, Williams & Norgate, Londres, 1935. *Psychic Self-Defence*, Aquarian Press, Londres, 1930. *The Winged Bull*, Williams & Norgate, Londres, 1935.

Fuller, John Frederick Charles: *The Star in the West*, Walter Scott Publishing Co. Ltd., Londres, 1907.

Goodwin, Charles Wycliffe: *A Fragment of a Graeco-Egyptian Work on Magic*, Deighton; Macmillan and Co., Cambridge, 1852.

Grant, Kenneth: *Beyond the Mauve Zone*, Starfire Publishing Ltd., Londres, 1999. *Cults of the Shadow*, Frederick Muller, Londres, 1975; Skoob Books Publishing, Londres, 1994. *Hecate's Fountain*, Skoob Books Publishing, Londres, 1992. *Images & Oracles of Austin Osman Spare*, Frederick Muller, Londres, 1975; Fulgur Limited, Londres, 2003. *The Magical Revival*, Frederick Muller, Londres, 1972; Skoob Books Publishing, Londres, 1992; Starfire Publishing Ltd., Londres, 2010. *Nightside of Eden*, Frederick Muller, Londres, 1977; Skoob Books Publishing, Londres, 1994. *The Ninth Arch*, Starfire Publishing Ltd., Londres, 2002. *Outer Gateways*, Skoob Books Publishing, Londres, 1994. *Outside the Circles of Time*, Frederick Muller, Londres, 1980; Starfire Publishing Ltd., Londres, 2008.

Grant, Kenneth e Steffi: *Carfax Monographs* (Nº 1-10), Carfax, Londres, 1959-1963; publicado em coletânea como *Hidden Lore*, Skoob Books Publishing, Londres, 1989; republicado em edição ampliada como *Hidden Lore, Hermetic Glyphs*, Fulgur Limited, Londres, 2006. *Zos Speaks! Encounters with Austin Osman Spare*, Fulgur Limited, Londres 1998.

Gray, Terence (Wei Wu Wei): *Open Secret*, Hong Kong University Press, 1965.

Grosche, Eugen: *Blätter für Lebenskunst*, publicação privada, Berlim, 1955.

Hahn, Theophilus: *Tsuni-Goam: The Supreme Being of the Khoi-Khoi*, Trubner & Co., Londres, 1881.

Hartmann, Franz: *Life of Paracelsus*, Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., Londres, não datado.

Hathayoga Pradipika: vide Rieker, Hans-Ulrich.

Horapolo: *Hieroglyphicon* (tradução Cory), William Pickering, Londres, 1839.

Inquire Within: *The Trail of the Serpent*, Boswell Publishing Co. Ltd., Londres, 1936.

Jonas, Hans: *The Gnostic Religion: The message of the alien god and the beginnings of Christianity*, Beacon Press, Boston, 1970.

Lovecraft, Howard Philips: *Collected Poems*, Arkham House, Sauk City, Wisconsin, 1963. *Selected Letters* (Cinco Volumes), ed. August Derleth & Donald Wandrei, Arkham House, Sauk City, Wisconsin, 1965-1976.

Lovecraft, Howard Philips & Derleth, August W.: *The Survivor and others*, Arkham House, Sauk City, Wisconsin, 1957. Inclui *The Gable Window*.

Mačhen, Arthur: *Tales of Horror and the Supernatural*, The Richards Press, Londres, 1949.

Maharshi, Ramana: *Five Hymns to Arunachala*, Sri Ramanasramam, Tiruvannamalai, 1971.

Massey, Gerald: *Ancient Egypt, the Light of the World*, T. Fisher Unwin, Londres, 1907. *Gerald Massey's Lectures*, Samuel Weiser Inc, Nova Iorque, 1974. (Inclui o ensaio "Man in Search of his Soul, during Fifty Thousand Years, and how he found it".) *The Natural Genesis*, Williams & Norgate, Londres 1883.

Mathers, Samuel Liddell MacGregor: *The Kabbalah Unveiled*, Routledge & Kegan Paul, Londres, 1970.

May, Betty: *Tiger Woman*, Duckworth, Londres, 1929.

Métraux, Alfred: *Voodoo in Haiti*, André Deutsch, Londres, 1959.

Miller, Dr. M. K.: *Nostalgia*, Gollancz, Londres, 1957.

Nikhilananda, Swami: *Mandakyopanishad* (com Comentários de Gaudapada), Sri Ramakrishna Asrama, Mysore, 1955.

Pandit, M. P.: *The Kularnava Tantra*, Ganesh & Co., 1973.

Pauwels, Louis & Bergier, Jacques: *The Dawn of Magic* (tradução de Myers), Gibbs & Phillips, Londres, 1963.

Regardie, Francis Israel: *The Eye in the Triangle*, Llewellyn Publications, St. Paul, Minnesota, 1970.

Reich, Wilhelm: *The Functioning of the Orgasm*, Orgone Institute, Nova Iorque, 1942.

Rieker, Hans-Ulrich: *The Yoga of Light: Hatha Yoga Pradipika*, George Allen & Unwin Ltd., Londres, 1972.

S'astri, S. Subrahmanya & Ayyangar, T. R. Srinivasa: *Saundarya Lahari (Ocean of Bliss)*, Theosophical Publishing House, Madras, 1948.

Saundarya Lahari: vide S'astri & Ayyangar.

Sepher Tzenioutha: vide Mathers, *The Kabbalah Unveiled*.

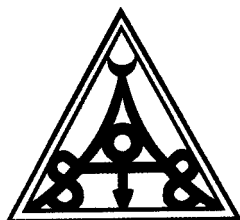
Skinner, J. Ralston: *The Source of Measures*, David McKay Company, Philadelphia, 1931.

Snellgrove, David L.: *The Hevajra Tantra*, Oxford University Press, 1959.

Spare, Austin Osman: *The Book of Pleasure* (introdução de Kenneth Grant), 93 Publishing, Montreal, 1975.

Wei Wu Wei: vide Gray, Terence.

Woodroffe, Sir John (Arthur Avalon): *Hymns to the Goddess*, Ganesh & Co., Madras, 1952. *The Kamakalavilasa*, Ganesh & Co., Madras, 1953. *Karpuradistotra (Hymn to Kali)*, Luzac & Co., Londres, 1953. *Mahanirvana Tantra*, Luzac & Co., Londres e Calcutta, 1913. *The Serpent Power*, Luzac, Londres, 1922. *Shakti & Shakta*, Luzac & Co., Londres, 1929.



Índice

A

- A.:A.: 6, 8, 10, 15, 53, 54,
65-67, 69, 84, 86, 172, 182,
225, 229, 230, 232, 234, 235,
259; *vide também* Grande
Fraternidade Branca
- Abel 171, 225
- Abismo 8, 41, 42, 52-54,
63, 164, 212, 225, 226, 231,
235, 245, 247, 248, 262
- Abissais, Os 63
- Abrahadabra 15, 16, 62, 225, 259
- Abuldiz 26, 31, 225
- Abutre 175
- Achad, Frater 25, 42,
65, 131, 221
- Across the Gulf 207
- ACTHP APOC 66; *vide
também* A.:A.:
- Adão 162, 171, 185, 225, 231, 233
- Adeptus Exemptus 54
- Adeptus Major 55
- Adeptus Minor 207
- Adi Kalika 123, 239
- Adi Shakti 123, 226
- Adonai 52, 53, 226
- Advaita 49, 82, 131, 226
- Aeons, Sucessão dos 59,
63-65, 190, 203
- Aethyrs 9, 17, 93, 112,
212, 226, 227
- África 2, 45
- Agamya Paramahamsa,
Sri Mahatma 71
- Agapé 79, 92, 97, 101,
135, 241, 259
- Agapé, Loja 59
- Água 63, 130, 237
- Águia 67, 234
- Ahitha, Soror 25; *vide
também* Minor, Rodie
- Ain 49, 210, 226
- Aiwass 9, 11, 12, 15, 19, 20,
31, 39, 40, 41, 43, 52, 54,
57, 70, 74, 80, 84, 86, 105,
120, 200, 226, 236, 237, 244,
245; *vide também* Aiwaz
- Aiwaz 1, 12, 26, 135, 211,
212, 216, 218, 226; *vide
também* Aiwass
- Ajna Chakra 33, 34, 78, 93,
109, 131, 226, 227, 231 ;

- vide também* Glândula Pineal e Terceiro Olho
- Ajustamento, O II
- Akasha 64, 162, 227
- Aleph 14, 227
- Almíscar 199
- AL II-13, 15, 19, 20, 22, 23, 25-27, 29, 34, 35, 36, 40-43, 48, 49, 52, 53, 56, 57, 60-62, 65, 66, 70, 72-74, 79, 82, 84, 86, 92, 93, 97, 98, 102, 103, 107, 113, 114, 124, 130, 131, 133, 135, 136, 144, 170, 173, 176-179, 181, 182, 184-187, 189, 191, 201, 202, 206, 207, 210, 213-216, 218, 219, 226, 227, 232, 236, 240, 241, 245, 248, 259
- Alostrael (Hirsig, Leah) 26
- Alquimia 25, 44, 57, 100, 113, 116, 129, 149, 188, 196, 211, 238, 239
- Al-Shaddai 128; *vide também* El-Shaddai
- Altruísmo 215
- Amalantrah 26, 31, 227
- Amenti 23, 65, 119, 126, 142, 145, 154, 189, 203, 212, 227, 228, 229, 233, 239, 247, 248, 255
- Amon 103, 209, 227, 247, 261; *vide também* Deus Oculto
- Amon-Rá 28, 229
- Amrit 27, 37, 227
- Anca 60, 202
- Ancient Egypt* (Massey) 12
- Andrea, John Valentine 54
- Andrógino 14, 57, 60, 65
- Ankh-af-na-Khonsu 28, 37, 44, 181, 186, 187, 207, 225, 228, 262, 270
- Antigos, Os 63
- Anti-Horário 148, 228
- Anúbis 18, 166, 228
- Ânus 99, 118, 121
- Anuttara Amnaya 197, 228
- Apocalypse* 12, 22, 115, 229, 230
- Apófis 116, 167, 228, 236, 237
- Aquário 30, 60, 62, 130, 179, 228
- Aquaſtor 162
- Aquele com a Baqueta Dupla 60
- Arco 27, 118-120, 132, 133, 176; *vide também* Simbolismo do Arco-Íris
- Ares 21, 60, 218, 229, 247
- Áries 21, 26, 229, 247
- Arkashanis 198
- Arte 141, 142

- Arunachala Ashtakam* (Sri Ramana Maharshi) 132
- Aruna Upanishad* 195
- Árvore da Morte 250
- Árvore da Vida 6, 8, 14, 23, 49, 53, 108, 163, 172, 180, 182, 202, 210, 212, 226, 230, 232, 234, 237, 240, 248, 250, 254, 257, 258, 260, 262, 263
- Assam 113, 114, 116, 239
- Assento de Pedra 163, 164, 172
- Assiah 117, 119, 229
- Assunção de Formas-Deus 16, 17
- Astrid, Soror (Olsen, Dorothy) 27
- Atavismo 16-18, 108, 125, 141, 146, 148, 150-153, 242
- Atlântida 207
- Atman 94, 229, 237, 252
- Atum 162, 185
- Aurora Dourada, Ordem Hermética da 7, 8, 9, 11, 13, 18, 20, 39, 54, 57, 197, 235
- Autodefesa Psíquica* (Fortune) 208
- Autômatos Elementais 150, 153, 154
- Arthur Avalon 101, 113, 187; *vide também* Woodroffe, Sir John
- Avatar 28, 37, 59, 165, 221, 229
- Ayin 116, 129, 136, 229, 231; *vide também* Yoni
- ## B
- Bacchus Diphues 57, 185, 230
- Bagdá 15
- Bagh-i-Muattar* (Crowley) 17
- Baphomet 14, 15, 57, 60, 67, 69, 73, 129, 185, 230, 231, 246; *vide também* Oçtinomos
- Baqueta 60, 90, 181, 183, 187, 201, 202, 257
- Bašt 174, 254
- Bastardo 93, 254
- Bennett, Allan 8
- Bennett, Frank (Progradior, Frater) 221
- Berridge, Dr. Edward 38
- Bešta 666 5, 12, 16, 21, 230
- Bešta, A 12-14, 17, 21, 24, 27, 28, 30, 44, 60, 77, 93, 117, 124, 164, 166, 170, 173, 179, 180, 190, 200, 203, 217, 230, 245, 254, 259
- Bešta da Terra 60

Beth 14, 230
 Bhaga 104, 230
 Bhairavas 104, 230
 Bhu Praštara 257
 Binah 23, 42, 202, 230,
 232, 253, 262
 Bindu 35, 37, 63-65, 92, 99,
 104, 129, 136, 178, 189 194,
 196, 231, 236, 244, 257, 260
Blätter für Lebenskunst
 (Grosche) 90
 Blavatsky, Helena P. 8, 20,
 61, 65, 76, 77, 82, 208
 Bode 5, 76, 77, 229, 230, 231
Book of Lies, The (Crowley)
 53, 63, 68, 69, 201, 205
Book of Pleasure, The (Spare)
 18, 103, 158, 175, 190
Book of the Damned,
The (Fort) 40
 Bose, Manindra 24, 71, 198
 Briah 97
 Broad, C. D. 74
 Bruce, Bertha 26
 Bruxaria 19, 22, 110, 119,
 128, 134, 183, 227
 Budismo 7, 8, 52, 138, 216
 Budismo Cha'an 216
 Bunyan, John 221

C

Cabala Mística, A (Fortune) 75
 Caduceu de Mercúrio 257
 Caim 171, 231
 Cairo 11
 Califórnia 17, 80, 204, 213
 Camelo 53, 212, 235
 Caminho da Mão Direita
 23, 196, 252, 261
 Caminho da Mão Esquerda
 36, 71, 119 230, 231, 233, 261
 Caminho Kaula 32, 35,
 71, 117, 196, 238
 Caminho Secreto 45
 Câncer 194, 232, 248
 Cântora 239
 Cantor, Georg 190
 Cão 97, 98, 104, 128, 166,
 183, 205, 228, 248, 259,
 Caos 24, 63, 65, 114,
 153, 203, 231
 Capricórnio 5, 24, 116,
 231, 234, 243, 248
Carfax Monographs
 (Grant) 13, 235
 Cárís 92, 231, 258
Carruagem, A 25
 Cassandra 45

- Catamitas 117, 121
 Caxton Hall 75
 Cefalù 59, 66, 93, 94,
 113, 213, 220
Cephaloedium Working,
 The (Crowley) 15
 Céus 50, 66, 101, 108, 136,
 154, 162-164, 182, 255
 Chakras 27-29, 32-36, 44, 78,
 90, 92, 93, 97, 106-110, 117,
 159, 177, 178, 226, 227, 231,
 232, 239, 242, 244-246, 253,
 255, 257, 259, 260, 262-264
 Chandra Bindu 129, 231, 246
 Chandra Jnana Vidya 196
 Chandra Kala III, 112, 134 232
 Chefes Secretos 10, 11, 53, 80
 Cheth 25, 215, 232
 Chokmah 14, 42, 168,
 178, 232, 262
 Cidade das Pirâmides
 23, 24, 230, 232, 262
 Cimitarra 202
 Cinabre 173, 180
 Cinocéfaló 22, 133,
 166, 167, 259
 Círculo Kaula 29, 97,
 132, 232, 238, 257
 Clarividência 17, 45
 110, 119, 250
Cloud Upon the Sanctuary, The
 (Eckhartshausen) 6, 7
 Cobra 16, 46, 47; *vide*
também Serpente
 Coleridge, S. T. 57
Collected Poems (Lovecraft) 42
 Coluna Espinal 34
Comentário de Djeridensis,
 O (Crowley) 21, 189
 Comunismo 59, 81
Confessio Fraternitatis 54
Confessions of Aleister
Crowley, The 11, 42, 82,
 92, 168, 181, 191, 201
 Consciência Solar 64, 260
 Controle de Sonhos 2, 88,
 89, 93, 94, 117, 154
 Cor 116 *vide também* Kalas
 Corpo Astral 9, 17, 108
 Corrente Ofidiana 2,
 81, 230, 232-234, 237,
 240, 246, 259, 262
 Corrente Tifoniana
 170, 177, 232
 Coruja 16
 Criança 50, 59-61, 73, 78, 79,
 92, 116, 119, 124, 136, 159, 169,
 189, 212, 214, 236, 240, 251
 Cripta dos Adeptos 13
 Cristãos 86, 93, 101, 110, 115

- Cristianismo 7, 37, 70, 87, 115,
 168, 212, 217, 219, 237, 241
 Cristo 86, 92, 134, 158,
 159, 168, 231, 258
 Crocodilo 18, 60, 243
 "Crowley Demônio, O" 76, 77
 Crucificação 70, 159
 Cruz 15, 60, 63, 141, 159, 217
 Culto de Cthulhu 39, 105
 Culto Draconiano 37, 225,
 228, 232, 246 ; *vide tam-*
bém Corrente Tifoniana
 Cunnilingus 44, 91
- D**
- Daäth 16, 24, 232
 Dagon 63
 Dakinis 91, 233
 Dakshinaçharins 262
 Dakshinakalika III,
 128, 129, 233, 261
 Dakshina Marg 23, 233, 261
 D.D.S., Frater (Jones,
 George Cecil) 7, 42
De Arte Magica
 (O.T.O.) 47, 118
 De Broglie, Louis 58
 Décimo Grau (O.T.O.)
 26, 69, 212, 237
 Décimo Primeiro Grau
 (O.T.O.) 69, 78, 119,
 120, 167, 229
 Dee, Dr. John 9, 24, 226
 De la Bretonne, Restif 195
 Democracia 59
 Demônios 46, 154, 155,
 157, 233, 235, 250
 De Saint-Méry, Moreau 46
 Desenho Automático 150
 Deserto 15, 18, 53, 208, 212, 235
 Deserto de Gobi 208
Despertar dos Mágicos, O 58
 Deus Anão 190, 203, 236;
vide também Falo
Deus com pés de bode, O
 (Fortune) 88
 Deusa Quinze 28, 29, 35,
 42, 91, 116, 129, 133, 136
 Deuses 17, 19, 20, 26, 31, 40,
 63, 65, 146, 147, 152, 154, 155,
 157, 174, 180, 195, 199, 205,
 209, 210, 227, 249, 255, 264
 Deuses Anciões 63
 Deus Moribundo 70, 189
 Deus Oculto, O 20, 53, 100,
 103, 119, 136, 186, 187,
 225, 227, 239, 247, 252
 Devaneio 88, 89

- Diabo 20, 129, 147,
149, 210, 229, 231
- Diário Mágico da Besta 666*, O
(Crowley) 16, 25, 31, 44,
120, 131, 191, 194, 205
- Diodoro Sículo 123
- D'Mammu 125, 126, 136, 233
- Dockerill, Marion 75
- Doutrina Secreta, A*
(Blavatsky) 20, 61, 65, 82
- Dragão 12, 13, 18, 60, 61,
116, 120, 190, 200, 228
- Du Maurier, George 89
- Duplo Horizonte 60, 169, 170
- Dzyan 65, 66
- E**
- Eckhartshause, Karl von 6
- Ego 42, 43, 94, 145, 174,
204, 209, 210, 225, 229
- Egoísmo 59, 209-211, 215
- Einstein, Albert 190
- Electrum Magicum 114, 233
- Elementais 9, 11, 30, 46,
63, 66, 141, 150, 153, 154,
157, 164, 165, 166, 169,
191, 211, 228, 254
- Elixir da Vida 35, 37, 45,
113, 130, 191-194, 238
- Elixir of Life, The*
(Crowley) 192
- Elixir Rubeus (El.
Rub.) 117, 120 234
- Ellis, Havelock 29
- El-Shaddai 100, 233, 237 ;
vide também Al-Shaddai
- Energized Enthusiasm*
(Crowley) 69
- Entrante, O (Sinal
de Hórus) 170
- Equinócio dos Deuses,
O 11, 190, 214
- Equinócio Duplo 60
- Equinox, The* (Crowley et
al.) 6, 9, 20, 24, 26, 55, 57,
69, 75, 182, 194, 201, 207
- Eroto-Comatose Lucidity*
(Crowley-Nellidoff) 96
- Escorpião 24, 30, 60, 116,
120, 176, 234, 246, 248
- Esfinge 17, 166, 174
- Espada 178, 201, 202, 253
- Estela da Revelação 15,
44, 92, 180, 238, 246
- Estrela, A* 67
- Estrela Canícula 66,
128, 232, 256
- Estrela da Anunciação 119
- Estrela da Vontade 64

- Estrela de Ísis 67, 256
 Estrela de Nuit 14
 Estrela de Prata, A Ordem
 da 6, 10, 55, 57, 66, 76,
 84, 182, 225, 234
 Estrela de Seis Raios 64
 Estrela de Set 13, 53,
 133, 169, 234, 254
 Estrela de Sete Raios 65
 Estrela Flecha 53, 133, 229
 Estrela Polar 12
 Estrela Quíntupla 64; *vide*
 também Pentagrama
 Estrela Rubi 63, 64
 Estrela Undécupla 64, 235
 Eva 171, 172, 190, 202, 225
 Excriação 174, 176, 177, 186
 Êxtase 46, 50, 73, 78, 80, 82,
 101, 107, 108, 127, 139, 144,
 145, 147, 149-151, 153, 155,
 157, 159, 175, 176, 185, 187,
 203, 208, 209, 241, 243, 262
 Eye in the Triangle, The
 (Regardie) 188
- F**
- Falicismo 211
 Falo 31, 46, 164, 166, 169,
 173, 181, 201, 208, 237, 240;
 vide também Deus Anão
Fama Fraternitatis 54
 Familiares Intrusivos 153, 154
 Fascismo 59, 82
 Fênix 67, 234
 FIAOF 116, 236
 Filha 64, 190, 237
 Filho 14, 15, 25, 38, 48, 53,
 64, 65, 67, 116, 165, 166,
 168, 174, 187, 231, 235
 Fílon 122
Frœe Hymns to Arunachala (Sri
 Ramana Maharshi) 132
 Fogo 26, 41, 95, 219, 237,
 241, 256, 257, 262
 Fogo Estelar 30, 43, 98,
 111, 119, 131, 181
 Foice 202, 253
 Folha de Bhurja 44, 92
 Formas-Deus 9, 10, 16, 17, 19,
 43, 67, 98, 100, 126, 127, 137,
 142, 147, 149, 160, 183, 185,
 215, 220, 228, 230, 242, 248
 Fort, Charles 40
 Fortune, Dion 2, 13, 37, 48,
 75, 88, 89, 105, 122, 208
 Foster, Jeanne (Hilarion,
 Soror) 25
 Fuller, J. F. C. 54; *vide*
 também Per Ardua

Functioning of the Orgasm,
The (Reich) 219

G

Gable Window, The
(Lovecraft) 163

Ganin-Gub 46

Gato 16, 18, 98, 121, 123,
154, 156, 174, 254

Gavião 9, 19, 60, 147, 190

Geburah 202, 234

Genialidade 76, 141, 198

Germer, Karl J. 76,
141, 198 ; *vide tam-*
bém Saturnus, Frater

Gimel 53, 118, 212, 235

Glândula Pineal 34; *vide*
também Ajna Chakra e
também Terceiro Olho

Gnose 56, 69, 83, 103,
122, 230, 233, 235

Gnósticos 41, 70, 75, 92,
134, 212, 231, 236, 258

Gnostic Religion, The (Jonas) 41

Goetia 55, 235

Goetia do rei Salomão, A
(Mathers) 55

Goodwin, C. W. 55

Grande Deus Pã, O
(Maçhen) 163

Grande Fraternidade
Branca 207, 217, 225 ;
vide também A.:A.:

Grande Guerra, A 61, 62, 64

Grande Obra 9, 15, 16, 31, 55,
56, 57, 64, 72, 90, 115, 189,
204, 205, 225, 226, 232, 235

Grant, Kenneth 6, 12, 13, 36,
96, 160, 189, 224, 242

Grant, Steffi 96, 160

Grau Trinta e Três 70

Greenwich Village
(Nova Iorque) 104

Gregos 119, 122, 123, 137

Grosche, Eugen (Gregorius,
Frater) 44, 90, 105, 118

Guédé 211, 235 ; *vide*
também Khonsu

Guerra 40, 41, 60, 61-62,
170, 202, 214, 218, 219, 228

H

Had 15, 53, 225, 235, 259
vide também Hadit

Hadit 15, 16, 20, 29, 34, 35,
49, 59, 60, 64, 124, 130, 133,
172, 174, 178, 181, 184-187,
208, 210, 225, 235, 236, 241,
259, 260 *vide também* Had

Haiti 47, 211, 263

- Haranath, Thakur 50, 127, 241
 Harpócrates 12, 169, 170, 236
 Harris, Frieda 221
 Harris, Thomas Lake 38, 239
Hathayoga Pradipika
 91, 246, 268, 269
 Heleno 45
 Hércules 12, 236
 Hermafrodita 73, 230, 264
 Hermes Trismegisto 193
 Heródoto 122
 Herói 12, 61, 200, 236
 Heru 12, 61, 169, 187,
 200, 203, 236
 Heru-Ra-Ha 169, 187
Hevajra Tantra (tradução
 de Snellgrove) 199
 Hiena 16, 18, 102, 230
 Hilarion, Soror (Foster,
 Jeanne) 25, 26
 Hinduísmo 52, 80, 226
 Hirsig, Leah (Alostrael) 26
 Homossexualidade 69, 118, 219
 Hoor-paar-kraat 12, 20,
 67, 120, 131, 148, 168-
 170, 187, 189, 190, 197,
 200, 203, 218, 236, 251
 Horapolo 22
 Hórus 9-12, 15, 17, 19, 21, 24,
 25, 43, 59, 60-62, 64, 65, 67,
 70, 72, 73, 78, 86, 87, 92,
 97, 119, 120, 121, 124, 126,
 130, 131, 136, 159, 166-171,
 173, 174, 178, 179, 181, 182,
 185-187, 189, 190, 200, 203,
 207, 212, 218, 219, 229, 236,
 237, 240, 244-248, 251, 259
 Hórus Cego 119-121
 Hotentotes 46
 Hrumachis 67, 169
Hymns to the Goddess (tradu-
 ção de Woodroffe) 113
Hymn to Kali (tradução
 de Woodroffe) 32; *vide*
 também Karpuradistotra
I
 IAO 116, 167, 212, 228, 236
 Iazidis 115, 190, 237,
 219, 255, 263
 Iehi Aour, Frater
 (Bennett, Allan) 8
 IHVH 167, 190, 237, 259, 262
 Illuminati, Ordem dos 79, 90
 Imaginação 33, 79, 83, 162, 216
Imperador, O 179
 Incriação 174, 176, 184-186

Inferno 41, 53, 60, 108, 136,
182, 205, 220, 226, 227, 255

Introduction to Tantric Buddhism,
An (Dasgupta) 138

Ipsissimus 26, 237, 240

Ísis 6, 60, 63, 64, 66, 67,
73, 103, 116, 126, 128,
157, 164-175, 177-188,
190, 202, 207, 232, 236,
237, 242, 247, 255, 256

Ísis, Aeon de 63, 73, 202

J

Jagrat 50, 88, 95, 144,
229, 238, 246, 260

Jamaica 246, 263

Jeová 100, 128, 233, 237

João São João (Crowley) 55

Jonas, Hans 41

Jones, Charles Stansfeld
65, 131, 221 ; *vide tam-*
bém Ačhad, Frater

Jones, George Cecil
(D.D.S., Frater) 7, 42

Judaísmo 52, 87, 115

Judenkenner 75

Judeus 100, 114, 233

Júpiter 5, 25, 40, 64, 165,
180, 187, 233, 264

K

Kadeshim 121; *vide*
também Qadeshim

Kailasa Praštara 28,
92, 238, 257, 262

Kailas, Monte 28, 238

Kaivalya 96, 238

Kalagni Rudra
Upanishad 98, 195

Kalas 23, 27, 28-31, 35, 37,
44, 47, 48, 50, 90-92, 98,
102, 107, 110-117, 119, 123,
130, 133, 164, 171, 177, 182,
184, 189, 191, 196, 197, 227,
231, 232, 238-240, 244,
256 ; *vide também* Cor

Kalavidya 47, 238

Kali 2, 5, 22, 29, 32, 35, 42,
43, 49, 50, 96, 102, 115, 116,
123, 129, 130, 131, 132, 165,
202, 216, 226, 230, 232, 233,
238-240, 242, 244, 256

Kama 132, 239

Kâmadhenu Tantra 96

Kamakala 196, 239, 260

Kamakhyatantra 130

Kamrup 113, 114, 239

Karezza 38, 239

- Karpuradistotra* (tradução de Woodroffe) 32, 35, 115, 119, 187; *vide também* Hymn to Kali
- Kartikeya 219
- Katesh 120, 239; *vide também* Qatesh
- Kellner, Dr. Carl 71, 79, 80, 112
- Kelly, Rose Edith 9, 26
- Kem 116, 119, 120, 231, 239, 240
- Kether 14, 15, 42, 53, 163, 180, 210, 212, 226, 235, 237, 240, 247, 248, 254, 260, 262
- Khepra 162
- Khonsu 28, 228, 235; *vide também* Guédé
- Khu 5, 60, 240
- Kia 105, 159, 186, 264
- Krîm 128, 129, 233, 240
- Krishna 24, 50, 126, 127, 159, 240, 241, 249, 250
- Kteis 63, 79, 164, 201, 236, 237, 240, 250, 264
- Kularnava Tantra* 108
- Kumbhakam 187, 241
- Kundalini 2, 20, 27, 33, 34, 90, 95, 99, 100, 106-109, 114, 127, 162, 194, 195, 200, 226, 231, 234, 241, 246, 248, 254, 256, 264; *vide tam-*
- bém* Serpente de Fogo e *também* Poder da Serpente
- Kusuma-Haranath 127, 241
- ## L
- LA 42, 97, 98, 131, 215, 227, 241
- Laço 120
- Lakshmidhara 196, 253
- Lalitasabhasranama* 29
- LASH TAL 43, 87, 234, 241, 255, 256; *vide também* ShT
- Leão 44, 60, 174, 179, 193, 200, 241, 249, 259
- Leela 50
- Lei de Thelema 57, 61, 70, 72, 74, 80, 174, 201, 206, 216, 247
- Leopardo 16, 18
- Lévi, Eliphas 193, 207
- Liber A'ash vel Capricorni Pneumatici* 96
- Liber Agapé (C)* 198
- Liber Aleph (CXI)* 49, 101, 102, 117, 215
- Liber AL vel LEGIS (CCXX)* 11, 36; *vide também* Livro da Lei, O
- Liber Apotheosis (CXXXII)* 59

- Liber Astarté vel Berylli
 (CLXXV) 100
Liber CCCXXXII (Book of Lies, The) 53, 63, 68, 69, 201, 205
Liber Cheth vel Vallum Abiegni (CLVI) 215
Liber Cordis Cincti Serpente (LXV) 212
Liber DCCLXXVII (777) 128, 130, 250
Liber HHH (CCCXLI) 33
Liber Liberi vel Lapidis Lazuli (VII) 96, 101, 102
Liber LXXXI (Moonchild) 38, 39
Liber O vel Manus et Sagittae 9
Liber Oz (LXXXVII) 72, 204, 209, 214, 216-218, 221
Liber Samekh (DCCC) 56, 155, 221
Liber Trigrammaton (XXVII) 65, 66
Liber Tzaddi vel Hamus Hermeticus (XC) 182
 Libido 198
 Libra 26, 175
Life of Paracelsus (Harmann) 162
 Lilith 162, 171, 172, 231
 Lingacaras 48, 88, 241;
vide também Shaivas
Little Essays Toward Truth (Crowley) 62, 208
Livro da Lei, O 6, 7, 9, 11, 19, 25, 26, 40, 66, 97, 131, 189, 226, 227, 259
Livro de Thoth, O (Crowley) 14, 49, 118, 129, 172, 173, 179, 200, 207, 209, 258
Livro dos Mortos, O (tradução de Bulge e outros) 103, 202, 248, 261
Livro Quatro (Crowley) 5, 25, 26
 Livros Sagrados de Thelema 52
 Loa 211, 242, 251
 Logos 79, 210, 241
 Loja Fraternitas Saturni 44, 118
 Loja Nova Ísis 172, 186, 242
 Lótus 28, 32, 35, 191, 196, 199, 227, 242
 Lovecraft, Howard P. 38-43, 105, 163, 245
 Loyola, Sto. Ignácio de 89
 Lua 22-25, 28, 29, 35, 38, 64-66, 102, 103, 107, 111, 114, 116-120, 123, 126, 128, 129, 131, 133-136, 147, 154, 159, 164,

- 165, 168-173, 179-181, 185-187,
193, 196, 203, 227, 228, 231-
233, 235, 244, 248-251, 257, 259
- Lúcifer 20
- Luz Astral 17, 170, 237
- LVX 56, 242, 262
- Lydney (Gloucestershire) 245
- M**
- Maat 64, 65, 166, 175, 242
- Maat, Aeon de 64, 65, 166
- Macaco 16-18
- Macaco de Thoth 18, 26, 259;
vide também Macaco Divino
- Macaco Divino 16, 20,
235, 242 *vide tam-
bém* Macaco de Thoth
- Maçhen, Arthur 39,
41, 149, 163, 203
- Maçonaria 54, 70, 80, 192
- Macrocosmo de Vitruvius 110
- Madya 100, 242, 243
- Mãe 14, 25, 50, 63-65, 92, 93,
113, 123, 129, 135, 136, 165,
167, 170, 172-174, 180,
183, 185, 193, 202, 227, 230,
232, 237, 254, 260, 264
- Magia Aplicada* 13
- Magia Negra 30, 105
- Mágicka (dez tipos prin-
cipais) 182, 183
- Magick* (Crowley) 5, 9, 16, 20,
21, 34, 43, 53, 56, 61, 63, 78,
87, 91, 100, 110, 116, 121, 128,
133, 155, 182, 191, 215, 221,
227, 228, 233, 234, 236, 250
- Magick Without Tears*
(Crowley) 18, 46
- Magus 14, 15, 25, 43, 62,
109, 230, 232, 259
- Mahamudra 92, 199, 242
- Mahanirvanatantra* 133
- Mahapralaya 64, 242
- Mahashakti 27, 28, 243
- Mahasunya 131
- Maithuna 28, 101, 131, 243, 262
- Makaras (os Cinco Ms) 100 ;
vide também Pançhamakaras
- Malkuth 15, 254
- Mamsa 243
- Mandukyopanishad* 30
- Manjari 24, 71, 197, 243
- Mantra 27, 90, 95-97, 107,
127, 128, 132, 137-139,
201, 233, 238, 240, 241,
243, 246, 252, 258, 263
- Maomé 168
- Maometismo 87
- Marca da Besta 164, 245

- Marmas 44, 74, 90,
110, 111, 244, 253
- Marte 60, 61, 64, 165, 171,
173, 175, 177, 179, 187, 202,
219, 234, 244, 246, 248
- Massey, Gerald 12, 45,
46, 92, 118, 122
- Mathers, S. L. MacGregor
7-II, 17, 39, 54, 55
- Matrikabhedatantra* 132
- Maya 50, 131, 244
- May, Betty 75
- Meena 100, 243
- Memory Mechanisms*
(Penfield) 18
- Menstruação 100, 110,
113, 128, 185, 239, 250
- Mente 33, 34, 78, 257
- Mercúrio 166, 187,
196, 234, 257
- Mesmerismo 46, 195
- Mestre do Templo 53
- Métraux, Alfred 46, 47, 211
- Mezla 247
- Miller, Dr. M. K. 18
- Mind and its Place in
Nature* (Broad) 74
- Minor, Rodie 25, 26, 227 ;
vide também Ahitha, Soror
- Mistérios Sabáticos 37
- Mitologia Egípcia 122
- Mongólia 116
- Monogamia 219
- Morand, Paul 58
- Morcego 16, 151
- Mors Justi 162
- Morte 43, 60, 65, 98, 102,
130, 133, 134, 137, 145,
147, 160-162, 167, 183,
192, 203, 210-213, 235
- Morte, A* 246
- Mudança 14, 22, 24,
25, 62, 183, 263
- Mudd, Norman (Frater
O.P.V.) 62, 76, 113, 206, 220
- Mudras 43, 44, 90-
92, 100, 102, 111, 148,
184, 243, 244, 261
- Muladhara Chakra 33-35,
78, 231, 244, 260, 264
- Mulher Escarlate 2, 5, 21-
28, 30, 31, 43, 44, 46, 47,
50, 60, 81, 93, 109, 111, 112,
114-116, 119-121, 123, 124,
134, 148, 172, 190, 200, 225,
227, 229, 234, 254, 257, 259
- Mulher Fetiçe 45
- Múmia 125, 133, 145, 161, 233
- Mutantes 58

My Life in a Love Cult

(Dockerill) 75

Mysteries of the Rosie Cross

(Anônimo) 54

N

Nada 14, 49, 102, 103,

122, 203, 210, 226

Nadis 37, 91, 110, 244

Nascer do Sol 67

Nascimento Virgem 38, 248

Natural Genesis, The

(Massey) 92, 118, 123

Néftis 174, 175, 178,

186, 187, 188, 237

Negrume 49, 123, 239

Nellidoff, Ida 96, 161

Nem-Nem 184, 264

Netuno 63, 171, 178, 180, 187

Neuburg, Víctor B. (L.T.,

Frater) 40, 69, 220

Nilo 119, 121, 133

Niruttara Tantra 132

Nirvana 160, 253

Nirvana Tantra 130

Nityas 196, 244

Nivritti 186, 187, 245

"N" (Machen) 203

Nobreza 135

Nodens 63, 163, 164,

180, 223, 245

Noite de Pã 23, 245

Nono Grau (O.T.O.) 15,

69, 78, 79, 83, 120, 161,

201, 230, 232, 259

Norte 36, 60, 130, 254

Nostalgia (Miller) 18

Nova Iorque 104, 141, 204, 259

Nova Sexualidade 184

Novo Aeon 11, 19, 21, 57, 59,

61, 62, 74, 80, 84, 86, 130, 165,

168, 171, 175, 178, 179, 182,

186, 189, 191, 201, 204, 207,

208, 209, 212, 214, 217, 218,

221, 241, 244, 245, 251, 258

Nox 102, 103, 245

Nu 174, 184, 185, 245

Nu-Isis 163-165, 168, 170, 172,

174, 175, 177, 178, 180-187,

222, 237, 242, 245, 247

Nuit 6, 14, 15, 16, 27, 29, 30, 34,

35, 43, 44, 49, 59, 60, 64, 73,

79, 92, 97, 102, 103, III, 118,

119, 130, 133, 136, 159, 171, 172,

173, 174, 175, 176, 177, 181,

182, 184, 186, 187, 190, 202,

203, 208, 210, 217, 222, 234,

236, 238, 241, 245, 251, 260

Nun 120, 246

Núpcias 208

O

- Obeah 45, 71, 201,
246, 262, 263
- Obscure Religious Cults*
(Dasgupta) 138
- Obsessão 34, 108, 150-
154, 156, 159, 160, 162
- Ocínomos 15, 230, 246;
vide também Baphomet
- Ojas 27, 44, 90, 91, 93,
109, III, III, 246
- Olho de Amenti 23
- Olho de Hórus 24, 120
- Olho de Ísis 66
- Olho de Set 67, 119, 120,
129, 131, 229, 231
- Olho de Shiva 131, 259
- Olímpia 46
- Olsen, Dorothy (Astrid,
Soror) 27
- Om 30, 96, 129, 135, 246, 248
- Omkara 30, 234, 246
- Ompedha 102
- Onze 5, 6, 13-16,, 21, 136, 177,
181, 182, 186, 216, 222, 223
- Open Secret* (Wei Wu Wei) 137
- Operação de Babalon 59
- Operação de Melquisedeque* 194
- Operação de Paris, A*
(Crowley) 40, 41, 69
- Operação do Cairo 214
- Ordálio do Abismo 8, 42, 247
- Ordo Templi Orientis
(O.T.O.) 15, 31, 47, 59, 67,
69-72, 75, 78-81, 83-87, 96,
112, 117, 118, 120, 161, 167,
174, 179, 183, 192-194, 198,
200, 201, 204, 213, 229, 230,
234, 237, 242, 246, 247
- Origens* (Crowley) 216
- Orpheus* (Crowley) 9
- Osíris II, 60, 62-65, 73, 87,
116, 121, 126, 133, 134, 166,
167, 168, 173, 174, 178, 189,
190, 203, 207, 208, 211, 212,
220, 236, 237, 239, 247
- Osíris, Aeon de 62, 63, 73,
203, 208, 211, 220, 237
- Osíris e Ísis, Mito de 167

P

- Pã 23, 35, 37, 116, 163, 184,
209, 210, 234, 245, 247
- Paganismo 168, 173
- Palais Royal 195
- Palavra Perdida 156, 167, 168
- Panchamakaras 100, 243, 247,
261; *vide também* Makaras

- Papiro Hierático de Nesi Amsu*,
O (tradução de Budge) 162
- Paracelso 162
- Paramahansa 71, 237
- Parsons, John W. (210, Frater)
31, 48, 59, 80, 81, 204
- Patanjali 16
- Paulo, São 123
- Pauwels e Bergier 208
- Pavão 115, 190, 219
- Peixe 24, 62, 108, 120, 243, 246
- Peixes 62, 175, 176,
177, 248, 250
- Penfield, Wilder 18
- Pentagrama 13, 14, 35, 53,
135, 136, 179, 217, 235; *vide*
também Estrela Quíntupla
- Per Ardua 54; *vide tam-*
bém Fuller, J. F. C.
- Perdurabo 7, 9, 10,
11, 12, 18, 53, 55
- Personalidade 8, 94,
145, 149, 153, 173
- Peru 110, 111, 116
- Peter Ibbetson (Du
Maurier) 89
- Phetkarinitantra 132
- Pitonisa 45-47
- Plano Astral 9, 17, 59,
148, 151, 175, 263
- Platão 122
- Platonismo 122
- Plutão 163, 166, 180,
183, 187, 248
- Poder da Serpente 20, 28,
33, 248, 255; *vide tam-*
bém Kundalini e *também*
Serpente de Fogo
- Poder de Set 167
- Polaris 65
- Pombo 17, 179
- Porco 98, 100, 113, 218
- Pôr do Sol 60
- Poseidon 17, 63
- Post-Caitanya Sabajjya*
Cult of Bengal, The
(Bose) 24, 71, 198
- Postura da Morte 160, 161
- Povo Branco, O* (Machen) 150
- Pranas 11, 90, 248
- Pravritti 186
- Prema-deha 127
- Progradior, Frater
(Bennett, Frank) 221
- Prostituta 22, 30, 32, 50, 69,
93, 110, 115, 116, 119, 134,
136, 172, 197, 229, 250
- P.V.N. (Per Vas Nefandum) 118

Q

- Qabalah 24, 30, 52, 66,
75, 121, 226, 249
- Qadeshim 118, 119, 249 ;
vide também Kadeshim
- Qadosh 114, 118, 120, 249
- Qatesh 120, 239, 249 ;
vide também Katesh
- Qliphoth 13, 41, 182, 250
- Qoph 120, 175, 176,
248, 250, 251
- Quadrado 63
- Quarto Grau (O.T.O.) 70
- Quinto Grau (O.T.O.) 70, 235

R

- Rabelais, François 207
- Radha 50, 126, 127, 240, 250
- Ra-Hoor-Khuit 49, 59,
72, 78, 116, 119, 124, 131,
148, 169, 170, 187, 189,
190, 197, 202, 203, 221,
236, 240, 250, 251, 260
- Rakta 128, 251, 252, 256
- Ramakrishna, Sri 50, 102, 188
- Regardie, Israel 188
- Reich, Wilhelm 219, 221

- Rejuvenescimento 194, 197
- Renascer da Magia*, O (Grant)
6, 12, 17, 27, 39, 48, 59, 71, 93,
109, 119, 130, 160, 172, 175,
186, 204, 234, 246, 247, 264
- Resh 129, 250, 251
- Ressurgência Atávica 14,
150, 190, 251, 264
- Reuss, Theodor 68, 69, 79,
112, 191, 192, 201, 247
- Ritos de Elêusis*, Os
(Crowley) 75
- Ritos Petro 43, 251
- Ritos Rada 251
- Rohling, Marie 26
- Rosa-cruzes 54, 72, 114
- Rosa da China 133, 244
- Ruačh 128, 252
- Rukh 128, 251, 252
- Ruthah 194
- S
- Sabbat das Bruxas 97-
99, 121, 134, 147-149
- Sacramento 31, 93, 118,
121, 149, 203, 208
- Sagrado Anjo Guardiã 20, 55,
56, 57, 183, 221, 235, 252, 260
- Sahaja Samadhi 108

- Sahajiyá 24, 71
 Samadhi 108, 252
 Samaya Marg 196, 252, 253, 261
 Samayins 196, 253
 Samotrácia 46
 Samsara 160, 253
 Samvit 188, 253
 Sandhis 44, 74, 110,
 III, 244, 253
Sane Occultism (Fortune) 122
 Sangue 5, 22, 44, 47, 61, 62, 64,
 92, 102, 103, 110, 125, 127-129,
 133, 135, 164, 165, 171, 175-
 177, 179, 185, 202, 203, 213,
 214, 218, 233, 253, 254, 258
 Satã 20, 67, 253, 255
 Saturno 24, 30, 63, 106,
 168, 178, 180, 187, 202,
 228, 230, 234, 253
 Saturnus, Frater 76, 141,
 198, 199, 204 ; *vide tam-*
bém Germer, Karl J.
 Saundarya Lahari III
 Schneider, Max (Viator,
 Frater) 213
 Sebek-Rá 225, 228, 229
 Sekhet 241, 254
Selected Letters of H. P.
Lovecraft (editado por
 Derleth & Wandrei) 39
 Sêmen 62, 128, 194, 203, 256
 Senhores do Abismo 63
 Sen-Hru 24
Sepher Tzenioutha 208
 Sephiroth 6, 13, 15, 202,
 233, 237, 250, 254, 262
 Serpente 13, 17, 20, 29, 30, 45-
 47, 95, 97, 116, 120, 176, 179,
 199, 200, 228, 234, 241, 246,
 249, 254, 256, 259, 261, 262
 Serpente de Fogo 33, 34, 35, 96,
 97, 100, 106, 107, 108, 109,
 110, 112, 114, 116, 130, 132,
 167, 234, 241, 244, 246, 254,
 255, 256, 257, 260, 261, 262,
 264 *vide também* Kundalini e
também Poder da Serpente
Serpent Power, The
 (Woodroffe) 255
 Set 12, 13, 18, 20, 30, 43, 49,
 53, 60, 61, 64, 66, 67, 86,
 97, 119-121, 123, 124, 126-
 131, 133, 136, 162, 167-172,
 174, 178, 200, 225, 228,
 229, 231-234, 236, 240, 241,
 243, 253-256, 259-261
 Sétimo Grau (O.T.O.)
 8, 54, 70, 78
 Shaitan 12, 15, 16, 20, 40,
 43, 86, 97, 100, 120, 130,
 210, 225, 228, 233, 237,
 244, 253, 255, 256

- Shaitan-Aiwass 20, 40,
43, 120, 237, 244
- Shaivas 48, 255; *vide*
também Lingacaras
- Shakespeare, William 57
- Shakteyas 48, 92, 241; *vide*
também Yonicaras
- Shakti 5, 12, 24, 33, 49, 50,
71, 95, 96, 101, 127, 131, 132,
179, 186, 187, 194, 197, 229,
240, 241, 250, 254-257
- Shakti and Shakta*
(Woodroffe) 101, 187
- Shatçhakras 106, 226, 244, 255
- Shin 120, 256
- Shiva 49, 91, 95, 96, 128,
129-131, 186, 229, 239,
240, 254-256, 259
- Shrva Sambita* 91
- ShT 97, 120, 241, 255, 256;
vide também LASH TAL
- Shu 162
- Shukra 128, 239, 256, 260
- Shumway, Ninette 220
- Sião 23, 230
- Sicília 56, 192
- Siddhas 7, 29, 98, 195, 256
- Siddhi 199, 256
- Sigilização 107, 126, 137, 138,
140-145, 147-152, 154-
159, 164, 175, 202, 247
- Silêncio 12, 30, 67, 77,
137, 169, 170, 203, 236
- Simbolismo do Arco-Íris
114, 115, 119, 120, 132, 250;
vide também Arco
- Simbolismo do Cadáver
126, 131, 256
- Símbolos Sencientes 157, 170
- Sirius 66, 67, 169, 234, 256;
vide também Sothis
- Sistema Endócrino 27,
37, 98, 110, 111, 113
- Smashanam 102, 116,
131, 230, 238, 256
- Snellgrove, D. L. 199
- Sociedade Teosófica 8
- Sombra 167, 227, 231
- Sonhos 30, 50, 88, 89, 93-95, 97,
105, 117, 139, 143, 146, 154,
158, 183, 203, 257, 260, 263
- Sono de Siloam 203
- Sono Primordial 63, 64
- Sothis 43, 53, 67, 98, 119,
120, 128, 133, 136, 200,
232, 234, 254-256
- Source of Measures, The*
(Skinner) 61

- Spare, Austin Osman 18,
36, 37, 48, 89, 90, 96, 97,
99, 103, 104, 105, 140, 150,
158, 160, 161, 175, 183, 184,
186, 190, 237, 251, 264
- Sri Chakra 27, 28, 92, 110,
178, 244, 253, 256, 257, 263
- Sri Vidya 110, 112, 134
- Sri Yantra 75, 111
- Star in the West, The* (Fuller) 54
- Studies in the Psychology
of Sex* (Ellis) 29
- Sturges, Mary d'Este 25,
26, 225 ; *vide também*
Virakam, Soror
- Subconsciente 16, 18, 19, 31,
53, 107, 125, 126, 138, 139, 141-
144, 146, 147, 149-151, 154,
156, 158-160, 163, 164, 166,
197, 198, 208, 227, 236, 247
- Succuba 162
- Sul 22, 36, 60, 110, 111, 117, 120,
130, 136, 233, 254, 255, 261
- Suméria 116, 201, 203, 237, 255
- Sunamitismo 105, 195
- Sushupti 50, 88, 94, 95,
130, 139, 144, 242, 246
- Suvasini 23, 25, 27, 29, 117,
121, 132, 197, 198, 257, 261
- Swapna 88, 95, 97, 139, 144,
238, 246, 257, 260, 263
- Syama Rahasya* 132
- Symonds, John 189
- ## T
- Tábua de Esmeralda 193
- Talismãs 15, 35, 111, 125, 128
- Tantrakalpadruma* 132
- Tantrarajatantra* 129
- Tantras 12, 13, 23, 24, 27,
28, 33, 36, 45, 47, 48, 52,
82, 86, 88, 96, 98, 110, 115,
123, 128, 129, 187, 202, 211,
216, 238, 241, 243, 253
- Tantric Tradition, The*
(Bharati) 13
- Tao 63, 66, 82, 258
- Taradravamayi 92, 133, 231, 258
- Tarô 11, 14, 62, 116, 120, 172,
179, 200, 221, 227, 229, 230,
231, 246, 248, 258, 259, 263
- Tefnut 162
- Telepatia 74, 143, 183
- Templários, Cavaleiros 73, 230
- Tempo 22, 29, 63, 82, 123,
128, 167, 185, 189, 190, 226,
233, 238, 242, 247, 258
- Terceiro Olho 33, 131, 227, 259;
vide também Ajna Chakra
e também Glândula Pineal

- Terra 7, 10, 26, 40, 60, 63, 65,
172, 180, 182, 183, 187, 193, 255
- Teth 120, 200, 256, 259
- Tetragrammaton 190, 203, 259
- Thelema 8, 15, 24, 50, 52, 57,
59, 61, 62, 64, 70, 72, 74, 78,
79, 82, 85, 92, 93, 97, 116, 124,
135, 174, 201, 205, 206, 207,
211, 213, 215, 216, 221, 234,
238, 241, 246, 247, 251, 259
- Thelemitas 27, 85-87, 212
- Therion, O Mestre 6, 15,
21, 28, 37, 52, 53, 63, 64,
159, 179, 214, 258, 259
- Thoth 14, 18, 26, 49, 118, 129,
172, 173, 179, 180, 182, 200,
207, 209, 229, 254, 258, 259
- Thought Forms* (Besant
& Leadbetter) 156
- Tifon 18, 100, 171, 228, 260
- Tiger Woman* (May) 75
- Tiphereth 14, 15, 168,
212, 235, 260
- Tôla*, O 14
- Torres de Vigia 24
- Touro 17, 26, 60, 88, 247,
- Trail of the Serpent, The*
(Inquire Within) 15
- Transe 8, 45-47, 50
,243, 249, 252
- Transe Budiŝta do
Sofrimento 8
- Três Mundos 95, 103, 130
- Tríade Superna 42, 262
- Tribindu 196, 239, 244, 260
- Trigramas 63, 65, 66
- Tsuni-Goam* (Hahn) 46
- Turiya 203, 260
- Tzaddi 179
- U**
- Uma Estrela à Vista*
(Crowley) 182
- Uranianos 137
- Urano 168, 178, 180, 187, 194
- Ur Hekau 59,260 261
- Ursa Maior 135, 232, 255
- V**
- Vagina 5, 27, 62
- Vaikuntha 127, 261
- Vajroli Mudra 91, 261
- Vama Marg 23, 25, 29, 32,
36, 37, 45, 71, 103, 112,
132, 231, 233, 261
- Vampirismo 151
- Vashinis 198

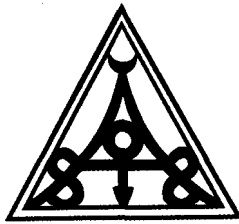
- Vazio 14, 30, 43, 63, 65, 88, 95,
96, 102, 103, 127, 129-131, 139,
140, 144, 145, 157-160, 180,
181, 186, 190, 208, 226, 227
- Vedas 91, 122, 195
- Vênus 11, 172, 173, 178,
187, 217, 234
- Verdadeira Vontade 20, 55,
56, 85, 87, 97, 139, 144, 150,
180, 183, 206, 220, 237
- Véu de Ísis 128, 170
- Véu do Abismo 52, 262
- Vinum Sabbati 134
- Viparita Karani 98, 99, 238, 262
- Viparita Maithuna 28, 131, 262
- Virakam, Soror 25, 26,
225 ; *vide também*
Sturges, Mary d'Este
- Virgem 30, 37, 38, 43, 50, 93,
103, 116, 134, 136, 158, 175,
176, 183, 195, 248, 263
- Visão da Esponja de
Estrelas 181
- Visão e a Voz, A* (Liber 418,
Crowley). 9, 17, 212
- Visvakosatantra* 24
- Vodu 43, 46, 47, 71, 108, 159,
201, 235, 242, 251, 262
- Volúpia, A* 172, 200, 259
- Vontade-Botão 33, 49,
117, 119, 251
- Voodoo in Haiti*
(Métraux) 47, 211
- Voz do Silêncio, A*
(Blavatsky) 77
- Vulcano 173
- W**
- Waddell, Leila 221
- Waite, A. E. 39
- Weishaupt, Adam 79,
84, 90, 201
- Wei Wu Wei (Gray,
Terence) 137
- Whitehead, A. N. 190
- Winged Bull, The* (Fortune) 88
- Wolfe, Jane (Estai,
Soror) 59, 213
- Woodroffe, Sir John 32, 71;
vide também Arthur Avalon
- Y**
- Yamalas 195
- Yang 63, 65, 66, 263
- Yantra 27, 35, 36, 42, 75,
111, 113, 233, 238, 243,
253, 257, 258, 262, 263

Yesod 121, 128, 168,
172, 200, 263
Yetzirah 97, 263
Yin 63, 65, 66, 263
Yod 116, 175, 176, 190, 263
Yoginis 198
Yoni 32, 35, 43, 90, 96, 102,
111, 113-116, 131, 132, 176,
202, 232, 238, 239, 241,
256, 260, 263, 264
Yonicaras 48, 88, 241, 264;
vide también de Shakteyas

Z

Zen Budismo 216
Zero 14, 62, 186, 210, 227
Zeus Arrhenothelus 57, 264
Zodíaco 21, 30, 129,
130, 135, 179, 228, 229,
231, 234, 241, 248
Zoetic Grimoire of Zos,
The (Spare) 96, 99, 160
Zos Kia Cultus 105, 186, 264
Zro 62; *vide también* Sêmen





Posfácio

Uma Nota sobre a Edição de 2013

A republicação das Trilogias Tifonianas continua com este, o segundo volume da série, publicado pela primeira vez por Muller, em 1973, e posteriormente reimpresso pela Skoob Books Publishing em 1992, com uma lista de erratas.

Com uma nova composição tipográfica, essa edição atual integra no próprio texto as erratas da edição da Skoob, e incorpora mais correções anotadas posteriormente na cópia particular de Kenneth Grant. Sempre que possível, as artes das lâminas foram novamente fotografadas. Algumas das lâminas aqui apresentadas estão em cores, e há também algumas lâminas adicionais.

Aleister Crowley e o Deus Oculto foi o único volume da série das *Trilogias Tifonianas* a ser publicado sem uma Bibliografia. A presente edição traz uma bibliografia reconstruída.

Michael Staley,
Starfire Publishing, Londres.
Fevereiro de 2013.

Este é o segundo livro das Trilogias Tifoninas. Cada livro desta série é independente dos demais, embora seus assuntos sejam complementares.

Os livros que compõem as Trilogias Tifonianas são:

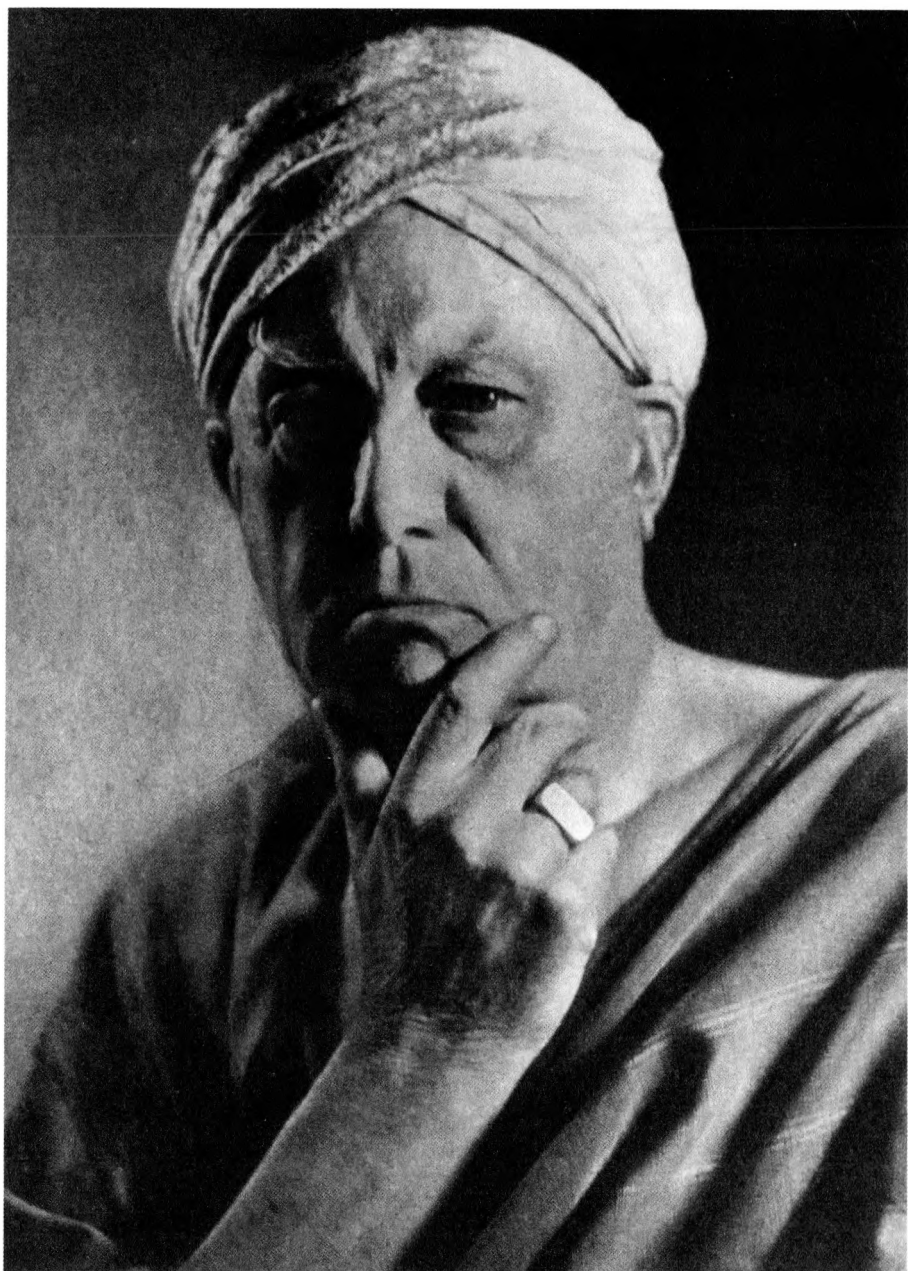
O Renascer da Magia
Aleister Crowley e o Deus Oculto
Cults of the Shadow

Nightside of Eden
Outside the Circles of Time
Hecate's Fountain

Outer Gateways
Beyond the Mauve Zone
The Ninth Arch

Ilustrações

1. Mahatma Guru Sri Paramahansa Shivaji (Aleister Crowley) – frontispício
2. *Fórmula Para Acelerar Transferências do Ego Gêmeo*, por Austin O. Spare
3. *Ihyaos*, por Steffi Grant
4. Fragmento de um sarcófago usado nas práticas da Aurora Dourada
5. O Sri Chakra
6. Yantra da Deusa Kali
7. *O Oráculo Ofídico*, por Austin O. Spare
8. Páginas de um folhetim publicado por Crowley em 1938 anunciando *O Equinócio dos Deuses*
9. Frontispício planejado para *Monolith*, por Steffi Grant
10. *Hermafrodita*, por Austin O. Spare
11. *Invocação da Serpente de Fogo*, por Steffi Grant
12. *Rito da Lua Nova*, por Austin O. Spare
13. *Rascunho de Aossic*, por Steffi Grant
14. *Noite de Walpurgis de 1945*, por Steffi Grant
15. As vinte e duas Células das Qliphoth e seus Gênios, como transmitidos a Aleister Crowley
16. Uma página de *The Grimoire of Zos*, por Austin O. Spare
17. *O Instante da Obsessão*, por Austin O. Spare
18. Aleister Crowley em meados dos anos quarenta
19. Kenneth e Steffi Grant, Novembro de 2009, em Hampstead Heath
20. *Evocação*, por Steffi Grant



1. Mahatma Guru Sri Paramahansa Shivaji
(Aleister Crowley) – frontispício



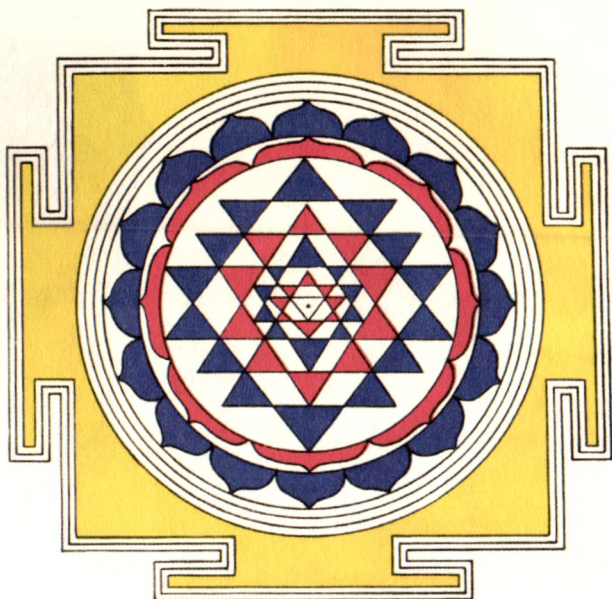
2. *Fórmula Para Acelerar Transferências do Ego Gêmeo*,
por Austin O. Spare



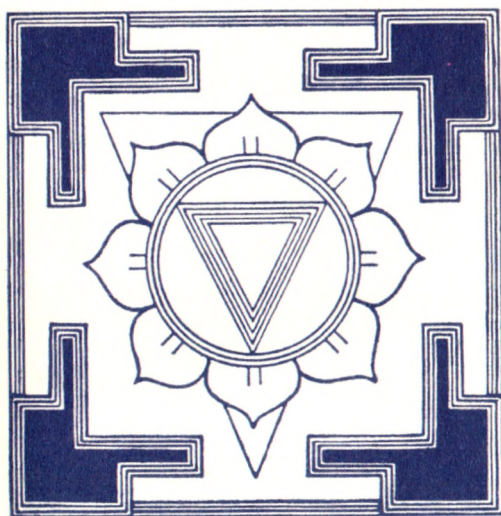
3. *Ilyaos*, por Steffi Grant



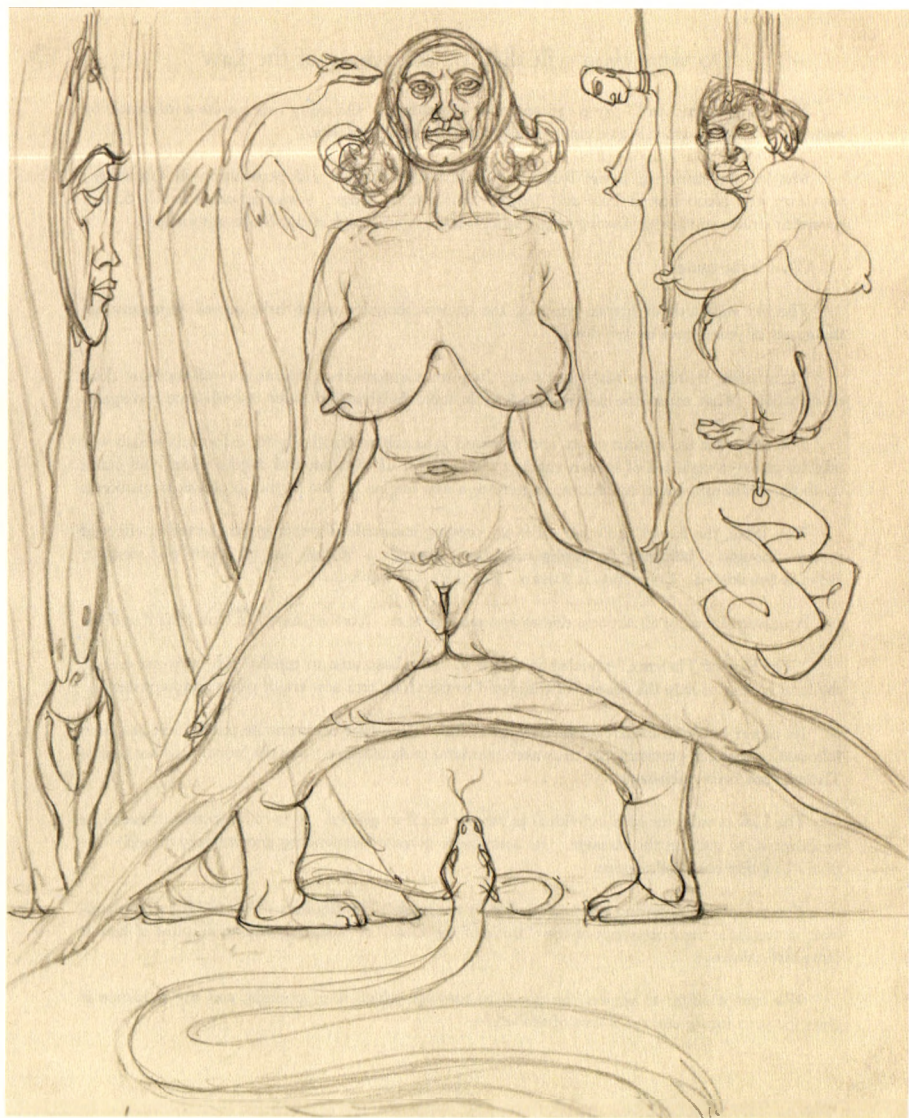
4. Fragmento de um sarcófago usado nas práticas da Aurora Dourada



5. O Sri Chakra



6. Yantra da Deusa Kali



7. *O Oráculo Ofídico*, por Austin O. Spare

Do what thou wilt shall be the whole of the Law

The world is stricken to-day by an epidemic of madness. On every side we are confronted by evidence of insanity which is sweeping across the earth like a pestilence.

Murder and terror in Soviet Russia; Concentration Camps and persecution in Germany; war fever and blood lust in Italy and Japan; civil war in Spain; economic crisis in U. S. A.; recurrent strikes and labour discontent in France—there is no corner of the Globe untouched!

What is the cause?

The old standards of human conduct, the ancient religions which have served humanity for thousands of years, have broken down.

Christianity, Buddhism, Mahomedanism, Judaism, Confucianism, Shintoism—all these are dead of disbelief. That marks the onward march of Science, the change in value of both time and space.

The old order has broken down, and mankind is searching frantically for a formula which will take its place—a standard of human conduct independent of tradition and dogma which will stand up to the stress of modern conditions, and create a new engine for the further progress of mankind.

The Bible, the Koran and other codes are proving incapable of resisting the shattering effect of modern thought; humanity is drifting rudderless through a stormy sea of doubt and despair. Belief is bewildered. Conviction is shaken. But there is a way out!

A universal law for all nations, classes and races is here. It is the Charter of Universal Freedom.

"The Law of Thelema," revealed in Cairo in 1904, has come to replace the outworn creeds, the local codes; to help the peoples of the world to march on to a new era of peace and happiness.

Its power has been made evident time after time. On three occasions its publication has been followed by disaster—catastrophes to awaken mankind to its message. For the fourth time the Law of Thelema has been published.

The Law is valid for each individual as for the world in general. It is in the power of everyone to accept it, to pass on the message. Its acceptance gives understanding and mastery of self: the power to guide one's fellow-men.

The prospectus following gives particulars of the book "The Equinox of the Gods" which contains in facsimile the manuscript of the "Book of the Law" of Thelema, and an account of how it came into existence.

You cannot afford to neglect the powerful message which it propounds, and the guidance it gives for your future and the future of the world.

" The MASTER THERION . . . has . . . undertaken the Work of a Magus to establish the word of His Law on the whole of mankind. He will succeed . . . As long as the Book of the Law was in Manuscript, it could only affect the small group amongst whom it was circulated. It had to be put into action by publishing it."

THE FIRST PUBLICATION

nine months before the outbreak of the Balkan War,
which broke up the Near East,

"When this was done, it was done without proper perfection. Its commands as to how the work ought to be done were not wholly obeyed . . . Yet, even so, the intrinsic power of the truth of the Law and the impact of publication were sufficient to shake the world, so that a critical war broke out, and the minds of men were moved in a mysterious manner."

THE SECOND PUBLICATION

nine months before the outbreak of the World War, which
broke up the West.

"The second blow was struck by the re-publication of the Book in September, 1913, and this time . . . caused a catastrophe to civilisation. At this hour, the Master Therion is concealed, collecting his forces for a final blow. When the Book of the Law and its Comment is published . . . in perfect obedience to the instructions . . . the result will be incalculably effective. The event will establish the kingdom of the Crowned and Conquering Child over the whole earth, and all men shall bow to the Law, which is love under will."

Magick, pp. 112-113, written in 1922 published 1929.

THE THIRD PUBLICATION

nine months before the outbreak of the Sino-Japanese War,
which is breaking up the Far East.

THE FOURTH PUBLICATION

6.22 a.m., December 22, 1937, e.v.

nine months before the Betraysal.

which stripped Britain of the last rags of honour, prestige and security,
and will break up civilization.

anunciando *O Equinócio dos Deuses*



9. Frontispício planejado para *Monolith*, por Steffi Grant

Hermaphroditism

~~Excitation~~

Drawn from memory of actual
person 1910.



10. *Hermafrodita*, por Austin O. Spare



II. *Invocação da Serpente de Fogo*, por Steffi Grant



LY
ARUN
SOROR



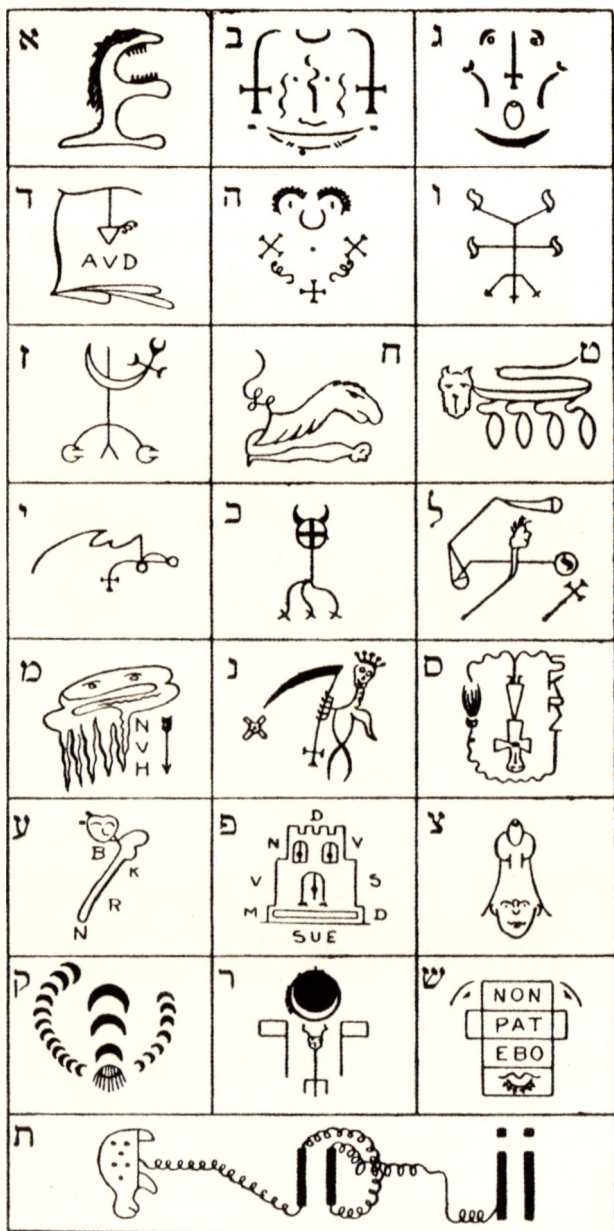
12. Rito da Lua Nova, por Austin O. Spare



13. *Rascunho de Aossic*, por Steffi Grant

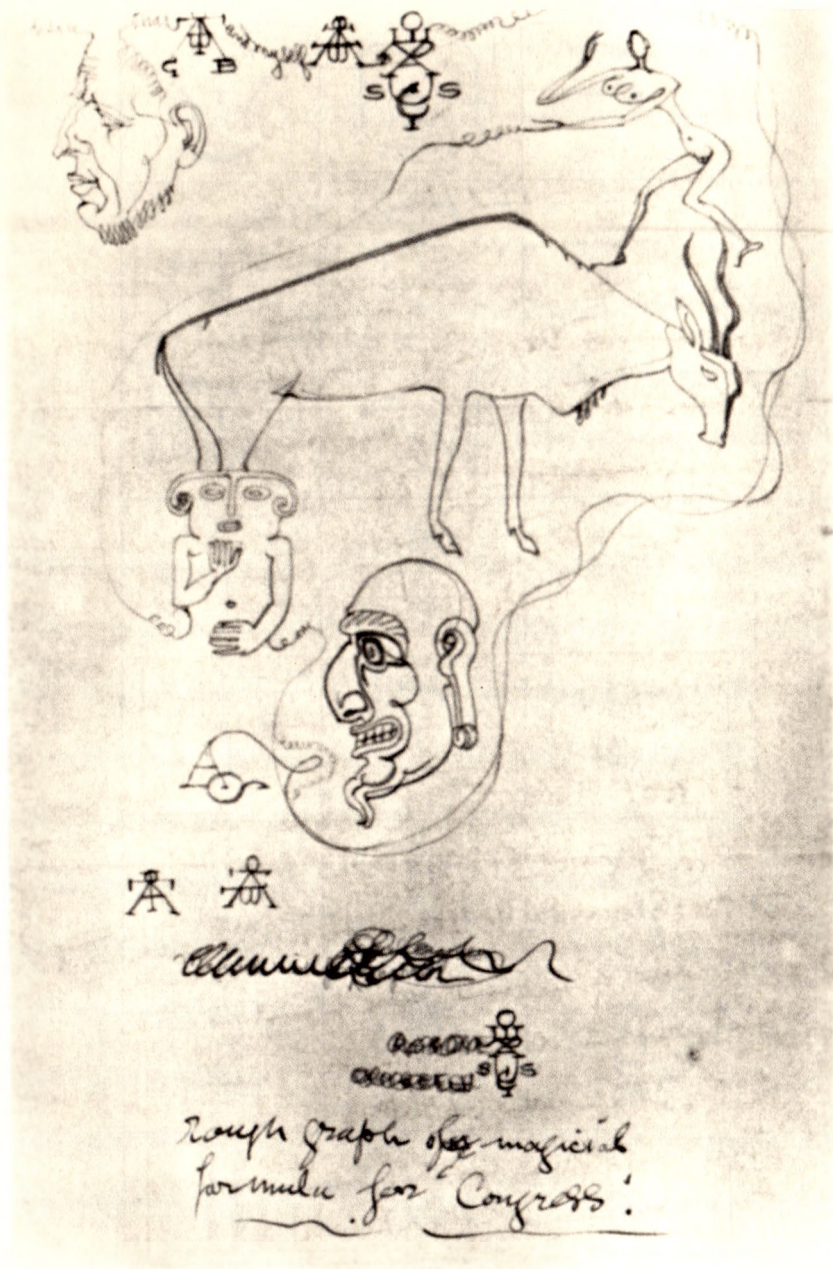


14. *Noite de Walpurgis de 1945*, por Steffi Grant



15.

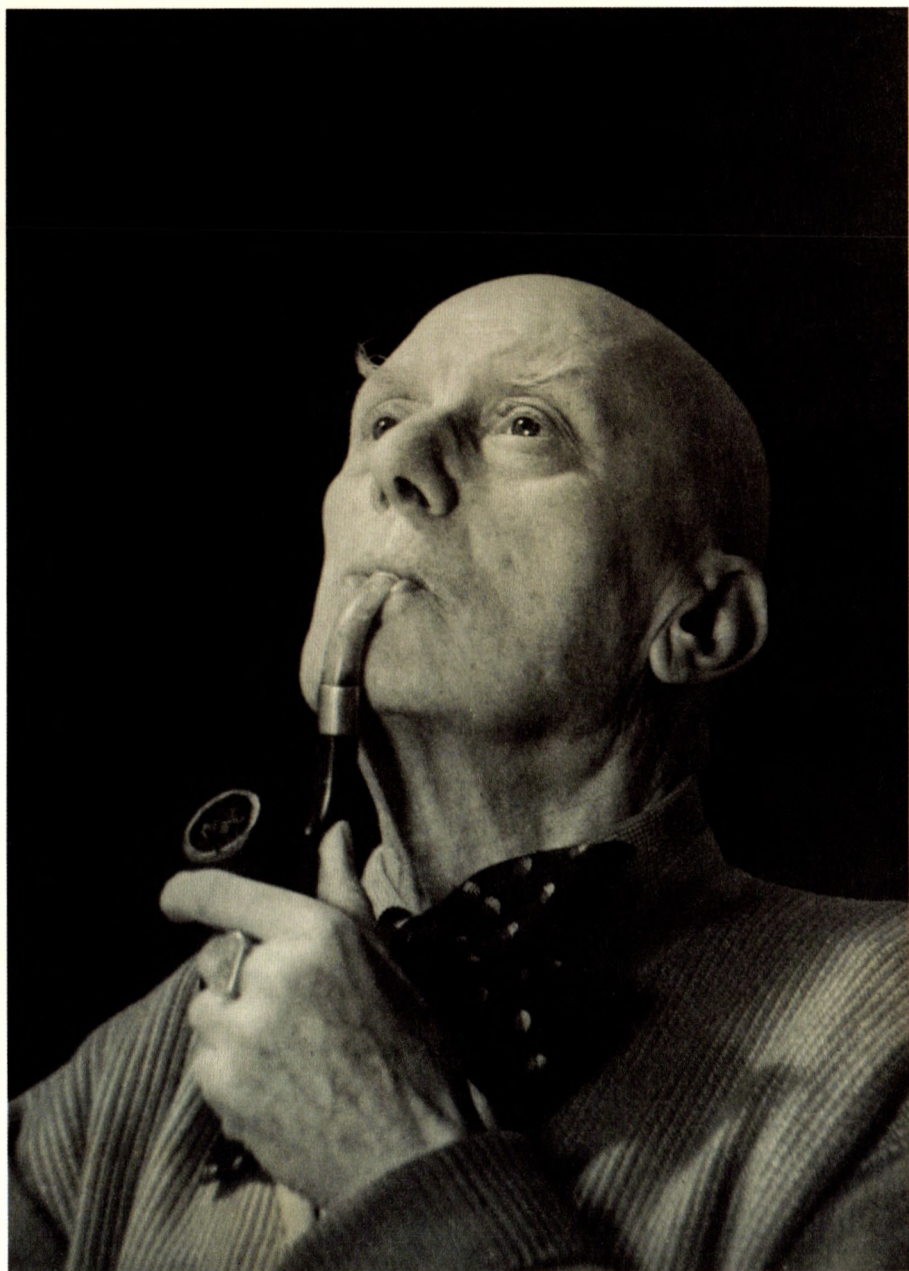
As vinte e duas Células das Qliphoth e seus Gênios, como transmitidos a Aleister Crowley



16. Uma página de *The Grimoire of Zos*, por Austin O. Spare



17. *O Instante da Obsessão*, por Austin O. Spare



18. Aleister Crowley em meados dos anos quarenta



19. Kenneth e Steffi Grant, novembro de 2009, em Hampstead Heath



20. *Evocação*, por Steffi Grant



Penumbra Livros
Fonte: Archive Garamond Pro
Corpo: 11pt
Impressão : Corprint